



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

VÂNIA DE OLIVEIRA RESENDE SANTOS

**A POESIA DE MARIO QUINTANA E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS
CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Vânia de Oliveira Resende Santos

3. Título do trabalho

A POESIA DE MARIO QUINTANA E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior, em 25/06/2023, às 21:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Vânia De Oliveira Resende Santos, Discente, em 27/06/2023, às 12:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3842466 e o código CRC EA16B4B2.

VÂNIA DE OLIVEIRA RESENDE SANTOS

**A POESIA DE MARIO QUINTANA E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS
CRÍTICOS, NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: “Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes”

Orientadora: Dr^a Célia Sebastiana Silva

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

SANTOS, Vânia de Oliveira Resende
A POESIA DE MARIO QUINTANA E A FORMAÇÃO DE LEITORES
LITERÁRIOS CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
(EJA) [manuscrito] / Vânia de Oliveira Resende SANTOS. - 2023.
CCLVIII, 258 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.

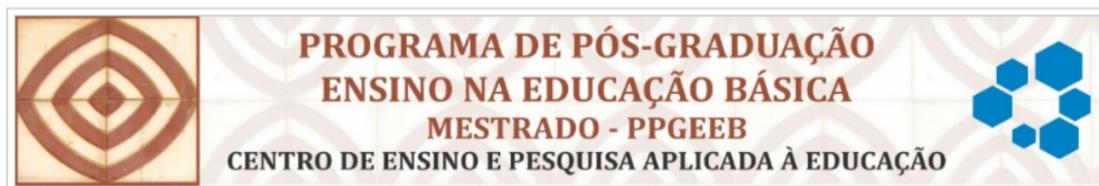
1. Ensino de Literatura . 2. Leitura de Poesia. 3. Educação de
Jovens e Adultos. 4. Formação de Leitores. 5. Mario Quintana. I. Silva,
Célia Sebastiana, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos seis dias do mês de junho do ano de 2023, às 14 horas, por webconferência, foi realizada a **Defesa da Dissertação** intitulada “A POESIA DE MARIO QUINTANA E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)” e do Produto Educacional intitulado "ENTRE VERSOS E AFETOS Leitura de poesia na EJA ", pela discente **Vânia de Oliveira Resende Santos**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (PPGEEB/CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB/CEPAE/UFG) – membro interno,

Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (PPGLL-FL-UFG) - membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior, em 08/06/2023, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Vivianne Fleury De Faria, Professor do Magistério Superior, em 15/06/2023, às 13:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior, em 19/06/2023, às 22:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_externo=0, informando o código verificador 3808967 e o código CRC 6A138507.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor da vida e das histórias mais lindas. Sustentação e força em toda a minha jornada.

Ao meu avô, Alem Augusto (in memoriam), por ter sido o melhor contador de histórias que eu conheci, e, por sua causa sempre quis desvendar os mistérios contidos nos livros.

Aos meus pais, Levi e Rosa, que sempre me apoiaram e fizeram tudo que estava ao alcance para contribuir com minha formação.

Ao esposo, Lindomar, pelo apoio, companheirismo e motivação em todas as horas.

Aos meus queridos filhos, Arthur e Isabela, pela demonstração de confiança, paciência e amor nos dias mais difíceis.

À minha orientadora, professora doutora Célia Sebastiana Silva, pela paciência e prontidão com que sempre me atendeu. Suas orientações foram cruciais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Aos amigos de todas as horas, que me incentivaram e demonstraram companheirismo e amizade.

ORAÇÃO

Dai-me a alegria
Do poema de cada dia.
E que ao longo do caminho
Às almas eu distribua
Minha porção de poesia
Sem que ela diminua...
Poesia tanta e tão minha
Que por uma eucaristia
Possa eu fazê-la sua
"Eis minha carne e meu sangue!"
A minha carne e meu sangue
Em toda a ardente impureza
Deste humano coração.
Mas, ó Coração Divino,
Deixai-me dar de meu vinho,
Deixai-me dar de meu pão!
Que mal faz uma canção?
Basta que tenha beleza...

Mario Quintana

SANTOS, Vânia de Oliveira Resende Santos. **A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos na educação de jovens e adultos (EJA)**. 258f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Essa é uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional *Stricto Sensu* do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), entre os anos de 2021 a 2023. Diante de muitos debates em torno das dificuldades que os estudantes da Educação Básica têm em relação à leitura e interpretação de textos, surgiu a proposta desse trabalho, cujo objetivo é investigar como a leitura da poesia de Mario Quintana pode contribuir para a formação de leitores literários críticos na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e de modo que, a partir da familiarização com a poesia, o aluno leitor é capaz de compreender sua condição subjetiva e coletiva e se perceber em sua formação integral. Busca-se ainda minimizar (ou desmitificar) a resistência dos estudantes em relação à leitura, além de contribuir para a formação de leitores literários críticos e conscientizá-los sobre a sua condição de homens atuantes na realidade em que vivem e de atores do papel social que desenvolvem na sociedade. A questão central desta pesquisa visa encontrar respostas para: “Como a leitura da poesia de Mario Quintana pode contribuir para a formação de leitores críticos e conscientes de sua condição subjetiva e coletiva?” Para fundamentar essa pesquisa, a base teórica será discutida com os textos de Candido (2004), Paz (1982), Freire (1987), Andruetto (2017), Pilati (2018), Moisés (2019), Pinheiro (2002), Yokozawa (2006), entre outros. Essa pesquisa justifica-se, também, pela necessidade de o professor mediar e orientar a construção do conhecimento por meio da leitura de textos literários poéticos que refletem o cotidiano e se relacionam às experiências dos estudantes da EJA. O percurso metodológico foi desenvolvido por meio da pesquisa-ação, tendo como *corpus* de análise as obras *Apontamentos de história sobrenatural*, *Caderno H* e *Espelho Mágico*, de Mario Quintana. Para tal, evidencia-se o envolvimento da professora-pesquisadora com os alunos da escola-campo escolhida como *lôcus* da pesquisa. No percurso de execução, houve aplicação de um questionário socioeconômico para conhecimento dos educandos e na sequência várias atividades de leitura dos textos do poeta. O produto educacional é um *e-book* intitulado *Entre versos e afetos: Leitura de poesia na EJA*, que ficará disponível nos apêndices desta dissertação, no repositório da UFG e em plataformas educacionais como Educapes e outras. Esse produto é de caráter instrucional e expositivo, contendo os resultados obtidos após a aplicação da ação/intervenção pedagógica realizada com base em uma Sequência Didática (SD). No *e-book* estarão descritas as atividades executadas e as produções dos alunos da EJA. Dessa maneira, os resultados foram expressivos e satisfatórios e apontaram para uma efetiva contribuição da leitura de poesia para a formação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Leitura de poesia. Educação de Jovens e Adultos. Formação de Leitores. Mario Quintana.

SANTOS, Vânia de Oliveira Resende Santos. **Mario Quintana's poetry and the formation of critical literary readers in youth and adult education (EJA)**. 258f. Dissertation (Master's Degree in Teaching in Basic Education) – Graduate Program in Teaching in Basic Education, Center for Teaching and Research Applied to Education, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

This is a research developed in the Professional Master's *Stricto Sensu* of the Postgraduate Program in Teaching in Basic Education of the Center for Teaching and Applied Research to Education (CEPAE) of the Federal University of Goiás (UFG), between the years 2021 to 2023. Faced with many debates around the difficulties that Basic Education students have in relation to reading and interpreting texts, the proposal for this work arose, which was to investigate how the reading of Mario Quintana's poetry can contribute to the formation of critical literary readers in the Youth and Adult Education (EJA) and so that, from familiarization with poetry, the student reader is able to understand his subjective and collective condition and perceive himself in his integral formation. It also seeks to minimize (or demystify) students' resistance to reading, in addition to contributing to the formation of critical literary readers and making them aware of their condition as active men in the reality in which they live and as actors of the social role that develop in society. The central question of this research aims to find answers to: "How can the reading of Mario Quintana's poetry contribute to the formation of critical readers who are aware of their subjective and collective condition?" To support this research, the theoretical basis will be discussed with the texts of Candido (2004), Paz (1982), Freire (1987), Andruetto (2017), Pilatti (2018), Moisés (2019), Pinheiro (2002), Yokozawa (2006), among others. This project is justified by the teacher's need to mediate and guide the construction of knowledge through the reading of poetic literary texts that reflect everyday life and relate to the experiences of EJA students. The methodological path will be developed through action-research, having as a corpus of analysis the works *Apontamentos de História Supernatural*, *Caderno H* and *Espelho Mágico*, by Mario Quintana. To this end, there will be involvement of the teacher-researcher, students and other employees interested in the topic. In the course of execution, a socioeconomic questionnaire will be applied for the knowledge of the students and, in the sequence, several reading activities of the poet's texts. The educational product is an e-book: *Between verses and affections: Reading poetry in EJA*, which will be available in the appendices and in the UFG repository. This product is instructional and expository, containing the results obtained after the application of the pedagogical action/intervention carried out based on a Didactic Sequence (SD). The e-book will describe the activities carried out and the productions of the EJA students. In this way, the results were expressive and satisfactory.

Keywords: Literature Teaching, Poetry reading. Youth and adult education. Reader Training. Mario Quintana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. LEITURA DE POESIA e FORMAÇÃO DO LEITOR.....	15
1.1 O texto poético em sala de aula.....	15
1.2 A poesia como expressão da subjetividade.....	22
1.3 Poesia para embalar ou para abalar? o leitor em sua individualidade e coletividade.....	26
1.4 Mediação da leitura do texto poético.....	30
1.5 Poesia para quê? reflexão e criticidade.....	35
1.6 Poesia para quem? conhecendo o público da Educação de Jovens e Adultos.....	40
2. UM PERCURSO PELOS QUINTANARES.....	44
2.1 O poeta, o cotidiano e poesia.....	44
2.2 <i>Apontamentos de história sobrenatural: subjetividade, reflexão e criticidade nos poemas de Quintana.....</i>	<i>56</i>
2.3 <i>Caderno H: o aprendiz de poeta</i>	<i>61</i>
2.4 <i>Espelho mágico – trovas cotidianas.....</i>	<i>67</i>
3 . A POESIA DE MARIO QUINTANA NA SALA DA EJA: descrição e análise da pesquisa de campo.....	73
3.1 O campo da pesquisa “modalidade” EJA dos participantes da pesquisa.....	73
3.2 Questionário inicial e final com análise.....	76
3.3 Quintaneando em sala de aula – discussão sobre as intervenções.....	81
3.4. Caderno de poesias: Entre versos e afetos.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	125
PRODUTO EDUCACIONAL.....	126
APÊNDICE B – SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	220
APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE.....	223
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE - Pais/Responsáveis.....	225
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE...	227

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA). LEVANTAMENTO DO PERFIL DOS PARTICIPANTES DA EJA.....	229
APÊNDICE G – 2ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	233
APÊNDICE H – 3ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	234
APÊNDICE I – 4ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	235
APÊNDICE J – 5ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	241
APÊNDICE L – 6ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	243
ANEXOS.....	245
ANEXO A - OFICINA 1.....	246
ANEXO B – MÚSICAS.....	250
ANEXO C – TROVAS LITERÁRIAS.....	253

INTRODUÇÃO

Livro bom, mesmo, é aquele de que às vezes interrompemos a leitura para seguir – até onde? – uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Esta é a verdadeira leitura continuada.

Mario Quintana

É consenso entre professores que a leitura é um pressuposto básico para a melhoria do processo educacional como um todo, visto que potencializa a apreensão e ampliação de diversos tipos de conhecimento, sendo assim, é salutar a formação leitores que sejam reflexivos e críticos ao ler textos diversos.

Ressignificar o envolvimento dos educandos com a leitura, compreensão e interpretação de textos é um dos grandes desafios da Educação Básica, pois, percebe-se falta de motivação e dificuldades nessa prática de linguagem. Esse desafio é ainda maior com o alunado que, por diferentes circunstâncias, está com idade avançada para a série e é advindo de um processo de exclusão, por diversos fatores, principalmente, os sociais como necessidades financeiras que obrigaram esse alunado a começar a trabalhar muito cedo, mulheres vítimas de relacionamentos abusivos e impedidas de seguir com os estudos, adolescentes que cometeram atos infracionais e se afastaram das escolas. Dessa forma, como afirma Mantoan (2012, p. 22) “A exclusão escolar manifesta-se das mais diversas e perversas maneiras”. Sendo assim, é fundamental que a escola abra suas portas e trabalhe com esses alunos que se distanciaram da instituição, a fim de possibilitar a ampliação de seus saberes, desenvolvendo uma efetiva inclusão.

Nesse sentido, a inserção da literatura para a formação integral do estudante é de grande importância, dado que, conforme Antonio Candido (2004, p. 180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”, constituindo-se elemento primordial para a concretização do aprendizado. Além disso, em sua obra *O direito à literatura*, Candido (2004) afirma ainda que a literatura é um direito universal do homem, sendo de suma importância para a sua formação e humanização. Garantir esse direito às pessoas excluídas da escola no tempo certo e socialmente excluídas de necessidades sociais básicas é uma forma de reparo mínimo das desigualdades.

Ao escolher trabalhar, nesta pesquisa, com a leitura de poesia, foi com o objetivo de mostrar o valor da poesia e sua contribuição para formação de leitores críticos e conscientes de sua subjetividade e sua relação com a coletividade. Como salienta Andruetto,

Leitura como encontro entre subjetividades, como desvelar um segredo que o outro nos escondeu. Um segredo que semeou no livro seus traços e nos convida a revelá-lo,

pois o que nos leva a prosseguir na página é saber que ali permanece algo não dito. (2017, p. 85).

Nesse sentido, pode-se dizer que a poesia alcança lugares profundos da alma e responde a questionamentos inexplicáveis, facilitando a compreensão das subjetividades e, conseqüentemente, da coletividade humana.

Ao propor o tema *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, foi com a certeza de que a leitura desses textos pode contribuir para a formação crítica e identitária do estudante, assim como aportado pelo próprio Quintana,

*O poema
O poema
Essa estranha máscara
Mais verdadeira do que a própria face...* (2003, p. 130)

Como visto nesse pequeno texto poético, Quintana define o poema como uma estranha máscara, pois, por ela, o poeta revela a verdade e a realidade que a face limpa não teria como revelar.

Esta pesquisa pretende refletir sobre alguns problemas enfrentados pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tais como o desestímulo para os estudos, baixo índice de leitura e baixo poder de compreensão, e propor a leitura de poesia, que constitui um texto de múltiplos significados, (o que pode favorecer a ampliação da capacidade leitora) e que, no mais das vezes, fala mais diretamente à sensibilidade, o que pode colaborar para o aprofundamento da subjetividade, pois como afirma Jouve (2002, p. 92) “...o texto literário é, por definição, sempre polissêmico.” e está relacionado à vivência humana. Almeja-se, dessa forma, investigar como a leitura de poesia contribui com a formação de leitores literários críticos, capazes de compreender sua condição subjetiva como homem inserido na sociedade e coletiva como cidadão que se relaciona com outros semelhantes. A partir disso, busca-se analisar o posicionamento, a compreensão e as produções dos educandos diante das reflexões provocadas pela leitura literária dos poemas de Mario Quintana. Ao final, os resultados serão apresentados em um *e-book*, relatando as práticas desenvolvidas em sala de aula, a partir das leituras feitas.

Para desenvolver esse trabalho utilizou-se a metodologia da pesquisa-ação, uma vez que se pretende investigar a prática cotidiana da própria pesquisadora para investigar a formação de leitores literários:

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no

qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p. 14).

Essa metodologia propicia o envolvimento da pesquisadora e dos participantes caminhando juntos com o propósito de alcançar os objetivos que envolvam a coletividade, quando trabalharão juntos, a fim de construir o conhecimento e experimentar estratégias para melhoria da aprendizagem.

Nessa perspectiva, essa dissertação irá expor as metodologias desenvolvidas e o resultado das observações e aplicação dos questionários inicial e final, assim como da sequência didática. Os procedimentos metodológicos foram planejados a fim de oportunizar o acesso aos *corpus* do trabalho, que são textos poéticos pré-selecionados de *Caderno H*, *Apontamentos de história sobrenatural* e *Espelho mágico*, obras de Mario Quintana, com o intuito de lê-los, interpretá-los, discuti-los e fruí-los.

O *locus* da pesquisa é a Escola Municipal Jardim Nova Esperança, da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Goiânia, nas turmas de 6^a, 7^a e 8^a séries, do turno noturno, da EJA e a escolha dos participantes da pesquisa teve como critério de inclusão principal o fato de todos estarem matriculados nessas turmas, serem frequentes às aulas e aceitarem participar do projeto. O critério de faixa etária não foi um critério de exclusão, em razão de a EJA ser uma modalidade de ensino que tem por característica justamente o fato de as idades serem muito variadas, como o próprio nome já sugere.

Esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos mais os apêndices. O primeiro capítulo trata da relevância da poesia para o processo de formação de leitores, dialogando com estudiosos da literatura/poesia, tais como Candido (2004), Paz (1982), Cosson (2021), Todorov (2009), Moisés (2019), Andruetto (2017), Yokozawa (2006), Pilatti (2018), Moisés (2019), Pinheiro (2002) dentre outros, que acreditam que a escola é o principal meio de acesso do aluno aos textos literários, componente essencial para a compreensão da subjetividade e da coletividade, capaz de propiciar uma mudança na perspectiva individual e social dos leitores.

Nesse primeiro capítulo, ainda, foram analisadas questões relacionadas à poesia e seu papel dentro e fora da sala de aula. Utilizando uma metáfora do próprio Quintana, será discutida também a sua função de “embalar” ou de “abalar” àqueles que a leem, o que depende, em parte, do olhar de cada leitor para as várias cifras que ela convida o leitor a produzir sentidos. Para isso, porém, é preciso pensar na mediação da escola e do professor, que deve estar disposto a sair da comodidade e planejar aulas dinâmicas que envolvam os alunos na construção de seu conhecimento.

Além disso, foram discutidas e levantadas possibilidades para responder as perguntas *Poesia para quê e para quem?*, a fim de conhecer o público a quem se destina este projeto bem como as possibilidades a que a poesia se destina ao alcançar um leitor cujo acesso talvez não fosse possível senão na escola.

No segundo capítulo, houve uma explanação sobre o poeta Mario Quintana, o qual foi o escolhido para o desenvolvimento desse trabalho. Segundo Ribeiro (2016), Mario Quintana deixou uma vasta obra para a literatura brasileira, construída com uma linguagem simples e metáforas que evidenciam o cotidiano de pessoas comuns, humildes, ilustres ou famosas, mostrando parte da vida cotidiana e da cultura brasileira. Nesse ínterim, serão expostas as obras que fazem parte do *corpus* da pesquisa, observando suas características e principais poemas que foram escolhidos para a execução do projeto em sala de aula.

No terceiro capítulo, foi feita a exposição dos resultados desse estudo, abarcando a descrição e análise do campo da pesquisa e também será apresentada uma avaliação dos dados coletados nos questionários inicial e final, assim como do desenvolvimento das intervenções, da execução de oficinas. Além disso, mostrará a função da obra literária imprimindo significados aos estudantes da EJA, bem como parte de suas produções no decorrer da pesquisa.

Na última parte, nas considerações finais, tomo por base o referencial teórico e o relato de como foi a experiência vivenciada durante a execução desse trabalho para uma avaliação mais propositiva dos resultados e das possibilidades que a pesquisa pode evidenciar para futuras ações pedagógicas voltadas para a leitura de poesia na sala de aula. E os apêndices apresentam os TCLE (termo de consentimento Livre e Esclarecido), o TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido), a sequência didática, com o desenvolvimento das aulas e atividades utilizadas durante a execução do projeto, além dos questionários inicial e final utilizados em sala de aula.

1. LEITURA DE POESIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

1.1 O texto poético na sala de aula

Poesia

Às vezes tudo se ilumina de uma intensa irrealidade, e é como se agora este pobre, este único, este efêmero minuto do mundo estivesse numa tela, sempre...

Mario Quintana

Ao discutir a formação de leitores literários e críticos, por meio da leitura de poesias é importante ressaltar que a literatura e, conseqüentemente, a poesia faz parte da vida e está a voltar a sociedade em vários aspectos do cotidiano, tornando-se, dessa forma, uma aliada para o desenvolvimento integral do ser humano, sendo fundamental o seu estudo em sala de aula, bem como o aprofundamento em textos que vão despertar no leitor a curiosidade e o desejo de transformação que poderão auxiliá-lo em suas vivências.

Dessa forma, a leitura é salutar e indispensável de ser trabalhada em sala de aula, e, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é ação primordial do currículo de Língua Portuguesa:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BNCC, 2017, p.67).

Com base no diálogo expresso pela BNCC (2017), ao assumir o papel central da unidade de trabalho, a leitura tem por objetivo ampliar e explorar os estudos textuais, a fim de desenvolver habilidades ao uso significativo da linguagem, dando-lhe o devido valor, mas também proporcionando ao educando uma série de opções significativas de compreensão, que proporcionará uma formação integral para o desenvolvimento humano.

Mas a ação de ler a que se propõe discutir aqui tem objeto direto. Trata-se de ler literatura e, em específico, ler poesia. Apoiada na ideia de formação plena do estudante, a leitura literária se apresenta como fonte de contribuição para instigar o pensamento e a reflexão sobre a existência e também fluir a imaginação. A literatura se faz presente na vida cotidiana de todos, sendo necessário compreendê-la como um bem cultural. Nesse sentido, pode-se ressaltar o que Candido (2004, p. 174) diz “...a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação.”

Partindo dessa afirmação do autor, percebe-se a necessidade de inserir o estudo desse bem precioso nas aulas, já que é uma manifestação universal, torna-se também, uma indispensabilidade universal, que deve ser estudada e partilhada a partir da relação que o estudante já possui em suas experiências, visto que, ainda seguindo nas discussões de Candido (2004, p. 175) “Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.” Ela revela uma amplitude de sentimentos, desenvolve a criticidade, autoconhecimento, alarga a compreensão significativa de mundo e da sociedade em que vive, além de ampliar a consciência da ação transformadora que o ser possui, assim como afirma Lajolo,

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (1993, p. 106).

Com essa afirmação de Lajolo, complementa-se a ideia de que a leitura literária é componente curricular obrigatório na formação do cidadão, pois suscita o diálogo, tão valioso para o processo educacional e desperta, por meio dos textos, a percepção de detalhes e significados que se relacionam à realidade, estimulando-o a refletir sobre a sua identidade e a situação em que vive.

Bakhtin (2011) confirma esse poder que os textos literários possuem, pois, para o teórico, são capazes de alargar a compreensão do universo e imaginar outras formas de percebê-lo e analisá-lo, ou seja, ao se relacionar com os outros contempla um novo mundo, ligado àquilo que cada um viveu em sua existência, fruto das influências recebidas de familiares, amigos, pessoas da convivência e da sociedade em que se habita. Ele atesta que o processo discursivo valoriza as experiências trazidas pelos educandos e dialoga com tudo que foi vivido, desde o âmbito familiar até o social de modo geral.

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe, etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativa emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo. (2011, p. 373-374).

Todorov (2021) também enaltece a eficácia da literatura e declara que essa relação é o que estrutura o homem e o torna melhor, uma vez que proporciona sensações, sentimentos que se relacionam com o mundo real e torna a existência mais plena de sentido e mais bela.

Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano. (2021, p. 23).

Dada a devida importância à literatura, Barthes (1997) vai além e chega a dizer que, caso todas as disciplinas escolares fossem extintas, e pudesse existir apenas uma, essa deveria ser a literatura, pois a mesma é capaz de contemplar todas as ciências, sendo capaz de assim, formar o cidadão em suas necessidades.

A literatura assume muitos saberes. (...) Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (1997, p. 18).

A partir dessa opinião, percebe-se a amplitude da literatura no processo educacional e sua função na aprendizagem, pois contempla temas e conteúdos que permeiam diversas áreas do conhecimento. Por esse componente curricular pode passar conteúdos relativos à natureza, à cultura, história, geografia, temas diversos, dentre outros, e segue construindo e ressignificando os saberes e experiências vividos. Mais além, Todorov (2021) diz que “O objetivo da literatura é representar a existência humana, mas a humanidade inclui também o autor e o seu leitor.” (TODOROV, 2021, p.86). Diante disso, percebe-se que a literatura é capaz de mostrar a essência do autor e, conseqüentemente, de seu leitor que se encontra nos textos lidos e se identifica com a realidade. Quando bem desenvolvida em sala de aula, coopera para que o educando adquira conhecimento em todas as áreas e tenha consciência crítica de sua função social.

O estudante precisa estar em contato com os textos literários e a escola carece exercer esse papel mediador, a fim de suscitar as discussões tão necessárias à vida e à sociedade. Para complementar essa opinião, Andruetto (2017) declara:

Para que um leitor jovem se converta em leitor inovador, capaz de ir além do consumo de um relato, mais do que livros de qualidade ele necessita de ajuda. Para muitas

crianças e muitos jovens, a escola é o único espaço onde se pode encontrar essa ajuda, o único espaço possível de contato com a cultura literária. (2017, p.87).

Com essa realidade, a escola torna-se mediadora do contato do educando com a cultura literária, respeitando assim, o que Candido (2004, p. 191) diz sobre os direitos humanos, “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.”

O educando precisa ser motivado a ler, necessita ser instigado a abrir um livro e ter a curiosidade de explorar suas páginas, com o intuito de apreciar os textos ao longo da obra. Para que isso aconteça, o professor-mediador precisa ter consciência da importância da leitura, bem como também ser um leitor, a fim de obter êxito na atitude de motivar e envolver os estudantes na atividade de leitura. Assim afirma Lajolo,

O desencontro da literatura-jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. Os alunos não leem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. Mas ao contrário de nós, os alunos não estão investidos de nada. (1993, p. 16).

A partir dessa consciência crítica, os professores que ainda não são leitores, devem mudar suas atitudes, tornando-se leitores, antes de exigir de seus alunos tal atitude, uma vez que muitos desses discentes também não sabem o valor da leitura para suas vidas.

Nessa perspectiva, o professor é uma pessoa com mais informação e experiência e, mesmo não sendo o senhor da verdade, exerce a função de facilitar o acesso ao mundo da leitura, por meio de desafios, instigando a curiosidade e mostrando informações significativas que serão úteis ao crescimento e desenvolvimento do estudante como indivíduo e cidadão.

Ao ler, estou abrindo uma porta entre meu mundo e o mundo do outro. O sentido do texto só se completa quando esse trânsito se efetiva, quando se faz a passagem de sentidos entre um e outro. Se acredito que o mundo está absolutamente completo e nada mais pode ser dito, a leitura não faz sentido para mim. (COSSON, 2021, p. 27).

A leitura abre as portas para muitas compreensões necessárias ao ser humano e é ponto para a compreensão do mundo individual e do mundo do outro, e, como disse Cosson, é nessa transição do eu para o mundo do outro, que a leitura verdadeiramente se efetiva, pois amplia conhecimentos básicos e urgentes a todos. Em consonância com Cosson, Freire (1984, p. 11) também afirma que “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”, ou seja, ler vai muito além de decodificar palavras, frases, mas é relacionar o eu, com o outro e conseqüentemente com o mundo.

Para que isso aconteça, o professor precisa ser sensível e elaborar atividades que sejam significativas e prazerosas ao ato de ler, proporcionando o que Barthes (2015) diz sobre sentir a fruição do texto, pois cada um pode ter uma reação e sentir um tipo de prazer diferente do outro, isso deve ser respeitado, reconhecendo que o mais importante é a ligação que o leitor terá com texto e sua relação com o mundo.

O prazer do texto não é forçosamente do tipo triunfante, heroico, musculoso. Não tem necessidade de se arquear. Meu prazer pode muito bem assumir a forma de uma deriva. A deriva advém toda vez que eu não respeito o todo e que, à força de parecer arrastado aqui e ali ao sabor das ilusões, seduções e intimidações da linguagem, qual uma rolha sobre as ondas, permaneço imóvel, girando em torno da fruição intratável que me liga ao texto (ao mundo). (2015, p. 26).

O ser humano sempre questiona suas origens, seus valores e sua função nesse mundo, e a partir da leitura literária, com foco no texto poético, pode encontrar uma fonte de descoberta dos mistérios da alma, capaz de facilitar a sua jornada neste planeta.

No contexto escolar, a poesia pode contribuir para despertar a compreensão dos valores individuais e coletivos, bem como sanar dúvidas, entender melhor sentimentos, relacionamentos e a própria sociedade em que vive, no papel de cidadão e cabe à escola ações pedagógicas que não excluam nenhum aluno por qualquer questão social, de raça ou sexo, oferecendo a todos esse bem comum. Nesse sentido, Pilati diz:

Não tenho dúvidas de que a literatura, a arte e a poesia podem dar uma contribuição decisiva para a formação dos jovens, nos contextos escolares, especialmente aqueles das classes menos favorecidas social e economicamente. Por isso, precisamos levar às salas de aula um bem social (a poesia, a literatura, a arte) que infelizmente tem sido sonogado aos estudantes (2018, p. 12).

Em face do exposto, é urgente que a escola entenda o seu papel social na formação de leitores e propicie condições ao professor para planejar e executar suas aulas com mais dinamismo e metodologias que possam instigar o aluno a vivenciar e analisar a sua realidade criticamente.

A tarefa dessas instituições formadoras vinculadas ao mercado é a de reproduzir o senso comum; a tarefa da escola, como instituição formadora, é a de ensinar métodos, técnicas e habilidades que facultem aos educandos a sua libertação de uma interpretação do mundo com base nos princípios (sempre ideologicamente determinados) do senso comum, como é o que acontece majoritariamente nos produtos da indústria cultural. (PILATI, 2018, p. 48)

Eis aí, a grande chance para iniciar a mudança, pois o leitor, ao tomar conhecimento de quem é, como vive, quais os seus direitos e deveres, passa a não aceitar as imposições que

chegam até ele sem antes questioná-las e julgá-las, analisando se são justas e verdadeiras. E dessa mudança resulta o desejo de transmitir também a outras pessoas o conhecimento adquirido por meio da leitura, o que se torna uma chama acesa em meio à dominância do senso comum, ao crédito fácil a notícias falsas e à subserviência à cultura de massa tão rentável à indústria cultural.

Ter consciência de que há grande resistência em relação à leitura de poesia na escola é fundamental para o enfrentamento do problema. Diante disso é preciso assumir o desafio de planejar aulas utilizando textos desse gênero, acreditando que é crucial para suprir necessidades humanas, pois como diz Pinheiro,

Para enfrentar a realidade de ausência de poesia na escola com propostas efetivas, é preciso acreditar que a poesia é essencial à vida. Que o acesso a ela é um direito de toda criança e de todo jovem. Se a criança ou o jovem vão depois se tornarem leitores de poesia, não temos como afirmar, mas temos o dever de levá-los a terem contato com uma poesia em que estejam representados seus desejos, suas fantasias, suas dúvidas, seus medos, suas alegrias, toda a sua experiência de vida enfim. (2018, p. 113).

Posto isso, evidencia-se a capacidade e a indispensabilidade da poesia de representar os sentimentos e sensações mais íntimas do indivíduo, fortalecendo a tese de que a literatura é um direito de todos e fonte de saberes. À vista disso, o professor deve colocar à disposição dos estudantes uma variedade de textos, para que eles possam se familiarizar e com o tempo definir qual o que mais se aproxima de suas preferências. Segundo Pinheiro (2018), é relevante que haja uma sequência, em relação aos textos poéticos que são disponibilizados aos estudantes, pois, assim, haverá maior eficácia na formação de leitores.

Bons poemas, oferecidos constantemente (imaginamos pelo menos uma vez por semana ler um poema com os alunos, sem nenhum objetivo pragmático), mesmo que para alunos refratários (por não estarem acostumados a esse tipo de prática), têm eficácia educativa insubstituível. (PINHEIRO, 2018, p. 16).

Ainda segundo Pinheiro, há algumas sugestões que podem ser eficientes na promoção da leitura eficaz de poesia:

Ler em voz alta, pedir que cada um repita um ou mais versos de que mais tenha gostado. Ler novamente todo o poema para que as imagens, o ritmo calem em cada leitor/ouvinte. Mas também discuti-lo, dependendo do tempo, do objetivo que se tem e da turma com que se está trabalhando. (2018, p. 116)

Perante o exposto, Pilati diz que é valoroso desenvolver uma leitura crítica e para que isso ocorra, é necessário analisar o texto do seguinte prisma:

Em linhas gerais, os parâmetros metodológicos que emprega no trabalho com a poesia em sala de aula podem ser ligados a quatro elementos essenciais da leitura crítica:

1. a mensagem que o poema nos apresenta e a ressonância disso em nossa própria subjetividade;
2. os elementos propriamente textuais de que o poema se compõe;
3. a relação que se estabelece entre esses elementos;
4. os dados da realidade exterior ao poema que a sua dinâmica interna convoca. (2018, p. 76).

Para o autor, esses elementos são fundamentais no ato de ler, porquanto envolvem uma leitura compreensiva e crítica dos textos literários. O discente deve apreender a mensagem que é transmitida e relacioná-la à sua subjetividade, também precisa conhecer os elementos textuais do gênero: ritmo, imagem, musicalidade, rimas e a relação que há entre todos esses componentes e a mensagem, relacionando à realidade exterior. Tudo isso contribui para a compreensão do texto poético e incentiva o leitor a ler e desvendar novos textos, uma vez que, como afirma Paz (1982, p. 18) “Cada poema é único, irreduzível e irrepetível.” Sendo encorajador descobrir novos mundos por meio da leitura poética.

Outro fator significativo é mostrar que, ao ler, o leitor sempre procura algo no texto e diante dessa procura, que muitas vezes não se sabe o que é, é indispensável mostrar que pode se encontrar e compreender aspectos indesvendáveis de sua realidade. Pois “o dizer poético diz o indizível”, conforme afirma Paz (1982, p.136) e o autor confirma que “Cada leitor procura algo no poema. E não é insólito que o encontre: já o trazia dentro de si.” (PAZ, 1982, p. 29). Assim o poema pode trazer a própria realidade do leitor em sua essência, socorrendo-o em seus momentos de dúvidas e angústias, revelando mistérios de uma procura que o homem tenta desvendar a respeito de sua existência.

Assim sendo, a poesia é capaz de formar leitores críticos e conscientes de sua subjetividade, pois com ajuda dessa arte que utiliza a palavra como matéria-prima, a percepção da vida pode se tornar mais leve para aqueles que padecem sob o peso da existência, mas também pode tornar a vida mais questionadora e revolucionária diante da conscientização dos males da humanidade, e por isso ser provocado a um desejo de transformação de si mesmo, do próximo ou até do mundo que o cerca.

1.2 A poesia como expressão da subjetividade

Pois o poema é via de acesso ao tempo puro, imersão nas águas originais da existência. A poesia não é nada senão tempo, ritmo perpetuamente criador

Octávio Paz

A subjetividade, segundo Sartre, é

A interiorização e retotalização, isto é, no fundo, para retomar termos mais vagos e, ao mesmo tempo, mais conhecidos: vive-se; a subjetividade é viver o seu ser, vive-se o que se é, e o que se é em uma sociedade, pois não conhecemos outro estado do homem; ele é precisamente um ser social, ser social que, ao mesmo tempo, vive a sociedade inteira do seu ponto de vista. Considero que um indivíduo, seja ele quem for, ou um grupo, ou um conjunto qualquer, é uma encarnação da sociedade total enquanto ele tem de viver o que ele é (2015, p. 99).

Ao definir a subjetividade, Sartre (2015) afirma que é “viver o seu ser”, como se dissesse exista, mergulhe na sua própria existência, verifique a inteireza e plenitude do ser, viva o que verdadeiramente é, quando isso acontece, concomitantemente está sendo também um ser social. Nessa vivência, o ser se entranha na sociedade, por meio de seu próprio olhar, simultaneamente interage nas esferas individual e coletiva, sendo assim ele é sociedade e indivíduo ao mesmo tempo.

Diante da compreensão da subjetividade e do valor de trabalhar poesia em sala de aula, é também fundamental entender o seu grande papel para a humanidade, pois ela é fonte inesgotável de procura e resposta para a subjetividade humana, a fim de desvendar os mistérios que envolvem a alma, o espírito e a relação com o próximo. Octávio Paz procura conceituar poesia, contudo, percebe-se que a amplitude que esse conceito abarca, o que torna difícil reter-se em um conceito simples. Muitas vezes é contraditória em si mesma e nas ideias com que trabalha; às vezes pode complementar aspectos da vida; pode ser revolucionária, a fim de provocar mudanças, sejam individuais ou sociais; lança-se profundamente na alma, na existência humana e consegue trilhar diversos caminhos que são reflexivos na busca da autocompreensão.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo, cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Oração, litania, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma

superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todas as faces, embora exista quem afirme que não tem nenhuma: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana!” (PAZ, 1982, p. 15-16)

Quando se analisa esse texto de Paz, nota-se que a poesia é canal de expressão das subjetividades humanas, capaz de impulsionar aptidões intelectuais, emocionais, culturais e sociais, porquanto desenvolve uma cota de fantasia, de vontade, simpatia, capacidade de se identificar e enriquecer as próprias ideias, conseqüentemente, suscita maior familiarização com o próximo, seus sentimentos e atitudes, além de oportunizar maior apreensão do mundo ao redor. O poeta Mario Quintana também define essa essência da poesia em seu texto *O poeta canta a si mesmo*:

O poeta canta a si mesmo
 porque nele é que os olhos das amadas
 têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...

O poeta canta a si mesmo
 porque num seu único verso
 pende - lúcida, amarga -
 uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...

Porque o seu coração é uma porta batendo
 a todos os ventos do universo.

Porque além de si mesmo ele não sabe nada
 ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente
 [respirar]
 neste seu pobre ritmo disperso!

O poeta canta a si mesmo
 porque de si mesmo é diverso.
 (QUINTANA, 2013, p. 65)

Nesse poema, Quintana corrobora com Paz, utilizando a metalinguagem para apontar como a poesia conduz seus autores e leitores a um mundo paralelo, mas que vai de encontro com o mundo real, por meio das significações do texto. Para Quintana, o poeta canta a si mesmo porque representa o seu *eu* e pode usar as palavras para se expressar, o poeta revela o palpitar de sua vida e a diversidade que há dentro de si e as suas contradições com o mundo.

Para a existência real da poesia é obrigatório acontecer o encontro com o leitor, sem o leitor não há poesia, pois é graças à leitura que ela existe concretamente. Um livro de poesia guardado em uma estante não faz diferença para ninguém, mas quando é aberto, lido, pensado

e analisado pelo leitor, passa a existir e fazer a diferença naquela vida e de outros, por conseguinte, o texto somente torna-se concreto com a leitura, como diz Jouve (2002, p. 61) “A leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário.”

Desse modo, a partir da interação do leitor com o texto, este passa a exprimir a condição do escritor, e o leitor o compreende, posto que ele também tem as mesmas emoções dentro de si, dessa forma, o escritor consegue fazer um texto verossímil, conforme complementa Jouve (2002, p.74) “O texto, como se vê, pode apenas programar a leitura: é o leitor que deve concretizá-la.”

Diante de tal realidade e com a certeza de que o homem é um ser subjetivo e isso é intrínseco à existência, torna-se imprescindível a percepção e entendimento dessa subjetividade para que a vida seja melhor desfrutada. Como dito anteriormente, a poesia pode ser uma chave para essa compreensão, pois ela é capaz de entranhar no ser e desvendar mistérios da alma que na vida cotidiana, muitas vezes, não se consegue expressar.

Destarte, Andrueto (2017, p. 108) alega que “Uma obra é um espaço onde se encontram, no momento único que oferece a leitura, quem escreve e quem lê, duas subjetividades às vezes de séculos distintos, de culturas distintas, de línguas distintas.” Desse jeito, a obra poética tem potencial para transportar o leitor a outras realidades, outras épocas, outras culturas, que se cruzarão, auxiliando-o na compreensão de si mesmo, do tempo, do próximo e outras sociedades. A leitura enriquece a existência, de modo que a poesia não é um simples texto de que se extrai alguma informação e lança-o novamente à estante, ele vai além, pode gerar satisfação pessoal e despertar a sensibilidade, como ratifica Todorov,

Em regra geral, o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. (TODOROV, 2021, p. 32).

De acordo com Paz (1982), a poesia provoca esse efeito, porque trabalha a linguagem esteticamente, produz imagens que facilitam a visão do que está escrito e faz fluir a imaginação, utiliza-se do ritmo para embalar a fantasia e o desejo, o tempo é sempre vivo e atual, mas além de tudo retrata a visão do poeta e alcança o leitor em sua realidade. Em consonância com essas afirmações, Adorno diz que,

O momento do esquecimento de si mesmo, em que o sujeito imerge no seio da linguagem, não representa um sacrifício à existência. Não é um momento em que se impõe a força, ou de violência contra o sujeito, antes um acto de reconciliação: a linguagem só adquire uma voz própria quando já não fala como estranha ao sujeito, mas como a própria voz deste. (2003, p. 15).

O autor acima diz que é preciso esquecer de si mesmo, no momento que adentra ao mundo da linguagem textual, viver instantes de entrega, encontro e reconciliação, não adianta forçar a interação com o texto, porém, precisa ouvir a voz que foi construída com a linguagem. Quando isso acontece, o sujeito acaba ouvindo a sua própria voz, e assim, aprofundando na interpretação daquilo que lê. Isso provoca uma verdadeira realização pessoal como proclama Todorov (2001, p. 33) “O conhecimento da literatura não é um fim em si, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um.”

Partindo do pressuposto de que o texto poético provoca a realização pessoal do indivíduo, por meio de análises sobre o significado da existência, Paz (1982) justifica que o homem sai fora de si, mas, simultaneamente, volta à sua origem, volta a si mesmo no âmago do ser, neste momento, há duas imagens dispostas no texto: ele mesmo e aquele outro, que também o reflete, isso, provoca-lhe um mergulho na essência da alma e desencadeia o autoconhecimento.

Jouve (2002, p. 109) confirma as ideias do autor supracitado ao dizer que “Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção.” Essa ficção que fica impregnada no sujeito, transforma-o e não o deixa em seu estado original da mesma forma que era.

Além da mudança íntima que a leitura de poesia pode provocar, esse conhecimento tende a transpor barreiras e necessita ser partilhado com o próximo, ou seja, já não basta o autoconhecimento, mas é preciso dividir essa subjetividade com o outro. Há uma necessidade de compartilhar sentimentos e emoções diversas com outras pessoas. Isso alivia a alma e ajuda a construir a identidade. Assim afirma Andruetto (2017, p. 16) “A história da arte também está na história da nossa subjetividade, na necessidade de compartilharmos experiências, dores, alegrias ou assombros com outros contemporâneos ou futuros.”

Ao reconhecer que há uma carência de partilhar essa subjetividade com o outro, crê-se também que é possível ampliar ainda mais e compreender a história da sociedade, sua cultura, seu desenvolvimento, olhando, por meio da subjetividade, dado que a coletividade é construída com base nos desejos e intentos que fluem do íntimo do indivíduo, e daí jorra-se para o comunitário, cria-se o novo, nascem e renascem as ideias e constrói-se o social.

Os bons livros são construções de mundos, artifícios que nos obrigam a perceber outras vidas, imaginar outros caminhos humanos; essa é uma das razões mais fascinantes de escrever e ler: olhar o mundo com olhos alheios, tentar entrar em outras condições de vida para compreender um pouco mais a condição humana. Uma das razões mais poderosas de escrever e de ler é, sem dúvida, o desejo de compreender os demais, espelho, por sua vez, do desejo de compreendermos a nós próprios. Leitura e escrita como caminho de conhecimento (ANDRUETTO, 2017, p. 92).

Diante da construção subjetiva do coletivo, a leitura de poesia propicia olhar o mundo por intermédio dos olhos do poeta e por esse olhar entender a si mesmo, ao outro, o mundo, e em geral, a condição humana. Assim a leitura é o caminho para a construção desse conhecimento, visto que “...é capaz de refletir e de produzir a humanidade dos seres humanos.” (PILATI, 2018, p. 16). Nessa perspectiva, Andruetto também declara que,

Cada livro, romance, novela, conto ou poema contém, com maior ou menor felicidade, uma leitura do mundo, e ler o que foi escrito é ingressar no registro da memória de uma sociedade, no que essa sociedade considera (e isso não é fácil, e sim um verdadeiro campo de batalha), por alguma razão, perene; é entrar nesse imenso tapete tecido sob circunstâncias distintas, por tantos seres, ao longo do tempo. Assim, poderíamos dizer que as histórias da literatura e da arte são também a história da subjetividade humana e das condições materiais e simbólicas em que essa subjetividade se desenvolveu. Contra apenas o impulso e a descarga individuais, contra o puro entretenimento da consciência, a arte nos lembra quem somos e nos propõe uma das imersões mais profundas em nós mesmos e na sociedade de que fazemos parte.” (2017, p. 104-105).

Diante do exposto, a literatura, aqui traduzida pela poesia, representa o mundo com suas memórias, acontecimentos atuais e reais, revelado pelo imaginário da ficção. Dessa maneira, quando se refere à subjetividade poética, também se refere à subjetividade humana e a toda a representatividade individual e coletiva que carrega. Eis a importância da poesia, pois ela serve para conhecimento e compreensão do que há de mais importante na Terra: o ser humano e suas relações com o restante da humanidade.

1.3 Poesia para embalar ou para abalar? o leitor em sua individualidade e coletividade

Os verdadeiros versos não são para embalar, mas para abalar...

Mario Quintana

Visto as características subjetivas da poesia, é crucial considerar o leitor em sua individualidade e na sua relação com a coletividade. Diante disso, é relevante refletir na função que esse gênero textual exerce sobre o leitor, ela é somente para embalar os sonhos, fantasias, sentimentos amorosos e falar de coisas boas ou será que a sua função vai além, e aborda outras

questões de cunho social, cultural, que refletem o coletivo? Em resposta a esse questionamento, Adorno pronuncia,

Porque o conteúdo de um poema não se confina à expressão de emoções e experiências individuais, mas, pelo contrário, estas só se convertem em formas artísticas quando, devido precisamente à especificidade da sua configuração estética, passam a ter parte na dimensão coletiva. (ADORNO, 2003, p. 06).

Como atesta Adorno, a poesia não desempenha uma função unicamente para expressar as experiências individuais, mas aquilo que é particular, converte-se em expressão da coletividade. Logo, o autor não trata apenas dos seus próprios sentimentos, ou expressão individual, mas expressa sentimentos comuns à sociedade e participa colaborando com reflexões críticas sobre a mesma, de modo a ser capaz de abalar estruturas sociais rígidas e impermeáveis.

Segundo Jouve (2002, p. 138), “Se a leitura tem um impacto no leitor, é porque ela relaciona o universo do sujeito com o do texto. O leitor, ao reagir positiva ou negativamente a essa experiência, sai dela inevitavelmente transformado.” Assim sendo, leitura abala, na medida em que esses universos se cruzam e se refletem, cuja ação, desencadeia na transmutação do ser. Diante do texto, que irradia o próprio leitor, a reação é um fato. A leitura realizada inicialmente promove uma transformação e o resultado é um ser diferente do inicial, renascido e remodelado e em pleno desenvolvimento.

Essa transformação do ser é um exercício de busca constante, que se aperfeiçoa com a colaboração da educação, visto que, no espaço escolar, o professor pode instigar a curiosidade do estudante e com o livro nas mãos muita coisa pode acontecer, como afirma Candido (2004, p. 176) “Por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo de risco.” Essa perturbação que menciona Candido é o começo daquilo que a leitura pode provocar em seus adeptos. Quando se trata, especificamente da poesia, essa desordem é o princípio do questionamento em busca de respostas não descobertas, esse caos vai se organizando, à medida que algumas respostas vão surgindo e sendo reveladas no mundo real, como assegura Todorov (2021, p. 63) “Se a poesia não deve se submeter à procura da verdade e do bem, é porque ela é em si mensageira de uma verdade e de um bem superior àqueles que podemos encontrar fora dela.”

Perante o exposto, a convicção é de que a leitura de poesia é um ato pessoal, é possibilidade de entrar em outra dimensão, a da alma e espírito. Isso envolve mente, vontade, emoção e transcendência, tudo isso muito íntimo e peculiar, mas que repercute também e,

fundamentalmente, para o universo social e reflete ao exterior, pois como diz Cosson (2021, p. 40) “O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social.” Essa dualidade expressiva que a palavra poética permite é uma via que contribui para a construção da identidade pessoal e coletiva do sujeito. Nesse caso, evidencia-se como é salutar o jovem leitor entender o que lê, com consciência de que a linguagem poética é também universal e representa muitas vozes.

E, no entanto, a universalidade do conteúdo lírico é de natureza eminentemente social. Só o que escuta a voz da humanidade na solidão do poema é capaz de lhe entender o sentido; mais do que isso, a própria solidão do verbo lírico é predeterminada pela sociedade individualista e, em última instância, atomizada, tal como, em sentido inverso, a dimensão universal do texto poético vive da densidade da sua individuação. (ADORNO, 2003, p. 06-07).

Assim sendo, em consonância com Cosson (2021, p. 40), é acertado assegurar a relevância da formação de leitores, uma vez que é uma prática individual, mas que transforma as relações humanas e modifica a sociedade como um todo, “Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas.” A leitura crítica é em si, a saída para conhecer, traduzir e interpretar o mundo tão desigual e desajustado e, com o auxílio dessa consciência, transformá-lo.

Considerando os valores que a sociedade defende e os problemas que enfrenta, é vital pensar dialeticamente nas relações humanas, fugindo ao senso comum, já que grande parte das pessoas aderem a essa forma de lidar com a realidade. Para introduzir o educando nesse pensar dialético, pode-se utilizar a poesia, dado que ela em si já representa o ser e o conjunto indivíduos. Conforme Adorno, a poesia é protesto contra situações opressoras e difíceis de suportar.

Ela contém em si o protesto contra uma situação social que cada indivíduo vive como hostil alheia, fria e opressora, e é pela negativa que essa situação se inscreve na composição poética: quanto mais pesada é a sua carga, maior a intransigência com que o poema lhe resiste, não se vergando a nada que lhe seja heteronômico e constituindo-se inteiramente de acordo com a sua própria norma. (2003, p. 09).

A poesia não está subordinada a nada, não se verga às imposições sociais, econômicas ou culturais, pelo contrário, protesta, luta, combate e não se exaure, assim ressalta Candido (2004, p. 175) “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” Para o autor supracitado, essas características fortalecem e propiciam o diálogo, a discussão profunda dos problemas e a busca de soluções. Logo, esse gênero textual representa a realidade e revela o elo do ser singular ao público.

Candido (2004) ainda vai além, a ponto de enaltecer o poder da literatura, aqui representada pela poesia. Segundo ele, esse tipo de texto é tão potente que pode causar problemas psíquicos ou morais. O seu leitor pode modificar seu modo de ver e viver no mundo. “...convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração.” (CANDIDO 2004, p. 175). Com isso, constata-se que a literatura necessita ser trabalhada em sala de aula, a fim de ser instrumento de instrução e educação intelectual e afetiva.

Após tais constatações, pode-se dizer que a poesia também é para abalar. Abalar o indivíduo em suas convicções, em seus relacionamentos e abalar a sociedade que carece de ser repensada e reorganizada com outros valores como aqueles que respeitam a diversidade, valorizam o ser e condenam a barbárie, como afirma Adorno (2022) e que luta por uma vida mais digna e justa.

Freire (2012, p.37) também corrobora com a ideia de que somos seres em transformação, capazes de mudanças e inquietos com a realidade de desigualdades que assolam grande parte da população “Somos seres no mundo, com o mundo, e com os outros, por isso seres da transformação e não da adaptação a ele.” Dessa maneira, a literatura é veículo de protesto contra as injustiças e está em circulação para abalar e criticar a coisificação dos homens, lutar, reagindo do pessoal, devido a tomada de consciência, para o combate externo de suas influências avassaladoras que pregam que mais vale o ter, do que o ser. Assim, a literatura volta o olhar para a essência do homem, para suas origens e expressões, sem deixar se influenciar pelo domínio material da contemporaneidade.

Em protesto contra essa realidade o poema exprime o sonho de um mundo onde a vida fosse diferente. A idiossincrasia do espírito lírico contra a violência opressiva das coisas é uma forma de reação contra a reificação do mundo, o domínio das mercadorias sobre as pessoas que se difundiu desde o início da Modernidade e que se desenvolveu a partir da Revolução Industrial, a ponto de se converter na força preponderante da existência. (ADORNO, 2003, p. 09).

Essa disposição para o combate, é possível desenvolver por intermédio da Educação e de professores dispostos a trabalhar a leitura crítica por meio da literatura, porquanto o poema é um instrumento de desmascaramento da realidade, consegue também triunfar sobre o caos, como ressalta Andruetto (2017, p. 61) “Cada bom poema é um pequeno triunfo sobre o caos e também sobre o plano, o literal, o fechado, o puramente racional e unívoco.” Nesse contexto, Candido reforça acerca do papel social da literatura,

Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (2004, p. 186).

Graças a essa força vital da poesia, é possível otimizar a autonomia nos estudantes, possibilitando-lhes “agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.” (BNCC, 2017, p. 10). Essa potência do texto poético pode concretizar a emancipação do ser, porém, não é tarefa fácil para ser executada e cabe àqueles que resistem às imposições efetuadas à Educação e que, ainda sonham com cidadãos autônomos, críticos e cientes de sua responsabilidade social.

Adorno (2022) discorre sobre esse tema ao mostrar a importância e a relação da educação com a emancipação do estudante. “Portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nessa direção orientem a toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contestação e para a resistência.” (ADORNO, 2022, p. 200) Ao se falar em resistência, refere-se às ideologias dominantes, que excluem e não respeitam o próximo e que tem como princípio lucrar a qualquer custo, mesmo que para isso tenha que explorar e menosprezar pessoas, tratando-as como objetos.

Dessa forma, entende-se que a poesia é também para embalar, mas muito mais para abalar à vida humana, seja em sua individualidade ou na coletividade, dado que, a sua leitura bem explorada traduz insatisfações e caminhos para transformação e mudança. Cosson, (2021, p.16) ainda contribui dizendo que “É por esse uso, simultaneamente individual e coletivo, que as palavras se modificam, se dividem e se multiplicam, vestindo de sentido o fazer humano.” ou seja, nessa leitura a vida ganha sentido e o aluno, jovem ou adulto, passa a analisar o seu cotidiano, seus relacionamentos, enfim, sua vida. Pode-se afirmar que ler é oportunizar aos alunos o conhecimento, para que possam se tornar cidadãos críticos e comprometidos com a realidade social.

1.4 Mediação da leitura do texto poético

Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão.

Paulo Freire

Afirmar que a educação pública, no Brasil, caminha em meio a muitas dificuldades não é algo novo, visto que é fácil se deparar com escolas sucateadas, professores sem a formação

adequada, falta de material, alunos e professores desmotivados. Percebe-se, ainda, que o ensino também caminha com dificuldade e sob influência daqueles que estão no poder e têm objetivos específicos e claros quanto ao rumo que querem dar à educação. Nessa perspectiva, Mantoan reitera que

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso de toda ordem, por privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e social – alunos que são vítimas de seus pais, professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os sentidos. Eles são sobejamente conhecidos das escolas, pois repetem as suas séries várias vezes, são expulsos, evadem e ainda são rotulados como malnascidos e com hábitos que fogem ao protótipo do estudante da educação formal.” (2015, p. 32).

Para que a Educação exerça o seu papel na formação de cidadãos, há um longo caminho a ser percorrido, de lutas e desafios, pois falar em autonomia e emancipação é falar em educação plena do ser humano, de modo global e inclusivo, com finalidade de formar um cidadão participativo, crítico e que busque a transformação do seu meio. Assim confirma Mantoan (2015, p. 24) “Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam, para uma educação voltada à cidadania global, plena, livre de preconceitos, que reconhece e valoriza as diferenças.”

Outro fator de suma importância é compreender que todos os envolvidos são cruciais para o pleno desenvolvimento do projeto de leitura nas escolas, desde as autoridades governamentais, os professores e funcionários das instituições até chegar aos alunos, como diz Bamberger,

[...] todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler de modo apropriado à fase do seu desenvolvimento. (1986, p. 09).

Essa tarefa de conscientização, principalmente a do poder público, não é fácil, mas é preciso insistir. Caso os órgãos administrativos não tenham esse entendimento, o professor precisa trabalhar com maior afinco, disposto a mudar essa realidade, pelo menos em seu local de trabalho e assim iniciar um processo que vai do particular ao geral.

À face do exposto, é preciso compreender que a escola como instituição recebe influência e ordens de seus superiores, que precisam ser cumpridas, sendo obrigada a executar projetos e ações que elucidam uma ideologia de dominação, restando aos profissionais da área a manifestação de sua vontade e resistência em relação a tais ações. Assim, o professor recebe

destaque em sua função, pois está em contato direto com o educando, além de ser o planejador e executor do processo de ensino escolar. Em razão disso, precisa estar ciente de seu verdadeiro papel dentro da educação.

O grande mérito desta velha instituição chamada escola, e talvez a razão de sua sobrevivência até nossos dias, é a oportunidade que ela cria de aprendermos juntos, entre gerações, através do diálogo e da partilha de conhecimentos e de interrogações. Nesse contexto, todos concordamos que a obrigação do professor é a de preparar um determinado roteiro, que garanta um mínimo auferível de conhecimento em uma determinada sequência de estudos (seja uma aula ou um semestre de desenvolvimento de um curso). (PILATI, 2018, p. 58-59).

O papel da leitura na formação do indivíduo é fundamental, pois, segundo Zilbermam, (1991, p. 13) “Com o domínio generalizado da habilidade de ler, consequência da ação eficaz da escola, opera-se uma gradativa, mas irreversível, democratização do saber”. Diante disso, duas verdades são inegáveis: escola é fundamental para o desenvolvimento da formação de leitores e a leitura é um canal para a ampliação do saber.

Desse modo, uma via a se permear é a apreensão do conhecimento recorrendo à leitura literária, que, com sua amplitude de significações, concentra conteúdos e cultura necessários para conceber o conhecimento crítico de que o aluno carece. Tal conhecimento, como sugere Zilberman (1999), é uma ponte para a liberdade e também para a ação libertadora daquilo que legitima o poder.

No entanto, essa emancipação do ser não é simples, devido às ideologias opressoras e dominantes já estarem impregnadas na sociedade e parece autodeterminado que as injustiças prevalecerão, que as desigualdades sociais fazem parte da vida e que condições de miséria são normais, algo complexo de resolver, mas para Adorno (2022), essa realidade pode ser transformada pela educação, que deve lutar e resistir às investidas contrárias, sendo canal para o primeiro passo, a tomada de consciência.

Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado. (2022, p. 200-201)

Para Adorno, o mundo quer ser enganado, em relação à emancipação, já que é mais fácil aceitar a organização do mundo e a ideologia dominante do que tentar transformá-la. É nesse momento, que o papel da escola se torna relevante, pois a concepção de emancipação precisa ser inserida no pensamento e na prática educacional, orientando os homens para perceberem

esse contexto. Inserir tais pensamentos na educação ainda é um desafio, visto que são poucas as ações efetivas que direcionam a esse posicionamento crítico.

Contudo, o que é peculiar no problema da emancipação, na medida em que esteja efetivamente centrado no complexo pedagógico, é que mesmo na literatura pedagógica não se encontre essa tomada de posição decisiva pela educação para emancipação, como seria de se pressupor - o que constitui algo verdadeiramente assustador e muito nítido. (ADORNO, 2022, p. 188-189).

O educador é parte crucial no processo de ensino e aprendizagem, pois ele está diretamente ligado ao aluno e por isso tem papel imprescindível nesse desenvolvimento emancipatório. Segundo Libâneo (2013, p. 14) “A atividade principal do profissional do magistério é o ensino, que consiste em dirigir, organizar, orientar e estimular a aprendizagem escolar dos alunos.”

Se a função do docente é dirigir, organizar, orientar e estimular a aprendizagem dos alunos, ele tem a possibilidade de mostrar ao público as ações e projetos mal intencionados, a fim de que seus alunos ampliem a criticidade, a capacidade de análise e escolha autônoma das ideias a serem seguidas. As aulas precisam ser significativas, acessíveis e motivadoras para que discente perceba o sentido do mundo com a ajuda dos textos lidos. “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer de nossas aulas.” (LAJOLO, 1993, p. 15)

Com um papel tão importante, faz-se necessário que o profissional da educação saiba que “na prática educativa estão presentes interesses de toda ordem - sociais, políticos, econômicos, culturais que precisam ser compreendidos pelo professor.” (LIBÂNEO, 2013, p. 20). Destarte, o docente precisa estar atento à sua formação continuada e também a tudo que o cerca nas diversas áreas, pois, assim, será capaz de realizar o seu trabalho, alcançando os objetivos almejados de assegurar aos alunos domínio de conhecimentos diversos e de suas capacidades intelectuais, desenvolvendo pensamentos críticos, independentes e criativos. A respeito disso ratifica Andruetto,

O professor é uma ponte indispensável, pois um bom mestre transmite, além de conhecimentos específicos, um modo de estar no mundo, uma concepção de vida e pode deixar uma marca profunda, pode deixar o seu sinal: ensinar, em seu sentido mais essencial. (2017, p. 127).

Zilberman (1999, p. 42) afirma “Modelo do desvelamento do mundo, a leitura encontra na literatura seu recipiente imprescindível.” Sem dúvida, a literatura revela o mundo e por isso é um tipo de leitura fundamental a ser explorada em sala de aula. Para isso, o mediador precisa

prover estímulos que consolidem esse ato, tornando-a instrumento para ampliação do saber e meio pelo qual cada um se apropria da realidade e desenvolve o seu caráter emancipatório.

À vista de tudo isso, o professor precisa ser canal para uma pedagogia libertadora que interaja com a realidade do aluno para ajudá-lo a transformar seu mundo. Como afirma Paulo Freire, “em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes” (FREIRE, 1987). Formar leitores críticos e reflexivos é um meio de proporcionar aos educandos da EJA a emancipação e conscientização, tão importantes para o indivíduo em sua formação integral. Os textos literários poéticos atribuem essa significação e amplitude relevante para a existência humana.

Assim, o mediador promove a integração de todos no processo de compreensão, interpretação e relação com suas vivências, procurando envolver a turma nas atividades de descobertas proporcionadas pelo texto, conforme afirma Pinheiro (2018, p. 113). “É o professor que deverá ser o mediador dessa experiência com a poesia, e ele precisa estar convencido de que o acesso à poesia é um direito.” Dessa forma, a tentativa deverá ser constante de que a poesia ilumina as trevas da inconsciência e reforça a ideia de Candido (2004) de que a literatura humaniza e desperta os mais diversos sentimentos e consciências.

Inserir a leitura de poesia nas aulas é desafiador, já que é um gênero textual que pouco tem sido difundido, mas diante dessa circunstância, o professor precisa planejar aulas em que haja um contato individual com o texto para que eles produzam sentido em sua materialidade propriamente dita e também ao cotidiano do estudante, com finalidade de envolvê-lo nas leituras propostas.

Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura. (COSSON, 2021, p. 35).

Dessa maneira, deve-se partir de um texto mais familiar ao aluno e, aos poucos, introduzir outros mais desafiadores, ou seja, inicia-se com textos mais simples, de acordo com o contexto dos alunos, até introduzir e explorar obras mais complexas. Esse é um possível caminho para o conhecimento e a emancipação dos estudantes. Aqui, confirma-se o que Freire tanto debateu em suas obras “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2011, 47)

A boa leitura confronta criticamente o leitor com o texto e aprimora a sua capacidade de aprender. Por intermédio da leitura de poesia, os discentes devem dialogar, questionar e

tomar suas próprias decisões, cientes de que o ser humano está em constante desenvolvimento, como alega Freire (2011), é um ser inconcluso, capaz de modificar suas opiniões e ações, desde que tenha conhecimento e emancipação. Por esse motivo, a função do educador é notável, conforme certifica Andruetto,

Ajudar as novas gerações a fazer perguntas, a escutar e escutar-se para que possam compreender quem são e apropriar-se de suas vidas são contribuições mais substanciais que pode fazer a educação. Um professor e uma escola predispostos a escutar e a que diversos outros possam escutar-se entre si constroem um território de atenção horizontal não apenas de um relato instituído, e se constituem, ao mesmo tempo, em veículos de tradução, pontes de fala entre partes. (2017, p. 103).

O papel de mediador dessa descoberta da individualidade e na relação com o outro é importante, porque contribui para o estudante compreender quem é para apropriar-se de sua vida verificando a boniteza que é estar no mundo, como diz Freire (2011, p. 30) “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo.”

1.5 Poesia para quê? - reflexão e criticidade

Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtorna a esperança mesmo no meio do fel do desespero.

Guimarães Rosa

Ao escolher o gênero *poesia*, o intuito é contribuir para a formação crítica do leitor, contudo é necessário compreender o que é criticidade.

De acordo com Silva,

A leitura crítica movimenta-se sempre no horizonte do bom senso, busca e detecta o cerne das contradições da realidade. Dessa forma, pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza novas sínteses, combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos. (2009, p. 28)

Dessa maneira, compreende-se que a leitura crítica precisa tirar o leitor de seu estado de acomodação e levantar questionamentos sobre a realidade, a fim de entender os conflitos, as contradições que existem no mundo. Essa leitura precisa instigar o levantamento de hipóteses diferentes do habitual, e, principalmente, conduzir o leitor a questionar as ideias disponíveis no próprio texto.

Em corroboração com o autor supracitado, é possível retomar a escrita de Freire (1994, p.11) “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescrevê-lo’, quer dizer, de transformá-lo através da prática crítica e consciente.” Sendo assim, a leitura crítica abala o mundo das certezas do ser humano, o desestabiliza, promove questionamentos sobre seu mundo interno, ajuda a reconstruí-lo por meio de reflexões e, posteriormente, gera desejo de mudanças e constante aquisição de conhecimento, pois como o próprio Freire afirma na obra *Pedagogia da Autonomia* (2011), o ser é inconcluso, inacabado. Esse novo *eu*, não vê o mundo e nem sua relação com ele, como via anteriormente, agora, deseja compreendê-lo e transformá-lo. Visto assim, “A leitura, quando é sentida, refletida, indagada, é considerada crítica.” (CAVÉQUIA, 2010, p. 302).

Ainda, conforme Silva (2009), é essencial trabalhar a leitura crítica na escola, já que suas competências não aparecem automaticamente. Compreende-se assim que desde as séries iniciais é fundamental instigar o questionamento ao aluno leitor, como afirma o autor mencionado “As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas para que os estudantes, desde as séries iniciais, desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos.” (2009, p. 28)

À vista disso, o professor mediador deverá organizar estratégias para trabalhar poesia na sala de aula, com finalidade de desenvolver um olhar que penetre nas entrelinhas do texto e traduzam o que há de implícito, além de propiciar questionamentos às certezas relacionadas a realidade. Essas atividades devem ser cuidadosamente elaboradas, com o intuito de estimular a sensibilidade do leitor.

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais da realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. (SILVA, 2009, p. 33).

A partir desse pressuposto, entende-se por primordial o trabalho com a criticidade e a autonomia na escola. E, na prática, a literatura, que aqui é representada pela poesia, promove tais benefícios ao aluno leitor.

Antonio Candido (2004) afirma que a literatura é um direito universal do homem, sendo valorosa para a sua formação e humanização, Para ele (2004, p.180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para

a natureza, a sociedade, o semelhante” constituindo-se elemento fundamental para a formação integral do ser humano.

Todavia, na atualidade a literatura não têm sido tão valorizada e o principal meio de acesso a ela ainda é a escola. A partir dessa visão percebe-se que as ideologias dominantes afetam também a formação de leitores, pois, em alguns casos, propaga-se a ideia de que os textos literários são desnecessários ou ultrapassados e o grande foco tornam-se textos com temática de normas, regras, leis, dentre outros.

Contudo, como diz Candido (2004), as pessoas precisam da literatura para a sua humanização, visto que é muito difícil uma pessoa passar mais de vinte quatro horas sem sonhar e o sonho é a entrega ao universo fabulado, que existe independente da vontade e isso está no cotidiano da existência.

E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (2004, p. 174-175).

A literatura reflete a sociedade e a sociedade cria manifestações ficcionais, poéticas ou dramáticas, mostram as crenças, impulsos, sentimentos e normas sociais, exercendo grande função no ensino, convertendo-se em um instrumento poderoso de instrução e educação. Uma vez incorporada ao currículo escolar, ela é um recurso que conduz à reflexão e análise das diversas situações. De fato, os textos poéticos provocam e instigam o leitor a pensar, analisar e discutir circunstâncias diversas que acometem a humanidade.

Aí está o seu grande potencial político: criar e ler literatura é, em alguma medida, formar ativamente uma certa interpretação da realidade, que nos torna mais íntimos das contradições e das grandes perguntas que se apresentam incontornáveis aos nossos olhos de sujeitos sociais. (PILATI, 2018, p. 38).

Pilati (2018) alerta para o potencial político que tem a literatura, e nessa vertente a leitura revela o diálogo das palavras com o mundo, a problematização que o texto suscita no leitor, incitando-o a tomar um posicionamento crítico diante da realidade social.

Em algumas pessoas, a literatura penetra na alma como uma navalha, pois mostra realidades de sofrimentos e injustiças capazes de desfalecer os mais sensíveis, assim, amplia horizontes e, após esse estado de choque, vem a consciência e a prontidão para o novo, o qual o próprio leitor decidirá o que será: se, de mudança, ação, ou acomodação.

Ao tocar profundamente a alma humana, ela organiza o caos interior, facilita a compreensão do homem e das suas relações e, portanto, humaniza os seus leitores. Todorov atesta essa afirmativa dizendo que

A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (2021, p. 76).

Compreender-se e compreender o próximo e suas relações é primordial para o bem estar individual e coletivo. Recorrendo a Bakhtin (2011, p. 379), que diz “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada).” Esse desenvolvimento crítico parte dessa consciência de que o homem é a junção do outro, daquilo que absorve nas palavras do outro. Assim o dialogismo, que o autor difunde, faz parte desse desenvolvimento, sendo que o homem vive em constante diálogo com o seu semelhante.

O outro aspecto imprescindível da literatura é a habilidade de fazer, em diversas obras, denúncias de exploração, opressão, manipulação. Registra misérias, servidão e até mutilação espiritual, revelando restrição ou negação de direitos básicos do ser humano. É possível que o leitor acesse ou não o sentido dos textos literários nesses aspectos. Isso dependerá do grau de compreensão leitora que ele conseguiu atingir até chegar à condição de um leitor crítico, questionador, “desperto” (para usar um termo do próprio Quintana). À vista disso, pode-se dizer que a criticidade que a literatura pode promover em seus leitores é de valor inesgotável, pois faz o convite à reflexão e à emancipação. Andruetto faz uma declaração sobre isso,

Desde que existe, desde o começo dos tempos, a literatura olha a singularidade humana, a luta de um ser humano entre o que é e o que quer ou pode ser. Para conseguir que essa verdade não seja só de palavras, luta contra o oficial de uma língua e de uma sociedade. Luta contra a homogeneidade dos discursos, nos convida a ser pessoas que pensam e sentem de uma maneira própria. (2017, p. 145).

Contudo, apesar da consciência do valor da leitura para a formação integral do ser, percebe-se que a leitura literária está cada vez mais restrita a uma pequena minoria, visto que a pessoa pode satisfazer sua necessidade de ficção por meio de vários outros produtos, desde filmes, séries, telenovelas, vídeos curtos e outros recursos modernos que estão disponíveis na internet, o que aumenta a necessidade de resgatar o trabalho eficaz com textos literários que envolvam os educandos e os motivem a buscar cada vez mais conhecimento.

Não é fácil formar leitores literários críticos, mas é preciso ter disposição para ir além do processo decodificação e análise gramatical ou semântica, é preciso ampliar os horizontes de interpretação e relacionar as práticas sociais ao contexto real do educando e aos saberes que ele carrega. Para que isso ocorra, o educador deve planejar práticas de leitura que proporcionem a reflexão e criticidade.

Converter-se em leitor leva tempo e é uma tarefa de alta intensidade; trata-se de dar saltos sobre si mesmo até uma consciência maior, de maior complexidade, saltos para, nas palavras de Chambers, enfrentar uma ‘literatura que não se dirija ao público, mas à linguagem’. A boa literatura quer leitores capazes de ler a sério, leitores capazes de compreender que a única liberdade de pensamento é a liberdade que se constrói. (ANDRUETTO, 2017, p. 94).

Posto isso, a presença do texto poético em sala de aula, o qual pode desvelar a realidade por meio da linguagem, da cifra, do jogo entre ritmo e sentido, se bem mediado por um leitor mais experiente como o professor, pode promover o questionamento dialético e, conseqüentemente, a formação crítica do cidadão, o que é imprescindível para, em sentido amplo, melhorar a formação do aluno que é irrefutavelmente um cidadão e melhorar a relação do leitor com a sua própria condição de sujeito. Candido (2004, p. 187) chega a dizer que o esforço pela igualdade de acesso ao texto literário induz à intensificação da leitura, já que essa é o início do processo de conscientização, por meio da leitura reflexiva e crítica. Por consequência, reforça-se a importância de a escola ser o agente principal dessa promoção da leitura em toda a sua extensão. “Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização há um aumento sensível do hábito de leitura, e, portanto, difusão crescente das obras.”

Nesse aspecto, a leitura é um caminho para promover a discussão e reflexão, sendo fonte de inclusão desse saber que a escola carece assegurar aos seus estudantes. De acordo com Zilberman (1991), a leitura conduz o leitor a interpretar o mundo que o cerca, compreendendo-o em uma relação mais racional entre o eu e o coletivo, o que possibilita ao homem a sua percepção enquanto ser social.

Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Pois, se este lhe aparece, num primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. Nessa medida, o real torna-se um código, com suas leis, e a revelação destas, ainda que de forma primitiva e incipiente, traduz uma modalidade de leitura que assegura a primazia de um sujeito, e de sua capacidade de racionalização, sobre o todo que o rodeia. (1991, p.17).

Nesse viés, a literatura ganha destaque, em razão de oferecer, em seus textos, uma amplitude de significados que podem ser explorados dialeticamente, suscitando a crítica e a consciência. Sem dúvida, é um caminho para formar opiniões críticas, tecer conhecimentos em diversas áreas e culturas, além de desenvolver autoconhecimento.

Trabalhar com poesia em sala de aula não tem o objetivo de formar poetas, mas implementar uma educação de qualidade, que media a aprendizagem de maneira crítica, respeitando os saberes que os educandos trazem de suas vivências.

1.6 Poesia para quem? conhecendo o público da Educação de Jovens e Adultos

O poema acolhe o grito, os farrapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído e o sem-sentido: não a insignificância.

Octávio Paz

A proposta de trabalho com a leitura que nessa pesquisa se apresenta contempla um público-alvo bastante especial no que se refere à leitura de poesia: são estudantes que têm uma leitura de mundo mais ampliada, posto que marcada pela vivência de várias situações a que a vida sujeita as pessoas à medida em ela amadurece. Por outro lado, esses mesmos alunos e alunas furtaram-se de frequentar a escola no tempo por razões as mais diversas. É o público da EJA.

A educação de jovens e adultos (EJA) sempre foi um desafio para a sociedade, já que o poder público não a vê como prioridade. Todavia, há muito tempo alguns estudiosos e educadores lutam pela melhoria dessa modalidade de ensino. Esse segmento atende demandas de pessoas que não concluíram seus estudos no tempo regular e que, por algum motivo, foram excluídas do processo.

É importante verificar o percurso histórico que percorreu a EJA, a fim de constatar as batalhas enfrentadas e as conquistas alcançadas. Conforme Gadotti (2011, p. 43-45):

A história da educação de adultos propriamente dita, no Brasil, poderia ser dividida em três períodos:

1° De 1946 a 1958, em que foram realizadas grandes campanhas nacionais de iniciativa oficial, chamadas de "cruzadas", sobretudo para "erradicar o analfabetismo" [...]

2° De 1958 a 1964. Em 1958 foi realizado o 2° Congresso Nacional de Educação de Adultos, que contou com a participação de Paulo Freire. Partiu daí a ideia de um programa permanente de enfrentamento do problema da alfabetização que desembocou no Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo Golpe de Estado de 1964, depois de um ano de funcionamento. [...]

3° O governo militar insistia em campanhas como a "Cruzada do ABC" (Ação Básica Cristã) e posteriormente, com o MOBRAI. O MOBRAL foi concebido como um sistema que visava basicamente ao controle da população (sobretudo a rural).

Em seguida, com a "redemocratização" (1985), a "Nova República", sem consultar os seus 300 mil educadores, extingue o MOBRAL e cria a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem os recursos de que o MOBRAL dispunha. [...]

O primeiro presidente eleito depois de 1961, criou o PNAC (Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania), apresentado com grande pompa publicitária em 1990 e extinto no ano seguinte sem qualquer explicação para a sociedade civil que o havia apoiado.

Em 1989, com a finalidade de preparar o Ano Internacional da Alfabetização (1990), foi criada no Brasil a Comissão Nacional de Alfabetização, de início coordenada por Paulo Freire e depois por José Eustáquio Romão. Ela ainda continua, até hoje, com o objetivo de elaborar diretrizes para a formulação de políticas de alfabetização a longo prazo que nem sempre são assumidas pelo governo federal.

Percebe-se que o investimento na EJA sempre foi mínimo, não sendo considerada importante, uma vez que atende pessoas de idade avançada para a série, geralmente marginalizados e esquecidos pelo poder público. Ao analisar os documentos que dão legalidade a esse tipo de educação, observa-se que a prioridade era o ensino fundamental, enfatizando os direitos dos estudantes até 14 anos, o que excluía os que estavam em outra faixa etária. A partir de Constituição de 1988, houve um avanço importante para essa modalidade de ensino, pois foram concedidos direitos a todos os alunos independentemente da idade, Na Constituição da República Federativa do Brasil está exposto da seguinte forma:

Art. 208 - O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (EC nº 14/96 e EC nº 53/2006)

1 - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;
VII - atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Diante desse artigo da Constituição, Romão/Gadotti (2011) afirma que foi um grande avanço para a Educação de Jovens e Adultos, já que se torna obrigatório proporcionar essa modalidade de ensino a esse público.

Significa dizer que a Carta Magna, pela primeira vez na história da educação brasileira, consagra a obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental para todos os brasileiros, transformando-o em "direito público subjetivo" (§ 1º do mesmo artigo), independentemente da idade do candidato. (2011, p. 51).

O percurso da Educação de Jovens e Adultos não foi fácil e até nos dias atuais continua enfrentando desafio. A Base Nacional Comum Curricular (2017), por exemplo, criada como referência para a educação brasileira, com função de determinar as aprendizagens necessárias para desenvolver competências e habilidades nos estudantes durante a educação básica, não traz especificação para a EJA, deixando uma brecha para esse segmento educacional.

Diante do exposto, a equipe educacional do Estado de Goiás elaborou o Documento Curricular Estadual/2019 (DC-GO) e baseado nele e na BNCC, o município de Goiânia organizou o Documento Curricular para Goiânia/Modalidade EJA/2020 (DC Goiânia-EJA), que se pauta nas seguintes concepções “está orientado nos princípios de igualdade e equidade, a partir de valores éticos, políticos, estéticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, ‘que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva’.” (2020, p.02). Os princípios definidos na BNCC e agregados ao DC Goiânia – EJA contemplam a importância de uma educação de qualidade, contudo, resta esperar que o poder público faça a sua parte, investindo financeira e pedagogicamente nela, promovendo cursos de formação continuada para os professores e valorizando essa modalidade de ensino que sofre para se inserir na sociedade com direitos e deveres respeitados.

O DC Goiânia - EJA precisou se adequar a alguns critérios:

Enquanto a BNCC e o DC-GO organizam o currículo em nove anos, o DC Goiânia-Eaja está sistematizado em oito séries. Isso porque, na elaboração do documento, o conteúdo do quinto ano do componente Língua Portuguesa é distribuído entre a quarta e a quinta séries. Desse modo, na transição dos anos iniciais para os finais do Ensino Fundamental, na modalidade EAJA, permanece a divisão: quatro séries no primeiro segmento e quatro no segundo. Nessa transição, há a redução de tempo de permanência do professor em sala de aula, modificam-se as exigências pedagógicas e amplia-se o número de componentes. Quanto ao componente Língua Portuguesa, destaca-se a unicodência nas séries iniciais, enquanto que, de quinta a oitava cada professor assume a docência específica de sua formação (pluridocência). (DC Goiânia – EAJA, p. 22).

Dessa forma, a nomenclatura usada é de I e II Segmentos com quatro etapas cada um, ou 5^a, 6^a, 7^a e 8^a séries. Em linhas gerais, os alunos da EJA possuem histórias semelhantes de exclusão social e escolar, por diversos motivos, tais como necessidade de trabalhar, gravidez na adolescência, jovens que tiveram conflitos na escola e na família. Tudo isso favorece o afastamento do ambiente escolar. Quando voltam às aulas, apresentam dificuldades de adaptação, principalmente à rotina de frequentar assiduamente as aulas, bem como sentimento de inferioridade, por não estarem na idade regular para a série. O Projeto Político Pedagógico da EJA Goiânia descreve:

A grande maioria dos sujeitos da EAJA possuem histórias semelhantes: histórias de exclusão, de falta de trabalho, de exploração no trabalho, de serem corresponsáveis pela sobrevivência familiar, de “voltar a estudar para crescer e ser feliz”²¹. Essa volta constitui-se em um desafio para muitos educandos, pois eles encontram dificuldades em se adaptar à cultura escolar, em cumprir uma rotina de ir todos os dias para a escola após o cansaço do trabalho e o enfrentamento das adversidades presentes em suas vidas. Por conta desse e de outros fatores vinculados à própria escola, a evasão e a baixa frequência são desafios da EAJA, realidade que se configura em toda a EJA. (PPP EAJA, 2012-2013).

Para vencer tantas barreiras e ser um facilitador da aprendizagem, o professor da EJA precisa promover em uma educação crítica, reflexiva e, como diz Paulo Freire, problematizadora que se conduza pela dialogicidade, esforça-se diligentemente, para que o educando perceba o seu valor como ser no mundo: “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente por meio do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que* e *em que* se acham.” (FREIRE, 2021, p. 100) Essa percepção de sujeito em um mundo coletivo aduz a uma visão diferenciada de sua vida e sua função social. Sem dúvida, a leitura é o caminho de acesso ao mundo letrado e da compreensão dos diferentes processos de exclusão e exploração a que muitos desses estudantes foram submetidos. Lajolo reforça essa declaração,

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. Mas ler, no entanto, é essencial. (1993, p. 106).

Por isso a necessidade de trabalhar o tempo todo com leitura crítica, leitura do mundo e a poesia é um canal para a compreensão e percepção do mundo com suas expressões sociais. Nesse sentido, Cosson diz que “Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.” (2021, p. 17).

Destarte, a escola, torna-se também encarregada por oferecer ao aluno esse bem cultural de valor inestimável, que é eficiente para sensibilizar o espírito, organizar o caos interior e humanizar os seus leitores.

2. UM PERCURSO PELOS QUINTANARES

2.1 O poeta, o cotidiano e poesia

Livros como dádivas, oferendas ou pontes para outros e para zonas desconhecidas de nós mesmos.

Maria Teresa Andruetto

Convicta da dimensão que a poesia pode alcançar, restava agora, partir para a prática, colocar os textos acessíveis aos alunos e contribuir para a formação leitora deles. Ao folhear os livros, eles precisavam compreender que estavam com muito mais que um objeto em suas mãos, pois, como diz Andruetto (2017), o livro converte-se em um ser vivo, que revira o interior humano, propicia questionamentos, perturbação, além de ensinar a olhar as coisas de outra maneira e principalmente contribui para a compreensão de nós mesmos.

Diante dessa consciência, para desenvolver o projeto desta pesquisa, a escolha foi trabalhar poemas de Mario Quintana, em função das temáticas variadas, poemas curtos, prosaicos e da abordagem do cotidiano que o autor tanto empreende. A leitura de poesia em sala de aula proporcionou aos educandos o acesso a textos mais significativos, mais expressivos, do ponto de vista subjetivo, mas, nem por isso, desconectados da sua função social.

Segundo Paz (1982, p. 15), “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior”. Essa amplitude da poesia passou a ser explorada nos textos de Quintana e ofereceu aos alunos a oportunidade de compreender a riqueza desse tipo de leitura. Esse conhecimento foi chegando aos poucos em sala de aula e desvelou o seu poder de salvação da mesmice, da falta de motivação, da apatia e mostrou que a obtenção do conhecimento pode transformar o mundo, a partir da individualidade e estendendo-se ao coletivo.

De acordo com Candido (2004), a criação poética é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades e ainda, segundo ele, deve ser acessível a todas as pessoas, independente se é um analfabeto ou um erudito, ou seja, qualquer pessoa está apta para desfrutar as revelações que a obra traz, por isso, esse projeto trabalhou a poesia em sala de aula, tendo como público-alvo os estudantes do II segmento da EJA (6^a, 7^a e 8^a séries), uma vez que é um segmento educacional com uma variada faixa etária, geralmente, invisíveis para as políticas públicas educacionais e para sociedade, mas que merecem ter seus direitos respeitados, dentre eles o direito à literatura, como defende Candido (2004).

Os poemas que foram explorados em sala de aula são do poeta Mario Quintana, um grande nome da literatura brasileira. Sobre este, assinala Tânia Carvalhal (2006) que Mario de Miranda Quintana nasceu em 1906, no dia 30 de julho, na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul. Era filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e Virgínia de Miranda Quintana. Os avôs materno e paterno eram médicos. Viveu toda a infância em Alegrete, num casarão de esquina, e aprendeu a ler com os pais, soletrando as manchetes do jornal *Correio do Povo*. Também com o apoio dos pais, teve mais tarde acesso à poesia. Enquanto o pai lhe recitava o episódio do Gigante Adamastor, personagem de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, a mãe, educada no Uruguai, declamava Espronceda e Bécquer, poetas espanhóis.

Concluiu o curso primário em escolas de Alegrete e em 1919 foi matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato. Conta que só estudava Português, Francês e História, não se interessando pelas demais matérias. Em 1924 empregou-se na Livraria do *Globo*, "Era um emprego muito agradável, porque eu trabalhava de desempacotador na seção de livros estrangeiros. Eu devia desempacotar as raridades francesas...", diria depois.

Segundo Carvalhal (2006), em 1925 retornou a Alegrete, onde trabalhou como prático na farmácia de seu pai. No ano seguinte, perdeu a sua mãe. Contudo nesse mesmo ano, foi premiado em um concurso de contos do Jornal *Diário de Notícias* com o trabalho "A sétima personagem". Em 1927, morreu-lhe o pai, ainda no mesmo ano, um poema seu foi publicado por Álvaro Moreyra na revista *Para Todos*, do Rio de Janeiro. No ano de 1929, ingressou-se na redação do jornal *O Estado do Rio Grande*, em Porto Alegre e começou a conviver com intelectuais de sua geração: Augusto Meyer, Theodemiro Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Moisés Vellinho, Sotéro Cosme, Erico Verissimo.

Vivia só, em pensões modestas ou em quartos de hotéis, em especial no antigo Hotel Majestic. O prédio do Hotel Majestic, residência do poeta entre 1968 e 1980, foi tombado como patrimônio histórico do Estado do Rio Grande do Sul em 1982, tornando-se Casa de Cultura Mario Quintana com base na lei promulgada em 8 de julho de 1983.

Depois de 1980, viu-se, de repente, sem casa. Ironicamente, observou: "Não tem importância. Moro dentro de mim mesmo." No entanto, foi morar no Hotel Royal, de propriedade do atleta Paulo Roberto Falcão, que lhe cedeu o quarto 203, em regime de usufruto. Posteriormente, mudou-se para o Hotel Porto Alegre Residence, na Rua André da Rocha, no centro de Porto Alegre, onde ficou até o fim da vida.

Ainda, conforme descreve Carvalhal (2006), Quintana trabalhou como tradutor de vários autores franceses e de outras nacionalidades. Entre outros, traduziu Marcel Proust, Guy de Maupassant, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Somerset Maughan e Joseph Conrad.

O seu primeiro livro, *A rua dos cataventos*, foi publicado pela Editora Globo, de Porto Alegre, em 1940. Em 1943 iniciou a publicação da seção *Do Caderno H*, na Revista *Província* de São Pedro e dez anos depois começou a trabalhar no jornal *Correio do Povo*, onde escreveu a seção *Do caderno H* até 1980. No período de 1943 a 1953, ele publicou as obras: *Canções* (1946), *Sapato Florido e o Batalhão das Letras* (1948), *O Aprendiz de Feiticeiro* (1950); *Espelho Mágico* (1951); *Inéditos e Esparsos* (1953); *Poesias* (1962), volume que reuniu seus cinco livros anteriores.

A partir 1965 continuou publicando livros e antologias, dentre elas *Antologia poética* (1966), o livro *Caderno H* (1973); *Pé de pilão* (1975) obra infanto-juvenil; *Apontamentos de História sobrenatural e Quintanares*, edição-brinde de poesias (1976); *A vaca e o Hipogrifo* (1977) *Prosa e verso*, antologia paradidática (1978); *Na volta da esquina* (antologia (1979); *Esconderijos do tempo* (1980); *Nova antologia poética* (1981); *Lili inventa o mundo* (1983); *Nariz de vidro* (1984); *Baú dos espantos* (1986); *Da preguiça como método de trabalho e Preparativos de viagem* (1987); *Porta giratória* (1988); *A cor do invisível* e *Antologia Poética* de Mario Quintana (1989); *Velório sem defunto* (1990); *Sapato furado*, antologia infanto-juvenil (1994) e ainda teve a publicação póstuma, do livro *Água* (junho de 1994).

No relato de Carvalhal (2006), mostra que durante a sua trajetória Quintana recebeu muitas homenagens e títulos que reconheceram o seu valor para a literatura brasileira. Entre eles, em 1966, no dia 25 de agosto foi saudado na Sessão da Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira, que lhe dedicaram um poema, intitulado "Quintanares"; que foi incorporado para sempre a sua biografia. Nessa ocasião, encontrou, além de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, um de seus poetas prediletos.

Em 1967, recebeu o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre, conferido pela Câmara de Vereadores. Nessa ocasião, proferiu a seguinte frase: "Antes, ser poeta era um agravante. Depois, passou a ser uma atenuante. Vejo agora que ser poeta é uma credencial." No ano de 1968, foi homenageado pela Prefeitura de Alegrete com uma placa de bronze, na praça principal da cidade, onde foram inscritas suas palavras: "Um engano em bronze é um engano eterno".

Em 1980, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra literária. Ele recebeu vários títulos de Doutor Honoris Causa, concedidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), outro pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e Universidade de Campinas (UNICAMP) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No mesmo ano, foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, entre escritores de

todo o país, em promoção realizada pela Academia Nilopolitana de Letras. É o quinto poeta a receber esse título Seus antecessores são: Olavo Bilac, Alberto Oliveira, Olegário Mariano e Guilherme de Almeida.

Morreu, no dia 5 de maio de 1994, aos 88 anos, em Porto Alegre, onde viveu a maior parte de sua vida. A esta cidade dedicou um de seus poemas mais conhecidos, "O mapa", transcrito em bronze na Praça da Alfândega, no centro da cidade. Nessa praça está também eternizada sua figura em bronze, na companhia do poeta Carlos Drummond de Andrade, em esculturas de Francisco Stockinger. (CARVALHAL, 2006)

Mesmo com uma biografia tão rica, ele tentou ingressar na Academia Brasileira de Letras por três vezes e não conseguiu, possivelmente por questões políticas internas da Academia, contudo, diante das tentativas frustradas, escreveu o *Poeminha do Contra*, uma resposta bem humorada às seguidas negativas que sofreu.

Poeminha do Contra

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão... Eu passarinho! (CH, p. 28).

Perante o poeta tão premiado e renomado, a escolha do *corpus* da pesquisa foi por utilizar *Apontamentos de História Sobrenatural*, *Caderno H* e *Espelho Mágico*, a fim de desenvolver o projeto que envolve a formação de leitores literários críticos, conscientes de sua subjetividade e sua relação com a coletividade. Como haverá repetição dos títulos das obras quintaneanas, serão utilizadas abreviaturas para referir-se a elas. Seguem os livros com as abreviaturas: *Apontamentos de História Sobrenatural* (AHS), *Caderno H* (CH), *Espelho Mágico* (EM).

A relevância desse estudo fundamenta-se no interesse em formar leitores conscientes de que a poesia é reveladora do cotidiano e da existência, o que Quintana faz muito bem, por meio de palavras simples, adequadas e bem colocadas, que conseguem captar a essência do ser e das coisas ao seu redor, além da maioria de seus textos serem sintéticos e carregados de humor, o que é propício para trabalhar em sala de aula e cativar os educandos.

Mario Quintana fez sua primeira publicação com um livro de sonetos, poemas de forma fixa, isso em plena geração modernista que pregava o verso livre, o que ocasionou a alguns críticos classificá-lo como poeta do passado. Segundo Yokozawa (2006), o autor, realmente, permaneceu com algumas tendências simbolistas, entretanto também se destacou por incorporar várias características modernistas, tais como “a diluição das fronteiras rígidas entre a forma da

poesia e a da prosa e a poetização da matéria cotidiana, do ritmo pedestre e da linguagem prosaica.” (2006, p. 131). Dessa forma, ele consegue lidar com temas poéticos e não poéticos, a fim de expressar o corriqueiro da vida e assim, usa da liberdade dos modernistas para escrever da forma que melhor lhe agradasse. Tânia Carvalho (2006) afirma que o poeta sempre teve como primordial em suas obras, a preocupação com o fazer poético, independente de escolas que o pudessem engessar, mas preocupava-se em mostrar a essência da matéria escolhida para seus versos.

A reunião da poesia de Mario Quintana possibilita que se perceba com clareza sua constante preocupação com o fazer poético. São muitos os poemas nos quais reflete sobre a natureza da poesia e a função do poeta. Desde os primeiros livros, identificamos o cuidado com a escrita. (2006, p. 22).

Alguns críticos diziam que o poeta não era engajado com questões sociais, temática privilegiada do período em que iniciou seus escritos, no entanto, como objetivou trabalhar com temáticas cotidianas, não poderia se distanciar dessas questões. Ao tentar retratar a vida diária, também resgata valores humanos e, indispensavelmente, lida com os problemas coletivos. Yokozawa declara isso,

[...] sua práxis poética pode ser lida a partir de um ponto de vista que privilegia a sua vinculação com o contexto que a originou. E o que esse ponto de vista revela é uma poesia compromissada, de um comprometimento dissimulado, pois implícito, uma poesia altamente empenhada em redescobrir valores humanos que tendem a ser desmorados ou extintos pela estrutura social moderna.

Isso posto, pode-se dizer que Quintana é engajado sem sê-lo [...] (2006, p. 43).

E ainda, segundo a autora supracitada, mesmo através do silêncio, da falta de declaração visível, o poeta mostra um desgosto para com a sociedade em que vive. “Nota, ainda, que o silêncio do poeta sobre a vida moderna é revelador, porque nesse silêncio está cifrado o seu desgosto por esse modo de organização da experiência” (YOKOZAWA , 2006, p. 45).

A obra do poeta é marcada por um lirismo intimista que retrata a subjetividade humana, envolve a sensibilidade do poeta e do leitor. Para ler Quintana é preciso ouvir a sua voz com muita atenção e receptividade, preparar-se para um texto que toca a alma e reflete na interpretação do mundo exterior. Sobre isso, se pronuncia Fausto Cunha, na obra de Carvalho.

A poesia de Mario Quintana é toda intimista: ela se forma na zona de superfície da sensibilidade; ela exige, para se comunicar, que o leitor se encontre no estado de espírito propício, que se disponha a confidências sussurradas, que se determine a ouvir um poeta de voz mansa, suave e delicada. Pois, neste poeta gaúcho, tudo é delicadeza, é simplicidade, é humildade. (2006, p. 53).

É com esse lirismo, impregnado em sua obra, que adentra vários temas da vida rotineira e traduz suas impressões sobre aquilo que o rodeia, mesclando em seus textos, a percepção íntima das pequenas e grandes coisas da vida com o universo exterior, o que propicia ao leitor reconstruir suas impressões e análise da existência. Assim, afirma Yokozawa, “é com essa voz íntima, subjetiva, que o poeta canta ternamente a cidadezinha interiorana, a ruazinha sossegada e noturna, a infância, se compadece do menino doente e lhe compõe um soneto, recorda os amigos mortos, conversa com e sobre a morte.” (2006, p. 143)

Dentre as características das obras de Quintana, pode-se dizer que há um destaque para o retrato do cotidiano, como afirma Yokozawa (2006, p. 42) a “maior contribuição à poesia brasileira residiria na fixação do cotidiano, na aguda percepção das coisas miúdas.” Essa representação do costumeiro é uma busca constante em sua poesia, como é perceptível em suas obras, e isso não é uma simples referência, mas o poeta usa a sua imaginação e conduz com muito humor e criticidade, contribuindo para a reflexão sobre o que é comum a todos. As banalidades do dia a dia ganham uma proporção e importância maior, passam a ser vistas e analisadas por outra perspectiva, a do poeta, que mostra tudo com um valor essencial para as mudanças e reflexões sobre a vida.

Há na obra de Quintana uma redução geográfica do mundo observado. Nela as pequenas coisas ganham uma dimensão diferente, aumentada. São vistas em si mesmas, mas adquirem ainda outros significados que lhes são atribuídos pela imaginação do poeta. A propensão ao animismo é fartamente explorada nesta poesia na qual os objetos, personificados, assumem, por vezes, maior relevo que os seres. (CARVALHAL, 2006, p. 19).

A imaginação quintaneana é primorosa, inclusive, de acordo com Peixoto (1994, p. 15), “Se procurássemos resumir em um único vocábulo o que é Mario Quintana, a essência de sua poesia, esse vocábulo seria **imaginação**. Para Quintana, poesia e imaginação se confundem; são, na realidade, uma mesma coisa”. Ao observar a poética de Quintana, constata-se que, realmente, a sua imaginação é fértil, pois consegue traduzir em palavras as mais diversas situações. Capta fatos, objetos habituais e os transforma em algo mágico. Ele reinventa, recria, reimagina a realidade e a verdade, sem se subordinar ao considerado normal.

Essa ligação do poeta com o cotidiano pode ser relacionada ao seu trabalho como jornalista e tradutor por muitos anos, graças a estar sempre rodeado de crônicas e notícias, muitas vezes fatalistas e sensacionalistas e, também, pelo contato direto com grandes nomes da literatura estrangeira, ao traduzir autores clássicos como Marcel Proust, Virginia Woolf, dentre

outros. Dessa forma, consegue mostrar o habitual com um lirismo poético que envolve e cria uma imagem redimensionada do objeto de sua poesia.

A leitura do cotidiano, essencial em sua obra, manifesta não só a capacidade do poeta de transformar as coisas rotineiras em poesia como também a experiência de homem de jornal, que encontra nas notícias sua matéria. Muitas vezes, sua poesia é uma crônica, fornecida pela vida. O lirismo se associa ao travo crítico para retratar o quadro cotidiano no qual são personagens preferenciais as velhas senhoras gordas, os mortos, objetos do olhar voraz do Anjo Malaquias. A própria poesia e seus recursos não escapam da maneira irônica de configurá-los, como está posto em "o encontro", de Baú de espantos. (CARVALHAL, 2006, p. 26).

Para Quintana, tudo pode ser assunto de sua poesia, desde objetos simples, banais, utilizados no dia a dia, como animais, lugares onde viveu ou imaginou viver, personagens reais e fictícios, os sons, as lembranças, a morte, e, enfim, a vida com suas belezas e tristezas. Dentro dessa mistura do real com o ficcional, consegue-se observar o poema *Pequena crônica policial*, presente na obra *Canções*, em que mostra a morte trágica de uma prostituta grávida que é assassinada de modo cruel. Ao ler esse poema, a sensibilidade é aguçada, principalmente, ao tomar conhecimento que a mulher estava grávida de uma menina, o texto choca, mas conduz à reflexão, pois incita a pensar se a criança não teria o mesmo destino da mãe.

Pequena crônica policial

Jazia no chão, sem vida,
 E estava toda pintada!
 Nem a morte lhe emprestara
 A sua grave beleza...
 Com fria curiosidade,
 Vinha gente a espiar-lhe a cara,
 As fundas marcas da idade,
 Das canseiras, da bebida...
 Triste da mulher perdida
 Que um marinheiro esfaqueara!
 Vieram uns homens de branco,
 Foi levada ao necrotério.
 E quando abriam, na mesa,
 O seu corpo sem mistério,
 Que linda e alegre menina
 Entrou correndo no Céu?!
 Lá continuou como era
 Antes que o mundo lhe desse
 A sua maldita sina:
 Sem nada saber da vida,
 De vícios ou de perigos,
 Sem nada saber de nada...
 Com a sua trança comprida,
 Os seus sonhos de menina,
 Os seus sapatos antigos! (Quintana, 2012, p. 55).

Esse poema narrativo baseia-se em achados da vida real, mas que foram escritos com toda a sensibilidade de perceber que coisas habituais podem ser vistas de um ângulo diferente. Assim, o poeta consegue criar uma poesia que abala, faz refletir e desenvolve a criticidade frente ao mundo. Carvalhal confirma essa variedade de elementos, “É surpreendente como convivem, na poesia de Quintana, elementos tão contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o sobrenatural, na simultaneidade de passado e presente.” (2006, p. 26)

Em relação à linguagem, percebe-se que o poeta possui grande conhecimento da língua portuguesa, sabe diferenciar a norma culta da coloquial perfeitamente, no entanto, consegue adaptar-se às variações que julga necessárias em seus textos, Becker alega que,

É a linguagem do poeta que se ajusta de forma exemplar à temática de seus poemas. Ora coloquial, ora purista, e valendo-se com liberdade das mais variadas formas literárias fornecidas pela tradição clássica, sem deixar de criar poemas inovadores em verso livre ou, mesmo, em prosa, Quintana é antes de mais nada um exímio inventor e produtor de formas verbais. Sua sensibilidade o conduz a uma constante experimentação com a linguagem, com o objetivo de torná-la expressiva, pois só assim ela alcançará um efeito mais direto sobre o leitor. (1996, p. 14).

O poeta escolhe o que quer escrever e trabalha em prol de uma elaboração perfeita para seus textos, prefere palavras simples, mas que conseguem alcançar profundidade de expressão. Opta, preferencialmente, por usar a ordem direta nas orações, o que torna a sua maneira de exprimir mais próxima à língua utilizada na vida rotineira. É dessa forma que alega Yokozawa,

Palavras simples, uma sintaxe que privilegia a frase padrão e a ordem direta dos componentes da oração, os lugares comuns do idioma, como é o caso do clichê "o amor é um vírus" (AHS, p. 51), esses são alguns dos elementos que atestam a recorrência que o poeta faz à língua de todo dia. Mas estilizar a linguagem coloquial não quer dizer reduplicá-la. Quintana se vale dessa linguagem como Augusto dos Anjos se vale de termos científicos. Nos dois casos, ocorre aquilo que Merquior chama de "mímese interna", que é a mímese, a invenção, no nível da linguagem (2006, p. 65).

No mundo poético de Quintana, percebe-se um uso acentuado de reticências e do ponto de exclamação, diminutivos e letras maiúsculas simbólicas, esses recursos aproximam a língua escrita da fala cotidiana, além de chamar a atenção para o que não foi dito, ou destacar algo que foi grafado nos versos. Enfim, o poeta é um artífice da linguagem, que explora diversos recursos a favor de uma boa expressividade. Yokozawa esclarece o uso de tais recursos e diz que são marcas da autoria singular do poeta.

É verdade que as reticências em Quintana às vezes soam excessivas, integrando, ao lado dos diminutivos e das maiúsculas alegorizantes, aqueles "pontos cegos" em que incorrem todos os que se arriscam na perigosa arte de escrever, na perigosa arte de viver. Mas os defeitos também compõem o estilo, como olhos excessivamente grandes definem uma fisionomia. Os quintanares sem as reticências e outros "pontos cegos" talvez fossem expressões poéticas melhores... Mas não seriam os quintanares. Seriam outros cantares... Difícil imaginar a poesia quintaneana sem os três pontos que ficam vibrando na alma do leitor, (sugerindo-lhe o que o poema não diz, falando-lhe onde o poeta silencia (2006, p. 148).

Com o uso dos elementos acima, ele alcança uma musicalidade poética que encanta e sensibiliza o leitor. Isso acontece pelo emprego de alguns recursos que somente quem tem conhecimento da linguagem consegue realizar. Esses recursos propiciam um texto com alta qualidade musical. A esse respeito assinala Yokozawa,

Os meios de que se vale essa poesia para se fazer musical são outros que aqueles da música propriamente dita. Rimas, assonâncias, aliterações, estribilhos e marcação rítmica são alguns recursos sonoros que fazem com que a palavra poética cante, ainda que na leitura silenciosa do gabinete, e exerça poder encantatório semelhante ao do gênero musical (2006, p. 87).

O poeta que canta tantas coisas simples, que reinventa o cotidiano a seu modo, também utiliza outro traço diferencial em seus textos: o uso da ironia e humor, o que se converte em uma riqueza de sua obra. Em alguns casos, pode-se dizer que utiliza a ironia sutil, que abala as estruturas do leitor e o desestabiliza, provocando um caos interior, como é próprio da poesia, para posteriormente se reorganizar de maneira modificada. Em outros momentos utiliza do humor refinado, que provoca o riso, contudo, no mesmo instante a desconfiança, questionamentos e a reflexão crítica sobre o que foi lido. Acerca disso, Yokozawa declara,

Trata-se de uma mirada que reinventa o ordinário. Nessa reinvenção, o poeta recorre muita vez ao humor, a uma ironia sutilíssima, de modo a apresentar uma visão desestabilizadora da vidinha diária aparente mente sólida, das verdades assentadas do senso comum, ou ainda dos valores estabelecidos pela tradição literária (2006, p. 64).

Isso posto, dá para atestar que o lirismo irônico é uma característica marcante de sua obra e que dessa combinação, que parece contraditória, o assiste em sua expressão e reconstrução da vida cotidiana. O humor utilizado nos quintanares consegue desestabilizar o que parecia estável, questionar verdades da vida costumeira, libertando o leitor de conceitos tidos como absolutos.

Outro fator peculiar é ser adepto do prosaico e longe de ser somente uma expressão espontânea da linguagem escrita, ele é capaz de fundi-la com o lirismo e pura poesia, conforme Peixoto (1994, p. 24) declara, “Quando a prosa se vale das imagens, é poesia com outro nome”.

A genialidade de Quintana transparece tanto na criação de poemas de forma fixa, como os sonetos de *A rua dos cataventos*, ou os epigramas de *Espelho Mágico*, assim como em seus poemas de verso livre, ou com estilo prosaico, ficando claro que esse viajante no tempo e no espaço, tanto soube escrever em versos quanto em prosa, sem contudo fugir do lirismo que tanto enaltece sua obra.

Em Quintana, o leitor se depara tanto com textos em verso que são "quase prosa" quanto com textos em prosa que são pura poesia, tanto com poemas como "Pequena crônica policial" (C, p. 51-52) e "Crônica" (AHS, p. 12-13), em que a matéria poética é, a exemplo de Manuel Bandeira, "tirada de uma notícia de jornal", quanto com uma prosa lírica como a que se segue (YOKOZAWA, 2006, p. 184).

Ademais, a poesia de Quintana alcançou popularidade e notoriedade tanto por nomes conhecidos da literatura, como Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Paulo Mendes Campos, dentre outros, "a reunião de seus poemas prova que, além de ser o maior lírico da poesia sul-rio-grandense, Mario Quintana ocupa um lugar especial na moderna poesia brasileira, como o reconheceram poetas da dimensão de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira." (CARVALHAL, 2006, p. 27). Esse reconhecimento do poeta alegretense veio também em algumas homenagens feitas em versos, como, por exemplo, temos o poema de Manuel Bandeira:

A Mario Quintana

Meu Quintana, os teus cantares
não são, Quintana, cantares:
são, Quintana, quintanares.

Quinta-essência de cantares.
Insólitos, singulares...
Cantares? Não! Quintanares!

Quer livres, quer regulares,
Abrem sempre os teus cantares
como flor de quintanares.

São cantigas sem esgares.
onde as lágrimas são mares
de amor, os teus quintanares.

São feitos esses cantares
de um tudo-nada: ao falares,
luzem estrelas e luas.

São para dizer em bares
como em mansões seculares
Quintana, os teus quintanares

Sim, em bares, onde os pares

se beijam sem que repares
que são casais exemplares.

E quer no pudor dos lares,
quer no horror dos lupanares,
cheiram sempre os teus cantares

Ao ar dos melhores ares,
pois são simples, invulgares,
Quintana, os teus quintanares.

Por isso peço não pares,
Quintana, nos teus cantares..
Perdão! Digo quintanares.

Igualmente, sua poesia conquistou também o grande público e, os possíveis fatores dessa popularidade, segundo Yokozawa (2006), podem ser as antologias paradidáticas, utilizadas nas escolas, a publicação de seus textos pelo jornal porto-alegrense *Correio do Povo* e, em nível nacional, a página literária por ele assinada na revista *Isto É*. Além de tais constatações, é preciso reconhecer que sua forma de escrever textos curtos, bem humorados, poemas de forma fixa e livres, feição proverbial a poemas surrealistas, conseguiram alcançar um público também amplo e diversificado.

Para Peixoto (1994, p. 07), Quintana “[...] se destaca por apresentar uma poesia altamente individual, fruto de uma personalidade criadora que recusa veementemente todo e qualquer tipo de classificação para si e para sua obra, bem como qualquer filiação a escolas e modismos literários.” Dessa maneira, ele percorre um caminho por conta própria, sem amarras ou dever de explicações a outrem, mas, sim, é comprometido com sua poesia e consigo mesmo.

Entretanto, mesmo sendo uma lírica que se popularizou, percebe-se que são textos que parecem simples, aparentam facilidade de interpretação, porém, evidenciam enorme profundidade no uso da linguagem e das imagens construídas, o que facilita a relação com o leitor, mas sem deixar de revelar intrinsecamente seu mundo interior e instigar a reflexão. Yokozawa fala sobre isso, "Que ninguém se deixe levar pela leveza da poesia de Mario Quintana! Ela é leve, sim, mas como o ar, que alimenta ou envenena. Diria mesmo: existe um peso metafísico no alumínio verbal de Quintana" (2006, p. 90).

Na apresentação do livro *A preguiça como método de trabalho*, ele transcreve o texto escrito em 1984, para a revista *Isto É*. Nessa publicação, fala sobre si mesmo e sobre seus textos. Para ele, seria difícil se descrever, pois tudo que é, está em seus poemas “Minha vida está em meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.” (QUINTANA, 2009, p. 45), Dessa forma, para conhecer um pouco mais desse

artista da palavra, é necessário ler a sua obra, ademais é nela que constam detalhes de sua existência e sua relação com o mundo.

Na mesma apresentação supracitada ele diz que prefere citar as opiniões dos outros sobre ele, no entanto, ao mencionar tais pontos de vista, ele discorre, acrescentando ou discordando das ideias alheias.

Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que nunca acho que escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de autossuperação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros? (QUINTANA, 2009, p. 45-46).

Nesse fragmento, é oportuno observar um pouco mais a grandeza do poeta, que consegue visualizar e assumir suas próprias falhas, imperfeições ou sua própria individualidade. Outro fato interessante na vida do poeta alegreense é a respeito de uma homenagem que a prefeitura de sua cidade natal queria prestar-lhe, para isso iriam escrever uma frase, de sua autoria, na praça central do município, mas ele age com seu tom irônico e provoca uma crítica a si mesmo, segundo denota Fischer & Fischer,

Tudo culmina de modo quintanesco, quando a prefeitura de sua cidade natal, Alegrete, resolve fazer uma placa em bronze para eternizar alguma frase do poeta na praça central da cidade. Era o ano de 1968, e Quintana, no melhor de seu cortante humor, não teve piedade, nem de si mesmo, e esculpiu a seguinte frase: ‘Um engano em bronze é um engano eterno (2006, p. 63).

O poeta sempre teceu uma autocrítica sobre sua obra, sendo rigoroso com sua produção, de acordo com Fonseca (2009, p. 134). Em determinada ocasião, Quintana prefaciou um livro para um poeta bageense que dizia “A vida me ensinou que a gente só gosta de quem é parecido com a gente. Lendo os versos de Fulano de Tal, vejo que somos muito diferentes. Talvez esteja aí o seu grande valor.” Por essas palavras, demonstra que o gosto pelo igual impede de ver além de si mesmo, e de perceber características novas que podem ter grande valor. Ao citar que os versos de “Fulano de Tal” são diferentes dos seus, e que por isso devem ter maior valor, faz uma autocrítica ao seu modo quintaneano de escrever, entretanto, isso não o desvaloriza, pelo contrário, faz com que o leitor note o exímio artesão da palavra, que exige de si o melhor na construção de sua obra poética.

Outra curiosidade sobre esse escritor é que sempre fugiu das padronizações e dos enaltecimentos, fugia até mesmo aos elogios, como diz Fonseca,

Sempre arredio, Quintana garantia que era preferível ser alvo de um atentado do que de uma homenagem: era mais rápido e sem discurso. Com o tempo, se acostumou, até gostou, mas com ironia costumeira disse que eram tantas que nem lhe sobrava tempo para morrer. É preciso notar que muitas dessas homenagens foram uma tentativa de institucionalizá-lo. Sob o rótulo de anjo, queriam-no doce e apenas doce. Mas Quintana uma vez disse que nele havia um anjo e um demônio e que, ao contrário do que se podia pensar, não brigavam entre si, conviviam (2009, p. 159).

Com isso, afirma que dentro dele conviviam naturalmente o lado bom e ruim do ser humano, o que, certamente, facilitou o diagnóstico de tantas obscuridades nas atitudes das pessoas e, conseqüentemente, o direcionou ao uso da ironia e humor para mostrar tais características.

Portanto, o poeta é um ícone da literatura brasileira, digno de ser estudado e divulgado, sendo seus textos de forte influência para a reflexão e desenvolvimento da criticidade, por isso foram escolhidos para nortear o projeto de leitura de poesia em sala de aula, visando à formação de leitores críticos na Educação de Jovens e Adultos.

2.2 Apontamentos de história sobrenatural: subjetividade, reflexão e criticidade nos poemas de Quintana

Emergência

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que ainda estás em uma cela
Abafada,
Esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo
- para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.
Mario Quintana

Em 1976, Mario Quintana publica *Apontamentos de História Sobrenatural*, o que para ele seria a primeira obra que seguia a cronologia de fato. “Eis o meu primeiro livro cujos poemas saem mais ou menos na sua ordem cronológica. Porque antes se reuniam numa ordem lógica.” (QUINTANA, 2012, P. 15).

Outro fator interessante é o nome do livro: *Apontamentos de História Sobrenatural*, título que conduz o leitor a imaginar que sua obra está repleta de seres ficcionais, realidade extraterrestre e sobrenatural, no entanto, o leitor se depara com o real da vida e vai descobrindo que ele reproduz a realidade rotineira, alagada pelo sonho, pela magia poética, de forma onírica e sobrenatural com finalidade de retratar o que há de mais habitual na existência, como se pronuncia Yokozawa,

Para um leitor que não tenha familiaridade com a poesia de Quintana, com o insólito dos títulos dos seus livros, a simples leitura desse título poderia criar a expectativa de

que a matéria do livro é o sobre-humano, o extraterreno. Essa expectativa se desfaz ante a leitura dos primeiros poemas, reveladores de que a realidade recriada não é outra que esta que se desenrola diante dos olhos do leitor. E este se indaga: - Mas onde o sobrenatural? E é então que descobre que o sobrenatural, do livro e da vida, está aqui, nesta realidade de todo dia (2006, p. 155).

Essa obra foi lançada para comemorar os 70 anos do poeta e nela encontra-se tanto formas tradicionais como sonetos e odes, como também poemas de versos livres e a tão cultivada prosa poética. Em relação à temática, ele trabalha com a diversidade de assuntos, objetos, fatos e acontecimentos da vida corriqueira, traz memórias e reflexões sobre as fases da vida - infância, adolescência, velhice -, bem como, trata da temática do tempo, da vida, da morte, da própria poesia e da imaginação. Essas temáticas são embaladas de humor e ironia, muita subjetividade, bem como, transparece-lhes o seu avesso, com tiradas inusitadas e fabulosas, muitas vezes embebidas com o transcendental.

Yokozawa fala sobre a atitude do poeta de fundir-se com aquilo que ele retrata, pois dessa forma consegue revelar uma visão singular do objeto da poesia.

Como decorrência dessa forte subjetividade, dessa atitude do poeta que, em vez de se distanciar do objeto a ser descrito para vê-lo com mais nitidez, a ele se funde, tem-se a diluição dos contornos nítidos do modelo e a criação de retratos que nada representam com exatidão (talvez seja lícito falar em antirretrato), mas que muito sugerem, à maneira de um retrato pictórico moderno (2006, p. 52).

Em vários textos dessa publicação, Quintana fala sobre a própria poesia, é o caso do poema *Emergência* (AHS, p. 59), em que transborda em sua definição do poético, quando menciona que “Quem faz um poema abre uma janela”, essa janela é para a vida ou mesmo para a sua compreensão e chega a exprimir que “Quem faz um poema salva um afogado”, ou seja aqueles que estão perdidos nesse mundo, sentindo-se mortos, a poesia tem essa função de despertar para o valor da existência, pois, segundo Peixoto, (1994, p. 34) a poesia quintaneana tem “um fim mais complexo: o aperfeiçoamento da alma humana”.

Também, em *Aula inaugural* (AHS, p. 146), fica explícito que acredita ser a poesia uma tábua de salvação para o caos da vida, tanto para o poeta quanto para o leitor “Fora da poesia não há salvação / A poesia é dança e a dança é alegria / Dança, pois, teu desespero, dança / Tua miséria, teus arrebatamentos / Teus júbilos” Essa salvação atenua as dores e sofrimentos, proporciona alívio e refúgio, também expressa a alegria e esperança e no fim do texto, ainda nomeia o poeta de “encantado dominador de monstros”, monstros que metaforicamente representam as imperfeições, as atrocidades da existência. E a única forma de concretizar esses versos salvíficos é através da leitura, momento em que poderão fundir-se autor e leitor e assim materializar o ato de esperança, a luz em meio as trevas de dias difíceis.

Em outro texto, *Poemas* (AHS, p. 47), utiliza a figura do grilo para mostrar a procura da poesia, “o mais puro diamante”, porém, revela que essa busca interminável pela noite a dentro é inútil, pois a primorosa poesia está na própria loucura. “E se o que tanto buscas só existe/ em tua límpida loucura/ - que importa? / isso / exatamente isso / é o teu diamante mais puro”. Nessa descoberta de que na loucura se produz poesia, vai se reinventando e criando outros poemas metalinguísticos, na tentativa de explicar o que para ele mesmo é pura magia. Como coloca no poema *Poesia & Magia* “A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica.” (CH, p. 59). Enfim, para o autor, a poesia é encantatória, com significados elevados, salvação para a humanidade perdida no caos.

Além de falar sobre a própria poesia, outro tema recorrente é a morte, com a qual ele lida como uma companheira de jornada que o acompanhou desde o dia de seu nascimento, mas que também faz refletir sobre a vida e o seu valor. Assim salienta Carpinejar, no prefácio de *Velório sem defunto*,

A morte para ele não é triste, nem trágica, é um mistério necessário ("as coisas sem nome") para respeitar a vida.

Sem a morte, a vida não seria valorizada. Seria agredida, banalizada, esgotada.

Sua teoria tem consistência existencial: morrer é parcelado, é acreditar naquilo que se viveu para aceitar - devagar - o que não podemos fazer. (QUINTANA, 2013, p. 09).

A temática da morte está em outras obras do autor, contudo em AHS perpassa de forma sutil em vários poemas e funde-se com outra temática que é a passagem do tempo, como está presente em *O tempo e o vento* (AHS, p. 19), em que diz “Havia um relógio onde a morte tricotava o tempo”. Esse tempo é fatídico, passa rápido e a vida vai se findando aos poucos, isso fica evidente no poema *O tempo* (AHS, p. 100), em que os versos vão mostrando que o tempo não para e a velhice vai adentrando o corpo dia a dia, “O Tempo não pode viver sem nós, para não parar”, assim, o tempo só existe porque o homem existe para percebê-lo.

Ao falar do percurso do tempo, o poeta apresenta fases da vida, fala da infância, como em *A surpresa de ser* (AHS, p. 115), quando cita personagens dos contos infantis, João, da História de *João e o Pé de Feijão* e traz à memória momentos de sua infância “Joãozinho era eu / na relva estendido / atento aos mistérios das formigas que trabalhavam tanto...”. Nesses versos há uma relação com as coisas simples do cotidiano, mas que fascinam a infância, o olhar atento da criança capta coisas banais do dia a dia com uma essência mágica.

Outra faixa etária contemplada em sua obra é a adolescência, a qual é vista como momento da descoberta, medo do novo, mas também da curiosidade e do desejo, como revela o poema *O adolescente*,

O adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo,

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas

esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
-vestida apenas com o teu desejo! (AHS, p. 21)

Nesses versos, evidencia-se o despertar do adolescente, que acaba de sair da fase infantil e começa a descobrir-se e a desvendar o mundo a sua volta, para o jovem, a vida é nova, é o princípio, pois ainda tem muito a conhecer e toda uma história para escrever, portanto, a adolescência é apenas o preâmbulo das vivências humanas.

Quintana também dedica vários versos à fase da velhice, conforme percebe-se em *O velho do espelho* (AHS, p. 68), em que mostra a descoberta fatal da vida. Tudo passa tão rapidamente, que não se reconhece mais como um jovem, mas se vê como o pai envelhecido misturando-se à sua própria imagem. A velhice é encarada como fase que representa a experiência, mas em alguns momentos causa-lhe melancolia, por pensar na proximidade da morte.

A riqueza de AHS não para e, pode-se encontrar versos sobre a cidade de Porto Alegre, cujo poema “O Mapa” retrata um pouco de seu sentimento em relação a essa metrópole em que viveu maior parte de sua vida. Nesse texto, relata a existência de ruas por onde nunca passou e nem passaria, mostrando alguns mistérios escondidos na cidade e locais intocados por ele. Para Yokozawa, ele canta seu amor pela cidade, sem contudo idealizar, pois vê os problemas decorrentes da modernidade que afetam o lugar de sua morada.

Nascido no interior do Rio Grande do Sul, em Alegrete, elegeu a capital gaúcha como "a cidade do seu andar" (e também do seu repouso) e a ela declarou o seu amor no poema "O mapa" (AHS, p. 143). Mas o "suave mistério amoroso" que enlaça poeta e cidade não impede o primeiro de rechaçar na segunda a modernização que nela se opera sob a égide do progresso técnico. Antes de a cidade em si, o que o poeta parece recusar é o "pesadelo técnico". Mais do que este, o que ele talvez rejeite é a desintegração de valores humanos e, por conseguinte artísticos, que muita vez se processa em nome do afã desenvolvimentista. (2006, p. 104).

Mesmo diante da visão crítica de sua cidade, ainda encontra momentos para o sonho e aproveitar o deslumbramento que a cidade lhe proporciona. O poema retrata a cidade, e concomitantemente, a vida do poeta que tanto percorreu as ruas, visitou lugares que estão presentes em sua obra. Como atesta Carvalhal (2006, p. 20) “as ruas exercem fascínio sobre o poeta caminhante, ele as percorre na realidade e no sonho, muitas vezes imaginando-as”

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei.

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)
(AHS, p. 160).

Muitos outros assuntos são magicamente tratados nessa obra, contudo, é destaque *O autorretrato*, poema repleto de lirismo, em que o poeta tenta se descrever e para isso evoca elementos da natureza como nuvem e árvore. A primeira retrata o movimento, as mudanças e multiformas em que se torna a cada momento; na segunda comparação “às vezes me pinto de árvore”, mostra suas convicções, suas raízes e àquilo que empreenda com a sua poesia. Para além disso, o uso do advérbio “as vezes”, demonstra instabilidade e a constante procura para se definir. Além disso, revela sua feitura de passado, das lições que o tempo traz, “ou coisas que não existem”, e nessa procura instável vai se descobrindo como criança e louco, desvelando de um lado a ingenuidade, a fantasia infantil, pureza e de outro o louco, que destoa do normal e tem suas próprias impressões da vida e do mundo. Ele recria a sua existência com a sua própria significação.

O autorretrato

No retrato que me faço
- traço a traço
às vezes me pinto nuvem,

às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco! (AHS, p. 33)

Destarte, Yokozawa registra seu comentário sobre os versos,

Assim, no retrato em que se faz, Quintana carrega nos tons subjetivos e vai, traço a traço, pintando coisas que, em vez de definirem o referente, antes o indefinem. Ao buscar a sua semelhança em coisas dessemelhantes, em coisas intangíveis, ao pintar um retrato que comporta a incoerência de ser "nuvem" e "árvore", e evoca, em lugar da trivialidade concreta do que existe, a imaginação fabulosa do que existirá, ele rompe, à maneira da pintura moderna, com a lógica perspectivista que orienta a obra clássica e alcança o ilogismo dos de senhos daqueles que, como o artista, não foram corrompidos pelo bom senso: a criança e o louco. (2006, p. 53).

Logo, esse poema é relevante para a compreensão do poeta, de sua obra e cabe como autorreflexão sobre a vida humana em seu caos existencial. Com presteza, ainda há outras obras com as mesmas características, que procuram decifrar o ser em sua amplitude.

Então, AHS é uma obra riquíssima que merece ser lida e refletida calmamente, a fim de sentir-se no mundo e assimilar a subjetividade existente em cada indivíduo e nas pequenas coisas do dia a dia, que muitas vezes são ignoradas e imperceptíveis. E como disse Carpinejar (In QUINTANA, 2013, p. 10) “O escritor derruba poemas pelo caminho, como se segurasse uma jarra de suco excessivamente cheia. Ele transborda escrevendo pouco. Passa a imagem de plenitude com o mínimo. Mata a gula com farelos. Salva o suicida pela unha.”

2.3 Caderno H: o aprendiz de poeta

O Profeta diz a todos: eu vos trago a Verdade, enquanto o poeta, mais humildemente, limita-se a dizer a cada um: eu te trago a minha verdade. E o poeta, quanto mais individual, mais universal.

Mario Quintana

Caderno H foi uma publicação lançada em 1973 e trata-se de uma seleção dos textos que foram publicados na *Revista da Província de São Pedro* e no *Correio do Povo*, o nome *Caderno H*, refere-se ao fato de que todos os textos acabam sendo escritos de última hora, ou

na “Hora H”, isso conforme Moriconi (*In Quintana*, 2013, p. 76). Nessa obra, o leitor depara-se com textos que foram divulgados diariamente na revista e jornal que o poeta trabalhava, portanto, pensamentos habituais sobre diversos assuntos. De acordo com Fischer & Fischer (2006, p. 65) “Caderno H, reunião daqueles poemas que também são crônicas, em que se pode ler diretamente o pensamento do poeta sobre várias coisas, sobre as coisas de que ele se ocupava.” Dessa maneira, as linhas escritas que compõem essa obra, são frutos de vivências cotidianas e inerentes às experiências do artista da palavra.

A obra é composta por quase 700 textos, prosas curtas, pequenas crônicas e poemas em prosa, onde o autor faz uso consciente das formas fixa ou livre, já que percebe que cada poema tem seu ritmo e sua forma e se utiliza disso para criar seus textos livre de preconceitos e com originalidade, deixando uma riquíssima contribuição para a literatura brasileira. (YOKOZAWA, 2006).

No texto *Das Escolas Poéticas*, fica clara a sua atitude de liberdade em relação a estilo literário, já que declara que sempre foi faltoso em todas as escolas. Isso refere-se tanto às escolas de ensino normal, quanto às escolas literárias, “A minha escola poética? Não frequento nenhuma. Fui sempre gazeador de todas as escolas. Desde assinzinho... Tão bom!” (CH, p.42). Essa liberdade de criação deixa-o feliz, observa-se na expressão “tão bom!”, que soa como um alívio por poder escrever livre de amarras e de compromissos ideológicos.

Os poemas de CH tratam de uma diversidade de temas e objetos associados ao dia a dia, porque foram escritos com objetivo de publicação diária em revistas ou jornais, dessa maneira, o poeta amplia sua visão para a rotina e aborda uma abundância de assuntos, amiúde, de maneira questionadora. Apesar disso, preserva a musicalidade e as características líricas fundamentais para a expressividade poética. Então, Guilhermino César certifica essa afirmativa, “Quintana seria capaz de criar uma zoologia fantástica, a exemplo de Jorge Luís Borges, e de certo modo a criou em poemas prosaicos, que desmontam o ritmo tradicional sem alienar a musicalidade. E isto põe o leitor insciente quase inareado”. (*apud* CARVALHAL, 2006, p. 63)

O retrato do costumeiro, das coisas singelas, é realizado com a visão subjetiva e atenta do poeta, que enxerga os mistérios escondidos nos detalhes, construindo uma sutil integração entre eu lírico e o objeto da poesia, de acordo com Yokozawa (2006). Tânia Carvalhal (2006, p. 26) também concorda que a leitura do cotidiano é muito rica e plural na obra de Quintana: “É surpreendente como convivem, na poesia de Quintana, elementos tão contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o sobrenatural, na simultaneidade de passado e presente.” (2006, p. 26). Em seus textos, há uma gama enorme de assuntos que conseguem revolver emoções diversas, pensamentos surpreendentes e viscerais.

Nessa obra, o leitor é instigado a questionar os temas trabalhados e a pensar de forma inovadora, ir além dos padrões convencionais, ser independente, a ponto de imergir no texto para perceber a pluralidade de sentidos presentes em seus poemas. Sobre a postura do poeta a respeito da poesia engajada, por exemplo, a crítica Yokozawa diz:

Essa poesia panfletária, poder-se-ia dizer endossando a postura de Quintana, não é libertadora, porque é destituída de qualidades artísticas e quer doutrinar o leitor, ensinando-o comodamente a só respeitar o que se pensa igual, enquanto a ‘verdadeira poesia’ deve trazer-lhe a inquietude de uma interrogação a mais, alargar-lhe os horizontes, fazê-lo "satisfeito de se dar o desespero", Daí o disparo irônico do autor de *Caderno H* ao definir o proletário: ‘Sujeito explorado financeiramente pelos patrões e literariamente pelos poetas engajados’ (CH, p. 153). (2006, p. 37).

Essa não entrega do sentido dos poemas é revelada pelo próprio poeta em *O poema* (CH, p. 130): “O poema / essa estranha máscara / mais verdadeira do que a própria face...” é capaz de revelar mais do que aquilo que está à frente e visível aos olhos.” Além disso, em *Explicação parcial*, relata que, em sua juventude, lia os grandes clássicos, como Dostoievski, com o propósito de “... decifrar o mistério da alma, o sentido da vida, a finalidade do mundo.” (CH, p. 127), e, após tentar desvendar os enigmas de sua existência, passa a incorporar em sua poesia o sobrenatural para explicá-la, como atesta em *Claro Enigma* (CH, p.158), “Os poetas são os únicos que não podem falar contra os absurdos da religião. Mesmo aqueles que se julgam materialistas devem estar ingenuamente iludidos: a poesia é um sintoma sobrenatural.” (CH, p. 158).

Essa obra composta por diferentes gêneros textuais também possui material significativo sobre a própria poesia. No texto *Carta* (CH, p. 136-139), Quintana parece resumir suas opiniões sobre a criação poética ao responder a um poeta iniciante. Entre tantas características, menciona não ter dom para escrever em prosa e expõe a importância do ritmo e da emoção nos versos, pois segundo ele, são elementos intrínsecos ao gênero e fundamentais para conquistar o leitor.

A prosa não tem margens, nunca se sabe quando, como e onde parar. O poema, não; descreve uma parábola traçada pelo próprio impulso (ritmo); é que nem um grito. Todo poema é, para mim, uma interjeição ampliada; algo de instintivo, carregado de emoção. Com isso não quero dizer que o poema seja uma descarga emotiva, como o faziam os românticos. (CH, p. 136).

No entanto, a emoção apregoada não é sentimentalismo exagerado como convinha aos Românticos, mas uma carga emocional ligada ao eu poético que se expressa por meio das palavras. Também mostra a questão da verdade, que, de acordo com ele, representa a verdade

visível e crível pelo poeta “Eu trago a minha verdade. E o poeta quanto mais individual, mais universal”, expondo assim, que a criação poética é a verdade do poeta, não havendo necessidade de justificativas ou vínculo direto com a realidade, assim o poeta cria de acordo “com sua imaginação e com a sua percepção de mundo.” (VENTURIN, 2010, p.80)

Ainda atesta que as digressões sobre a poesia sempre lhe causaram tédio e perplexidade, dessa maneira evidencia a sua posição contra os críticos literários, que, segundo ele, não deveriam ser considerados, já que a poesia basta a si mesmo e o melhor é senti-la. Ainda confirma essa ideia no poema *Leitura*,

Essa mania de ler sobre autores fez com que, no último centenário de Shakespeare, se travasse entre uma professorinha do interior e este escriba o seguinte diálogo:
 - Que devo ler para conhecer Shakespeare?
 - Shakespeare. (CH, p. 75).

Nesse texto, chega a frisar que essa mania de ler sobre os autores, provou-lhe um certo diálogo com uma professorinha, que lhe interrogou sobre o que ler para conhecer Shakespeare, ao que respondeu que ela deveria ler, unicamente, o próprio autor. Dessarte, indica que a interpretação poética é feita pela leitura dos próprios versos, ou seja, eles bastam a si mesmos, sem necessidade do atravessamento da crítica. Ressalte-se aqui que, à parte a ironia de Quintana com a “professorinha do interior” nesse poema, não se desmerece a importância da crítica e dos estudos autorais nas academias, nos cursos de Letras e afins, uma vez que, para o leitor especializado, tanto melhor que ele conheça com profundidade a obra em si e o que se fala ou se falou dela, justamente para ampliar e aprofundar o olhar para a produção de determinado escritor, mas com objetivo final de enaltecer a própria obra literária.

A mesma opinião é reiterada em *Os Intermediários* (CH, p. 129) “Não me ajeito com os padres, os críticos e os canudinhos de refresco... Não há nada que substitua o sabor da comunicação direta.”, ou seja, não gosta de intermediários, prefere ir direto ao ponto, para afirmar essa opinião usa a figura dos padres, considerados mediadores dos homens com Deus, os críticos que analisam e interpretam os autores (poetas) e ainda usa um objeto comum ao cotidiano, o canudinho, utilizado como canal do suco (ou outra bebida) à boca. Tudo isso para confirmar a afirmação de que sua preferência é pela comunicação direta, sem atravessadores. A relação entre autor e leitor deve acontecer sem desvios, já que, é nessa conexão que se compreendem e se completam. Para Venturin (2010, p. 87) “não há nada melhor do que a comunicação direta, ver, ler, sentir, por conta própria, sem ter o percurso de interpretação modificada por nada nem ninguém.”

No mesmo texto *Carta*, Quintana continua suas reflexões sobre a criação poética e afirma que o poema pode surgir de palavras ouvidas, de uma imagem contemplada, de coisas inesperadas e que acontecem a qualquer hora e em qualquer lugar, no entanto esse é o início do processo, posto que escreve, nesse primeiro momento, e guarda para depois analisar e reescrever, retirando todos os excessos e o que lhe parece falso,

Vai tudo para o papel. Guardo o papel, até que um dia o releio, já esquecido de tudo (a falta de memória é uma bênção nestes casos). Vem logo o trabalho de corte, pois noto logo o que estava demais ou o que era falso. Coisas que pareciam tão bonitinhas, mas que eram puro enfeite, coisas que eram puro desenvolvimento lógico (um poema não é um teorema) tudo isso eu deito abaixo, até ficar o essencial, isto é, o poema. Um poema tanto mais belo é quanto mais parecido for com um cavalo. Por não ter nada de mais nem nada de menos é que o cavalo é o mais belo ser da Criação (CH p. 136).

Para Quintana, a palavra precisa ser exata, fruto de um trabalho constante que aparas as arestas, a fim de deixar somente o essencial. Ele conclui dizendo ao poeta iniciante para ler poetas de que gostar, pois, assim, compreenderá melhor a si mesmo e ao próprio poeta lido e por último o conselho é que “trabalhe, trabalhe em seus versos e em você mesmo e apareça-me daqui a vinte anos. Combinado?” (CH, p. 139). À vista dessa frase final, compreende-se que ele acredita que o fazer poético demanda não só inspiração, mas um exercício árduo e técnica para aperfeiçoar o que foi escrito, “É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.” *Da difícil facilidade* (CH, 121). Dessa maneira reitera Peixoto,

Fazer poemas é um aprendizado. Todo verdadeiro poeta o sabe. A inspiração está lá, mas sozinha não consegue nada. É preciso que o poeta lute com o poema, que, tomado pela inspiração, sinta que o poema quer se fazer presente. O poema tem algo a dizer, e o poeta, como diz Quintana, deve estar lá para ajudá-lo (1994, p. 46).

Caderno H confirma a preferência do poeta em escrever sobre as coisas simples do cotidiano, todavia, esses objetos e acontecimentos comuns são expressos com singularidade, lirismo e humor, consoante ao expresso em *Crônica* (CH, p. 128) “Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tessitura de um poema... talvez a poesia não passe de um gênero de crônica, apenas: uma espécie de crônica da eternidade.” A matéria das crônicas do dia a dia, tão íntimas de seu trabalho nos jornais, é assunto de seus poemas, mas não simplesmente como notícias corriqueiras publicadas e esquecidas em seguida, entretanto, com poesia tornam-se eternas. Assim ratifica Yokozawa, “Então o cotidiano, o mesmo que serve de matéria para a crônica jornalística, torna-se um

fecundo manancial lírico, de modo que a poesia se faz ‘uma espécie de crônica da eternidade.’” (2006, p. 189).

Nesse intento de retratar o cotidiano, há uma busca pelo que o faz cantar liricamente, o que declara no poema *Busca* (CH, p.68): “Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe quanto tesouro andarás desperdiçado por aí... Quanto filhotinho de estrela atirado ao lixo.” Assim como o cachorro procura alimento até mesmo no lixo e, por vezes, o encontra, igualmente o poeta não exclui qualquer objeto para ser alvo de seus versos, uma vez que esse se transforma em tesouros a serem explorados. Veja o que diz Yokozawa.

Os sentimentos mais elementares: saudade da infância, angústia perante o tempo que passa, surpresa diante do milagre da vida. As coisas mais comuns deste cotidiano nosso de cada dia: os guarda-chuvas perdidos, os botões que se desprenderam, um copo d'água sobre a mesa. Os heróis sem história do cotidiano: os pregoeiros, uma prostituta esfaqueada, o anônimo leitor. Os elementos das "formas simples" (Jolles, 1976), encontrados nos contos que nossos avós nos contavam, nas canções que ouvíamos na infância, nas brincadeiras de adivinha. Todos esses temas desprovidos de sublimidade para a grande arte tradicional vão parar na poesia de Quintana, seguindo a melhor tradição modernista no que tange à indistinção entre temas poéticos e não-poéticos. Por sua vez, assuntos por si só elevados, como a morte e reflexões complexas sobre a existência, são tornados acessíveis, seja através do humor, que, pelo riso, suprime o distanciamento imposto por motivos solenes, seja por meio de uma linguagem simples. (2006, p. 84).

Quintana escolhe sem preconceitos os assuntos de sua poesia, utiliza objetos usuais e similarmente com temas formais em toda a sua obra, resgata sentimentos de todas as faixas etárias, e reflete a angústia do tempo, que passa rapidamente e também da morte, além de externar o pasmo essencial diante da vida. Incita a reflexão e criticidade, como reitera Pilatti “criar e ler literatura é, em alguma medida, formar ativamente uma certa interpretação da realidade, que nos torna mais íntimos das contradições e das grandes perguntas que se apresentam incontornáveis aos nossos olhos de sujeitos sociais.” (2018, p. 38).

Em se tratando da linguagem ele não é radical em nenhum aspecto, contudo prefere utilizar palavras simples, de uso corriqueiro, o coloquialismo em alguns casos e o humor, para expressar a essência do objeto de seus versos, conforme a afirmação de Paz (1982), de que a poesia é porta-voz de tudo, até mesmo daquilo que é desprezado na própria linguagem, “O poema acolhe o grito, os farrapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído e o sem-sentido: não a insignificância.” (1982, p. 344)

Para ler alguns dos escritos desse Caderno H, demoram-se segundos, mas depois, eles permanecem na mente por horas, provocando uma reflexão sobre a essência de cada palavra, sobre os finais inusitados e as interrogações deixadas para o leitor. E é esse o tipo de leitor que

ele deseja cultivar, já que, em *A arte de ler* (p.150), demonstra tal intuito, “O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria.” Para ele, o leitor precisa ultrapassar os limites do texto, ler nas entrelinhas e alargar os horizontes.

2.4 *Espelho mágico* – trovas cotidianas

Das ideias

Qualquer ideia que te agrade,
 Por isso mesmo... é tua.
 O autor nada mais fez que vestir a verdade
 Que dentro de ti se achava inteiramente nua...
 Mario Quintana

Em 1951, Mario Quintana publica *Espelho Mágico*, um livro notável, pois à maneira de *A Rua dos Cataventos*, apresenta poemas de forma fixa, porém, desta vez opta por quartetos metrificados, que podem ser classificados como epigramas. Segundo Lúcia Sá Rebello, em prefácio do referido livro, ele é composto por “111 quadras deste livro, revela o gosto por uma forma poética que vai estar presente em muitas de suas obras posteriores.” (In QUINTANA, 2005, p. 12). De acordo com a mesma autora, o epigrama é uma composição,

[...] espirituosa, breve, incisiva e de caráter satírico [...] comum entre os escritores da antiga Roma. Por mais breve que seja, possui sempre duas partes: a primeira, na qual se chama a atenção do leitor, e a segunda, em que de modo inesperado é satisfeita essa curiosidade. Seu objeto deve ser um pensamento ligeiro sobre o cotidiano, uma sátira, uma antítese, um equívoco. (REBELLO in: QUINTANA, 2005, p. 12).

Diante da caracterização dos poemas que compõem *Espelho Mágico*, é importante ressaltar que é uma obra pouco trabalhada pela crítica, mas que segundo Carvalhal (2006) o poeta foi por muito tempo mal avaliado e pouco compreendido. O que pode ter ocorrido, por ser uma obra que utilizou a feitura de textos formais, escritos em forma de epigramas, em pleno período em que os autores prezavam pelo verso livre. Segundo Becker (1996, p. 162), “*Espelho Mágico* nunca recebeu, por parte da crítica, uma aprovação incondicional. Muitos o consideram uma obra menor, circunstancial, e acusam a forma clássica dos quartetos de arcaica e inadequada.”, no entanto, com essa obra, o poeta demonstra muita consciência crítica, pois mesmo utilizando-se de um gênero de forma fixa, há um esmero em seus versos, ao revelar, com humor, as intempéries da vida, as verdades impregnadas na sociedade e seus aspectos questionáveis,

No *Espelho Mágico*, o poeta faz rir do espetáculo do mundo e dos vícios dos homens. [...] Nesse sentido, os quartetos do poeta podem ser qualificados como uma máscara de segundo grau, que desvela a falsidade da primeira máscara, constituída pela representação fictícia do mundo que o homem constrói em sua consciência através dos conceitos, como mostra Nietzsche. Com sua arte, o poeta cria uma ‘ficção potencializada’, que suspende a ficção convencional e revela a realidade verdadeira, permeada de aspectos risíveis. (BECKER, 1996, p. 164).

Tudo isso, mostra que suas quadras não são arcaicas, foram opções do poeta, que usou da liberdade conquistada pelo Modernismo literário para escrever como lhe aprouve, sem preocupação de agradar aos críticos, mas com objetivos maiores, tais como revelar uma realidade verdadeira, utilizando-se do riso para provocar a reflexão.

O epigrama está associado à sátira, que, segundo Geir Campos, no *Pequeno Dicionário de Arte Poética* (1985, p. 178) é “composição poética, quase sempre burlesca e desabusada, maliciosa, intencional sempre, tendo por escopo caricaturar e censurar defeitos, enganos e erros alheios.” Dessa maneira, os traços satíricos percorrem esse trabalho do poeta, que juntamente com a ironia e o humor causam a surpresa e o riso.

Já a ironia aparece de modo sutil, como intenção de opor-se ao que é considerado legítimo e correto, direciona o leitor a contestar as suas crenças. Ele muda possibilidades e probabilidades e produz o imprevisível. Isso causa a desorganização interior e prepara o leitor para se reconstruir, a partir da visão de imagens transformadas pelo espelho mágico poético, Dantas alega que,

A presença da ironia na poética de Mario Quintana está mais ligada à construção de uma linguagem intencional geradora de ambiguidades e contrariedades do que de uma simples figura retórica a qual consiste apenas em dizer o contrário do que se quer dar a entender. Ultrapassa a grosseria e encaminha-se para a sutileza e a graça. (2016, p. 40).

No livro *A vaca e o hipogrifo* (2008, p.237), Quintana ressalta o conceito de ironia “A ironia tem algo de desumano, ainda mais com aquele ar de superioridade,” por isso ao usar essa figura de linguagem, atenua seu caráter de “apenas em dizer o contrário do que se quer dar a entender” e emprega-lhe com um aspecto diferente do convencional, atribuindo-lhe polidez, graça e sutileza. E para diferenciar ironia de humor, o poeta usa a seguinte explicação: “E, a propósito, a melhor discriminação que encontrei entre uma obra e outra foi em Louis Latzarus em sua biografia de Rivarol: ‘a ironia é espírito à custa dos outros; o humor é o espírito à custa própria’.” Assim, ele explica que rir às custas do outro é ironia, mas rir de si mesmo e de suas próprias imperfeições é o humor. Diante disso, pode-se dizer que, na obra desse autor, a ironia sutil e o humor caminham juntos.

A escrita epigramática em EM distingue-se das demais obras, pois Quintana utiliza uma visão própria do mundo para colocar o leitor frente à realidade que o cerca. Ele fala de tudo, de vários comportamentos da humanidade, revela os altos e baixos da condição e contradição humana, de acordo com Yokozawa (2006, p. 65), “...o espelho, sendo mágico, em lugar do contorno exato e preciso da realidade, reflete uma contra imagem e o sobrenatural é extraído das cenas mais pedestres,” assim, a magia do espelho está em desconstruir o que já é posto e refletir o caos, a transcendência humana por meio do reflexo captado no espelho, objeto que representa a matéria poética.

Ele segue o modelo do epigrama, como citado anteriormente, em que apresenta inicialmente uma interpelação ao leitor, chamando-lhe a atenção sobre determinado tema, para em seguida surpreendê-lo com o inesperado. Esse inesperado gera uma desorganização daquilo que antes parecia o real e o certo. Nos dois primeiros versos, a sensação é de estar frente a algo comum, uma imagem previsível do objeto, no entanto, nos dois últimos versos depara-se com uma imagem diferente do habitual, gerando um questionamento sobre a imperfeição e falha daquilo que é dito inicialmente. Essa segunda parte do poema, geralmente é alcançada pelo emprego da sátira, ironia e humor. A escolha do gênero epigrama foi bem delineada, já que proporciona o uso desses recursos de modo muito natural, característica constante na obra do poeta e que segundo Dantas,

Sátira, ironia e humor, mesclam-se e alternam-se em uma poesia sutilmente cortante e incisiva, levando-nos a um riso desconcertante. Seu humor, no entanto, não advém da zombaria gratuita e/ou de um caráter meramente corretivo e domesticador de valores morais, mas antes faz-nos rir de nossa própria condição. (2016, p. 90).

Nessa obra, observa-se uma interpretação do cotidiano, apreendido com muita sensibilidade e sutileza, mas que abala e desconcerta o leitor em sua aparente estabilidade, direcionando-o para uma nova interpretação. Veja-se o que diz Yokozawa:

Esse livro [*Espelho mágico*] à primeira vista tão desprezioso, constituído de quadras rimadas e estrutura proverbial, foi preterido até mesmo por alguns "quintanólogos". Dele diz Fausto Cunha (1978, p. 228) tratar-se de "livro puramente circunstancial. E Augusto Meyer, quando Quintana publicava, em jornais, os epigramas que comporiam essa obra, repreendia-lhe, dizendo-lhe que deveria deixar de 'quadrilhices'. Mas uma leitura atenta e despida tanto quanto possível dos preconceitos de quem está sob o signo da nova poesia, revela, nas quadrinhas aparentemente circunstanciais, reflexões irônicas e astuciosas sobre a tradição popular, as verdades assentadas pelo senso comum e a tradição cultural ocidental, notadamente a literatura europeia. (2006, p. 82-83).

Ainda nessa linha, de tratar de temas comuns, ele perpassa assuntos diversos, desde autoconhecimento, a questões religiosas e sociais. Em uma de suas quadras, o próprio título revela a sua proposição “Dos sofrimentos quotidianos”. Nessa quadra, trata os infortúnios cotidianos como irrelevantes e fúteis diante da vida, e que, em muitos casos, ganham lugar de grandes acontecimentos, visto que “nem todos podem ter uma grande desgraça”.

Dos sofrimentos quotidianos

Tricas... nadinhas mil... Rídiculos extremos...
 Enxame atroz que em torno à gente esvoaça.
 E disto, e só por isto envelhecemos...
 Nem todos podem ter uma grande desgraça! (QUINTANA, 2007, p. 31)

Para Quintana, o homem está rodeado de sofrimentos comuns, intrigas, pequenas coisas insignificantes, mas que tornam proporção maior ao se juntarem e esvoaçarem sobre a cabeça, isso gera conflitos diários e traz preocupação, para o poeta esses fatos corriqueiros não são heroicos, pelo contrário são anti-heroicos, e, demonstram como é a vida sem grandes acontecimentos. Concomitante com essas ideias, Becker diz que,

Quintana descreve a anti-heroica trajetória do homem comum, perdido em meio aos pequenos desastres e vexames do dia a dia. [...] O paradoxo expresso no último verso fixa a imagem fiel da vida sem grandeza: uma desgraça verdadeira seria um prêmio para quem vê a sua existência corroída por acontecimentos insignificantes. (1996, p.154).

Em EM, identicamente a outras obras, há uma demonstração de zelo com o fazer poético, já que em várias quadras, aborda a temática com consciência de que é um trabalho árduo, que necessita de elaboração e um processo que se faz e refaz continuamente, até chegar ao resultado desejado e conferir às palavras utilizadas uma ampla significação. Atesta dessa maneira, Rebello:

[...] antes de tudo o poema é expressão. A produção e a composição significam ordenação das palavras. A palavra é como um material potencial ainda não estruturado, não carregado do sentido conotativo, esperando a hora da sua transposição para a fala ou para o discurso. Antes dessa transposição, a palavra existe solitária e muda, à espera de uma fecundação para entrar no ritmo da gestação e do nascimento poético. (In QUINTANA, 2007, p. 17).

Logo, esse trabalho realizado com a palavra demanda um processo lento e perspicaz, que vai amadurecendo assim como a vida que vai se formando durante a gestação, “Fere de leve a frase... E esquece... Nada / Convém que se repita... / Só em linguagem amorosa agrada /

A mesma coisa cem mil vezes dita.” (EM, 2007, p. 25). Esse trabalho é sublime, quase incompreensível aos outros, pois estes só veem o resultado final, que é o poema pronto, mas desconhecem todo o trajeto percorrido.

Na poesia quintaneana, a criação de imagens fortes e surpreendentes são comuns, já que são utilizadas figuras de linguagem, jogos de palavras, comparações para expressar a visão que o poeta tem do mundo que o cerca. Essas imagens são plurissignificativas e conseguem traduzir um outro olhar sobre as circunstâncias. Paz (1982, p. 130) afirma que “A imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece. A imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras sem excluir significados primários e secundários.” Assim sendo, a produção poética utiliza recursos diversos para colocar o leitor diante do inesperado, impelindo-o a refletir sobre si mesmo e sobre o exterior que o envolve.

O trabalho com as imagens é primoroso, pois reflete a ótica do poeta, que apresenta ao leitor imagens distorcidas de uma realidade criada por ele, mas que tem por objetivo reproduzir o cotidiano da vida. Para obter essa compreensão, é necessário observar as imagens deformadas e até subversivas que os poemas quintaneanos criam e relacioná-las a uma nova elucidação, uma visão poética que produz o inesperado, conforme afirma Paz (1982, p. 119) “A palavra imagem possui, como todos os vocábulos diversas significações [...] Cada imagem – ou cada poema composto de imagens – contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia suprimi-los.” Dessa maneira, Quintana consegue criar imagens que partem do cotidiano, do senso comum e atribui-lhes um significado novo, às vezes contraditório ou modificado de sua origem, refletindo em seu espelho imagens com significados “mágicos”, confirmando o que Paz (1982, p.129) diz “A imagem diz o indizível.”

Por conseguinte, mediante a elaboração de imagens poéticas, Quintana provoca o leitor a sair de sua comodidade e refletir, desloca-o de seu estado original e estável para instigá-lo a pensar em coisas comuns, mas com uma nova perspectiva, fugindo do trivial. Conforme diz Dantas,

Em *Espelho Mágico*, entendemos que o fascínio das imagens se encontra justamente no que elas nos apresentam de surpreendente e provocativo: ferinas e anticonvencionais, reveladoras de nossas facetas mais íntimas; não, profundas! ... A singularidade de seus versos encontra-se na superfície exposta e crua com que nos são apresentados. (2016, p. 73).

Por esse percurso, realizado em torno do *corpus* da pesquisa, percebe-se a grandeza dos versos do escritor alegretense e apura-se que sua obra pode contribuir para a formação de leitores críticos, capazes de compreender a condição subjetiva e coletiva do ser. As obras

escolhidas lidam com uma temática ampla que ora constrói, ora desconstrói conceitos considerados estáveis pelo senso comum e os recompõem em uma dinâmica de reflexão, conforme atesta Paz (1982, p. 138) “A poesia coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro”. Assim, a leitura da poesia quintaneana pode auxiliar os educandos em sua formação integral para que sejam leitores críticos, capazes de compreender sua subjetividade a relação com a coletividade, a fim de transformar a realidade em que vivem.

Ainda é fundamental ressaltar que esse estudo fez um apanhado geral sobre alguns aspectos da obra de Quintana, no entanto, há outros elementos que podem ser explorados e discutidos em sua rica e vasta obra. Esse estudo é um ponto no imenso horizonte que pode ser investigado e analisado em cada livro do grande poeta rio-grandense-do-sul. Já que esse artista da palavra se dedicou intensamente à produção poética e conforme expressa Fischer & Fischer (2006, p. 84) “Foi toda uma vida dedicada a fazer poesia, a ser poesia. Uma bela vida, uma bela poesia, disponível para os leitores de todo lugar, de qualquer época”. Resta aos leitores quintaneanos aproveitarem cada verso, experienciar seus ensinamentos e aproveitar a sua essência poética.

3. A POESIA DE MARIO QUINTANA NA SALA DA EJA: descrição e análise da pesquisa de campo

3.1 O campo da pesquisa “modalidade” EJA dos participantes da pesquisa

Onde é que a professora arruma tanta poesia bonita para a gente ler?

S. S. O. R. (Aluna da EJA/2022)

A escola pública é uma instituição relevante para a sociedade, pois é por ela que todos terão acesso ao ensino, por isso é tão visada por agentes públicos que, muitas vezes, não querem perder o controle (sobretudo ideológico) do que nela acontece. Às vezes, abandonando-a, negando-lhe direitos de investimento e valorização, às vezes utilizando-a como propagadora de ideologias que são pertinentes à classe dominante, dessa forma a escola pública está no centro de questões políticas e sociais. De acordo com o pedagogo e pesquisador Libâneo (2013) a educação está sendo concebida da seguinte maneira:

Assim, a educação que os trabalhadores recebem visa principalmente prepará-los para o trabalho físico, para atitudes conformistas, devendo contentar-se com uma educação deficiente. Além disso, a minoria dominante não dispõe de meios de difundir a sua própria concepção de mundo (ideias, valores, práticas sobre a vida, o trabalho, as relações humanas, etc) para justificar, ao seu modo, o sistema de relações sociais que caracteriza a sociedade capitalista. (2013, p. 18).

A fim de contribuir para mudar essa realidade da educação básica em nosso país, dentre várias ações necessárias, é importante, também, um trabalho com a formação de leitores literários críticos, capazes de se perceberem como cidadãos e garantir a todos o acesso ao pensamento reflexivo, emancipador, autônomo, capaz de analisar, por si mesmo, as diversas ideologias que estão sempre circundando a sociedade. Para desenvolver essa consciência, a priori, é necessário garantir uma educação de qualidade a todos, como afirma Mantoan,

Quando garante a todos o direito à educação e ao acesso à escola, a Constituição Federal não usa adjetivos; assim toda escola deve atender aos princípios constitucionais, não podendo excluir nenhuma pessoa em razão de sua origem, raça, sexo, cor, idade ou deficiência. (2015, p. 39).

Ninguém pode ser excluído desse processo de aquisição do conhecimento, todos os alunos matriculados devem ter acesso às mesmas oportunidades e terem sua aprendizagem adequada a sua situação individual, isso é o que chamamos de equidade. Ainda a autora supracitada relata sobre essa consciência de atender as necessidades individuais, a fim de

oportunizar aos estudantes a sua formação integral, primando pela valorização das diferenças individuais.

Eu trabalho com as peculiaridades de cada um e considerando a singularidade de todas as suas manifestações intelectuais, sociais, culturais, físicas. Trabalho com alunos de carne e osso. Não tenho alunos ideais; tenho simplesmente, alunos e não almejo uma escola ideal, mas a escola, tal como ela se apresenta, em infinitas formas de ser. (MANTOAN. 2015, p. 63).

Tendo em vista a abrangência que a educação ocupa na formação integral do ser, e pensando na escola real em que trabalho¹, procurei desenvolver o projeto de leitura com meus alunos de carne e osso, com os quais convivo quase todos os dias e que possuem dificuldades verdadeiras e lutas constantes para sobreviver e vencer os obstáculos diários.

Esses alunos pertencem à escola de Educação Básica: Escola Municipal Jardim Nova Esperança, onde é nítida a dificuldade de envolvimento dos educandos no processo de aquisição e desenvolvimento da leitura. Diante disso, a preocupação com a formação de leitores, instigou-me a buscar meios de amenizar tais dificuldades, sendo assim, optei pela leitura de poesia, forma textual mais condensada, que concentra plurissignificações e, ao mesmo tempo, desperta a sensibilidade, capaz de envolver o leitor, além de trabalhar diferentes temas vivenciados pelos estudantes da EJA, já que segundo Mantoan (2015, p.68) “Os estudos das disciplinas partirão das experiências de vida dos alunos, dos seus saberes e fazeres, do significado de suas vivências.”

Os estudantes escolhidos para a realização da pesquisa são da modalidade Educação de Jovens e Adultos, da escola acima mencionada, pertencentes ao II Segmento, ou também conhecidas 6^a, 7^a e 8^a séries do ensino fundamental, sendo um total de 30 alunos matriculados e frequentes que aceitaram participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento.

A Educação de Jovens e Adultos passou a funcionar na Escola Municipal Jardim Nova Esperança em 1997, quando foram implantadas a 5a e 6a séries no período noturno e em 1998 foram implantadas a 7a e 8a séries. Desde então, a escola atende alunos dessa modalidade de ensino.

A Escola fica localizada na região noroeste de Goiânia, no Setor Jardim Nova Esperança e pertence à Rede Municipal de Ensino. Atende, em sua maioria educandos moradores do setor e bairros adjacentes. Segundo o Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP, 2022) a instituição possui uma boa estrutura que beneficia a sua população. Contudo, no bairro e circunvizinhança

¹ Considerando que esse trabalho é uma pesquisa-ação e que a pesquisa foi feita na mesma escola em que sou professora, doravante, será usada, ainda que com olhar acadêmico, a primeira pessoa do singular para relatar os resultados obtidos.

há vários casos de violência, o que interfere diretamente no trabalho com os educandos, principalmente do noturno, já que alguns sentem-se inseguros para ir à escola.

Todavia, as ações do PPP visam atender os estudantes, mesmo diante dessa complexa realidade social, planejando ações que promovam transformação e inserção social. A EJA é caracterizada por sujeitos que, por diversos motivos, tiveram que se afastar da escola, ou não tiveram acesso ao ensino regular, por isso, de acordo com o PPP (2022),

Nessa modalidade, os educandos vivenciam a interação entre diferentes grupos geracionais que buscam a escolarização para inserção ou ascensão no mercado de trabalho, bem como ampliar as formas de compreender o mundo e as possibilidades de acesso e participação social.

A escola tem o hábito de aplicar um questionário socioeconômico e cultural aos educandos, logo no início do ano letivo, e, através deste, consegue conhecer melhor a clientela que irá atender. No entanto, o diagnóstico não é muito motivador, já que desvela uma triste realidade social, que abarca os alunos da EJA. Em sentido amplo a realidade tem sido a seguinte: “baixa renda financeira, problemas familiares que desestimulam os estudos, situações carcerárias, usuários de drogas diversas, alunos que tiveram depressão e problemas de saúde não tratados, grandes defasagens idade/série” (PPP, 2022).

Por meio do questionário, os educandos também demonstram quais os seus interesses ao ingressar na escola, além dos anseios em relação aos conhecimentos que pretende obter, mostram que parte de seus objetivos estão voltados ao mercado de trabalho. Da mesma forma que, evidenciam uma preocupação quanto à sua contribuição social na comunidade onde vive, assim, por meio desse instrumento, o grupo docente consegue conhecer a comunidade estudantil e planejar ações e metodologias específicas, para atender esse grupo tão diverso de alunos.

O Documento norteador do processo de ensino e aprendizagem na EJA é o Documento Curricular da EJA/Goiânia, que se baseou Documento Curricular Ampliado/Goiás e esse, por sua vez, originou-se da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

A partir dessa realidade, a instituição trabalha e planeja como atender os educandos com suas diferenças e dificuldades, a fim de propiciar-lhes algumas oportunidades para o desenvolvimento individual e reparar um pouco da perda que tiveram em suas vidas acadêmicas. Ciente desses problemas e do meu papel social como professora, iniciei a minha pesquisa com o objetivo de auxiliá-los, na área de formação de leitores críticos, o que acredito contribuir para o desenvolvimento pleno de cada estudante.

3.2 Questionário inicial e final com análise

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

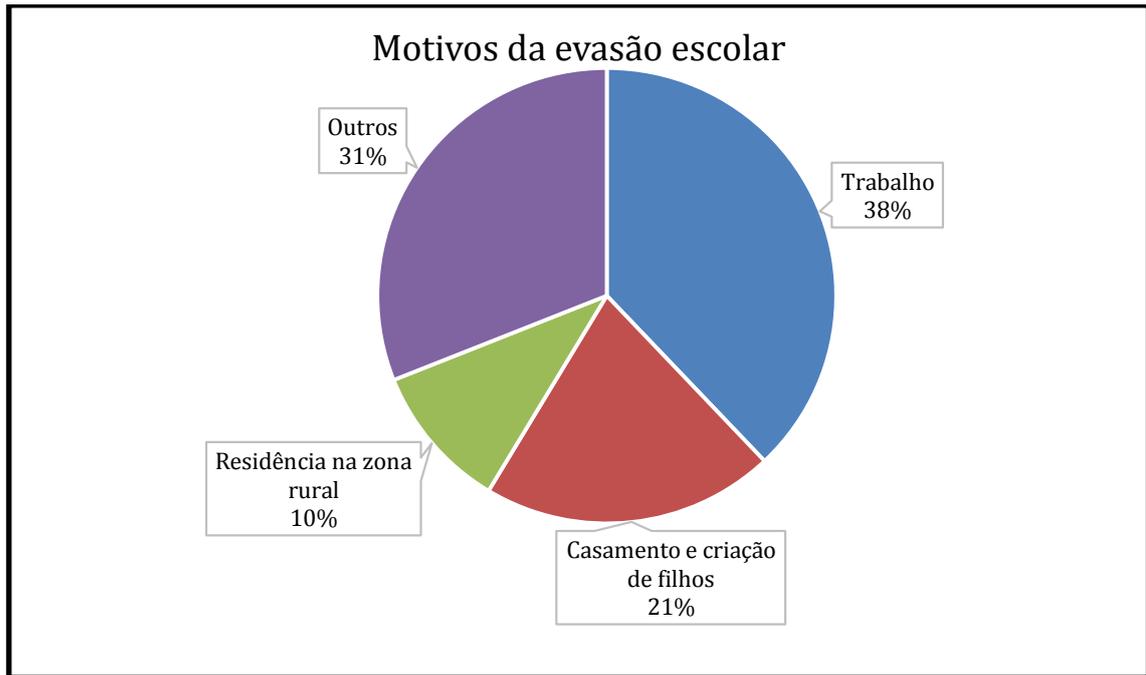
Paulo Freire

Para melhor conhecimento dos sujeitos envolvidos em minha pesquisa, foram aplicados dois questionários, um inicial e um ao final. Os estudantes escolhidos para a realização da pesquisa, na instituição campo, são da modalidade Educação de Jovens e Adultos, pertencentes ao II Segmento, ou também conhecidas 6^a, 7^a e 8^a séries do ensino fundamental, sendo um total de 30 alunos matriculados e frequentes que aceitaram participar da pesquisa. Lembrando que, alguns não responderam a todas as perguntas, já que poderiam abster-se dessa atividade.

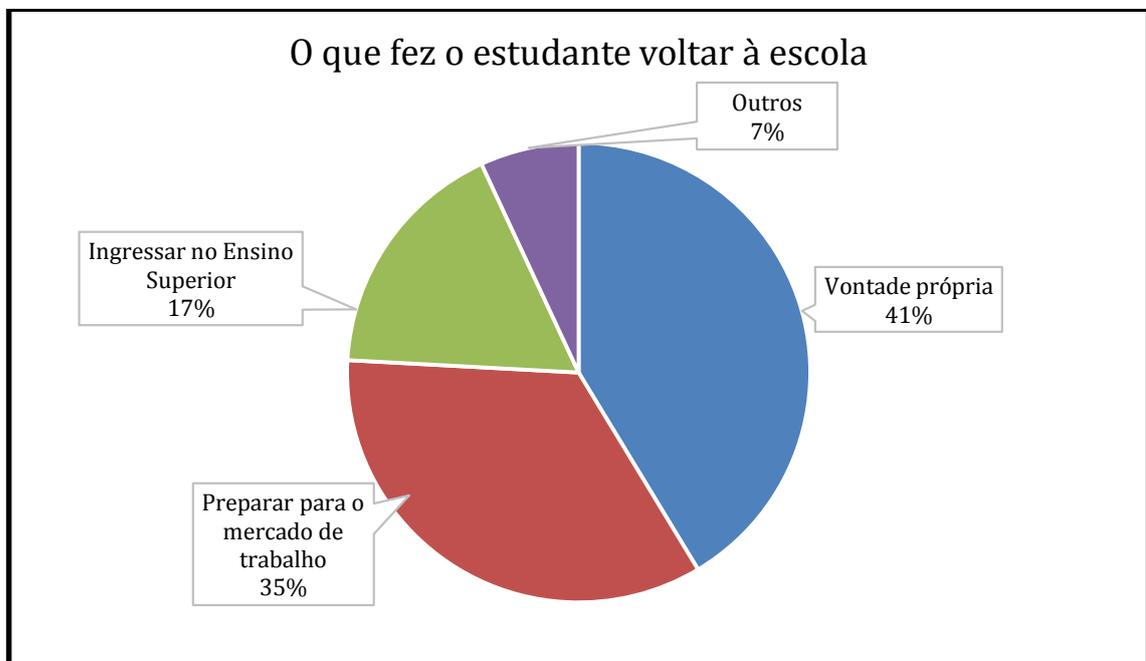
Quanto aos dados pessoais, os estudantes são 16 do sexo masculino e 14 feminino, todos brasileiros, moradores do setor Jardim Nova Esperança e bairros adjacentes. A faixa etária é entre 16 a 61 anos de idade. Nove estudantes são casados ou vivem com companheiros (as), os demais consideram-se solteiros. No entanto, vinte deles possuem filhos (as). Já em relação à raça/cor/etnia, 20 consideram-se pardos, 4 negros, 1 branco e 1 indígena, os demais não marcaram essa questão, 19 alunos disseram ter uma religião, sendo católica ou evangélica, 04 disseram não ter nenhuma religião, os demais não responderam a essa pergunta.

Quanto à questão profissional e sociocultural, a grande maioria vai para a escola a pé, pois não possuem meios de transportes, 19 alunos responderam que estão trabalhando, contudo, somente 6 com carteira de trabalho assinada, isto é, quase todos são trabalhadores informais. Somente 9 alunos dos entrevistados possuem casa própria, os demais moram de aluguel ou de favores. 12 desses educandos recebem algum tipo de auxílio dos governos federal, estadual ou municipal.

Em relação à escolaridade, grande parte iniciou os seus estudos entre 6 e 7 anos, havendo uma aluna que somente ingressou em uma instituição escolar aos 53 anos de idade, por isso, já direto na modalidade EJA. Desse total 17 estudantes foram reprovados no decorrer de seus estudos e a maioria teve que parar de estudar por motivos diversos. Vejamos o gráfico abaixo:

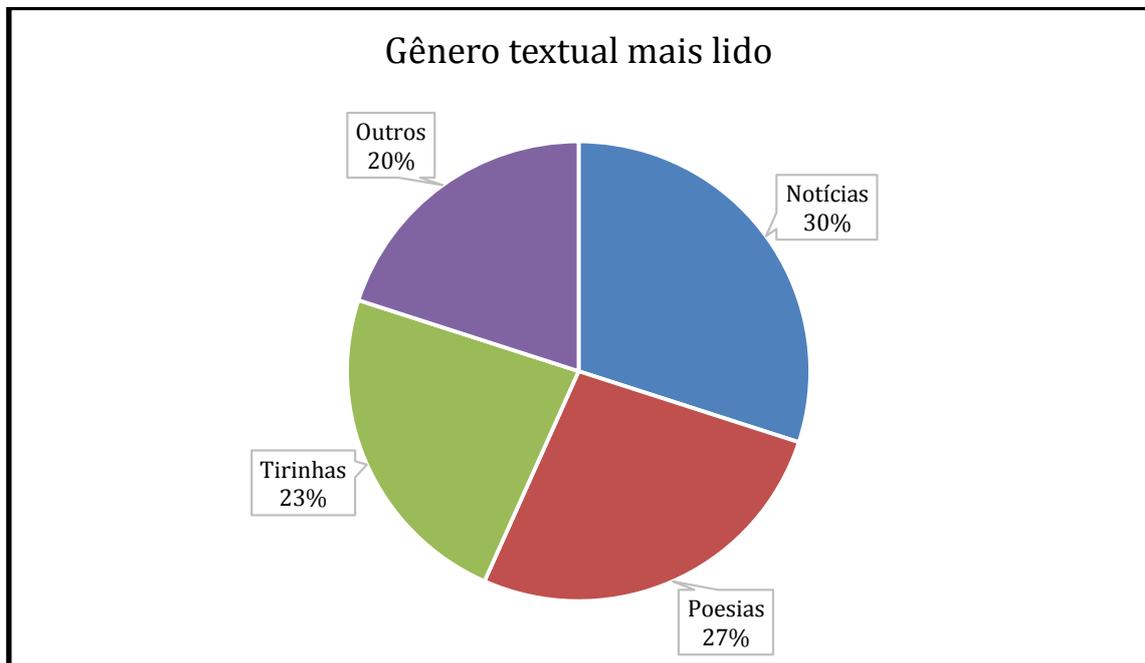


Quando questionados sobre o tempo que ficaram longe da escola, houve uma variação muito grande, sendo de 2 a 53 anos sem estudar. Diante da pergunta sobre o que fizeram os participantes da pesquisa procurarem a EJA, também houve mais de um motivo, dentre eles, veja o gráfico:



Ao serem questionados se confiavam nos professores para auxiliar na superação das dificuldades, foram unânimes em dizer que sim, confiam em seus educadores. Em outra pergunta sobre o componente de Língua Portuguesa, houve um questionamento em relação à

leitura e vinte e seis alunos disseram que gostam de ler, somente quatro disseram que não gostam. Quanto ao gênero textual que mais leem, ficou da seguinte forma:



Ao serem indagados se já haviam lido poesia fora do ambiente escolar, 20 alunos disseram que não e 10 que sim. Entre os que já haviam lido, os autores citados foram Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, outros disseram não se lembrar dos poetas lidos. Em relação à leitura de poesia na escola, foram concordantes em dizer que sim, já haviam lido, dentre os autores citados, os principais nomes lembrados foram Carlos Drummond de Andrade, Patativa do Assaré e Cecília Meirelles. Diante dessa realidade disseram que foi uma experiência muito boa ou ótima.

Ao fazer essa análise de dados, é possível perceber que os alunos que participaram dessa pesquisa fazem parte de um grupo heterogêneo, de faixas etárias diversas, que possuem histórico escolar bem diversificado, pertencentes à classe baixa e em sua maioria da cor parda. Esses dados também comprovam que muitos foram excluídos no meio do processo educacional e não tiveram a chance de um atendimento adequado às suas diferenças e necessidades como cidadãos.

É por esse motivo que a escola deve atentar-se aos problemas individuais e reconhecer as dificuldades e limitações de cada um, a fim de não deixar ninguém para trás. Como diz Mantoan (2015, p. 71) “O sucesso da aprendizagem está em explorar talentos, atualizar possibilidades, desenvolver predisposições naturais de cada aluno. As dificuldades e limitações são reconhecidas, mas não conduzem nem restringem o processo de ensino, como comumente

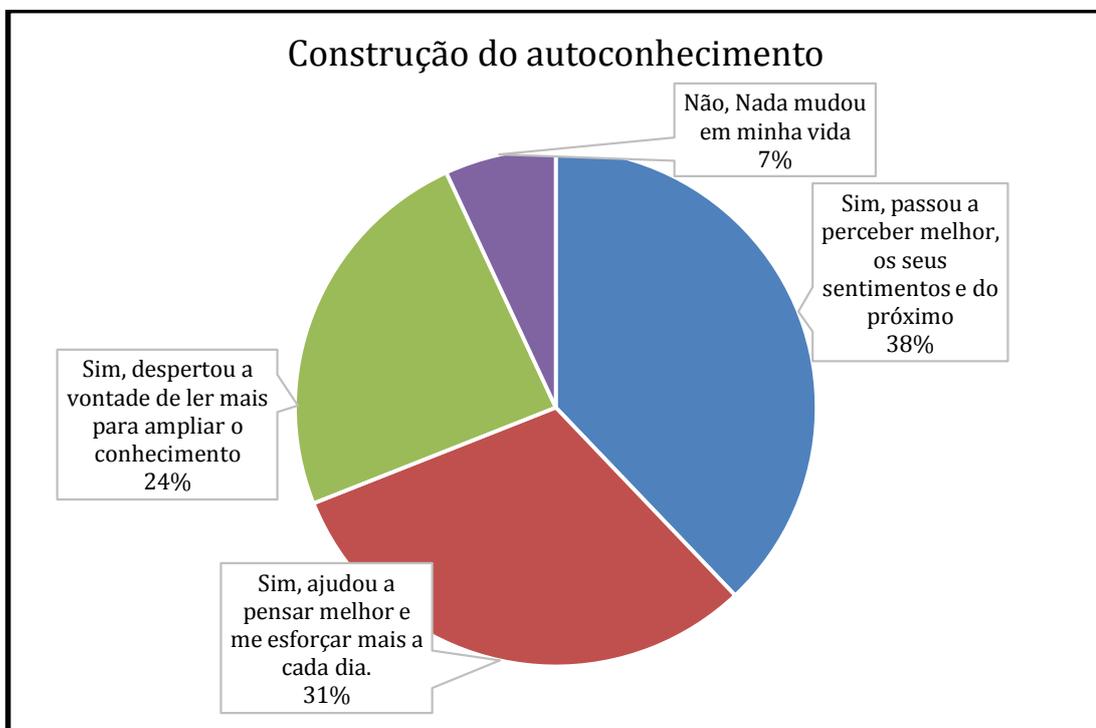
acontece.” As limitações e dificuldades não podem impedir o progresso do educando, já que a educação deve ser pensada para todos.

Diante do conhecimento diagnóstico, proporcionado pelo questionário inicial, iniciei a execução do projeto com as turmas escolhidas. Foi um processo que durou quase três meses, o que me propiciou momentos de observação, análise e compreensão do processo de formação do aluno leitor.

Ao final da execução do projeto de pesquisa, apliquei um novo questionário para fins avaliativos e houve uma percepção do desenvolvimento dos educandos e o envolvimento na sua formação como leitores literários críticos diante dos textos aplicados.

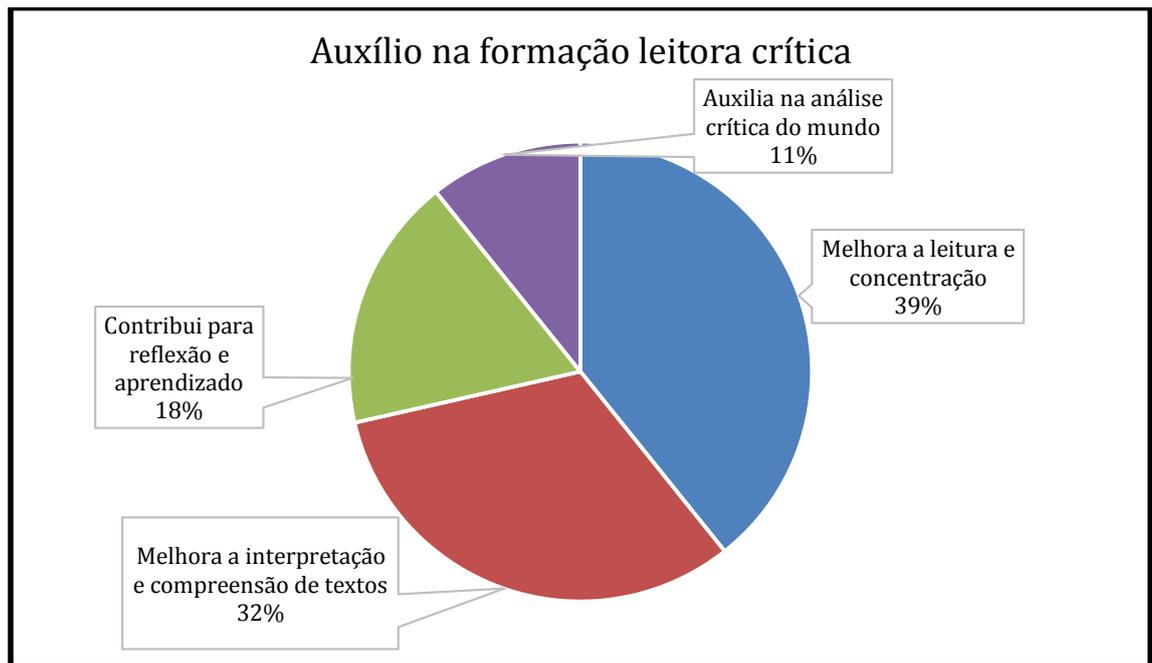
Nesse questionário final, ao serem questionados se haviam gostado das leituras e atividades relacionadas à poesia, somente um educando respondeu negativamente. Os demais avaliaram como atividades boas ou ótimas. Outra questão colocada para os estudantes foi sobre os sentimentos suscitados depois de ler os textos de Mario Quintana e as respostas foram variadas, alguns disseram que vão olhar diferente para as pessoas e para o mundo, outros afirmaram que sentiram alegria, crítica, ânimo e motivação para ter uma mudança de vida, a fim de serem pessoas melhores. Alguns acharam os textos divertidos.

Outra pergunta realizada no questionário final foi se a leitura da poesia de Mario Quintana ajudou na construção do autoconhecimento e veja o que a maioria respondeu:



A maioria disse que o trabalho realizado nas aulas de Língua Portuguesa, relacionados à leitura de poesia, ajudou a compreender melhor o seu semelhante e a ser mais empático em suas atitudes.

Também confirmaram que, após participar das oficinas de leitura de poesia, sentiram-se estimulados a ler e conhecer outros poetas, havendo apenas dois alunos que negaram tal afirmativa. O último questionamento foi se a leitura de poesia em sala de aula é importante para auxiliar na formação leitora reflexiva e crítica. Veja o que responderam:



Após a análise dos dados colhidos no questionário final, é certo que os alunos compreenderam a importância da leitura de textos poéticos para a sua formação leitora e o reflexo para a sua formação integral. Ficou evidente que os estudantes tiveram a sua sensibilidade despertada ao ler os textos poéticos, o que auxiliou na construção do conhecimento e na possibilidade de conhecer a si mesmo de modo mais profundo e ao próximo também, assim como o mundo que está a sua volta. O que confirma a afirmativa de Moisés (2019) de que a poesia “ensina a ver”. Ela instiga o leitor a ver o objeto, coisa, pessoa ou ideia como se nunca tivesse visto antes, despindo-lhes de velhos conceitos e absorvendo novas alternativas de compreensão. É nesse sentido que promove a criticidade no leitor.

Dessa forma, o resultado dessa pesquisa foi satisfatório, pois despertou muitos alunos a refletirem sobre a existência com um olhar mais crítico e com a possibilidade de transformação da sua realidade. Apesar de poucas aulas para o desenvolvimento da pesquisa, o resultado é visível, quando os próprios estudantes relatam que a prática da leitura de poesia pode melhorar

a concentração, compreensão e interpretação de textos, além de contribuir para a reflexão, aprendizado e análise crítica do mundo.

3.3 Quintaneando em sala de aula – discussão sobre as intervenções

No ato de ler, um livro se recolhe de sua condição de objeto que tem dono para se converter num ser vivo, capaz de nos interrogar, de nos perturbar e de nos ensinar a olhar zonas ainda não compreendidas de nós mesmos.

Maria Teresa Andruetto

Segundo Paulo Freire (1994, p.11) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Com base nessa afirmativa, tornou-se mais consistente a percepção de que leitura não é simplesmente identificar palavras, mas fazê-las ter sentido, compreender, interpretar, relacionar o objeto lido com as experiências individuais, coletivas e com mundo. Ler é ir além da simples decifração das letras, é adquirir conhecimento, transformá-lo em conformidade com as vivências, contribuindo para formação de cidadãos críticos e comprometidos com a realidade social.

Dessa forma, a educação de qualidade passa pela formação de leitores e por isso, optei por ler e trabalhar atividades envolvendo a leitura de poesia e, em específico, a do poeta Mario Quintana, autor que dá atenção às pequenas coisas do cotidiano e valoriza tudo a sua volta. Pinheiro (2005, p. 124) afirma isso “Os poetas nos ensinam a sentir melhor o mundo, a dar atenção às coisas que não têm importância nenhuma. Quintana (2005) nos lembra disso em vários poemas.”

Quanto à metodologia de pesquisa, foi escolhida a pesquisa-ação, já que essa proposta envolve pesquisador, os participantes que vivem a situação-problema e outros interessados na resolução desses problemas. O objetivo é encontrar caminhos ou procedimentos para interligar conhecimento e ação e, assim, extrair novos conhecimentos. Também pode-se dizer que é uma pesquisa social, com base empírica, que procura resolver um problema coletivo, e pesquisadores e participantes estão envolvidos de modo coletivo e participativo. (THIOLLLENT, 2011).

Como pesquisadora, busquei informações, conceitos, novas maneiras de trabalhar o texto poético em sala de aula e os estudantes colaboraram na forma de agir, resolver as atividades, na busca de transformar e melhorar a aprendizagem leitora. O problema encontrado é de base coletiva, já que a dificuldade de leitura e interpretação de textos é quase geral entre o público-alvo em estudo e todos trabalhamos juntos com o objetivo de melhorar ou resolver as

dificuldades encontradas, dentro de um processo em que todos participaram e cooperaram entre si.

Do lado dos pesquisadores, trata-se de formular conceitos, buscar informações sobre situações; do lado dos atores, a questão remete à disposição de agir, a aprender, a transformar, a melhorar, etc. Além de uma simples coleta de dados, a pesquisa-ação requer um longo trabalho de grupos reunindo atores interessados e pesquisadores, educadores e outros profissionais qualificados em diferentes áreas. (THIOLLENT, 2011, p. 08).

Assim aconteceu o desenvolvimento da pesquisa, visto que houve envolvimento e interação entre alunos, professores, profissional da sala de leitura e demais funcionários da escola, todos trabalhando em prol de um objetivo comum: oferecer uma educação de qualidade aos educandos.

A pesquisa *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)* foi desenvolvida na Escola Municipal Jardim Nova Esperança, no município de Goiânia/GO, visto que, é a unidade educacional onde trabalho e já desenvolvia projetos de leitura, inclusive, no Projeto Político Pedagógico da unidade escolar consta um trabalho que vislumbra essas ações de leitura, interpretação e escrita, cujo nome é *Projeto Caminho para a sabedoria*. A minha pesquisa foi a base para o desenvolvimento desse projeto no ano de 2022.

Dessa forma, essa pesquisa foi executada entre 05 de setembro a 22 de novembro de 2022. No entanto, é importante salientar que, desde o início do ano letivo, eu vinha trabalhando com a leitura de poemas de diversos autores, tais como Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Cecília Meireles, dentre outros. O objetivo era apresentar aos estudantes a variedade de obras e poetas da literatura brasileira e estimular o desejo de conhecer e ler autores diferentes.

Ao executar o projeto, o educando da EJA era visto como protagonista na construção de seu conhecimento, pois suas experiências e vivências eram integradas às atividades e leituras realizadas, reiterando o que afirma Pilati (2018, p. 96). “É o estudante que tem o protagonismo das atividades, pois ele é constantemente estimulado a refletir, debater, escrever e ler autonomamente de forma a construir o seu próprio conhecimento a respeito de um determinado texto ou tema abordado.” Assim sendo, as leituras praticadas em sala de aula, conduziam à reflexão, ao debate e à discussão dialógica e, a partir disso, cada estudante ia construindo o seu conhecimento e relacionando-o ao mundo em que vive.

No dia 05 de setembro de 2022, iniciei a execução do projeto e nesse primeiro momento apresentei, informalmente, o projeto e esclareci alguns questionamentos dos alunos, na

sequência fiz a exposição e leitura dos documentos Termo de assentimento livre e esclarecido (TALE), Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para os estudantes e pais/responsáveis, encaminhando-os para a assinatura de autorização.

Na aula do dia 06/09, orientei o preenchimento do questionário sociocultural para diagnosticar o perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Jardim Nova Esperança.

No encontro seguinte, dia 09/09, levei vários textos impressos de Mario Quintana, e fizemos a leitura compartilhada e comentários orais e escritos dos poemas: *Ritmo*, *Emergência*, *Ser e Estar*, *Retrato*, *O velho do espelho*. Todos do livro *Apontamentos de História Sobrenatural*, (2012); *Os poemas de Esconderijos do Tempo* (2013). Ao ler os textos, refletir e realizar uma discussão dialógica, pude perceber como os estudantes foram relacionando os textos lidos às suas vivências, convergindo numa fusão entre as culturas individual e coletiva do estudante com a experiência leitora que iam adquirindo. Dessa forma, o diálogo com o texto ia progredindo, à medida que os estudantes relacionavam o que liam com suas vivências.

A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Essa convergência dá-se pelas referências à cultura na qual se localizam o autor e o leitor, assim como por força das restrições que a comunidade do leitor impõe ao ato de ler. (COSSON, 2021, p. 41).

Um exemplo dessa convergência, aconteceu ao ler o poema *O velho do espelho*, quando algumas alunas, em idade mais avançada, conseguiram relacionar o que o poema dizia sobre o envelhecimento e afirmaram que também não tinham percebido a rapidez com que a vida passa e se chega à velhice. Além de relatarem a saudade dos pais que já se foram e as marcas que ficaram em sua personalidade, modo de agir e falar. Perceberam o quanto herdamos de nossos pais. Assim, foram construindo uma nova interpretação de sua existência e passaram a olhar a velhice com o auxílio dos olhos do poeta.

Ritmo

Mario Quintana
Na porta
A varredeira varre o cisco
varre o cisco
varre o cisco

Na pia
a menininha escova os dentes
escova os dentes
escova os dentes

No arroio
a lavadeira bate roupa
bate roupa
bate roupa
até que enfim

se desenrola
toda a corda
e o mundo gira imóvel como um pião!

Emergência

Mario Quintana

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo –
para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.

Ser e Estar

Mario Quintana

A nuvem, a asa, o vento,
a árvore, a pedra, o morto...

tudo o que está em movimento,
tudo o que está absorto...

aparente é esse alento
de vela rumando um porto

como aparente é o jazimento
de quem na terra achou conforto...

pois tudo o que é está imerso
neste respirar do universo

- ora mais brando ora mais forte
porém sem pausa definida –

e curto é o prazo da vida

e curto é o prazo da morte.

Retrato

Mario Quintana

Morreu ontem.
Portanto, o seu retrato está completo.
A longa vida – sabe Deus com que trabalho –
Deixou-nos, na lembrança,
Por final,
Em companhia de um velhinho suave...

Mas um velhinho suave como os couros gastos,
As madeiras polidas pelo uso,

Como os seixos rolados

- Suave e rijo!

Sua voz grave e trêmula tinha o som do tempo
E nós sempre nos espantávamos de a estar ouvindo

Porque era como se alguém tangesse o silêncio.

O Velho Do Espelho

Mario Quintana

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse

Que me olha e é tão mais velho do que eu?

Porém, seu rosto...é cada vez menos estranho...

Meu Deus, Meu Deus...Parece

Meu velho pai - que já morreu!

Como pude ficarmos assim?

Nosso olhar - duro - interroga:

"O que fizeste de mim?!"

Eu, Pai?! Tu é que me invadiste,

Lentamente, ruga a ruga...Que importa? Eu sou, ainda,

Aquele mesmo menino teimoso de sempre

E os teus planos enfim lá se foram por terra.

Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra! -

Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste...

Os poemas

Mario Quintana

Os poemas são pássaros que chegam

não se sabe de onde e pousam

no livro que lê.

Quando fecha o livro, eles alçam voo

como de um alçapão.

Eles não têm pouso

nem porto

alimentam-se um instante

em cada par de mãos

e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,

no maravilhado espanto de saberes

que o alimento deles já estava em ti...

Mario Quintana

Ao ler esses poemas de Mario Quintana, dentre eles *Emergência*, a aluna S. A. O. R., de 57 anos, disse “eu não sei onde a professora arruma tanta poesia bonita para a gente ler”, evidenciando a sensibilidade e fruição na recepção da leitura de poesia e que a fez se expressar de forma tão espontânea. Já a aluna A. R. B., de 47 anos, relatou “eu nunca tinha pensado desse jeito” ao ler o texto *O velho do Espelho*, confirmando o que Moisés (2019, p. 17) diz “a poesia nos ensina a ver como se víssemos pela primeira vez.” Perante o exposto, comprova-se que a poesia é para reflexão, análise e relação com a vida e seus percursos. Essas alunas foram provocadas pelos textos quintaneanos e conseguiram se identificar com as palavras escritas, além de terem suas emoções suscitadas, despertando-lhes sentimentos novos e transformadores.

Nessa reflexão, houve se refere à leitura do texto de ficção, mas o mesmo, pode-se dizer, se aplica à poesia:

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente - talvez, sobretudo - sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção. É porque elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam o nosso interesse. (2002, p. 19).

No dia 13/09, os estudantes do II Segmento 6^a, 7^a e 8^a séries foram conduzidos à Sala de Leitura “Encontro com o Saber”, da Escola Municipal Jardim Nova Esperança (cada turma em uma aula), a fim de conhecerem o ambiente de leitura e se familiarizarem com diversos livros de poemas. Ao chegar à sala de leitura, eu apresentei a profissional responsável, Cleonice Maria de Fátima, que passou a conduzir o encontro. A dinamizadora da sala de leitura, apresentou o ambiente físico, mostrando aos educandos os móveis e esclarecendo sobre as obras que fazem parte do acervo da Biblioteca. Em seguida, falou sobre as normas para utilização do ambiente de leitura, bem como eles poderiam fazer empréstimo das obras.

Nesse momento, confirmou-se o que Andruetto (2017, p.29) relata sobre a importância de pessoas que já possuem experiência com leitura intermediar o processo de formação de leitores, visto que, “Onde houver um leitor, houve antes, outros leitores, uma família, um professor, um bibliotecário, uma escola, outros que estenderam pontes. Nossos esforços devem se voltar à construção e à qualidade dessas pontes.” Essa relevância, ficou evidente quando ao concluir essa aula, ministrada de maneira empolgante, vários alunos procuraram a bibliotecária para locar um livro, saindo de lá com uma sementinha em suas mãos.



Acervo pessoal – Professora Vânia de Oliveira Resende Santos. Visita à sala de Leitura “Encontro com o Saber” da Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO. Ano 2022

Ainda na aula de apresentação da Biblioteca, foi entregue aos estudantes um breve texto que explanava sobre a importância da leitura. Nesse instante, houve muita interação dos estudantes que também queriam opinar sobre essa relevância. Na sequência, apresentou-lhes alguns livros, mostrou-lhes suas partes: capa, contracapa, orelha, biografia do autor, dentre outros, também falou sobre os diversos gêneros textuais que os livros podem contemplar. Nessa apresentação, também falamos que nem sempre ler é fácil, mas, em alguns casos, é desafiador, já que é preciso parar, refletir, pensar, relacionar e vivenciar o que o texto transmite, como ratifica Andruetto,

..mas acontece que os livros nos põem diante de nós mesmos e diante do mundo do qual fazemos parte e nos convidam a trabalhar arduamente para tornar efetivas as possibilidades. Assim, a literatura nos propõe inquietação, insatisfação, intempérie. Como sabemos, seu território não é o geral, mas o particular. Nela, não está a palavra falível nem a palavra uniforme que suprime a indecisão e a dúvida; muito pelo contrário, em seu mundo vivem a dúvida, as indecisões, as dificuldades de compreensão, que são todas estratégias necessárias para pensarmos por nós mesmos, coisa sempre tão difícil. (2017, p. 79-80).



Acervo pessoal – Professora Vânia de Oliveira Resende Santos. Visita à sala de Leitura “Encontro com o Saber da Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO. Ano 2022

Para melhor conhecimento dos alunos, foi lida nesse momento da visita a biografia de Mario Quintana contida em um dos livros expostos sobre as mesas. Após essa apresentação da sala de leitura, os alunos puderam manusear diversos livros de poetas variados, dentre eles, Mario Quintana, sugerindo-lhes que escolhessem uma obra e lessem alguns poemas, a fim de escolher um texto para um breve comentário, partindo, dessa forma, da ideia que a leitura precisa de um destinatário para concretizar-se. Jouve (2002, p.61) destaca que “A leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor. A obra precisa, em sua constituição, da participação do destinatário.”

Em outra aula, 19/09, levei vários livros de Mario Quintana para a sala de aula e fizemos uma exposição, orientei manuseio, observação e leitura de alguns textos, depois escolher um poema preferido para ler em voz alta e comentá-lo. Essa atividade foi muito proveitosa e pude perceber o entusiasmo dos alunos ao escolher um texto para apresentar à turma. Procurei com essa atividade confirmar o que Pilatti (2018) diz sobre a participação efetiva dos educandos em tarefas que os envolvam num movimento dialético com o texto, relacionando-o ao mundo em que vive e ao mundo produzido esteticamente pelo autor.

Logo, não há educação literária verdadeira, coerente com um contexto de educação emancipadora, se ela não se basear em um princípio metodológico que estimule a atividade, a produção, a criatividade dos alunos. Não há ‘ensino’ de poesia possível sem o estímulo à produção ativa e criativa de leituras que dialeticamente envolvam o texto e o mundo que este mesmo texto interpreta esteticamente. (2018, p. 49)

A cada comentário feito pelos estudantes havia demonstração de apreço e estímulo a continuarem as suas ideias, logicamente orientados pela professora. Os questionamentos direcionados ao texto e sua relação com a vida do leitor eram instigados a todo momento, proporcionando uma participação mais ativa, até mesmo de estudantes mais tímidos e introspectivos.

Da mesma maneira, o professor não deve realizar funções do aluno no aprendizado, o que, no fim das contas, resulta em sequestrar a sua oportunidade única de aprendizagem. Em suma, não cabe ao professor entregar leituras; cabe a ele estimular a inquietação, a curiosidade, a formulação de interrogações, convidando os alunos a partilharem de uma imersão em um “jogo”, que é o texto literário. (PILATI, 2018, p. 59).

O meu papel como professora, mediadora e motivadora da aprendizagem também foi sendo construído a cada aula, já que estava pautada em referenciais teóricos relevantes, nos quais me embasei para o planejamento de tais procedimentos metodológicos, por isso procurei incentivar os alunos, oferecendo oportunidades para a apropriação e construção de sua aprendizagem.



Acervo pessoal – Professora Vânia de Oliveira Resende Santos. Em sala de aula (7ª série), da Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO. Ano 2022.

Para trabalhar o aprofundamento da questão voltada à subjetividade, no dia 22/09, foi elaborada uma atividade de leitura, discussão dialógica e interpretação dos textos *A surpresa de ser* e *Olho as minhas mãos* de Mario Quintana.

A surpresa de ser

Para Armindo Trevisan

A florzinha
 Crescendo
 Subia
 Subia
 Direito
 Pro céu
 Como na História de Joãozinho e o Pé de Feijão.
 Joãozinho era eu
 Na relva estendido
 Atento ao mistério das formigas que trabalhavam tanto...
 E as nuvens, no alto, pasmadas, olhando...
 E as torres, imóveis de espanto, entre voos ariscos
 Olhavam olhavam...
 E a água do arroio arregalava bolhas atônitas
 Em torno de cada pedra que encontrava...
 Porque todas as coisas que estavam dentro do balão azul
 [daquela hora
 Eram curiosas e ingênuas como a flor que nascia
 E cheias do tímido encantamento de se encontrarem juntas,
 Olhando-se... (AHS, p. 115)

Olho as minhas mãos

Olho as minhas mãos: elas só não são estranhas
 Porque são minhas. Mas é tão esquisito distendê-las
 Assim, lentamente, como essas anêmonas do fundo do mar...
 Fechá-las, de repente,
 Os dedos como pétalas carnívoras!
 Só apanho, porém, com elas, esse alimento impalpável
 [do tempo,
 Que me sustenta, e mata, e que vai secretando o pensamento
 Como tecem as teias as aranhas.
 A que mundo
 Pertengo?

No mundo há pedras, baobás, panteras,
 Águas cantarolantes, o vento ventando
 E no alto as nuvens improvisando sem cessar.
 Mas nada, disso tudo, diz: "existo"
 Porque apenas existem...
 Enquanto isto,
 O tempo engendra a morte, e a morte gera os deuses
 E, cheios de esperança e medo,
 Oficiamos rituais, inventamos
 Palavras mágicas,
 Fazemos
 Poemas, pobres poemas
 Que o vento
 Mistura, confunde e dispersa no ar...
 Nem na estrela do céu nem na estrela do mar
 Foi este o fim da Criação!
 Mas, então,
 Quem urde eternamente a trama de tão velhos sonhos?
 Quem faz - em mim - esta interrogação? (AHS, p. 45-46).

Nessa aula, pedi que os alunos lessem os textos individualmente, em seguida, fiz uma leitura em voz alta e passamos para os comentários, compreensão e a interpretação dos poemas. Sempre com a intenção de contextualizar o conhecimento adquirido com a vida social e as vivências de cada um. Nesse intuito de compreender a subjetividade, a poesia desenvolve a humanização tão imprescindível nos dias atuais, em que as pessoas vivem robotizadas em seu mundo individual.

Muitos alunos interagiram, emitindo opiniões e experiências vividas. As histórias de cada estudante foram cruciais para a construção de suas interpretações. No decorrer das discussões foram compreendendo *a surpresa de ser* a que o poeta se refere, além de compreenderem a contemplação de pequenas coisas do cotidiano misturadas a imaginação ficcional do poeta. E assim iam relacionando às experiências obtidas no decorrer da vida. Similarmente, ao ler e comentar *Olho as minhas mãos*, começaram a perceber que há particularidades que os diferenciam das outras pessoas. Pedi que olhassem para suas mãos e para dentro si mesmos e refletissem sobre quem eram. Esse momento envolveu muitos sentimentos, pois perceberam seus desejos íntimos, suas expectativas, gostos e aversões. Dessa forma, foram descobrindo sua singularidade, e conseqüentemente, a sua subjetividade, por meio da leitura dos poemas supracitados. E, ciente dessa individualidade que o leitor contempla no texto, também foi possível perceber que há a influência da formação coletiva que cada um teve no decorrer de suas vidas, ou seja, o sujeito social também está presente na maneira de vislumbrar e interpretar o texto. O que confirma Cosson,

Do mesmo modo, a história de leitor do aluno, as relações familiares e tudo mais que constitui o contexto da leitura são fatores que vão contribuir de forma favorável ou

desfavorável para esse momento interno. A interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Por isso, por mais pessoal e íntimo que esse momento interno possa parecer a cada leitor, ele continua sendo um ato social. (2021, p. 65).

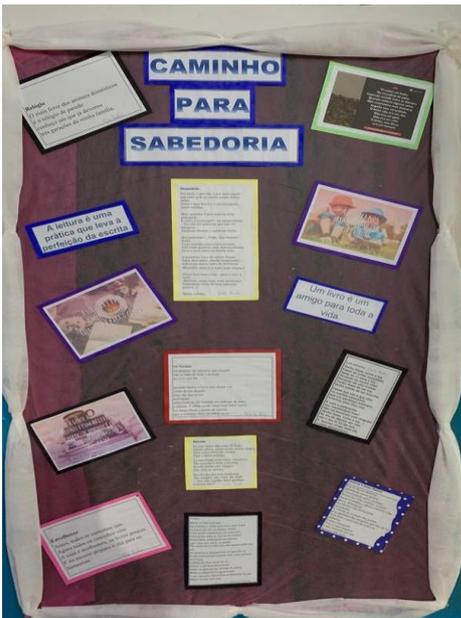
Essa atividade, também conduziu o estudante a entender que sua individualidade é construída a partir do que viveu em suas relações familiares, sociais e culturais, ou seja, mesmo a sua singularidade nasceu de convivências coletivas e construiu seu modo de pensar, sentir, de estabelecer os seus valores no meio em que convive com o outro. Sendo assim, mesmo a subjetividade sendo singular, ela é construída por meio de uma mescla de influências recebidas do mundo externo.

Após essa aula dialógica, pedi que os alunos escrevessem breves comentários sobre os textos, enfatizando o que compreenderam e os relacionando a alguma experiência de suas vidas. No dia 26/09, juntamente com a profissional da sala de leitura, Cleonice Maria de Fátima e os alunos, montamos dois murais poéticos, expondo biografias, fotos, frases e poemas de vários autores brasileiros. Essa atividade foi muito proveitosa e os estudantes foram incentivados a lerem os textos em exposição.



Acervo pessoal – Professora Vânia de Oliveira Resende Santos. Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO. Ano 2022





Acervo pessoal – Professora Vânia de Oliveira Resende Santos. Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO. Ano 2022

Em 27/09, executei a dinâmica: *As palavras da tristeza e da felicidade* (Cosson, 2021, p. 127), quando os alunos tiveram a oportunidade de escrever em uma folha, dez palavras que lhes remetia à ideia de tristeza e dez que expressavam a felicidade. Por meio dessa dinâmica, houve uma discussão sobre o que pode causar tristeza e felicidade. Houve muita troca de experiências e relatos emocionantes sobre a vida dos educandos, o que contribuiu para a compreensão de sentimentos e emoções. As palavras mais repetidas em todas as salas deram origem à lista a seguir.

ALEGRIA	TRISTEZA
Afeto Amizade Amor Animais Aniversário Ano novo Bem estar Bondade	Acordar cedo Ansiedade Brigas Decepção Depressão Desânimo Desigualdade Desobediência

Brincadeira Caridade Carinho Casa/lar Celular Chuva Comida Companheirismo Compras Conquista Conselhos Descansar Deus Dinheiro Dormir Escola Esportes Família Feriados Férias Festas Fidelidade Filmes/séries Folga Igreja Internet Leitura Música Namorado (a) Nota boa Oração Paciência Paz Positividade Prazer Pureza Salário Saúde Sonhar Sorriso Sucesso Superação Televisão Trabalho Verdade Viajar	Desprezo Discriminação Discussão Dívidas Doença Drogas Eleições Falsidade Falta de dinheiro Filas Fofocas Fome Gritos Homofobia Humilhação Ilusão Impunidade Impureza Infidelidade Ingratidão Intolerância Mal estar Maldade Mentira Morte Negatividade Nota ruim Ódio Pandemia Perdas Preconceito Preguiça Pressão Prisão Prova Roubo Solidão Traição Velório
---	--

Essas intervenções serviram de preparação para a etapa das Oficinas de leitura, interpretação e escrita. Os alunos já haviam lido, dialogado com alguns textos de Quintana e, conseqüentemente, já estavam motivados a continuar essa trajetória pelos quintanares.

Desenvolver o conhecimento pela leitura de poesia é ir muito além da leitura mecanicista, mas é preciso aprofundar, dialogar com o texto, a fim de compreendê-lo e relacioná-lo com a realidade que vive.

Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE 1994 p. 11).

Nesse ínterim, minha função era orientar, ajudar a contextualizar e ampliar o conhecimento adquirido, com o objetivo de descobrir novos significados no conjunto das informações obtidas. Consciente que minha função é de grande valia para formação integral dos estudantes, ofereci-lhes textos pré-selecionados com zelo e cuidado, a fim de instigar-lhes nessa busca pelo conhecimento literário. Também ciente de que é com uma pequena porção que as aulas de Língua Portuguesa colaboram nessa longa jornada de formação, já que proporciona uma aproximação mínima do estudante com o universo poético, posto que, por causa do Documento Curricular da EJA, há pouca oportunidade para trabalhar o gênero poético e por isso, são muitas cobranças para ministrar outros conteúdos e executar outras leituras, ficando a cargo do professor a resistência em trabalhar com textos literários, dentre eles, a poesia. Pinheiro reitera essa informação,

A escola poderá oferecer uma aproximação mínima com a poesia. Somente a convivência cotidiana com ela pode nos levar a essa percepção do "mundo mais verdadeiro" de que nos fala o poeta. Para tanto, é bom lembrar: é o professor que conhece sua turma e sabe que poemas indicar, que tipo de discussão pode estimular e como procurar sensibilizar os leitores mais recalcitrantes. (2018, p. 124).

Mesmo sabendo que a escola oportuniza, minimamente, o acesso aos textos poéticos, não podemos desistir, mas, ao contrário, perseverar e aproveitar cada momento das aulas para oferecer uma leitura crítica e relevante que amplie a compreensão e interpretação de textos e, assim, compreender-se como indivíduo e como sociedade. Pinheiro (2018) ressalta que o acesso à poesia é um direito do aluno, quanto a continuarem seu caminho como leitores é uma incógnita, porém, nosso dever como educadores é proporcionar o contato com o texto poético, mostrando-lhes como este pode representar seus diversos sentimentos e emoções, sanar dúvidas e refletir suas próprias experiências.

Para enfrentar a realidade de ausência de poesia na escola com propostas efetivas, é preciso acreditar que a poesia é essencial à vida. Que o acesso a ela é um direito de toda criança e de todo jovem. Se a criança ou o jovem vão depois se tornarem leitores de poesia, não temos como afirmar, mas temos o dever de levá-los a terem contato com uma poesia em que estejam representados seus desejos, suas fantasias, suas dúvidas, seus medos, suas alegrias, toda a sua experiência de vida enfim. Mas também proporcionar-lhes leituras desafiadoras que possam questionar posições, preconceitos

e colaborar para que se tornem leitores mais exigentes. Nem sempre é bom respeitar o gosto, uma vez que sabemos que o nosso gosto e o de nossos alunos estão impregnados das facilidades que a sociedade de consumo nos impinge a todo instante. (PINHEIRO, 2018, p. 112-113).

Sendo assim, é fundamental elaborar projetos, preparar aulas que possibilitem o acesso do educando ao texto poético, mesmo que para isso, tenhamos que enfrentar barreiras. Outro fator crucial é proporcionar leituras desafiadoras, pois, dessa maneira, o leitor torna-se mais crítico e exigente. Diante de tudo isso, cabe ao professor selecionar textos e levá-los para a sala de aula, bem como, incentivar a leitura extraclasse, realizando assim, o seu papel de orientador e motivador na formação leitora.

3.4. Caderno de poesias: Entre versos e afetos

O poema
Essa estranha máscara
Mais verdadeira do que a própria face...
Mario Quintana

Nesta pesquisa, busquei evidenciar a importância da leitura, de modo geral e em particular a leitura poética, por meio de um processo dialógico no cotidiano da sala de aula, estimei o pensamento crítico, o questionamento e a expressão dos sentimentos e ideias dos alunos. Da mesma maneira, primei em despertar o desejo de ler e procurei situações para que o estudante pudesse interagir com os demais participantes da pesquisa. Destaco que foi relevante respeitar a opinião dos alunos, quando alguns diziam não gostar de algum texto, por isso, foram elaboradas atividades diversas, para que os alunos tivessem acesso a uma variedade textual, com finalidade de encontrar obras que gostassem e tivessem prazer na leitura.

Prazer do texto. Clássicos. Cultura (quanto mais cultura houver, maior mais diverso será o prazer). Inteligência. Ironia. Delicadeza. Euforia. Domínio. Segurança: arte de viver. O prazer do texto pode definir-se por uma prática (sem nenhum risco de repressão): lugar e tempo de leitura: casa província, refeição próxima, candeeiro, família lá onde é preciso, isto é, ao longe e não longe (Proust no gabinete com aromas de íris) etc. Extraordinário reforço do ego (pelo fantasma); inconsciente acolchoado. Esse prazer pode ser *dito*: daí vem a crítica. (BARTHES, 2015, p. 61).

Para acontecer esse prazer, fruição no texto, Barthes (2015) mostra uma necessidade de ampliação do campo leitor, com acesso a diversas obras e à diversidade cultural. Os clássicos estão entre os que permitem essa fruição e contribuem para a descoberta da arte de viver. Por essa razão, é fulcral dar condições para o conhecimento de clássicos, como Quintana, além de

outros grandes escritores literários, pois, assim, o educando poderá descobrir a sua leitura predileta e sentir o prazer devido, além de todo conhecimento por ela proporcionado.

As aulas desenvolvidas ao longo da pesquisa de campo foram dialógicas, contextualizando as experiências e vivências dos educandos aos poemas em estudo. As leituras foram individuais, coletivas e compartilhadas. Houve o envolvimento da turma em uma reflexão analítica dos textos. Dessa maneira, a leitura da palavra era relacionada à leitura que cada um tinha de mundo, como afirma Freire, “Jamais aceitei que a prática educativa devesse se ater apenas à ‘leitura da palavra’, à ‘leitura do texto’, mas também à ‘leitura do contexto’, à ‘leitura do mundo’” (2012 p. 49)

Como resultado desse processo de execução do projeto de pesquisa na escola, projetamos um produto educacional que pudesse compilar as ações e atividades desenvolvidas, sendo que, o que mais contemplou as expectativas foi um *E-book*, intitulado *Entre versos e afetos: Leitura de poesia na EJA*, que apresenta minha prática pedagógica em sala de aula, desenvolvida durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do CEPAE/UFG,

Trabalhar com a EJA é um grande desafio todos os dias. As salas de aula são compostas por alunos de faixa etária variadas, com perspectivas e desejos diferentes, o que pode ocasionar choque de interesses. Nas turmas em que foram ministradas as aulas, havia alunos de 16 a 61 anos de idade. Os adolescentes e jovens são mais irreverentes, gostam de brincar, conversar e sair da sala por qualquer motivo, enquanto os adultos ficam mais focados, não gostam das brincadeiras dos adolescentes e jovens e ficam nervosos com barulhos e conversas paralelas. Essa foi uma das adversidades que tivemos que contornar com muito diálogo e combinações prévias para que as aulas fluíssem com êxito.

Também gera dificuldades na EJA, da Escola Municipal jardim Nova Esperança, a falta de assiduidade e pontualidade, visto que os educandos faltam muito e alguns chegam somente no segundo horário, devido ao trabalho e a dificuldade de locomoção do trabalho até a casa e escola. Por esse motivo, alguns conteúdos precisaram ser ministrados mais de uma vez, além de fazer constantes revisões, a fim de alcançar a todos os participantes.

Devido a inúmeros problemas de ordem pessoal e social, muitos educandos se afastam da escola e quando retornam, sentem-se inferiores, com baixa autoestima, acham que não vão conseguir aprender e muitos até desistem no decorrer do ano letivo. Essa barreira é uma das mais difíceis de romper e foi necessário muito diálogo, palavras de incentivo e motivação para ajudá-los a vencer essas dificuldades.

Além de tudo isso, no ano de 2022, a escola teve baixa taxa de matriculados, visto que foi o ano em que as escolas da Rede Municipal de Educação retornaram 100% presencial, após quase dois anos de aulas *on line*, devido à Pandemia de Covid-19, que todos vivenciamos. Por isso, percebeu-se que muitos ainda tiveram dificuldades para voltar à escola, seja por insegurança ou porque se sentiram desanimados.

Por último, quero relatar que alguns alunos apresentaram resistência em participar do projeto de pesquisa, com receio de se comprometerem com algo que não conseguiriam realizar, mas após muita conversa, tirando dúvidas e explicando, resolveram ingressar nessa pesquisa.

Apesar dessas dificuldades relatadas, pude colher vários frutos desse trabalho. Houve muitas alegrias e momentos de reflexão em que eu e os alunos nos sentimos tocados pelos textos lidos e pela troca de experiência.

Os alunos perceberam que o projeto era interessante e começaram a participar meio receosos, mas depois interagiram e se integraram nas atividades ministradas. Houve engajamento e disposição para os momentos de leitura, discussão e também da escrita. Além de relatos de vivências que emocionaram a turma e a professora.

Diante de tudo isso, a avaliação realizada foi muito positiva, uma vez que, pelos comentários orais e escritos, pela troca de experiência e pelos textos produzidos, deu para perceber que os estudantes melhoraram a compreensão e interpretação de textos, assim como compreenderam a sua subjetividade, sua relação com o coletivo e ampliou a capacidade de ler criticamente os textos.

O procedimento metodológico escolhido para execução do projeto foi trabalhar com Oficinas, visto que, diante de minha experiência, sugestão da professora orientadora e também da leitura de Cosson (2021) e Pinheiro (2018), entendemos que seria uma excelente opção, já que, por meio dessa metodologia, é possível envolver os alunos e contribuir para que construam o conhecimento juntos com a professora-pesquisadora, além de, após a leitura e discussão dos textos escolhidos, ser importante que haja um registro escrito, a fim de averiguar o conhecimento adquirido pelos educandos, pois como afirma Cosson,

Essas sequências procuram sistematizar a abordagem do material literário em sala de aula integrando, fundamentalmente, três perspectivas metodológicas. A primeira dessas perspectivas é a técnica bem conhecida da oficina. Sob a máxima do aprender a fazer fazendo, ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento. Em nosso caso, o princípio da oficina se faz presente na alternância entre as atividades de leitura e escrita, isto é, para cada atividade de leitura é preciso fazer corresponder uma atividade de escrita ou registro. (2021, p. 48).

A partir dessa escolha, foram elaboradas seis sequências didáticas, as duas primeiras contemplavam atividades diagnósticas e preparatórias para as oficinas, três sequências descreviam especificamente as oficinas de Leitura e Interpretação de Textos e a última contemplava o fechamento avaliativo e culminância do projeto. Dessa forma, as oficinas foram planejadas e executadas nas turmas de 6^a, 7^a e 8^a séries e o resultado desse trabalho foi compilado no *E-book*, intitulado *Entre versos e afetos: Leitura de poesia na EJA*, dado que as produções expostas no Produto Educacional estão relacionadas ao mundo interior (subjetividade) e ao mundo exterior dos educandos e um reflete no outro nesse processo de descobertas e humanização. Assim afirma Andruetto,

Convicção de que a palavra, ademais de sua função prática, tem para nós outra função (uma função que todos os povos do mundo preservaram), que pode ser via de expressão de subjetividade de um indivíduo e, através dele, via de expressão de um conjunto de indivíduos. (2017, p. 46).

Graças à aplicação da sequência didática, com mediação e intervenção da professora-pesquisadora, os alunos leram muitos textos poéticos (o que antes não ocorria), produziram textos criativos e que expressavam seus sentimentos. Os resultados apontam para a eficácia do trabalho com a leitura do texto poético na EJA, pois, além de muito satisfatório o envolvimento dos alunos com as atividades, houve muita integração e participações dos estudantes no decorrer das aulas, bem como na execução das atividades propostas, foi possível perceber, pela análise dos dados, uma potencialização na capacidade leitora crítica dos alunos.

Todo o trabalho realizado foi feito com base em muito diálogo entre professora e alunos, houve muitos relatos de experiências, que foram relacionados aos textos trabalhados. Durante as aulas houve incentivo à curiosidade, ao questionamento e à criatividade. O estímulo à reflexão foi recorrente, bem como análise crítica dos textos lidos. Dessa maneira o foco foi trabalhar a educação problematizadora que Paulo Freire tanto apregou.

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras. (1980, p. 81).

Assim sendo, a execução do projeto de pesquisa foi muito boa, produtiva e teve como resultado vários textos produzidos pelos estudantes, além de uma visível simpatia desenvolvida pela leitura do texto poético.

O processo avaliativo foi contínuo, pela observação do progresso individual de cada estudante, da maneira como se expressavam oralmente, pelos comentários ou troca de

experiências, bem como pelos diversos textos produzidos após as leituras ou motivados por elas. Dessa forma, tentei utilizar variados recursos para perceber como caminhava o projeto. Segundo Mantoan,

A avaliação muda de sentido para ser coerente com as inovações propostas pela inclusão. Acompanha-se o percurso de cada estudante do ponto de vista do desenvolvimento de seus conhecimentos para resolver problemas de toda ordem, mobilizando conteúdos acadêmicos e outros meios que possam ser úteis para chegar a soluções pretendidas; analisam-se os progressos apresentados pelos alunos na organização dos estudos, no tratamento das informações e na participação da vida social da escola. (2015, p. 75).

Apresento a seguir a descrição e análise das oficinas mencionadas que ocorreram sempre com o propósito de correlacionar a leitura do texto poético com a expressão da subjetividade leitora por meio da atividade escrita.

Oficina 1 - *Apontamentos de histórias do cotidiano: autorretrato e subjetividades*

Impossível fazer um poema
neste momento.
Não, minha filha, eu não sou música – sou instrumento.

Sou, talvez, dessas máscaras ocas
Num arruinado monumento:
Empresto palavras loucas
À voz dispersa do vento...
Mario Quintana

Escolher o *corpus* de uma pesquisa não é tarefa fácil, mas ao deparar-me com a obra *Apontamentos de história sobrenatural*, tive a certeza que gostaria de trabalhar alguns de seus poemas em sala de aula, percebi que meus alunos necessitavam entrar em contato com essa obra de rica beleza.

No dia 06/10, foi realizada a primeira oficina cujo título é *Apontamentos de histórias do cotidiano: autorretrato e subjetividades*, para esse evento utilizou-se duas aulas sequenciais, de uma hora cada. Iniciamos com a observação e comentários de dois quadros de Van Gogh: *Autorretrato, 1889* e *Autorretrato com a Orelha, 1889*. Em seguida fez-se a leitura e comentários de alguns poemas: *Autorretrato*, de Manuel Bandeira, *Retrato e Lua Adversa*, de Cecília Meireles, *Autorretrato aos 56 anos*, de Graciliano Ramos, *Autorretrato*, de Millôr Fernandes e *O autorretrato*, de Mario Quintana. Todos tratavam da mesma temática. (Ver a transcrição desses textos nos anexos).

O foco central esteve no poema *O Autorretrato*, de Mario Quintana, em que se observa a descrição que o poeta faz de sua construção como ser humano.

O autorretrato

No retrato que me faço
- traço a traço
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco! (AHS, p. 33).

Há um traçado de sua formação nada convencional, mas que evidencia instabilidade e a consciência da temporalidade humana. Isso fica claro com a utilização do advérbio “às vezes”, que direciona o leitor a interpretar a vida do poeta como cheia de mudanças e marcada por momentos passageiros de sua trajetória. A inconstância é uma evidência da eterna construção e reconstrução da identidade humana. Paz (1976, p. 45) discute essa ideia,

As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo. Trata-se, pois, de uma verdade de ordem psicológica, [...] o poeta faz algo mais do que dizer a verdade; cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência. (1976, p. 45).

A partir dessas leituras, iniciou-se uma reflexão com o seguinte questionamento: quem é você? Todavia, pedi para não se deterem exclusivamente em suas características físicas, mas que se pensassem como seres individuais repletos de sonhos, sentimentos e emoções, além de serem integrantes de uma sociedade. Muitos queriam se manifestar e relatar descobertas de suas subjetividades. Nesse momento deu para perceber o que Andruetto afirma,

A leitura, então, como caminho de consciência que nos abre para nós e para os outros; escrever, ler, ouvir relatos dá forma ao que somos; nossas verdades, sonhos e recordações se constroem com as estratégias narrativas da ficção, de modo que transitar por ficções nos ajuda a construir nossas verdades e a organizar e dar coesão às nossas lembranças. (2017, p. 126).

Os estudantes também foram motivados a opinar sobre o que mais lhes chamou a atenção e com qual dos autorretratos mais se identificaram. Houve uma discussão mediada pela professora-pesquisadora sobre autoconhecimento e sua importância para uma vida melhor. Na sequência, foi-lhes proposto que produzissem textos com o tema “Autorretrato”, com o objetivo de denotarem (ou conotarem) como se percebem e assim expor um pouco de seu autoconhecimento. Andruetto (2017, p. 42), reitera “O que escrevemos é sempre fruto de nosso tempo, de nossa sociedade, de nossa experiência, de nossa geografia, da construção particular que a sociedade, à qual pertencemos, fez com a linguagem de todos.”

Como resultado, veja-se um texto escrito por uma aluna da 8ª Série:

Fases

Tenho fases como a lua
 Fases de um dia estar alegre
 E em outros triste,
 Decepções amorosas
 Decepções com a vida
 E fases vitoriosas
 Fase de ser sozinha
 Fase de estar na multidão
 Todas vem e vão!
 J. D. F. T. (8ª)

Nesse texto, ancorado no texto base *Lua adversa*, de Cecília Meireles a estudante fala de suas sensações interiores e de como percebe cada momento de sua vida, consegue se expressar e mostrar suas mudanças interiores, efetivando aquilo que Candido diz:

O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido. (2004, p. 178)

Como afirma Candido, a poesia mostra o caos interior e contribui para a tomada de consciência do verdadeiro eu, inspira a evidenciação do mundo interior. Dessa maneira, vários outros alunos também conseguiram se expressar e retratar um pouco de sua identidade, graças à oficina Autorretrato.

Minha descrição

Neste texto eu me descrevo,
 Linha por linha
 Às vezes, estressado,
 às vezes, triste,
 Às vezes, alegre
 Alegre, porque lembro dos meus amigos,

Ou da minha família,
 Momentos que se foram
 E outros que virão
 Sempre haverá recordação
 Pouco a pouco
 Minha eterna lembrança feliz
 Ou triste...
 No final, que restará?
 Risos e choro para recordar.
 C. E. P. L. (8ª)

Ser criança!

Eu tenho um sonho
 Queria ser criança!
 Eu sempre me recomponho
 Pois tenho esperança.
 Com um coração tão puro,
 Sem ódio e nem vingança.
 Eu era muito feliz,
 Pois amava minha infância.
 W. S. M. (8ª)

Contradições

Eu sou como o vento:
 Às vezes forte, às vezes fraco.
 Sou muito esforçado
 E sei o que quero.
 Gosto de brincar com as pessoas, e me divertir.
 Há momentos que me sinto cheio de vida
 e em outros sinto-me triste e perdido.
 Sinto que estou no lugar errado.
 Eu sou pensativo,
 Penso muito na vida.
 Como ela foi, como é e como será...
 Eu tenho um bom emprego, trabalho todo dia
 Todo dia tento ser o melhor,
 Para que um dia possa pensar na vida novamente
 E perceber o meu progresso.
 D. M. N. (7ª)

Essa é minha vida

Eu sou morena e solteira;
 Mãe de seis filhos,
 Considero-me uma guerreira;

Criei todos meus filhos sozinha,
 Com a ajuda de Deus,
 Consegui cuidar de todos
 E tenho minha casinha.

Eu ainda continuo trabalhando e estudando,
 Mesmo longe eu morando,
 Eu não vou desistir
 Daquilo que quero conseguir

Vou lutar!
 Mesmo quando a tempestade vem,
 Eu não vou abaixar a cabeça
 Vou continuar pensando no meu bem.

R. M. T. (7ª)

Menina ou mulher?

Uma menina ou mulher?

As duas...

Sou do tipo que leva a vida na brincadeira,

Divertida e educada,

Chorona e esforçada!

Cada conquista para mim,

é apenas um recomeço;

Sempre de cabeça erguida,

Sigo levando minha vida!

Do passado, tenho dor,

No presente tenho amor,

Para o futuro, confio no Senhor!

M. J. R. M. (8ª)

Nessa oficina, houve muitos comentários pessoais em que os alunos falaram sobre suas vivências, alguns demonstraram emoção e busca pela compreensão de sua própria identidade. Foram momentos marcantes e que revelaram a importância de um canal de expressão das subjetividades e o quanto é necessário trabalhar essas temáticas em sala de aula. Em alguns textos, percebe-se autoafirmação, buscas, desejos, memórias, dor, alegrias e outras emoções que, expressas por meio da palavra, esse potente instrumento de elaboração e tradução do eu e de sua relação com o mundo.

Alguns relatos de vivências foram marcantes durante essa oficina, dentre elas, quando a aluna N. S. S. (8ª) narrou um pouco de sua vida e disse que os textos lidos em sala, fizeram-na recordar de fatos e acontecimentos que viveu, dentre eles a violência sofrida em um relacionamento abusivo, em que o esposo a agredia e a proibia de sair de casa, as dificuldades financeiras, a luta para criar os filhos e netos.

Ao fazer esse relato, os colegas de sala ficaram emocionados e passaram a olhar para a estudante como um exemplo, uma vez que já enfrentou tantas lutas e dificuldades, mas não desistiu de seguir em busca de seus sonhos, pois a mesma declarou que sonha em fazer um curso superior. Diante das narrações que a aluna fez, relaciona-se o acontecimento com o que diz Jouve (2002, p. 119) “Uma única palavra às vezes pode fazer surgir um passado: por meio da leitura, o texto remete cada um à sua história íntima.”

Isso posto, tenho a declarar que essa oficina foi de muita produtividade e conseguiu alcançar os objetivos, que era contribuir para que os alunos pudessem se expressar e compreender o quão singular é a existência de cada um, bem como, desenvolver autoconhecimento e maior percepção de sua subjetividade.

Temos defendido aqui que a poesia é, entre outras coisas, uma forma de conhecimento do mundo. Graças a sua capacidade de assumir a dinâmica da realidade em um trabalho intensivo com a linguagem, a poesia nos apresenta aspectos fundamentais da existência, ou seja, da maneira como interagimos com os outros em sociedade, da maneira como nos relacionamos com o nosso ambiente, da maneira como nos encontramos com nossa subjetividade. (PILATI, 2018, p. 51-52).

Oficina 2 - Dicionário poético: verbetes a partir da realidade dos alunos

Atuar, refletir, avaliar, programar, investigar, transformar são especificidades dos seres humanos *no e com o mundo*. A vida vai virando *existência* e o *suporte do mundo*, quando a consciência do mundo, que implica a consciência de mim, emergindo já se acha em relação dialética com o mundo.

Paulo Freire

No dia 18/10, iniciamos a preparação para a próxima oficina ***Caderno H: Verbetes para um dicionário poético***. Pedi que os alunos pesquisassem em dicionários impressos ou na *internet*, dez palavras da lista que havíamos trabalhado anteriormente, cinco palavras relacionadas à tristeza e cinco à felicidade. Com esse trabalho, eles aprofundaram o conhecimento de palavras que remetem aos sentimentos e emoções, bem como compreenderam a importância, a função dos verbetes de dicionários e até mesmo o manuseio de um dicionário seja impresso ou on-line.

No dia 20/10, foi desenvolvida a oficina para criação dos *Verbetes Poéticos*, seguindo-se as seguintes ações: a princípio, houve a distribuição de duas palavras com o mesmo final “*ão*” para cada estudante, orientei-os a formar duas frases em que teriam as palavras distribuídas no final do enunciado. Em seguida, foram formados grupos com cinco alunos, para montassem um texto coletivo com as frases escritas individualmente.

Essa parte de registro escrito, expressão através de palavras faladas ou escritas intensifica a interpretação e amplia a possibilidade de formação de leitores críticos e conscientes, já que, por esse meio, há a externalização do que leram. Cosson (2021, p.66) contribui para compreendermos essa ideia, ao dizer que “as atividades da interpretação, como a entendemos aqui, devem ter como princípio a externalização da leitura, isto é, seu registro. Esse registro vai variar de acordo com o tipo de texto, a idade do aluno e a série escolar, entre outros aspectos.”

Ao realizarem essa atividade, os educandos precisariam observar a coerência das ideias e organizar da maneira mais significativa possível, exercitando assim o trabalho em equipe. Dessa atividade surgiram alguns textos, dentre eles, os que seguem abaixo:

Relações

Por favor, me fale como está a nossa relação.
Coração acelerado, sinto forte emoção;
Isso que sinto, só pode ser paixão

Não cometo atos de violação,
Porque pra mim, isso é ato de transgressão.
Por favor, tenha compaixão.

Eu sempre tive disposição
Eu sou uma pessoa, que tenho percepção.
Sou do tipo que se esforça para não agir com transgressão.

Eu vou fazer uma intervenção
E não vou viver de ilusão.

A. A. M. (6^a), N. S. S. (8^a), B. I. S. (8^a), E.S. o. (8^a), A. L. A.(6^a)

Ensinamentos

Um homem estava ferido e veio outro e ajudou
Isso é compaixão;
Um pai disse ao seu filho, que a vida é curta e difícil;
Ele tem razão.
É sempre assim, mas é linda a dimensão;
A humanidade sempre está em reflexão.
A mente imagina tantas coisas...
Isso é nossa percepção.

É bonita a aparência da nossa descrição
O sucesso é consequência da nossa determinação.
A caridade nos leva a mais perfeita comunhão.

D. M. N. (7^a), F.R. S. S. (7^a), K. A. S. (7^a), R. M. T. (7^a), A. R. B. (7^a), J. S. P.(7^a)

Gratidão

Obrigado Deus, por mais um dia, tenho muita gratidão;
Acordo todo dia com muita disposição;
E devemos fazer tudo com singela inspiração.
Aos que estão comigo tenho muita gratidão
Mas às vezes, o silêncio é a melhor expressão.
Não há como provar a bondade sem carregá-la no coração.
As contas estão chegando, preciso de alguma ação
E essa câmera não tem boa resolução;
Nada de grande se valoriza no mundo sem viver uma paixão.
Mas nunca diga não!

C. E. P. L. (8^a), J. D. F. T.(8^a), N. P. O.(8^a), G. M. C. M. (8^a), W. S. M. (8^a),

Depois dessa dinâmica, conversamos sobre emoções e subjetividades humanas e os alunos ajudaram a montar o *alfabeto das subjetividades*, no qual, sugeriam palavras, que retratavam o interior humano, de acordo com cada letra do alfabeto. Essa atividade foi realizada de modo coletivo, utilizando o quadro branco da sala de aula para escrever as palavras citadas. À frente de cada letra do alfabeto fomos colocando, em média, três palavras que representassem as emoções, sentimentos e subjetividades humanas. Os estudantes escolheram dez palavras das

sugeridas no quadro e pesquisaram o significado no dicionário impresso, copiando-as no caderno.

Posteriormente, fizemos a leitura compartilhada de alguns poemas, do livro *Caderno H*, de Mario Quintana. Segue abaixo, alguns dos textos quintaneanos lidos e discutidos na oficina.

AMIZADE

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

AMOR

Quando o silêncio a dois se torna cômodo.

BEBIDA

Quem bebe por desgosto é um cretino: só se deve beber por gosto.

DUPLA DELÍCIA

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

FIM

E chegará um tempo em que os militares inventarão um projétil tão perfeito, mas tão perfeito mesmo, que dará a volta ao mundo e os pegará por trás.

GALERIA

Os quadros são janelas abertas para o outro mundo deste mundo.

IMAGINAÇÃO

A imaginação é a memória que enlouqueceu.

LEITURA

Livro bom, mesmo, é aquele de que às vezes interrompemos a leitura para seguir - até onde? - uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Esta é a verdadeira leitura continuada.

MUNDO

Naquele tempo não sabíamos, mas se a gente se sentia tão bem lá dentro do circo era porque o seu amplo toldo formava um universo fechado - só para nós.

NOSTALGIA

A vista de um veleiro em alto mar remoça a gente no mínimo uns cento e cinquenta anos.

DA PREGUIÇA

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

TEMPO PERDIDO

Havia um tempo de cadeiras na calçada. Era um tempo em que havia mais estrelas. Tempo em que as crianças brincavam sob a claraboia da lua. E o cachorro da casa era um grande personagem. E também o relógio de parede! Ele não media o tempo simplesmente: ele meditava o tempo.

AH, VIDA...

A vida está cheia de interferências indébitas, de acasos estúpidos, de personagens errados que travam conosco desencontrados diálogos de surdos, a vida está atravancada de pormenores inúteis, a vida parece um romance mal feito!

ZERO

Zero igual a zero: a única evidência. As outras sempre se prestam a discussões.

Os textos trabalhados em sala foram pré-selecionados com a intenção de contemplar todas as letras do alfabeto e que trouxessem em sua temática verbetes com significação de palavras subjetivas, a fim de possibilitar a ordenação das palavras alfabeticamente. Na sequência, houve um tempo para que os alunos escolhessem uma palavra da lista e comentassem com a turma o seu significado e o motivo de tê-la escolhida, relacionando-a aos seus sentimentos e experiências.

A última atividade dessa oficina foi a produção de *Verbetes Poéticos*. Para isso, os educandos deveriam escolher entre três a cinco palavras da lista que foi montada, coletivamente, no quadro. Essas palavras seriam motivadoras para a produção individual de verbetes, que eles deveriam conceituar de acordo com suas experiências, emoções e sentimentos. Ou seja, a partir da própria leitura de mundo, deveriam escrever as definições poéticas, atividade fundamental para a compreensão da palavra escrita e também para a compreensão de sua existência.

Como educador preciso ir "lendo" cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo leitura do mundo, que precede sempre a leitura da palavra. (FREIRE, 2020, p. 78-79).

Essa oficina, mostrou-se muito produtiva, pois houve muita participação e interação dos estudantes, que demonstraram muito interesse e desenvolvimento eficiente de cada atividade planejada. A seguir, citarei alguns verbetes poéticos produzidos pelos educandos.

Alegria

Estar bem consigo mesmo, de bem com a vida.

V. P. L. (6ª)

Amor

Só tenha certeza que é amor, quando não puder explicar.

W. S. M. (8ª)

Contentamento

É quando consigo as coisas que quero.

W. P. S. D. (6ª)

Evolução

Ser mãe pela primeira vez, vencer o desafio de engravidar aos 15 anos, lutar para vencer cada dificuldade em casa, no trabalho e em muitas outras coisas que passei.

K. L. R. (8ª)

Gentileza

Gratidão por ter recebido algo, uma ajuda espontânea.

E. S. L. (7ª)

Intuição

Sentir a mente e o coração na profundidade dos olhares e na respiração ao falar cada palavra.

M. J. R. M. (8ª)

Respeito

Cortesia uns com os outros, sem rancor no coração, para sempre agir sempre com responsabilidade e emoção.

N. S. S. (8ª)

Saudade

É dor infinita e jamais esquecida, saber que quem eu amo não está perto, me faz sentir, no peito, um aperto. M. J. R. M. (8ª)

Tédio

Final de domingo.

J. D. F. T. (8ª)

No dia 25/10, resolvi trabalhar o texto *Saber Viver*, de autoria desconhecida, mas que coube muito bem no momento em que estávamos a caminhar. Candido (2004) diz que todas as leituras literárias são imprescindíveis para suprir as necessidades básicas da humanidade e essas enriquecem a percepção de mundo. “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece nossa percepção e a nossa visão de mundo.” (CANDIDO, 2004, p. 179). Diante disso, interrompi as leituras do poeta Mario Quintana e trabalhamos o texto a seguir apresentado.

SABER VIVER

de autoria desconhecida

Não sei...

se a vida é curta

ou longa demais para nós.

Mas sei que nada do que vivemos

tem sentido,

se não tocamos o coração das pessoas.

Muitas vezes basta ser:

colo que acolhe,

braço que envolve,

palavra que conforta,

silêncio que respeita,

alegria que contagia,

lágrima que corre,

olhar que acaricia,

desejo que sacia,

amor que promove.

E isso não é coisa de outro mundo:

é o que dá sentido à vida.

É o que faz com que ela

não seja nem curta,

nem longa demais,
mas que seja intensa,
verdadeira, pura...
enquanto durar.

Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos/3521034>

Realizamos alguns comentários, e em seguida, foi solicitado que os alunos produzissem alguns textos com relatos sobre a temática *O que é saber viver?* Houve muita participação e interação, visto que os alunos queriam expor e defender suas opiniões. Nessa aula, eles compuseram alguns textos, dentre os quais eu destaco dois a seguir:

A vida

Saber viver
É saber sonhar
Saber ser livre
E saber conquistar.

A vida é curta
Temos que aproveitar
Devemos curtir,
Devemos amar.

Não desperdice seu tempo
Temos que saber viver
Porque não sabemos o momento
Que iremos morrer.
W. S. M. (8ª)

O que é saber viver?

É viver intensamente, sem medo de errar,
E se errar, com certeza, já tentando acertar.
Saber viver é amar ao próximo como a si mesmo;
(Mesmo não tendo amor próprio)
Saber viver é...
Beber moderadamente;
Respeitar ao próximo,
Respeitar a sua orientação,
Respeitar a sua cultura;
Respeitar a sua religião;
Saber viver é...
Colocar seus planos em prática e
Vivê-los intensamente.
Como dizia a poetiza Cora Coralina:
“O saber a gente aprende com os mestres e os livros,
A sabedoria se aprende com a vida
E com os humildes.”
C. E. P. L. (8ª)

Cientes de que a morte é algo certo e que a vida é rara e efêmera, aproveitar o momento para ponderar sobre a melhor forma de existir, aproveitando os instantes de modo saudável e prazeroso a cada um. Esses textos remetem-nos à concepção de Paz a respeito do poder poético

para reflexão da vida e morte já que, poesia abrange o todo da vida humana, desde o nascimento até o óbito.

O ato poético mostra que o fato de sermos mortais não passa de uma das faces de nossa condição. A outra é: sermos viventes. O nascer contém o morrer. O nascer, porém, para de ser sinônimo de carência e condenação mal deixamos de nos perceber como contrários morte e à vida. Tal é o sentido último de todo poetizar.” (PAZ, 1982, p. 188).

Logo, o trabalho com esse texto contribuiu para que os educandos refletissem, ainda mais, sobre sua presença no mundo, complementando as atividades anteriores.

Oficina 3 – Espelho Mágico: Trovas & prosas para a vida

A literatura nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo.

Tzvetan Todorov

Segundo Pereira (2003), as trovas hoje em dia são chamadas de quadrinhas populares e recebem a seguinte definição, quanto à forma,

Levando sempre em conta que, geralmente, a quadrinha é "falada" para alguém, isto é, dedicada, direcionada a uma pessoa. Esta característica normalmente é marcada pela presença de pronome possessivo (teu, seu), pessoal (2ª pessoa) ou de tratamento. As quadrinhas que não apresentam essa dedicatória estão relacionadas com reflexões filosóficas ou tiradas de humor. (2003).

Em consideração ao conceito de quadrinhas ou trovas populares e relacionando aos epigramas escritos em *Espelho Mágico*, resolvi trabalhar com esses gêneros textuais da seguinte maneira. Leitura, análise e interpretação dos epigramas de Mario Quintana e o trabalho escrito durante a oficina com as trovas populares, visto que seria de melhor assimilação para os estudantes, devido à liberdade formal, além da prioridade de minha pesquisa ser a livre expressão das subjetividades humanas. Desse jeito, priorizei uma organização de ideias e a expressão íntima dos alunos, pois como afirma Candido:

A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. Isto ocorre desde as formas mais simples, como a quadrinha, o provérbio e a reduzem a sugestão norma, conselho ou simples espetáculo mental. (2004, p. 177).

No dia 03/11, foi executada a Oficina de Leitura, Interpretação e Produção de Textos “Trovas Poéticas”, que se desenvolveu da seguinte forma. Primeiramente, foi feita a audição das músicas: *Girassol*, de Patrícia Alcântara e Whindersson Nunes, e também da música *Era*

uma vez, de Kell Smith, com o intuito de preparar os alunos para ler os textos e interagirem durante a oficina. Depois foi explanado o conceito de trovas e leitura de várias trovas populares, tais como a famosa trova “Batatinha quando nasce/Espalha a rama sobre o chão, / menininha quando dorme põe a mão no coração”.

Na sequência, foi exposto o livro *Espelho Mágico*, de Mario Quintana, e fizemos a leitura compartilhada de alguns poemas, previamente selecionados. Dentre esses poemas, os alunos escolheram alguns para fazerem uma apresentação em forma de jogral, seguindo a sugestão de Rildo Cosson, em sua obra *Letramento Literário* (2021. p. 132), após a apresentação, puderam opinar e comentar sobre os poemas lidos. Para essa atividade, houve resistência de alguns alunos, pois eram tímidos e não queriam apresentar, no entanto, após diálogo e incentivo, até mesmo de outros colegas, todos participaram. Essa dificuldade é compreensível, como constata-se ao ler Pinheiro,

Há, inegavelmente, algumas dificuldades para ler poemas em voz alta. Professores, alunos, leitores comuns, por onde temos andado divulgando a poesia, pedem-nos "técnicas" ou modos que ajudem na apresentação da leitura oral. As maiores dificuldades ocorrem com os poemas modernos. A falta de pontuação, as elipses, a ausência de uma direção de leitura deixam-nos perplexos no contato inicial com a poesia moderna. Essas dificuldades, sem dúvida, algumas vezes podem afastar as pessoas da poesia. (2018, p. 29)

Por esse motivo, essa atividade de apresentação do jogral não foi forçada, mas foi dialogada e incentivada, deixando-os livre em suas decisões, o que ao final foi completamente satisfatória. Assim, essa atividade foi fundamental para que os educandos sentissem a força da declamação poética e a percebessem características que somente ao tornar o poema audível somos capazes, como, por exemplo, o ritmo, as rimas, a musicalidade que se concretizam com a recitação.

O poema é uma criação original e única, mas também é leitura e recitação - participação. O poeta o cria; o povo, ao recitá-lo, recria-o. Poeta e leitor são dois momentos de uma mesma realidade. Alternando-se de uma maneira que não é inexato chamar de cíclica, sua rotação engendra a chispa - a poesia. (PAZ, 1982, p. 47)



Acervo pessoal – Professora Vânia de Oliveira Resende Santos. Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO. Ano 2022.

Posteriormente, os estudantes foram orientados a produzirem trovas, a fim de expressarem seus sentimentos e vivências em relação ao próximo, podendo ser relacionado à família, relacionamentos amorosos ou de amizades. E, como última atividade dessa oficina, eles foram direcionados a outra produção textual, desta vez, uma carta pessoal em que avaliassem os estudos poéticos realizados durante as oficinas, relacionando a experiência aos afetos e emoções provocadas pelas lembranças e vivências construídas ao longo de sua existência.

No dia 07/11, fizemos uma revisão geral dos textos produzidos pelos estudantes e a reescrita. Nessa aula eles puderam rever suas ideias, e perceber algumas correções necessárias, na ortografia e outras importantes partes da gramática da Língua Portuguesa. A seguir algumas trovas populares produzidas pelos alunos.

Do amor
É um sentimento
Que queima no peito

Purifica o coração,
Mas às vezes te machuca.
K. L. L. (8ª)

Da confiança

A confiança é coisa conquistada
Não comprada por dinheiro
Mas muito esperada
Precisa ser verdadeiro
K. L. L. (8ª)

Família

Minha família! Nela eu vivo feliz
Com meus filhos,
tudo se torna mais alegre,
e a vida bendiz!
A. R. B. (7ª)

Conselho

“Se conselho fosse bom não daria, vendia”.
Quem nunca ouviu essa frase,
Mas quem tem ouvidos, ouça com atenção,
Pois boa parte aconselha com boa intenção.
N. S. S. (8ª)

Família

Sempre tem um falso na família
Fala mal de mim,
Mas sempre está em minha casa
Haja paciência, a justiça não atrasa.
E. S. L. (7ª)

Viajar

Vou viajar com toda
A minha emoção
A viagem será tão longa
Que aperta o coração.
G. P. A. (7ª)

Amor verdadeiro

Formado de sentimentos
Amor pela minha filha
Quando ela nasceu,
Aí sim, Descobri o que é amor verdadeiro.
W. P. S. D. (6ª)

Na aula do dia 08/11, os alunos preencheram o questionaram final (em anexo), avaliando a participação e desenvolvimento individual durante as aulas relacionadas ao projeto *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*.

Durante as semanas seguintes, houve um trabalho intenso para organização da culminância do projeto. A professora de arte, Thaís, ensaiou a música *Girassol* com os educandos, eu e a profissional da sala de leitura ensaiamos vocalização de poemas e jograis.

Houve montagem de novos murais e árvores poéticas, dessa vez com os textos produzidos pelos discentes.



Acervo pessoal – Professora Vânia de Oliveira Resende Santos. Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO. Ano 2022

No dia 22/11, aconteceu a culminância do projeto *Caminho para Sabedoria*, presente no Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola, sendo que neste ano foi desenvolvido o projeto de mestrado *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*.

Nesse dia, houve a seguinte programação: exposição das árvores e varais poéticos, além de uma mesa poética com exibição de livros de poesia de diversos autores, no final do evento houve um período para que os estudantes pudessem ler os textos e manusear os livros em exposição. Antes de iniciar as apresentações, foram exibidos os vídeos *Poesia que transforma* e *Recomeço*, de Bráulio Bessa, discorrendo sobre como a poesia transformou a sua vida e no

segundo vídeo, o poeta faz a declamação de um poema. Continuando o evento, a profissional da sala de leitura, bem como eu, a professora pesquisadora, falamos sobre a importância da leitura e seus benefícios. Na sequência, os educandos vocalizaram alguns poemas e jograis, e por último, houve a apresentação da música *Girassol*, cantada pelos alunos.

Durante a execução dessas aulas e oficinas pude constatar o quanto a literatura, aqui representada pela poesia, é poderosa para a reflexão, tomada de consciência e transformação da realidade em que vivemos. Sem dúvida alguma, “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180)

A avaliação foi contínua, pois, como afirma Pinheiro, é importante analisar cada parte do processo,

Avaliávamos o nível de envolvimento da turma, o prazer de ler as obras e de realizar tarefas específicas. O modo como o professor conduziu os trabalhos, condições materiais que facilitaram ou entravaram o andamento da experiência e outros itens que porventura aparecessem. Portanto, mesmo quando privilegiamos outros métodos, que não o recepcional, o debate permeia, direta ou indiretamente, nossas atividades. (2018, p. 79).

Dentro desse processo avaliativo, primei pela observação do desempenho e participação dos estudantes no decorrer das aulas e oficinas de execução do projeto, além disso, pelos textos produzidos, pelas respostas dadas ao questionário final e também por uma carta pessoal que eles escreveram para algum colega, emitindo a opinião sobre as aulas do projeto e o seu valor na trajetória de cada um. Segue abaixo, alguns exemplos das cartas.

Goiânia, 17 de novembro de 2022

Querida Renê, tudo bem com você?

É com muita saudade que escrevo essa carta, para te dar notícias sobre minha vida. Aqui está tudo bem, estou trabalhando muito, como sempre! Só tenho tempo no domingo para passear. Quando chega o final de semana, minha família e eu vamos para o pesque e pague, ficamos o dia todo. Os meninos gostaram muito e quando você vier aqui novamente, vou te levar para conhece-lo também. É uma maravilha!

Ah! Mas tenho que te falar das aulas de Português que estão maravilhosas. A professora está trabalhando com poemas e cartas, também está passando muitas atividades diferentes, que nos ajudam a compreender melhor a nossa vida. Eu estou gostando muito e queria que você estivesse aqui, participando dessas aulas também. Fica com Deus!

Um abraço!

A. R. B. (7ª)

Goiânia, 17 de novembro de 2022

Querida Joana Darc! Tudo bem com você?

Eu estive pensando sobre as aulas de Português e lembrei que fizemos algumas atividades sobre poemas. Gostei muito de realizar todas as atividades, pois

eu pude aprimorar minhas habilidades em fazer poemas e também compreender as coisas ao meu redor. Logo mais, vou fazer um para você e vou te enviar.

Espero que goste!

Um abraço!

W. S. M. (8^a)

Goiânia, 17 de novembro de 2022

Boa noite, Dirce!

Como você está? Tudo bem? Eu estou ótima!

Estou te escrevendo esta pequena carta para te dizer o quanto estou feliz com tudo que aprendi na escola. Esse ano foi excelente estudar, pois aprendi muitas coisas boas.

O que eu mais gostei foi de ler poemas. Eu li vários poemas de muitos autores, entre eles Mario Quintana e Cora Coralina e eu amei.

Depois a gente se encontra. Até breve!

Beijos de sua irmã

N. S. S. (8^a)

Assim, fui analisando e compreendendo a evolução de cada aluno percebi que é um processo de desenvolvimento individual muito subjetivo, como reitera Cosson,

Para romper com essas práticas e concepções que pouco têm a ver com o letramento literário, propomos, antes de qualquer coisa, que o professor tome a literatura como uma experiência e não um conteúdo a ser avaliado. Desse modo, é a leitura literária feita pelo aluno que está no centro do processo de ensino e aprendizagem, devendo a avaliação buscar registrar seus avanços para ampliá-los e suas dificuldades para superá-las. O professor não deve procurar pelas respostas certas, mas sim pela interpretação a que o aluno chegou, como ele pensou aquilo. O objetivo maior da avaliação é engajar o estudante na leitura literária e dividir esse engajamento com o professor e os colegas - a comunidade de leitores. (2021, p. 113).

Dessa maneira, a avaliação foi realizada com base na experiência que os estudantes tiveram individualmente com o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido por meio da leitura de poesia. Assim, fui acompanhando os avanços e ampliação do conhecimento contextualizado às vivências individuais e coletivas, além de perceber as dificuldades e barreiras enfrentadas. O caminho percorrido por cada jovem ou adulto foi considerado fundamental para chegar às interpretações que fizeram dos textos e a conclusão geral é que a partir desse projeto irão ler com mais constância e com um olhar mais detalhista às situações implícitas nos textos

Assim, foi proporcionado aos educandos uma ampliação do seu universo individual, social e cultural, tendo em vista que os poemas trabalhados nessa oficina abrangeram diversos temas com seus múltiplos sentidos. Dessarte, essa pesquisa foi muito boa e produtiva, envolveu os estudantes, ficando claro que gostaram de interagir e vivenciar esse momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa, foi apresentado o tema *A Poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)* e assim, foi explorada a relevância da leitura de textos poéticos para o desenvolvimento integral do estudante, bem como para o desenvolvimento de seu autoconhecimento e formação da consciência crítica diante de si mesmo e do mundo em que vive.

Segundo vários referenciais consultados, a poesia é uma forma de comunicação por excelência, capaz de tocar os mais íntimos sentimentos e emoções e provocar sensações inéditas na vida do leitor, diante disso, Pinheiro assegura que,

Para nós, que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre "comunicação de alguma nova experiência" tem sabor especial. A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como ela é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. O modo como o poeta diz - e o que diz - ou comunica sua experiência permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçará as suas emoções e sua sensibilidade. (2018, p. 17-18).

Perante o exposto, fica a certeza de que a leitura de obras literárias contribui para a novas descobertas, formação crítica e reflexiva do cidadão, além colaborar para que o leitor seja um cidadão ativo e participante da transformação da sociedade.

Assim, fica a certeza que o texto poético abala as estruturas e organizações do indivíduo e, conseqüentemente, a coletividade a que esse pertence, podendo romper limites territoriais e culturais, proporcionar reflexões, tomada de decisões e posturas diferentes das que o indivíduo ou a coletividades acreditava e pregava convictamente.

Para que isso concretize, é necessário que haja incentivo e boa orientação na formação do leitor literário, a fim de que seja capaz de pesquisar, estudar e construir seus próprios ideais, como diz Freire (2012, p. 101), "A verdade é que o futuro é feito por nós mesmos, através da transformação do *presente*." Dessa maneira, o professor será o mediador, que promove a integração de todos no processo de compreensão, interpretação e relação com suas vivências, a fim de aprimorar a leitura e interpretação na formação integral do cidadão, para que as atitudes do presente reflitam no futuro de toda a sociedade.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, a professora mediadora, procurou promover a reflexão e criticidade por meio de aulas dialógicas e diversificadas, principalmente ao lidar com o público-alvo dessa pesquisa, que são os estudantes da Educação de jovens e adultos, já

que é um público diverso, com faixa etária variada e com vivência mais experiente. Diante desses discentes, há uma necessidade de maior conhecimento da realidade de cada um, bem como atitudes de acolhimento em suas múltiplas dificuldades e carências.

Esse grupo heterogêneo, traz consigo uma gama de informações e contatos com o mundo à sua volta. Dessa maneira, essas informações foram relacionadas às leituras realizadas, contribuindo para que o conhecimento fosse compartilhado e aprimorado.

O educando da EJA traz muito conhecimento de mundo, adquirido em suas experiências de vida, por isso é preciso instigar-lhes a curiosidade de que é possível aprender ainda mais, como afirma Freire “Saber melhor o que já sei às vezes implica saber o que antes não era possível saber. Daí a importância da educação da curiosidade em cujo exercício ela se constitui, cresce e se aperfeiçoa.” (2012 p. 29). Assim, as aulas e oficinas envolveram os estudantes com a leitura de poesia, mostrando-lhes que o texto está intimamente relacionado às vivências cotidianas e são capazes de ampliar o conhecimento que já possuem.

O fato de levar, para a sala de aula, os textos poéticos de Mario Quintana, já que esse autor lida com a ironia, humor e com diversidades de temas que se relacionam com o cotidiano, facilitou a relação com as experiências de nossos estudantes. Pela leitura dos poemas quintaneanos foi possível executar aquilo que foi aprendido teoricamente e houve grande proveito nessa tarefa, já que, as leituras instigaram os alunos à reflexão.

As obras quintaneanas selecionadas para essa pesquisa foram poemas que compõem os livros *Apontamentos de história sobrenatural*, *Caderno H e Espelho mágico*. O textos foram escolhidos com o intuito de trabalhar a subjetividade humana e temas cotidianos, a fim de envolver estudantes, oportunizar um caminho para a sua transformação íntima, e da mesma forma provocar a reflexão e conscientização do mundo à sua volta. Por isso, ao trabalhar os textos selecionados, explorou-se a relação dos poemas com as atitudes individuais e sociais que são desenvolvidas no decurso da existência, já que os textos poéticos, como afirma Paz, são estratos da consciência e representam a linguagem viva de uma comunidade.

A poesia vive nas camadas mais profundas do ser, ao passo que as ideologias e tudo o que chamamos de ideias e opiniões constituem os estratos mais superficiais da consciência. O poema se nutre da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, isto é, suas tendências mais secretas e poderosas. O poema constrói o povo porque o poeta remonta a corrente da linguagem e bebe na fonte original. (PAZ, 1982, p. 49-50).

A execução do projeto dessa pesquisa foi desenvolvido durante as aulas de Língua Portuguesa e por meio de três oficinas de leitura, interpretação e produção de textos, sendo que,

o resultado foi muito produtivo e satisfatório, pois houve participação e engajamento dos estudantes em todas as etapas do desenvolvimento do trabalho.

Com certeza, foram aulas marcantes na vida dos estudantes, uma vez que, em vários momentos houve demonstração de sentimentos aflorados em virtude da leitura dos textos poéticos, além de ampliação do conhecimento e alargamento das experiências que já possuíam, pois havia uma relação e comparação com os textos lidos. Portanto, as obras escolhidas foram marcantes e inovadoras na vida dos alunos, visto que deixaram registrado em seus comentários escritos, cartas e nos próprios poemas que escreveram.

Sendo assim, foi lançada a semente e fica o desejo de que os alunos leitores busquem mais textos, se aprimorem como cidadãos conscientes e empáticos e que colaborem com a construção de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, M. S. de. **Sentidos da Cidadania: políticas de educação de jovens e adultos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- ADORNO, T. **Educação e Emancipação**. 4 ed. Revista, São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- ADORNO, T. **Poesia Lírica e sociedade**. Coimbra: Angelus Novus, 2003. (Coleção Marfim).
- ANDRUETTO, M. T. Elogio da dificuldade: formar um leitor de literatura. In: **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Sesc-SP, 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: 2002.
- BAKTHIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015
- BARTHES, R. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BRASIL, Ministério da Educação: **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: educação é a Base. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BECKER, P. Espelho Mágico. In: **Mario Quintana**: as faces do feiticeiro. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS/EDIPUGRS, 1996. (Coleção Engenho e Arte 02).
- CAMPOS, G. **Pequeno Dicionário de Arte Poética**. 4 ed. Revista e aumentada. Ediouro, 1985.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.
- CARVALHAL, T. F. (org.). **Mario Quintana**: poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.
- CAVÉQUIA, M. A. P.; MACIEL, A. G.; REZENDE, L. A. de. Formação do leitor: criticidade e autonomia. **Revista Contrapontos**: Eletrônica. Londrina, Paraná, vol. 10, n 03, p. 299-306. set./dez., 2010.
- COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- DANTAS, Débora Karla Fernandes. **Espelho Mágico**: humor, imagens desconstruídas e espaços indefinidos na poética de Mario Quintana. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Natal-RN, 2016.

FISHER, L. A.; FISCHER, S.L. **Mario Quintana: uma vida para a poesia.** Porto Alegre: WS Editor, 2006. (Série Depoimentos)

FONSECA, J. **Ora bolas: O humor de Mario Quintana: 130 historinhas compiladas e adaptadas por Juarez Fonseca.** 4ª ed. rev. e reimp. Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 7 ed. São Paulo, Cortez/Campinas, autores Associados, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 77 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** 11 ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, M. & ROMÃO, José S. (org.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação. **Documento Curricular para Goiânia – EAJA (2020).** Goiânia: Gerência de Educação de Jovens e Adultos, 2020. 422 p.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Jardim Nova Esperança.** Goiânia: 2022. 85p.

GOIÂNIA, Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Político-Pedagógica da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (2010-2013).** Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/263/o/PROPOSTA_APROVADA.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

GOIÁS, Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular para Goiás.** Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/go_curriculo_goias.pdf. Acesso em: 22 jun. 2023.

JOUVE, Vicent. **A leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo. Ática, 1993. (Série Educação em Ação).

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2 ed. São Paulo. Ed. Cortez. 2013

MANTOAN, M. T. E., **Inclusão Escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

MOISÉS, C. F. **Poesia pra quê? A função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

PAZ, O. **O arco e a Lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEIXOTO, S. A. **A poesia de Mario Quintana**. Belo Horizonte, MG: Editora Lê, 1994. (Coleção Letras).

PILATI, A. **Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

QUINTANA, M. **A cor do invisível**. 4ª ed. São Paulo: Globo, 1997.

QUINTANA, M. **Água**. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2001.

QUINTANA, M. **Apontamentos de história sobrenatural**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

QUINTANA, M. **A rua dos cataventos**. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2005, (Coleção Mario Quintana).

QUINTANA, M. **A vaca e o hipogrifo**. Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008, (coleção Folha Grandes Escritores Brasileiros; v. 19).

QUINTANA, M. **Caderno H**. 9ª ed. São Paulo: Globo, 2003.

QUINTANA, M. **Canções seguido de Sapato Florido e A rua dos cataventos**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

QUINTANA, M. **Da preguiça como método de trabalho**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2007. (Coleção Mario Quintana)

QUINTANA, M. **Esconderijos do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

QUINTANA, M. **Espelho mágico**. São Paulo: Globo, 2005.

QUINTANA, M. **O aprendiz de feiticeiro**. São Paulo: Globo, 2005.

QUINTANA, M. **Porta Giratória**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

QUINTANA, M. **Preparativos de viagem**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

QUINTANA, M. **Velório sem defunto**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é subjetividade?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, E. T. da. **Criticidade e leitura: ensaios**. 2 ed. São Paulo: Global Editora, 2009. (Coleção: Leitura e Formação)

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, T. **A Literatura em perigo**. 13 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2021.

VENTURIN, D. P. **Poética de Mario Quintana: uma teoria recortada a partir do Caderno H**. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) Universidade de Caxias do Sul), 2010.

YOKOZAWA, S. F. C. **A memória lírica de Mario Quintana**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

ZIBERMAN, R. (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 10 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, Novas Perspectivas, 1991.

ZIBERMAN, R. Sociedade e Democratização da Leitura. In: BARZOTTO Valdir Heitor. **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, ALB, 1999.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro (org.). **Leitura: Perspectivas interdisciplinares**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2001.

Artigos

FREIRE, Paulo. **Das relações entre a educadora e os educandos**. Instituto Paulo Freire: 1991.

FREITAS, M. de F. Q. de. Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intersecções na vida cotidiana. **Educar em Revista**, n. 29, p. 47–62, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/Tzz3j6wkgKSmHVC7JMHpsNG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2022.

RIBEIRO, D. S.; SILVA, R. M. P. de A. e. A Revelação da Ironia nas sutilezas de Quintana, **Memento: Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**, v. 07, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/2967>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Vídeos

POESIA que transforma - Bráulio Bessa. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2018. (4:59 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjyFH6IJ4e8>. Acesso em: 22 jun. 2023.

BRÁULIO Bessa - Recomeço. Rio de Janeiro: Brasil Tv Hd, 2018. (2:45 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3x6CbaSpqgI>. Acesso em: 22 jun. 2023.

KELL Smith - Era Uma Vez (Videoclipe Oficial). 2017. (3:45 min.), son., color. Intérprte: Kell Smith. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xJNKT9HAXRc>. Acesso em: 22 jun. 2023.

PRISCILLA Alcantara, Whindersson Nunes - Girassol (Lyric Video). Intérpretes: Priscilla Alcantara, Whindersson Nunes. [S.I]: Priscilla Alcantara, 2020. (3:45 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PePXuS8jAtg>. Acesso em: 22 jun. 2023.

APÊNDICES



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



VÂNIA DE OLIVEIRA RESENDE SANTOS

ENTRE VERSOS E AFETOS

Leitura de poesia na EJA

**GOIÂNIA
2023**

VÂNIA DE OLIVEIRA RESENDE SANTOS

ENTRE VERSOS E AFETOS

Leitura de poesia da EJA

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientador(a): Professor(a) Dr.(a.) Célia Sebastiana Silva

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

SANTOS, Vânia de Oliveira Resende
Entre versos e afetos [manuscrito] : Leitura de poesia na EJA /
Vânia de Oliveira Resende - SANTOS, Célia Sebastiana SILVA. - 2023.
XCIV, 94 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de
Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa
de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui fotografias, abreviaturas, gráfico.

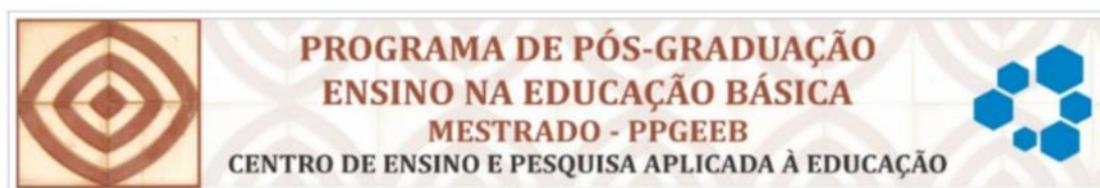
1. Ensino de Literatura . 2. Leitura de Poesia. 3. Educação de
Jovens e Adultos. 4. Formação de Leitores. 5. Mario Quintana. I. SILVA,
Célia Sebastiana. II. Silva, Célia Sebastiana, orient. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos seis dias do mês de junho do ano de 2023, às 14 horas, por webconferência, foi realizada a **Defesa da Dissertação** intitulada “A POESIA DE MARIO QUINTANA E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)” e do Produto Educacional intitulado “ENTRE VERSOS E AFETOS Leitura de poesia na EJA”, pela discente **Vânia de Oliveira Resende Santos**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (PPGEEB/CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB/CEPAE/UFG) – membro interno,

Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (PPGEEB/FL-UFG) - membro externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior, em 08/06/2023, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Vivianne Fleury De Faria, Professor do Magistério Superior, em 15/06/2023, às 13:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior, em 19/06/2023, às 22:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 3808967 e o código CRC 6A138507.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: E-book

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional é um e-book que mostrará os desafios enfrentados e experiências da prática diária da sala de aula, bem como alguns textos produzidos pelos estudantes no decorrer do projeto de formação de leitores por meio da poesia de Mário Quintana.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Professores de Língua Portuguesa e alunos do Ensino Fundamental e Médio.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

Médio impacto – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.

Baixo impacto – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

- Ensino
- Aprendizagem
- Econômico
- Saúde
- Social
- Ambiental
- Científico

O impacto do Produto Educacional é:

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) **em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores** (inicial, continuada, cursos etc.)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação:

O produto educacional foi vivenciado por 30 estudantes, da Educação de Jovens e Adultos da 6ª, 7ª e 8ª séries, da Escola Municipal Jardim Nova Esperança, pertencente à Rede Municipal de Goiânia. A vivência teve duração de 75 dias.

REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

- Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB
 Cooperação com outra instituição
 Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

- Licença Creative Commons
 Domínio de Internet
 Patente
 Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/3.0/br/>

TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim Não

DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

SANTOS, Vânia de Oliveira Resende. A poesia de Mário Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). **VIII Seminário de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB)**, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiás, Goiânia, 2022.

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

() Sim (**X**) Não

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/725428>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto,
na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)**
(<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>).

SANTOS, Vânia de Oliveira Resende. **Entre versos e afetos: leitura de poesias na EJA**. 2023. 94f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este Produto Educacional, em forma de E-Book, intitulado *Entre Versos e Afetos: Leitura de poesia na EJA*, apresenta minha prática pedagógica em sala de aula, desenvolvida durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2021 a 2023, cujo produto final é a dissertação *A poesia de Mário Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Dessa forma, compartilho minhas práticas e experiências, ao desenvolver o projeto de leitura por meio da estratégia didática: *Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção de textos*, sob a perspectiva de formar leitores literários críticos, por meio da leitura de poesias na Educação de Jovens e Adultos. O corpus desta pesquisa foi constituído dos livros *Apontamentos de História Sobrenatural*, *Caderno H* e *Espelho Mágico*. A minha prática nas aulas teve como referencial teórico, Candido (2004), Paz (1982), Freire (1987), Andruetto (2017), Cosson (2021), Pilatti (2018), Moisés (2019), Pinheiro (2002) entre outros. A coleta de dados ocorreu por meio da pesquisa-ação, com intervenção pedagógica, que contou com aplicação de questionários inicial e final, execução de seis sequências didáticas, sendo duas preparatórias para as oficinas, três oficinas e uma para a culminância do projeto na Escola Municipal Jardim Nova Esperança, com as turmas de 6^a, 7^a e 8^a séries, com um total de 30 alunos. O acesso público e gratuito a esse produto estará disponibilizado em plataformas digitais como o “Educapés”, destinado a professores, professoras e profissionais da educação, e, poderá ser acessado pela comunidade em geral. Este material apresenta a experiência da prática docente durante aulas de leitura de poesia, com objetivo de contribuir para a formação de estudantes críticos, cientes de sua subjetividade individual e coletiva, bem como a sua função social e a possibilidade transformadora que carrega com a aquisição da leitura reflexiva e crítica.

Palavras-Chave: Ensino de Literatura. Leitura de poesia. Educação de Jovens e Adultos. Formação de Leitores. Mario Quintana.

SUMÁRIO

Introdução	138
1. LEITURA DE POESIA e FORMAÇÃO DO LEITOR	141
1.1 Poesia para quê? - reflexão e criticidade.....	141
1.2 Poesia para quem? conhecendo o público da Educação de Jovens e Adultos..	146
2. UM PERCURSO PELOS QUINTANARES	151
2.1 O poeta, o cotidiano e poesia.....	151
2.2 Apontamentos de história sobrenatural: subjetividade, reflexão e criticidade nos poemas de Quintana.....	164
2.3 Caderno H: o aprendiz de poeta.....	170
2.4 Espelho mágico – trovas cotidianas.....	176
3. EXECUÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA	183
3.1 Planejamento do Produto Educacional.....	183
3.2 Execução do Projeto – Dificuldades e experiências positivas.....	184
3.2.1 Dificuldades.....	186
3.2.2 Experiências Positivas.....	187
3.3 Produção textual dos estudantes.....	189
3.3.1 Oficina – Autorretrato.....	189
3.3.2 Verbetes Poéticos.....	197
3.3.3 Trovas poéticas.....	207
Considerações finais	217
Referências	218

Introdução

Este Produto Educacional consiste em um *E-book*, intitulado *Entre versos e afetos* que apresenta minha prática pedagógica em sala de aula, desenvolvida durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2021 e 2023, cujo produto final é a dissertação *A poesia de Mário Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*.

A princípio foi realizado um estudo, que teve como fundamento teórico Antonio Candido (2004), Octávio Paz (1982), Paulo Freire (1987), María Teresa Andruetto (2017), Rildo Cosson (2021), Alexandre Pilatti (2018), Carlos Felipe Moisés (2019), Hélder Pinheiro (2002) e entre outros. O estudo desses autores propiciou melhor compreensão sobre a importância da poesia como representação da subjetividade e aliada à formação de leitores. Após debruçar-me sobre esses estudos foi o momento de pensar nos alunos que receberiam tal pesquisa, para isso foi pesquisado alguns autores relacionados à EJA, como Alvarenga (2010), Gadotti (2011), além de consultar os documentos orientadores do trabalho com essa modalidade de ensino, entre eles Documento Curricular para Goiânia – EAJA, Projeto Político Pedagógico para EAJA Goiânia e o Projeto Político Pedagógico da Instituição onde a pesquisa foi aplicada.

Também foi necessário ler as obras de Mário Quintana e selecionar o *corpus* da pesquisa, dentre os quais foram escolhidos *Apontamentos de História Sobrenatural*, *Caderno H e Espelho Mágico*, além de ler um arcabouço crítico voltado para o estudo do poeta, tais como Carvalhal (2006) e Yokozawa (2006).

Diante desses estudos, a estratégia escolhida para execução do projeto, na Escola Municipal Jardim Nova Esperança, foi trabalhar com Oficinas, visto que diante de minha experiência, sugestão da professora orientadora e também da leitura de Cosson (2021) e Pinheiro (2018), entendeu-se que seria uma excelente opção, já que, por meio dessa metodologia é possível envolver os alunos e contribuir para que construam o conhecimento juntos com a professora-pesquisadora, além de, após a leitura e discussão dos textos escolhidos é importante que haja um registro escrito, a fim de averiguar o conhecimento adquirido pelos educandos, pois como afirma,

Essas sequências procuram sistematizar a abordagem do material literário em sala de aula integrando, fundamentalmente, três perspectivas metodológicas. A primeira dessas perspectivas é a técnica bem conhecida da oficina. Sob a máxima do aprender a fazer fazendo, ela consiste em levar o aluno a construir pela prática seu conhecimento. Em nosso caso, o princípio da oficina se faz

presente na alternância entre as atividades de leitura e escrita, isto é, para cada atividade de leitura é preciso fazer corresponder uma atividade de escrita ou registro. (COSSON, 2021, p. 48).

A partir dessa escolha, foram elaboradas seis sequências didáticas, as duas primeiras contemplavam atividades diagnósticas e preparatórias para as oficinas, três sequências descreviam especificamente as oficinas de Leitura e Interpretação de Textos e a última contemplava o fechamento avaliativo e culminância do projeto. Dessa forma, as oficinas foram planejadas e executadas nas turmas de 6^a, 7^a e 8^a séries e o resultado desse trabalho foi compilado no *E-book*, intitulado *Entre versos e afetos: Leitura de Poesia na EJA*, dado que as produções expostas no Produto Educacional estão relacionados ao mundo interior (subjetividade) e ao mundo exterior dos educandos e um reflete no outro nesse processo de descobertas e humanização. Assim afirma Andruetto,

Convicção de que a palavra, ademais de sua função prática, tem para nós outra função (uma função que todos os povos do mundo preservaram), que pode ser via de expressão de subjetividade de um indivíduo e, através dele, via de expressão de um conjunto de indivíduo. (ANDRUETTO, 2017, p. 46)

Graças a aplicação da sequência didática, com mediação e intervenção da professora-pesquisadora os alunos leram muitos textos poéticos, o que antes não ocorria, produziram textos criativos e que expressavam seus sentimentos. Os resultados apontam para a eficácia do trabalho com a leitura do texto poético na EJA, pois, além de muito satisfatório o envolvimento do alunos com as atividades, houve muita integração e participações dos estudantes no decorrer das aulas, bem como na execução das atividades propostas, foi possível perceber na análise dos dados, uma potencialização na capacidade leitora crítica dos alunos.

Todo o trabalho realizado foi feito com base em muito diálogo entre professora e alunos, houve muitos relatos de experiências, que foram relacionados aos textos trabalhados. Durante as aulas houve incentivo à curiosidade, ao questionamento e à criatividade. O estímulo à reflexão foi recorrente, bem como análise crítica dos textos lidos. Dessa maneira o foco foi trabalhar a educação problematizadora que Paulo Freire tanto apregouou.

A educação problematizadora está fundamentada sobre a criatividade e estimula uma ação e uma reflexão verdadeiras sobre a realidade, respondendo assim à vocação dos homens que não são seres autênticos senão quando se comprometem na procura e na transformação criadoras.” (1980, p. 81)

Assim sendo, a execução do projeto de pesquisa foi muito bom, produtivo e teve como resultado vários textos produzidos pelos estudantes, além de uma visível simpatia desenvolvida pela leitura do texto poético.

1. LEITURA DE POESIA E FORMAÇÃO DO LEITOR



1.1 Poesia para quê? - reflexão e criticidade

Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo no meio do fel do desespero.

Guimarães Rosa

Ao escolher o gênero *poesia*, o intuito é contribuir para a formação crítica do leitor, contudo é necessário compreender o que é criticidade.

De acordo com Silva,

A leitura crítica movimenta-se sempre no horizonte do bom senso, busca e detecta o cerne das contradições da realidade. Dessa forma, pela leitura crítica o sujeito abala o mundo das certezas (principalmente as da classe dominante), elabora e dinamiza conflitos, organiza novas sínteses, combate assiduamente qualquer tipo de conformismo, qualquer tipo de escravização às ideias referidas pelos textos. (2009, p. 28).

Dessa maneira, compreende-se que a leitura crítica precisa tirar o leitor de seu estado de acomodação e levantar questionamentos sobre a realidade, a fim de entender os conflitos, as contradições que existem no mundo. Essa leitura precisa instigar o levantamento de hipóteses diferentes do habitual, e, principalmente, conduzir o leitor a questionar as ideias disponíveis no próprio texto.

Em corroboração com o autor supracitado, é possível retomar a escrita de Freire (1994, p.11) “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de

'reescrevê-lo', quer dizer, de transformá-lo através da prática crítica e consciente.” Sendo assim, a leitura crítica abala o mundo das certezas do ser humano, o desestabiliza, promove questionamentos sobre seu mundo interno, ajuda a reconstruí-lo por meio de reflexões e, posteriormente, gera desejo de mudanças e constante aquisição de conhecimento, pois como o próprio Freire afirma na obra *Pedagogia da Autonomia* (2011), o ser é inconcluso, inacabado. Esse novo *eu*, não vê o mundo e nem sua relação com ele, como via anteriormente, agora, deseja compreendê-lo e transformá-lo. Visto assim, “A leitura, quando é sentida, refletida, indagada, é considerada crítica.” (CAVÉQUIA, 2010, p. 302).

Ainda, conforme Silva (2009), é essencial trabalhar a leitura crítica na escola, já que suas competências não aparecem automaticamente. Compreende-se assim que desde as séries iniciais é fundamental instigar o questionamento ao aluno leitor, como afirma o autor mencionado “As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas, incentivadas e dinamizadas pelas escolas para que os estudantes, desde as séries iniciais, desenvolvam atitudes de questionamento perante os materiais escritos.” (2009, p. 28).

À vista disso, o professor mediador deverá organizar estratégias para trabalhar poesia na sala de aula, com finalidade de desenvolver um olhar que penetre nas entrelinhas do texto e traduzam o que há de implícito, além de propiciar questionamentos às certezas relacionadas a realidade. Essas atividades devem ser cuidadosamente elaboradas, com o intuito de estimular a sensibilidade do leitor.

Ler um texto criticamente é raciocinar sobre os referenciais da realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos. Trata-se de um trabalho que exige lentes diferentes das habituais, além de retinas sensibilizadas e dirigidas para a compreensão profunda e abrangente dos fatos sociais. (SILVA, 2009, p. 33)

A partir desse pressuposto, entende-se por primordial o trabalho com a criticidade e a autonomia na escola. E, na prática, a literatura, que aqui é representada pela poesia, promove tais benefícios ao aluno leitor.

Antonio Candido (2004) afirma que a literatura é um direito universal do homem, sendo valorosa para a sua formação e humanização, Para ele (2004, p.180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” constituindo-se elemento fundamental para a formação integral do ser humano.

Todavia, na atualidade a literatura não têm sido tão valorizada e o principal meio de acesso a ela ainda é a escola. A partir dessa visão percebe-se que as ideologias dominantes afetam também a formação de leitores, pois, em alguns casos, propaga-se a ideia de que os textos literários são desnecessários ou ultrapassados e o grande foco tornam-se textos com temática de normas, regras, leis, dentre outros.

Contudo, como diz Candido (2004), as pessoas precisam da literatura para a sua humanização, visto que é muito difícil uma pessoa passar mais de vinte quatro horas sem sonhar e o sonho é a entrega ao universo fabulado, que existe independente da vontade e isso está no cotidiano da existência.

E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (2004, p. 174-175)

A literatura reflete a sociedade e a sociedade cria manifestações ficcionais, poéticas ou dramáticas, mostram as crenças, impulsos, sentimentos e normas sociais, exercendo grande função no ensino, convertendo-se em um instrumento poderoso de instrução e educação. Uma vez incorporada ao currículo escolar, ela é um recurso que conduz à reflexão e análise das diversas situações. De fato, os textos poéticos provocam e instigam o leitor a pensar, analisar e discutir circunstâncias diversas que acometem a humanidade.

Aí está o seu grande potencial político: criar e ler literatura é, em alguma medida, formar ativamente uma certa interpretação da realidade, que nos torna mais íntimos das contradições e das grandes perguntas que se apresentam incontornáveis aos nossos olhos de sujeitos sociais. (PILATI, 2018, p. 38).

Pilati (2018) alerta para o potencial político que tem a literatura, e nessa vertente a leitura revela o diálogo das palavras com o mundo, a problematização que o texto suscita no leitor, incitando-o a tomar um posicionamento crítico diante da realidade social.

Em algumas pessoas, a literatura penetra na alma como uma navalha, pois mostra realidades de sofrimentos e injustiças capazes de desfalecer os mais sensíveis, assim, amplia horizontes e, após esse estado de choque, vem a consciência e a prontidão para o novo, o qual o próprio leitor decidirá o que será: se, de mudança, ação, ou acomodação.

Ao tocar profundamente a alma humana, ela organiza o caos interior, facilita a compreensão do homem e das suas relações e, portanto, humaniza os seus leitores. Todorov atesta essa afirmativa dizendo que

A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. (2021, p. 76).

Compreender-se e compreender o próximo e suas relações é primordial para o bem estar individual e coletivo. Recorrendo a Bakhtin (2011, p. 379), que diz “Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada).” Esse desenvolvimento crítico parte dessa consciência de que o homem é a junção do outro, daquilo que absorve nas palavras do outro. Assim o dialogismo, que o autor difunde, faz parte desse desenvolvimento, sendo que o homem vive em constante diálogo com o seu semelhante.

O outro aspecto imprescindível da literatura é a habilidade de fazer, em diversas obras, denúncias de exploração, opressão, manipulação. Registra misérias, servidão e até mutilação espiritual, revelando restrição ou negação de direitos básicos do ser humano. É possível que o leitor acesse ou não o sentido dos textos literários nesses aspectos. Isso dependerá do grau de compreensão leitora que ele conseguiu atingir até chegar à condição de um leitor crítico, questionador, “desperto” (para usar um termo do próprio Quintana). À vista disso, pode-se dizer que a criticidade que a literatura pode promover em seus leitores é de valor inesgotável, pois faz o convite à reflexão e à emancipação. Andruetto faz uma declaração sobre isso,

Desde que existe, desde o começo dos tempos, a literatura olha a singularidade humana, a luta de um ser humano entre o que é e o que quer ou pode ser. Para conseguir que essa verdade não seja só de palavras, luta contra o oficial de uma língua e de uma sociedade. Luta contra a homogeneidade dos discursos, nos convida a ser pessoas que pensam e sentem de uma maneira própria. (2017, p. 145).

Contudo, apesar da consciência do valor da leitura para a formação integral do ser, percebe-se que a leitura literária está cada vez mais restrita a uma pequena minoria, visto que a pessoa pode satisfazer sua necessidade de ficção por meio de vários outros produtos, desde filmes, séries, telenovelas, vídeos curtos e outros recursos modernos que

estão disponíveis na internet, o que aumenta a necessidade de resgatar o trabalho eficaz com textos literários que envolvam os educandos e os motivem a buscar cada vez mais conhecimento.

Não é fácil formar leitores literários críticos, mas é preciso ter disposição para ir além do processo decodificação e análise gramatical ou semântica, é preciso ampliar os horizontes de interpretação e relacionar as práticas sociais ao contexto real do educando e aos saberes que ele carrega. Para que isso ocorra, o educador deve planejar práticas de leitura que proporcionem a reflexão e criticidade.

Converter-se em leitor leva tempo e é uma tarefa de alta intensidade; trata-se de dar saltos sobre si mesmo até uma consciência maior, de maior complexidade, saltos para, nas palavras de Chambers, enfrentar uma ‘literatura que não se dirija ao público, mas à linguagem’. A boa literatura quer leitores capazes de ler a sério, leitores capazes de compreender que a única liberdade de pensamento é a liberdade que se constrói. (ANDRUETTO, 2017, p. 94).

Posto isso, a presença do texto poético em sala de aula, o qual pode desvelar a realidade por meio da linguagem, da cifra, do jogo entre ritmo e sentido, se bem mediado por um leitor mais experiente como o professor, pode promover o questionamento dialético e, conseqüentemente, a formação crítica do cidadão, o que é imprescindível para, em sentido amplo, melhorar a formação do aluno que é irrefutavelmente um cidadão e melhorar a relação do leitor com a sua própria condição de sujeito. Candido (2004, p. 187) chega a dizer que o esforço pela igualdade de acesso ao texto literário induz à intensificação da leitura, já que essa é o início do processo de conscientização, por meio da leitura reflexiva e crítica. Por conseqüência, reforça-se a importância de a escola ser o agente principal dessa promoção da leitura em toda a sua extensão. “Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização há um aumento sensível do hábito de leitura, e, portanto, difusão crescente das obras.”

Nesse aspecto, a leitura é um caminho para promover a discussão e reflexão, sendo fonte de inclusão desse saber que a escola carece assegurar aos seus estudantes. De acordo com Zilberman (1991), a leitura conduz o leitor a interpretar o mundo que o cerca, compreendendo-o em uma relação mais racional entre o eu e o coletivo, o que possibilita ao homem a sua percepção enquanto ser social.

Compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Pois, se este lhe aparece, num primeiro momento, como desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura,

porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. Nessa medida, o real torna-se um código, com suas leis, e a revelação destas, ainda que de forma primitiva e incipiente, traduz uma modalidade de leitura que assegura a primazia de um sujeito, e de sua capacidade de racionalização, sobre o todo que o rodeia. (1991, p.17).

Nesse viés, a literatura ganha destaque, em razão de oferecer, em seus textos, uma amplitude de significados que podem ser explorados dialeticamente, suscitando a crítica e a consciência. Sem dúvida, é um caminho para formar opiniões críticas, tecer conhecimentos em diversas áreas e culturas, além de desenvolver autoconhecimento.

Trabalhar com poesia em sala de aula não tem o objetivo de formar poetas, mas implementar uma educação de qualidade, que media a aprendizagem de maneira crítica, respeitando os saberes que os educandos trazem de suas vivências.

1.2 Poesia para quem? conhecendo o público da Educação de Jovens e Adultos



O poema acolhe o grito, os farrapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído e o sem-sentido: não a insignificância.

Octávio Paz

A proposta de trabalho com a leitura que nessa pesquisa se apresenta contempla um público-alvo bastante especial no que se refere à leitura de poesia: são estudantes que têm uma leitura de mundo mais ampliada, posto que marcada pela vivência de várias situações a que a vida sujeita as pessoas à medida em ela amadurece. Por outro lado, esses

mesmos alunos e alunas furtaram-se de frequentar a escola no tempo por razões as mais diversas. É o público da EJA.

A educação de jovens e adultos (EJA) sempre foi um desafio para a sociedade, já que o poder público não a vê como prioridade. Todavia, há muito tempo alguns estudiosos e educadores lutam pela melhoria dessa modalidade de ensino. Esse segmento atende demandas de pessoas que não concluíram seus estudos no tempo regular e que, por algum motivo, foram excluídas do processo.

É importante verificar o percurso histórico que percorreu a EJA, a fim de constatar as batalhas enfrentadas e as conquistas alcançadas. Conforme Gadotti (2011, p. 43-45):

A história da educação de adultos propriamente dita, no Brasil, poderia ser dividida em três períodos:

1° De 1946 a 1958, em que foram realizadas grandes campanhas nacionais de iniciativa oficial, chamadas de "cruzadas", sobretudo para "erradicar o analfabetismo" [...]

2° De 1958 a 1964. Em 1958 foi realizado o 2° Congresso Nacional de Educação de Adultos, que contou com a participação de Paulo Freire. Partiu daí a ideia de um programa permanente de enfrentamento do problema da alfabetização que desembocou no Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido por Paulo Freire e extinto pelo Golpe de Estado de 1964, depois de um ano de funcionamento. [...]

3° O governo militar insistia em campanhas como a "Cruzada do ABC" (Ação Básica Cristã) e posteriormente, com o MOBREAL. O MOBREAL foi concebido como um sistema que visava basicamente ao controle da população (sobretudo a rural).

Em seguida, com a "redemocratização" (1985), a "Nova República", sem consultar os seus 300 mil educadores, extingue o MOBREAL e cria a Fundação Educar, com objetivos mais democráticos, mas sem os recursos de que o MOBREAL dispunha. [...]

O primeiro presidente eleito depois de 1961, criou o PNAC (Plano Nacional de Alfabetização e Cidadania), apresentado com grande pompa publicitária em 1990 e extinto no ano seguinte sem qualquer explicação para a sociedade civil que o havia apoiado.

Em 1989, com a finalidade de preparar o Ano Internacional da Alfabetização (1990), foi criada no Brasil a Comissão Nacional de Alfabetização, de início coordenada por Paulo Freire e depois por José Eustáquio Romão. Ela ainda continua, até hoje, com o objetivo de elaborar diretrizes para a formulação de políticas de alfabetização a longo prazo que nem sempre são assumidas pelo governo federal.

Percebe-se que o investimento na EJA sempre foi mínimo, não sendo considerada importante, uma vez que atende pessoas de idade avançada para a série, geralmente marginalizados e esquecidos pelo poder público. Ao analisar os documentos que dão legalidade a esse tipo de educação, observa-se que a prioridade era o ensino fundamental,

ênfatizando os direitos dos estudantes até 14 anos, o que excluía os que estavam em outra faixa etária. A partir de Constituição de 1988, houve um avanço importante para essa modalidade de ensino, pois foram concedidos direitos a todos os alunos independentemente da idade. Na Constituição da República Federativa do Brasil está exposto da seguinte forma:

Art. 208 - O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: (EC nº 14/96 e EC nº 53/2006)

I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

VI - oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII - atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares de material didático-escolar, transporte, alimentação e assistência à saúde.

Diante desse artigo da Constituição, Romão/Gadotti (2011) afirma que foi um grande avanço para a Educação de Jovens e Adultos, já que se torna obrigatório proporcionar essa modalidade de ensino a esse público.

Significa dizer que a Carta Magna, pela primeira vez na história da educação brasileira, consagra a obrigatoriedade e gratuidade do ensino fundamental para todos os brasileiros, transformando-o em "direito público subjetivo" (§ 1º do mesmo artigo), independentemente da idade do candidato. (2011, p. 51).

O percurso da Educação de Jovens e Adultos não foi fácil e até nos dias atuais continua enfrentando desafio. A Base Nacional Comum Curricular (2017), por exemplo, criada como referência para a educação brasileira, com função de determinar as aprendizagens necessárias para desenvolver competências e habilidades nos estudantes durante a educação básica, não traz especificação para a EJA, deixando uma brecha para esse segmento educacional.

Diante do exposto, a equipe educacional do Estado de Goiás elaborou o Documento Curricular Estadual/2019 (DC-GO) e baseado nele e na BNCC, o município de Goiânia organizou o Documento Curricular para Goiânia/Modalidade EJA/2020 (DC Goiânia-EJA), que se pauta nas seguintes concepções “está orientado nos princípios de igualdade e equidade, a partir de valores éticos, políticos, estéticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, ‘que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva’.” (2020, p.02). Os princípios definidos na BNCC e agregados ao DC Goiânia – EJA contemplam a importância de uma educação de qualidade, contudo, resta esperar que o poder público faça a sua parte,

investindo financeira e pedagogicamente nela, promovendo cursos de formação continuada para os professores e valorizando essa modalidade de ensino que sofre para se inserir na sociedade com direitos e deveres respeitados.

O DC Goiânia - EJA precisou se adequar a alguns critérios:

Enquanto a BNCC e o DC-GO organizam o currículo em nove anos, o DC Goiânia-Eaja está sistematizado em oito séries. Isso porque, na elaboração do documento, o conteúdo do quinto ano do componente Língua Portuguesa é distribuído entre a quarta e a quinta séries. Desse modo, na transição dos anos iniciais para os finais do Ensino Fundamental, na modalidade EAJA, permanece a divisão: quatro séries no primeiro segmento e quatro no segundo. Nessa transição, há a redução de tempo de permanência do professor em sala de aula, modificam-se as exigências pedagógicas e amplia-se o número de componentes. Quanto ao componente Língua Portuguesa, destaca-se a unidocência nas séries iniciais, enquanto que, de quinta a oitava cada professor assume a docência específica de sua formação (pluridocência). (DC Goiânia – EAJA, p. 22).

Dessa forma, a nomenclatura usada é de I e II Segmentos com quatro etapas cada um, ou 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries. Em linhas gerais, os alunos da EJA possuem histórias semelhantes de exclusão social e escolar, por diversos motivos, tais como necessidade de trabalhar, gravidez na adolescência, jovens que tiveram conflitos na escola e na família. Tudo isso favorece o afastamento do ambiente escolar. Quando voltam às aulas, apresentam dificuldades de adaptação, principalmente à rotina de frequentar assiduamente as aulas, bem como sentimento de inferioridade, por não estarem na idade regular para a série. O Projeto Político Pedagógico da EJA Goiânia descreve:

A grande maioria dos sujeitos da EAJA possuem histórias semelhantes: histórias de exclusão, de falta de trabalho, de exploração no trabalho, de serem corresponsáveis pela sobrevivência familiar, de “voltar a estudar para crescer e ser feliz”²¹. Essa volta constitui-se em um desafio para muitos educandos, pois eles encontram dificuldades em se adaptar à cultura escolar, em cumprir uma rotina de ir todos os dias para a escola após o cansaço do trabalho e o enfrentamento das adversidades presentes em suas vidas. Por conta desse e de outros fatores vinculados à própria escola, a evasão e a baixa frequência são desafios da EAJA, realidade que se configura em toda a EJA. (PPP EAJA, 2012-2013).

Para vencer tantas barreiras e ser um facilitador da aprendizagem, o professor da EJA precisa promover em uma educação crítica, reflexiva e, como diz Paulo Freire, problematizadora que se conduza pela dialogicidade, esforça-se diligentemente, para que o educando perceba o seu valor como ser no mundo: “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente por meio do qual os homens vão percebendo, criticamente, como *estão sendo* no mundo *com que* e *em que* se acham.” (FREIRE, 2021,

p. 100) Essa percepção de sujeito em um mundo coletivo aduz a uma visão diferenciada de sua vida e sua função social. Sem dúvida, a leitura é o caminho de acesso ao mundo letrado e da compreensão dos diferentes processos de exclusão e exploração a que muitos desses estudantes foram submetidos. Lajolo reforça essa declaração,

Numa sociedade como a nossa, em que a divisão de bens, de rendas e de lucros é tão desigual, não se estranha que desigualdade similar presida também à distribuição de bens culturais, já que a participação em boa parte destes últimos é mediada pela leitura, habilidade que não está ao alcance de todos, nem mesmo de todos aqueles que foram à escola. Mas ler, no entanto, é essencial. (1993, p. 106).

Por isso a necessidade de trabalhar o tempo todo com leitura crítica, leitura do mundo e a poesia é um canal para a compreensão e percepção do mundo com suas expressões sociais. Nesse sentido, Cosson diz que “Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.” (2021, p. 17).

Destarte, a escola, torna-se também encarregada por oferecer ao aluno esse bem cultural de valor inestimável, que é eficiente para sensibilizar o espírito, organizar o caos interior e humanizar os seus leitores.

2. UM PERCURSO PELOS QUINTANARES

2.1 O poeta, o cotidiano e poesia



Livros como dádivas, oferendas ou pontes para outros e para zonas desconhecidas de nós mesmos.

Maria Teresa Andruetto

Convicta da dimensão que a poesia pode alcançar, restava agora, partir para a prática, colocar os textos acessíveis aos alunos e contribuir para a formação leitora deles. Ao folhear os livros, eles precisavam compreender que estavam com muito mais que um objeto em suas mãos, pois, como diz Andruetto (2017), o livro converte-se em um ser vivo, que revira o interior humano, propicia questionamentos, perturbação, além de ensinar a olhar as coisas de outra maneira e principalmente contribui para a compreensão de nós mesmos.

Diante dessa consciência, para desenvolver o projeto desta pesquisa, a escolha foi trabalhar poemas de Mario Quintana, em função das temáticas variadas, poemas curtos, prosaicos e da abordagem do cotidiano que o autor tanto empreende. A leitura de poesia em sala de aula proporcionou aos educandos o acesso a textos mais significativos, mais expressivos, do ponto de vista subjetivo, mas, nem por isso, desconectados da sua função social.

Segundo Paz (1982, p. 15), “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior”. Essa amplitude da poesia passou a ser explorada nos textos de Quintana e ofereceu aos alunos a oportunidade de compreender a riqueza desse tipo de leitura. Esse conhecimento foi chegando aos

poucos em sala de aula e desvelou o seu poder de salvação da mesmice, da falta de motivação, da apatia e mostrou que a obtenção do conhecimento pode transformar o mundo, a partir da individualidade e estendendo-se ao coletivo.

De acordo com Candido (2004), a criação poética é a mola da literatura em todos os níveis e modalidades e ainda, segundo ele, deve ser acessível a todas as pessoas, independente se é um analfabeto ou um erudito, ou seja, qualquer pessoa está apta para desfrutar as revelações que a obra traz, por isso, esse projeto trabalhou a poesia em sala de aula, tendo como público-alvo os estudantes do II segmento da EJA (6^a, 7^a e 8^a séries), uma vez que é um segmento educacional com uma variada faixa etária, geralmente, invisíveis para as políticas públicas educacionais e para sociedade, mas que merecem ter seus direitos respeitados, dentre eles o direito à literatura, como defende Candido (2004).

Os poemas que foram explorados em sala de aula são do poeta Mario Quintana, um grande nome da literatura brasileira. Sobre este, assinala Tânia Carvalhal (2006) que Mario de Miranda Quintana nasceu em 1906, no dia 30 de julho, na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul. Era filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e Virgínia de Miranda Quintana. Os avôs materno e paterno eram médicos. Viveu toda a infância em Alegrete, num casarão de esquina, e aprendeu a ler com os pais, soletrando as manchetes do jornal *Correio do Povo*. Também com o apoio dos pais, teve mais tarde acesso à poesia. Enquanto o pai lhe recitava o episódio do Gigante Adamastor, a mãe, educada no Uruguai, declamava Espronceda e Bécquer.

Concluiu o curso primário em escolas de Alegrete e em 1919 foi matriculado no Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato. Conta que só estudava Português, Francês e História, não se interessando pelas demais matérias. Em 1924 empregou-se na Livraria do *Globo*, "Era um emprego muito agradável, porque eu trabalhava de desempacotador na seção de livros estrangeiros. Eu devia desempacotar as raridades francesas...", diria depois.

Segundo Carvalhal (2006), em 1925 retornou a Alegrete, onde trabalhou como prático na farmácia de seu pai. No ano seguinte, perdeu a sua mãe. Contudo nesse mesmo ano, foi premiado em um concurso de contos do Jornal *Diário de Notícias* com o trabalho "A sétima personagem". Em 1927, morreu-lhe o pai, ainda no mesmo ano, um poema seu foi publicado por Álvaro Moreyra na revista *Para Todos*, do Rio de Janeiro. No ano de 1929, ingressou-se na redação do jornal *O Estado do Rio Grande*, em Porto Alegre e começou a conviver com intelectuais de sua geração: Augusto Meyer, Theodemiro Tostes, Athos Damasceno Ferreira, Moysés Vellinho, Sotéro Cosme, Erico Verissimo.

Vivia só, em pensões modestas ou em quartos de hotéis, em especial no antigo Hotel Majestic. O prédio do Hotel Majestic, residência do poeta entre 1968 e 1980, foi tombado como patrimônio histórico do Estado do Rio Grande do Sul em 1982, tornando-se Casa de Cultura Mario Quintana com base na lei promulgada em 8 de julho de 1983.

Depois de 1980, viu-se, de repente, sem casa. Ironicamente, observou: "Não tem importância. Moro dentro de mim mesmo." No entanto, foi morar no Hotel Royal, de propriedade do atleta Paulo Roberto Falcão, que lhe cedeu o quarto 203, em regime de usufruto. Posteriormente, mudou-se para o Hotel Porto Alegre *Residence*, na Rua André da Rocha, no centro de Porto Alegre, onde ficou até o fim da vida.

Ainda, conforme descreve Carvalho (2006), Quintana trabalhou como tradutor de vários autores franceses. Entre outros autores, traduziu Marcel Proust, Guy de Maupassant, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Somerset Maughan e Joseph Conrad.

O seu primeiro livro, *A rua dos cataventos*, foi publicado pela Editora Globo, de Porto Alegre, em 1940. Em 1943 iniciou a publicação da seção *Do Caderno H*, na Revista *Província de São Pedro* e dez anos depois começou a trabalhar no jornal *Correio do Povo*, onde escreveu a seção *Do caderno H* até 1980. No período de 1943 a 1953, ele publicou as obras: *Canções* (1946), *Sapato Florido e o Batalhão das Letras* (1948), *O Aprendiz de Feiticeiro* (1950); *Espelho Mágico* (1951); *Inéditos e Esparsos* (1953); *Poesias* (1962), volume que reuniu seus cinco livros anteriores.

A partir 1965 continuou publicando livros e antologias, dentre elas *Antologia poética* (1966), o livro *Caderno H* (1973); *Pé de pilão* (1975) obra infanto-juvenil; *Apontamentos de História sobrenatural* e *Quintanares*, edição-brinde de poesias (1976); *A vaca e o Hipogrifo* (1977) *Prosa e verso*, antologia paradidática (1978); *Na volta da esquina* (antologia (1979); *Esconderijos do tempo* (1980); *Nova antologia poética* (1981); *Lili inventa o mundo* (1983); *Nariz de vidro* (1984); *Baú dos espantos* (1986); *Da preguiça como método de trabalho e Preparativos de viagem* (1987); *Porta giratória* (1988); *A cor do invisível* e *Antologia Poética* de Mario Quintana (1989); *Velório sem defunto* (1990); *Sapato furado*, antologia infanto-juvenil (1994) e ainda teve a publicação póstuma, do livro *Água* (junho de 1994).

No relato de Carvalho (2006), mostra que durante a sua trajetória, Quintana recebeu muitas homenagens e títulos que reconheceram o seu valor para a literatura brasileira. Entre eles, em 1966, no dia 25 de agosto foi saudado na Sessão da Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira, que lhe dedicaram um poema, intitulado "Quintanares"; que foi incorporado para sempre a sua biografia. Nessa

ocasião, encontrou, além de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, um de seus poetas prediletos.

Em 1967, recebeu o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre, conferido pela Câmara de Vereadores. Nessa ocasião, proferiu a seguinte frase: "Antes, ser poeta era um agravante. Depois, passou a ser uma atenuante. Vejo agora que ser poeta é uma credencial." No ano de 1968, foi homenageado pela Prefeitura de Alegrete com uma placa de bronze, na praça principal da cidade, onde foram inscritas suas palavras: "Um engano em bronze é um engano eterno".

Em 1980, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra literária. Ele recebeu vários títulos de Doutor Honoris Causa, concedidos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), outro pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), e Universidade de Campinas (UNICAMP) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). No mesmo ano, foi eleito Príncipe dos Poetas Brasileiros, entre escritores de todo o país, em promoção realizada pela Academia Nilopolitana de Letras. É o quinto poeta a receber esse título. Seus antecessores são: Olavo Bilac, Alberto Oliveira, Olegário Mariano e Guilherme de Almeida.

Morreu, no dia 5 de maio de 1994, aos 88 anos, em Porto Alegre, onde viveu a maior parte de sua vida. A esta cidade dedicou um de seus poemas mais conhecidos, "O mapa", transcrito em bronze na Praça da Alfândega, no centro da cidade. Nessa praça está também eternizada sua figura em bronze, na companhia do poeta Carlos Drummond de Andrade, em esculturas de Francisco Stockinger. (CARVALHAL, 2006).

Mesmo com uma biografia tão rica, ele tentou ingressar na Academia Brasileira de Letras por três vezes e não conseguiu, possivelmente por questões políticas internas da Academia, contudo, diante das tentativas frustradas, escreveu o *Poeminha do Contra*, uma resposta bem humorada às seguidas negativas que sofreu.

Poeminha do Contra

Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão... Eu passarinho! (CH, p. 28).

Perante o poeta tão premiado e renomado, a escolha do *corpus* da pesquisa foi por utilizar *Apointamentos de História Sobrenatural*, *Caderno H e Espelho Mágico*, a fim de desenvolver o projeto que envolve a formação de leitores literários críticos, conscientes

de sua subjetividade e sua relação com a coletividade. Como haverá repetição dos títulos das obras quintaneanas, serão utilizadas abreviaturas para referir-se a elas. Seguem os livros com as abreviaturas: *Apontamentos de História Sobrenatural* (AHS), *Caderno H* (CH), *Espelho Mágico* (EM).

A relevância desse estudo fundamenta-se no interesse em formar leitores conscientes de que a poesia é reveladora do cotidiano e da existência, o que Quintana faz muito bem, por meio de palavras simples, adequadas e bem colocadas, que conseguem captar a essência do ser e das coisas ao seu redor, além da maioria de seus textos serem sintéticos e carregados de humor, o que é propício para trabalhar em sala de aula e cativar os educandos.

Mario Quintana fez sua primeira publicação com um livro de sonetos, poemas de forma fixa, isso em plena geração modernista que pregava o verso livre, o que ocasionou a alguns críticos classificá-lo como poeta do passado. Segundo Yokozawa (2006), o autor, realmente, permaneceu com algumas tendências simbolistas, entretanto também se destacou por incorporar várias características modernistas, tais como “a diluição das fronteiras rígidas entre a forma da poesia e a da prosa e a poetização da matéria cotidiana, do ritmo pedestre e da linguagem prosaica.” (2006, p. 131). Dessa forma, ele consegue lidar com temas poéticos e não poéticos, a fim de expressar o corriqueiro da vida e assim, usa da liberdade dos modernistas para escrever da forma que melhor lhe agradasse. Tânia Carvalhal (2006) afirma que o poeta sempre teve como primordial em suas obras, a preocupação com o fazer poético, independente de escolas que o pudessem engessar, mas preocupava-se em mostrar a essência da matéria escolhida para seus versos.

A reunião da poesia de Mario Quintana possibilita que se perceba com clareza sua constante preocupação com o fazer poético. São muitos os poemas nos quais reflete sobre a natureza da poesia e a função do poeta. Desde os primeiros livros, identificamos o cuidado com a escrita. (2006, p. 22).

Alguns críticos diziam que o poeta não era engajado com questões sociais, temática privilegiada do período em que iniciou seus escritos, no entanto, como objetivou trabalhar com temáticas cotidianas, não poderia se distanciar dessas questões. Ao tentar retratar a vida diária, também resgata valores humanos e, indispensavelmente, lida com os problemas coletivos. Yokozawa declara isso,

[...] a sua práxis poética pode ser lida a partir de um ponto de vista que privilegia a sua vinculação com o contexto que a originou. E o que esse ponto de vista revela é uma poesia compromissada, de um comprometimento dissimulado, pois implícito, uma poesia altamente empenhada em redescobrir valores humanos que tendem a ser desvalorizados ou extintos pela estrutura social moderna. Isso posto, pode-se dizer que Quintana é engajado sem sê-lo. (2006, p. 43).

E ainda segundo a autora supracitada, mesmo através do silêncio, da falta de declaração visível, o poeta mostra um desgosto para com a sociedade em que vive. “Nota, ainda, que o silêncio do poeta sobre a vida moderna é revelador, porque nesse silêncio está cifrado o seu desgosto por esse modo de organização da experiência” (YOKOZAWA, 2006, p. 45).

A obra do poeta é marcada por um lirismo intimista que retrata a subjetividade humana, envolve a sensibilidade do poeta e do leitor. Para ler Quintana é preciso ouvir a sua voz com muita atenção e receptividade, preparar-se para um texto que toca a alma e reflete na interpretação do mundo exterior. Sobre isso, se pronuncia Fausto Cunha, na obra de Carvalhal.

A poesia de Mario Quintana é toda intimista: ela se forma na zona de superfície da sensibilidade; ela exige, para se comunicar, que o leitor se encontre no estado de espírito propício, que se disponha a confidências sussurradas, que se determine a ouvir um poeta de voz mansa, suave e delicada. Pois, neste poeta gaúcho, tudo é delicadeza, é simplicidade, é humildade (2006, p. 53).

É com esse lirismo, impregnado em sua obra, que adentra vários temas da vida rotineira e traduz suas impressões sobre aquilo que o rodeia, mesclando em seus textos, a percepção íntima das pequenas e grandes coisas da vida com o universo exterior, o que propicia ao leitor reconstruir suas impressões e análise da existência. Assim, afirma Yokozawa, “é com essa voz íntima, subjetiva, que o poeta canta ternamente a cidadezinha interiorana, a ruazinha sossegada e noturna, a infância, se compadece do menino doente e lhe compõe um soneto, recorda os amigos mortos, conversa com e sobre a morte.” (2006, p. 143).

Dentre as características das obras de Quintana, pode-se dizer que há um destaque para o retrato do cotidiano, como afirma Yokozawa (2006, p. 42) a “maior contribuição à poesia brasileira residiria na fixação do cotidiano, na aguda percepção das coisas miúdas.” Essa representação do costumeiro é uma busca constante em sua poesia, como é perceptível em suas obras, e isso não é uma simples referência, mas o poeta usa a sua imaginação e conduz com muito humor e criticidade, contribuindo para a reflexão sobre o que é comum a todos. As banalidades do dia a dia ganham uma proporção e importância

maior, passam a ser vistas e analisadas por outra perspectiva, a do poeta, que mostra tudo com um valor essencial para as mudanças e reflexões sobre a vida.

Há na obra de Quintana uma redução geográfica do mundo observado. Nela as pequenas coisas ganham uma dimensão diferente, aumentada. São vistas em si mesmas, mas adquirem ainda outros significados que lhes são atribuídos pela imaginação do poeta. A propensão ao animismo é fartamente explorada nesta poesia na qual os objetos, personificados, assumem, por vezes, maior relevo que os seres. (CARVALHAL, 2006, p. 19).

A imaginação quintaneana é primorosa, inclusive, de acordo com Peixoto (1994, p. 15), “Se procurássemos resumir em um único vocábulo o que é Mario Quintana, a essência de sua poesia, esse vocábulo seria **imaginação**. Para Quintana, poesia e imaginação se confundem; são, na realidade, uma mesma coisa”. Ao observar a poética de Quintana, constata-se que, realmente, a sua imaginação é fértil, pois consegue traduzir em palavras as mais diversas situações. Capta fatos, objetos habituais e os transforma em algo mágico. Ele reinventa, recria, reimagina a realidade e a verdade, sem se subordinar ao considerado normal.

Essa ligação do poeta com o cotidiano pode ser relacionada ao seu trabalho como jornalista e tradutor por muitos anos, graças a estar sempre rodeado de crônicas e notícias, muitas vezes fatalistas e sensacionalistas e, também, pelo contato direto com grandes nomes da literatura estrangeira, ao traduzir autores clássicos como Marcel Proust, Virginia Woolf, dentre outros. Dessa forma, consegue mostrar o habitual com um lirismo poético que envolve e cria uma imagem redimensionada do objeto de sua poesia.

A leitura do cotidiano, essencial em sua obra, manifesta não só a capacidade do poeta de transformar as coisas rotineiras em poesia como também a experiência de homem de jornal, que encontra nas notícias sua matéria. Muitas vezes, sua poesia é uma crônica, fornecida pela vida. O lirismo se associa ao travo crítico para retratar o quadro cotidiano no qual são personagens preferenciais as velhas senhoras gordas, os mortos, objetos do olhar voraz do Anjo Malaquias. A própria poesia e seus recursos não escapam da maneira irônica de configurá-los, como está posto em "o encontro", de Baú de espantos. (CARVALHAL, 2006, p. 26).

Para Quintana, tudo pode ser assunto de sua poesia, desde objetos simples, banais, utilizados no dia a dia, como animais, lugares onde viveu ou imaginou viver, personagens reais e fictícios, os sons, as lembranças, a morte, e, enfim, a vida com suas belezas e tristezas. Dentro dessa mistura do real com o ficcional, consegue-se observar o poema *Pequena crônica policial*, presente na obra *Canções*, em que mostra a morte trágica de

uma prostituta grávida que é assassinada de modo cruel, ao ler esse poema, a sensibilidade é aguçada, principalmente, ao tomar conhecimento que a mulher estava grávida de uma menina, o texto choca, mas conduz à reflexão, pois incita a pensar se a criança não teria o mesmo destino da mãe.

Pequena crônica policial

Jazia no chão, sem vida,
 E estava toda pintada!
 Nem a morte lhe emprestara
 A sua grave beleza...
 Com fria curiosidade,
 Vinha gente a espiar-lhe a cara,
 As fundas marcas da idade,
 Das canseiras, da bebida...
 Triste da mulher perdida
 Que um marinheiro esfaqueara!
 Vieram uns homens de branco,
 Foi levada ao necrotério.
 E quando abriam, na mesa,
 O seu corpo sem mistério,
 Que linda e alegre menina
 Entrou correndo no Céu?!
 Lá continuou como era
 Antes que o mundo lhe desse
 A sua maldita sina:
 Sem nada saber da vida,
 De vícios ou de perigos,
 Sem nada saber de nada...
 Com a sua trança comprida,
 Os seus sonhos de menina,
 Os seus sapatos antigos! (Quintana, 2012, p. 55).

Esse poema narrativo baseia-se em achados da vida real, mas que foram escritos com toda a sensibilidade de perceber que coisas habituais podem ser vistas de um ângulo diferente. Assim, o poeta consegue criar uma poesia que abala, faz refletir e desenvolve a criticidade frente ao mundo. Carvalho confirma essa variedade de elementos, “É surpreendente como convivem, na poesia de Quintana, elementos tão contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o sobrenatural, na simultaneidade de passado e presente.” (2006, p. 26).

Em relação à linguagem, percebe-se que o poeta possui grande conhecimento da língua portuguesa, sabe diferenciar a norma culta da coloquial perfeitamente, no entanto, consegue adaptar-se às variações que julga necessárias em seus textos, Becker alega que,

É a linguagem do poeta que se ajusta de forma exemplar à temática de seus poemas. Ora coloquial, ora purista, e valendo-se com liberdade das mais variadas formas literárias fornecidas pela tradição clássica, sem deixar de criar poemas inovadores em verso livre ou, mesmo, em prosa, Quintana é antes de mais nada um exímio inventor e produtor de formas verbais. Sua sensibilidade

o conduz a uma constante experimentação com a linguagem, com o objetivo de torná-la expressiva, pois só assim ela alcançara um efeito mais direto sobre o leitor. (1996, p. 14).

O poeta escolhe o que quer escrever e trabalha em prol de uma elaboração perfeita para seus textos, prefere palavras simples, mas que conseguem alcançar profundidade de expressão. Opta, preferencialmente, por usar a ordem direta nas orações, o que torna a sua maneira de exprimir mais próxima à língua utilizada na vida rotineira. É dessa forma que alega Yokozawa,

Palavras simples, uma sintaxe que privilegia a frase padrão e a ordem direta dos componentes da oração, os lugares comuns do idioma, como é o caso do clichê "o amor é um vírus" (AHS, p. 51), esses são alguns dos elementos que atestam a recorrência que o poeta faz à língua de todo dia. Mas estilizar a linguagem coloquial não quer dizer reduplicá-la. Quintana se vale dessa linguagem como Augusto dos Anjos se vale de termos científicos. Nos dois casos, ocorre aquilo que Merquior chama de "mímese interna", que é a mímese, a invenção, no nível da linguagem (2006, p. 65).

No mundo poético de Quintana, percebe-se um uso acentuado de reticências e do ponto de exclamação, diminutivos e letras maiúsculas simbólicas, esses recursos aproximam a língua escrita da fala cotidiana, além de chamar a atenção para o que não foi dito, ou destacar algo que foi grafado nos versos. Enfim, o poeta é um artífice da linguagem, que explora diversos recursos a favor de uma boa expressividade. Yokozawa esclarece o uso de tais recursos e diz que são marcas da autoria singular do poeta.

É verdade que as reticências em Quintana às vezes soam excessivas, integrando, ao lado dos diminutivos e das maiúsculas alegorizantes, aqueles "pontos cegos" em que incorrem todos os que se arriscam na perigosa arte de escrever, na perigosa arte de viver. Mas os defeitos também compõem o estilo, como olhos excessivamente grandes definem uma fisionomia. Os quintanares sem as reticências e outros "pontos cegos" talvez fossem expressões poéticas melhores... Mas não seriam os quintanares. Seriam outros cantares... Difícil imaginar a poesia quintaneana sem os três pontos que ficam vibrando na alma do leitor, (sugerindo-lhe o que o poema não diz, falando-lhe onde o poeta silencia (2006, p. 148).

Com o uso dos elementos acima, ele alcança uma musicalidade poética que encanta e sensibiliza o leitor. Isso acontece pelo emprego de alguns recursos que somente quem tem conhecimento da linguagem consegue realizar. Esses recursos propiciam um texto com alta qualidade musical. A esse respeito assinala Yokozawa,

Os meios de que se vale essa poesia para se fazer musical são outros que aqueles da música propriamente dita. Rimas, assonâncias, aliterações, estribilhos e marcação rítmica são alguns recursos sonoros que fazem com que

a palavra poética cante, ainda que na leitura silenciosa do gabinete, e exerça poder encantatório semelhante ao do gênero musical (2006, p. 87).

O poeta que canta tantas coisas simples, que reinventa o cotidiano a seu modo, também utiliza outro traço diferencial em seus textos: o uso da ironia e humor, o que se converte em uma riqueza de sua obra. Em alguns casos, pode-se dizer que utiliza a ironia sutil, que abala as estruturas do leitor e o desestabiliza, provocando um caos interior, como é próprio da poesia, para posteriormente se reorganizar de maneira modificada. Em outros momentos utiliza do humor refinado, que provoca o riso, contudo, no mesmo instante a desconfiança, questionamentos e a reflexão crítica sobre o que foi lido. Acerca disso, Yokozawa declara,

Trata-se de uma mirada que reinventa o ordinário. Nessa reinvenção, o poeta recorre muita vez ao humor, a uma ironia sutilíssima, de modo a apresentar uma visão desestabilizadora da vidinha diária aparente mente sólida, das verdades assentadas do senso comum, ou ainda dos valores estabelecidos pela tradição literária (2006, p. 64).

Isso posto, dá para atestar que o lirismo irônico é uma característica marcante de sua obra e que dessa combinação, que parece contraditória, o assiste em sua expressão e reconstrução da vida cotidiana. O humor utilizado nos quintanares consegue desestabilizar o que parecia estável, questionar verdades da vida costumeira, libertando o leitor de conceitos tidos como absolutos.

Outro fator peculiar é ser adepto do prosaico e longe de ser somente uma expressão espontânea da linguagem escrita, ele é capaz de fundi-la com o lirismo e pura poesia, conforme Peixoto (1994, p. 24) declara, “Quando a prosa se vale das imagens, é poesia com outro nome”. A genialidade de Quintana transparece tanto na criação de poemas de forma fixa, como os sonetos de *A rua dos cataventos*, ou os epigramas de *Espelho Mágico*, assim como em seus poemas de verso livre, ou com estilo prosaico, ficando claro que esse viajante no tempo e no espaço, tanto soube escrever em versos quanto em prosa, sem contudo fugir do lirismo que tanto enaltece sua obra.

Em Quintana, o leitor se depara tanto com textos em verso que são "quase prosa" quanto com textos em prosa que são pura poesia, tanto com poemas como "Pequena crônica policial" (C, p. 51-52) e "Crônica" (AHS, p. 12-13), em que a matéria poética é, a exemplo de Manuel Bandeira, “tirada de uma notícia de jornal”, quanto com uma prosa lírica como a que se segue (YOKOZAWA, 2006, p. 184).

Ademais, a poesia de Quintana alcançou popularidade e notoriedade, tanto por nomes conhecidos da literatura, como Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Paulo Mendes Campos, dentre outros, “a reunião de seus poemas prova que, além de ser o maior lírico da poesia sul-rio-grandense, Mario Quintana ocupa um lugar especial na moderna poesia brasileira, como o reconheceram poetas da dimensão de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.” (CARVALHAL, 2006, p. 27). Esse reconhecimento do poeta alegretense veio também em algumas homenagens feitas em versos, como, por exemplo, temos o poema de Manuel Bandeira:

A Mario Quintana

Meu Quintana, os teus cantares
 não são, Quintana, cantares:
 são, Quintana, quintanares.

Quinta-essência de cantares.
 Insólitos, singulares...
 Cantares? Não! Quintanares!

Quer livres, quer regulares,
 Abrem sempre os teus cantares
 como flor de quintanares.

São cantigas sem esgares.
 onde as lágrimas são mares
 de amor, os teus quintanares.

São feitos esses cantares
 de um tudo-nada: ao falares,
 luzem estrelas e luares.

São para dizer em bares
 como em mansões seculares
 Quintana, os teus quintanares

Sim, em bares, onde os pares
 se beijam sem que repares
 que são casais exemplares.

E quer no pudor dos lares,
 quer no horror dos lupanares,
 cheiram sempre os teus cantares

Ao ar dos melhores ares,
 pois são simples, invulgares,
 Quintana, os teus quintanares.

Por isso peço não pares,
 Quintana, nos teus cantares..
 Perdão! Digo quintanares.

Igualmente, sua poesia conquistou também o grande público, os possíveis fatores dessa popularidade, segundo Yokozawa (2006), podem ser as antologias paradidáticas, utilizadas nas escolas, a publicação de seus textos pelo jornal porto-alegrense *Correio do Povo* e, em nível nacional, a página literária por ele assinada na revista *Isto É*. Além de tais constatações, é preciso reconhecer que sua forma de escrever textos curtos, bem humorados, poemas de forma fixa e livres, feição proverbial a poemas surrealistas, conseguiram alcançar um público também amplo e diversificado.

Para Peixoto, (1994, p. 07), Quintana “se destaca por apresentar uma poesia altamente individual, fruto de uma personalidade criadora que recusa veementemente todo e qualquer tipo de classificação para si e para sua obra, bem como qualquer filiação a escolas e modismos literários.” Dessa maneira, ele percorre um caminho por conta própria, sem amarras ou dever de explicações a outrem, mas, sim, é comprometido com sua poesia e consigo mesmo.

Entretanto, mesmo sendo uma lírica que se popularizou, percebe-se que são textos que parecem simples, aparentam facilidade de interpretação, porém, evidenciam enorme profundidade no uso da linguagem e das imagens construídas, o que facilita a relação com o leitor, mas sem deixar de revelar intrinsecamente seu mundo interior e instigar a reflexão. Yokozawa fala sobre isso, "Que ninguém se deixe levar pela leveza da poesia de Mario Quintana! Ela é leve, sim, mas como o ar, que alimenta ou envenena. Diria mesmo: existe um peso metafísico no alumínio verbal de Quintana" (2006, p. 90).

Na apresentação do livro *A preguiça como método de trabalho*, ele transcreve o texto escrito em 1984, para a revista *Isto É*. Nessa publicação, fala sobre si mesmo e sobre seus textos. Para ele, seria difícil se descrever, pois tudo que é, está em seus poemas “Minha vida está em meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão.” (QUINTANA, 2009, p. 45). Dessa forma, para conhecer um pouco mais desse artista da palavra, é necessário ler a sua obra, ademais é nela que constam detalhes de sua existência e sua relação com o mundo.

Na mesma apresentação supracitada ele diz que prefere citar as opiniões dos outros sobre ele, no entanto, ao mencionar tais pontos de vista, ele discorre, acrescentando ou discordando das ideias alheias.

Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que nunca acho que escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de autossuperação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! sou é caladão, introspectivo.

Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros? (QUINTANA, 2009, p. 45-46).

Nesse fragmento, é oportuno observar um pouco mais a grandeza do poeta, que consegue visualizar e assumir suas próprias falhas, imperfeições ou sua própria individualidade. Outro fato interessante na vida do poeta alegretense é a respeito de uma homenagem que a prefeitura de sua cidade natal queria prestar-lhe, para isso iriam escrever uma frase, de sua autoria, na praça central do município, mas ele age com seu tom irônico e provoca uma crítica a si mesmo, segundo denota Fischer & Fischer,

Tudo culmina de modo quintanesco, quando a prefeitura de sua cidade natal, Alegrete, resolve fazer uma placa em bronze para eternizar alguma frase do poeta na praça central da cidade. Era o ano de 1968, e Quintana, no melhor de seu cortante humor, não teve piedade, nem de si mesmo, e esculpiu a seguinte frase: ‘Um engano em bronze é um engano eterno (2006, p. 63).

O poeta sempre teceu uma autocrítica sobre sua obra, sendo rigoroso com sua produção, de acordo com Fonseca (2009, p. 134). Em determinada ocasião, Quintana prefaciou um livro para um poeta bageense que dizia “A vida me ensinou que a gente só gosta de quem é parecido com a gente. Lendo os versos de Fulano de Tal, vejo que somos muito diferentes. Talvez esteja aí o seu grande valor.” Por essas palavras, demonstra que o gosto pelo igual impede de ver além de si mesmo, e de perceber características novas que podem ter grande valor. Ao citar que os versos de “Fulano de Tal” são diferentes dos seus, e que por isso devem ter maior valor, faz uma autocrítica ao seu modo quintaneano de escrever, entretanto, isso não o desvaloriza, pelo contrário, faz com que o leitor note o exímio artesão da palavra, que exige de si o melhor na construção de sua obra poética.

Outra curiosidade sobre esse escritor é que sempre fugiu das padronizações e dos enaltecimentos, fugia até mesmo aos elogios, como diz Fonseca,

Sempre arredio, Quintana garantia que era preferível ser alvo de um atentado do que de uma homenagem: era mais rápido e sem discurso. Com o tempo, se acostumou, até gostou, mas com ironia costumeira disse que eram tantas que nem lhe sobrava tempo para morrer. É preciso notar que muitas dessas homenagens foram uma tentativa de institucionalizá-lo. Sob o rótulo de anjo, queriam-no doce e apenas doce. Mas Quintana uma vez disse que nele havia um anjo e um demônio e que, ao contrário do que se podia pensar, não brigavam entre si, conviviam (2009, p. 159).

Com isso, afirma que dentro dele convivia naturalmente o lado bom e ruim do ser humano, o que, certamente, facilitou o diagnóstico de tantas obscuridades nas atitudes das pessoas e, conseqüentemente, o direcionou ao uso da ironia e humor para mostrar tais características.

Portanto, o poeta é um ícone da literatura brasileira, digno de ser estudado e divulgado, sendo seus textos de forte influência para a reflexão e desenvolvimento da criticidade, por isso foram escolhidos para nortear o projeto de leitura de poesia em sala de aula, visando à formação de leitores críticos na Educação de Jovens e Adultos.

2.2 Apontamentos de história sobrenatural: subjetividade, reflexão e criticidade nos poemas de Quintana



Emergência

Quem faz um poema abre uma janela.
 Respira, tu que ainda estás em uma cela
 Abafada,
 Esse ar que entra por ela.
 Por isso é que os poemas têm ritmo
 - para que possas profundamente respirar.
 Quem faz um poema salva um afogado.
 Mario Quintana

Em 1976, Mario Quintana publica *Apontamentos de História Sobrenatural*, o que para ele seria a primeira obra que seguia a cronologia de fato. “Eis o meu primeiro livro cujos poemas saem mais ou menos na sua ordem cronológica. Porque antes se reuniam numa ordem lógica.” (QUINTANA, 2012, p. 15).

Outro fator interessante é o nome do livro: *Apontamentos de História Sobrenatural*, título que conduz o leitor a imaginar que sua obra está repleta de seres ficcionais, realidade extraterrestre e sobrenatural, no entanto, o leitor se depara com o real da vida e vai descobrindo que ele reproduz a realidade rotineira, alagada pelo sonho, pela

magia poética, de forma onírica e sobrenatural com finalidade de retratar o que há de mais habitual na existência, como se pronuncia Yokozawa,

Para um leitor que não tenha familiaridade com a poesia de Quintana, com o insólito dos títulos dos seus livros, a simples leitura desse título poderia criar a expectativa de que a matéria do livro é o sobre-humano, o extraterreno. Essa expectativa se desfaz ante a leitura dos primeiros poemas, reveladores de que a realidade recriada não é outra que esta que se desenrola diante dos olhos do leitor. E este se indaga: - Mas onde o sobrenatural? E é então que descobre que o sobrenatural, do livro e da vida, está é aqui, nesta realidade de todo dia (2006, p. 155).

Essa obra foi lançada para comemorar os 70 anos do poeta e nela encontra-se tanto formas tradicionais como sonetos e odes, como também poemas de versos livres e a tão cultivada prosa poética. Em relação à temática, ele trabalha com a diversidade de assuntos, objetos, fatos e acontecimentos da vida corriqueira, traz memórias e reflexões sobre as fases da vida - infância, adolescência, velhice -, bem como, trata da temática do tempo, da vida, da morte, da própria poesia e da imaginação. Essas temáticas são embaladas de humor e ironia, muita subjetividade, bem como, transparece-lhes o seu avesso, com tiradas inusitadas e fabulosas, muitas vezes embebidas com o transcendental.

Yokozawa fala sobre a atitude do poeta de fundir-se com aquilo que ele retrata, pois dessa forma consegue revelar uma visão singular do objeto da poesia.

Como decorrência dessa forte subjetividade, dessa atitude do poeta que, em vez de se distanciar do objeto a ser descrito para vê-lo com mais nitidez, a ele se funde, tem-se a diluição dos contornos nítidos do modelo e a criação de retratos que nada representam com exatidão (talvez seja lícito falar em antirretrato), mas que muito sugerem, à maneira de um retrato pictórico moderno (2006, p. 52).

Em vários textos dessa publicação, Quintana fala sobre a própria poesia, é o caso do poema *Emergência* (AHS, p. 59), em que transborda em sua definição do poético, quando menciona que “Quem faz um poema abre uma janela”, essa janela é para a vida ou mesmo para a sua compreensão e chega a exprimir que “Quem faz um poema salva um afogado”, ou seja aqueles que estão perdidos nesse mundo, sentindo-se mortos, a poesia tem essa função de despertar para o valor da existência, pois, segundo Peixoto, (1994, p. 34) a poesia quintaneana tem “um fim mais complexo: o aperfeiçoamento da alma humana”.

Também, em *Aula inaugural* (AHS, p. 146), fica explícito que acredita ser a poesia uma tábua de salvação para o caos da vida, tanto para o poeta quanto para o leitor

“Fora da poesia não há salvação / A poesia é dança e a dança é alegria / Dança, pois, teu desespero, dança / Tua miséria, teus arrebatamentos / Teus júbilos ” Essa salvação atenua as dores e sofrimentos, proporciona alívio e refúgio, também expressa a alegria e esperança e no fim do texto, ainda nomeia o poeta de “encantado dominador de monstros”, monstros que metaforicamente representam as imperfeições, as atrocidades da existência. E a única forma de concretizar esses versos salvíficos é através da leitura, momento em que poderão fundir-se autor e leitor e assim materializar o ato de esperança, a luz em meio as trevas de dias difíceis.

Em outro texto, *Poemas* (AHS, p. 47), utiliza a figura do grilo para mostrar a procura da poesia, “o mais puro diamante”, porém, revela que essa busca interminável pela noite adentro é inútil, pois a primorosa poesia está na própria loucura. “E se o que tanto buscas só existe/ em tua límpida loucura/ - que importa? / isso / exatamente isso / é o teu diamante mais puro”. Nessa descoberta de que, na loucura se produz poesia, vai se reinventando e criando outros poemas metalinguísticos, na tentativa de explicar o que para ele mesmo é pura magia. Como coloca no poema *Poesia & Magia* “A beleza de um verso não está no que diz, mas no poder encantatório das palavras que diz: um verso é uma fórmula mágica.” (CH, p. 59). Enfim, para o autor, a poesia é encantatória, com significados elevados, salvação para a humanidade perdida no caos.

Além de falar sobre a própria poesia, outro tema recorrente é a morte, que ele lida como uma companheira de jornada que o acompanhou desde o dia de seu nascimento, mas que também faz refletir sobre a vida e o seu valor. Assim salienta Carpinejar, no prefácio de *Velório sem defunto*,

A morte para ele não é triste, nem trágica, é um mistério necessário ("as coisas sem nome") para respeitar a vida.

Sem a morte, a vida não seria valorizada. Seria agredida, banalizada, esgotada.

Sua teoria tem consistência existencial: morrer é parcelado, é acreditar naquilo que se viveu para aceitar - devagar - o que não podemos fazer. (QUINTANA, 2013, p. 09).

A temática da morte está em outras obras do autor, contudo em AHS, ela perpassa de forma sutil em vários poemas e funde-se com outra temática que é a passagem do tempo, como está presente em *O tempo e o vento* (AHS, p. 19), em que diz “Havia um relógio onde a morte tricotava o tempo”. Esse tempo é fatídico, passa rápido e a vida vai se findando aos poucos, isso fica evidente no poema *O tempo* (AHS, p. 100), em

que os versos vão mostrando que o tempo não para e a velhice vai adentrando o corpo dia a dia, “O Tempo não pode viver sem nós, para não parar”, assim, o tempo só existe porque o homem existe para percebê-lo.

Ao falar do percurso do tempo, o poeta apresenta fases da vida, fala da infância, como em *A surpresa de ser* (AHS, p. 115), quando cita personagens dos contos infantis, João, da História de *João e o Pé de Feijão* e traz à memória momentos de sua infância “Joãozinho era eu / na relva estendido / atento aos mistérios das formigas eu trabalhavam tanto...”. Nesses versos há uma relação com as coisas simples do cotidiano, mas que fascinam a infância, o olhar atento da criança capta coisas banais do dia a dia com uma essência mágica.

Outra faixa etária contemplada em sua obra é a adolescência, a qual é vista como momento da descoberta, medo do novo, mas também da curiosidade e do desejo, como revela o poema *O adolescente*,

O adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo,

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas

esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz
o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
-vestida apenas com o teu desejo! (AHS, p. 21)

Nesses versos, evidencia-se o despertar do adolescente, que acaba de sair da fase infantil e começa a descobrir-se e a desvendar o mundo a sua volta, para o jovem, a vida é nova, é o princípio, pois ainda tem muito a conhecer e toda uma história para escrever, portanto, a adolescência é apenas o preâmbulo das vivências humanas.

Quintana também dedica vários versos à fase da velhice, conforme percebe-se em *O velho do espelho* (AHS, p. 68), em que mostra a descoberta fatal da vida. Tudo passa tão rapidamente, que não se reconhece mais como um jovem, mas se vê como o

pai envelhecido misturando-se à sua própria imagem. A velhice é encarada como fase que representa a experiência, mas em alguns momentos causa-lhe melancolia, por pensar na proximidade da morte.

A riqueza de AHS não para e, pode-se encontrar versos sobre a cidade de Porto Alegre, cujo poema “O Mapa” retrata um pouco de seu sentimento em relação a essa metrópole em que viveu maior parte de sua vida. Nesse texto, relata a existência de ruas por onde nunca passou e nem passaria, mostrando alguns mistérios escondidos na cidade e locais intocados por ele. Para Yokozawa, ele canta seu amor pela cidade, sem contudo idealizar, pois vê os problemas decorrentes da modernidade que afetam o lugar de sua morada.

Nascido no interior do Rio Grande do Sul, em Alegrete, elegeu a capital gaúcha como "a cidade do seu andar" (e também do seu repouso) e a ela declarou o seu amor no poema "O mapa" (AHS, p. 143). Mas o "suave mistério amoroso" que enlaça poeta e cidade não impede o primeiro de rechaçar na segunda a modernização que nela se opera sob a égide do progresso técnico. Antes de a cidade em si, o que o poeta parece recusar é o "pesadelo técnico". Mais do que este, o que ele talvez rejeite é a desintegração de valores humanos e, por conseguinte artísticos, que muita vez se processa em nome do afã desenvolvimentista. (2006, p. 104).

Mesmo diante da visão crítica de sua cidade, ainda encontra momentos para o sonho e aproveitar o deslumbramento que a cidade lhe proporciona. O poema retrata a cidade, e concomitantemente, a vida do poeta que tanto percorreu as ruas, visitou lugares que estão presentes em sua obra. Como atesta Carvalhal (2006, p. 20) “as ruas exercem fascínio sobre o poeta caminhante, ele as percorre na realidade e no sonho, muitas vezes imaginando-as”

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde amais passarei.

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moca bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)
(AHS, p. 160)

Muitos outros assuntos são magicamente tratados nessa obra, contudo, é destaque *O autorretrato*, poema repleto de lirismo, em que o poeta tenta se descrever e para isso

evoca elementos da natureza como nuvem e árvore. A primeira retrata o movimento, as mudanças e multiformas em que se torna a cada momento; na segunda comparação “às vezes me pinto de árvore”, mostra suas convicções, de suas raízes e àquilo que empreenda com a sua poesia, para além disso, o uso do advérbio “as vezes”, demonstra instabilidade e a constante procura para se definir. Além disso, revela sua feitura de passado, das lições que o tempo traz, “ou coisas que não existem”, e nessa procura instável vai se descobrindo como criança e louco, desvelando de um lado a ingenuidade, a fantasia infantil, pureza e de outro o louco, que destoa do normal e tem suas próprias impressões da vida e do mundo. Ele recria a sua existência com a sua própria significação.

O autorretrato

No retrato que me faço
- traço a traço
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...

e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança...
Corrigido por um louco! (AHS, p. 33)

Destarte, Yokozawa registra seu comentário sobre os versos,

Assim, no retrato em que se faz, Quintana carrega nos tons subjetivos e vai, traço a traço, pintando coisas que, em vez de definirem o referente, antes o indefinem. Ao buscar a sua semelhança em coisas dessemelhantes, em coisas intangíveis, ao pintar um retrato que comporta a incoerência de ser "nuvem" e "árvore", e evoca, em lugar da trivialidade concreta do que existe, a imaginação fabulosa do que existirá, ele rompe, à maneira da pintura moderna, com a lógica perspectivista que orienta a obra clássica e alcança o ilogismo dos desenhos daqueles que, como o artista, não foram corrompidos pelo bom senso: a criança e o louco. (2006, p. 53)

Logo, esse poema é relevante para a compreensão do poeta, de sua obra e cabe como autorreflexão sobre a vida humana em seu caos existencial. Com presteza, ainda há outras obras com as mesmas características, que procuram decifrar o ser em sua amplitude.

Então, AHS é uma obra riquíssima que merece ser lida e refletida calmamente, a fim de sentir-se no mundo e assimilar a subjetividade existente em cada indivíduo e nas pequenas coisas do dia a dia, que muitas vezes são ignoradas e imperceptíveis. E como disse Carpinejar (In QUINTANA, 2013, p. 10) “O escritor derruba poemas pelo caminho, como se segurasse uma jarra de suco excessivamente cheia. Ele transborda escrevendo pouco. Passa a imagem de plenitude com o mínimo. Mata a gula com farelos. Salva o suicida pela unha.”

2.3 *Caderno H*: o aprendiz de poeta



“O Profeta diz a todos: eu vos trago a Verdade, enquanto o poeta, mais humildemente, limita-se a dizer a cada um: eu te trago a minha verdade. E o poeta, quanto mais individual, mais universal.”

Mario Quintana

Caderno H foi uma publicação lançada em 1973 e trata-se de uma seleção dos textos que foram publicados na *Revista da Província de São Pedro* e no *Correio do Povo*, o nome *Caderno H*, refere-se ao fato de que todos os textos acabam sendo escritas de última hora, ou na “Hora H”, isso conforme Moriconi (In Quintana, 2013, p. 76). Nessa obra, o leitor depara-se com textos que foram divulgados diariamente na revista e jornal que o poeta trabalhava, portanto, pensamentos habituais sobre diversos assuntos. De acordo com Fischer & Fischer (2006, p. 65) “*Caderno H*, reunião daqueles poemas que também são crônicas, em que se pode ler diretamente o pensamento do poeta sobre várias

coisas, sobre as coisas de que ele se ocupava.” Dessa maneira, as linhas escritas que compõem essa obra, são frutos de vivências cotidianas e inerentes às experiências do artista da palavra.

A obra é composta por quase 700 textos, prosas curtas, pequenas crônicas e poemas em prosa, onde o autor faz uso consciente das formas fixa ou livre, já que percebe que cada poema tem seu ritmo e sua forma e se utiliza disso para criar seus textos livre de preconceitos e com originalidade, deixando uma riquíssima contribuição para a literatura brasileira. (YOKOZAWA, 2006).

No texto *Das Escolas Poéticas*, fica clara a sua atitude de liberdade em relação a estilo literário, já que declara que sempre foi faltoso em todas as escolas. Isso refere-se tanto às escolas de ensino normal, quanto às escolas literárias, “A minha escola poética? Não frequento nenhuma. Fui sempre gazeador de todas as escolas. Desde assinzinho... Tão bom!” (CH, p.42). Essa liberdade de criação deixa-o feliz, observa-se na expressão “tão bom!”, que soa como um alívio por poder escrever livre de amarras e de compromissos ideológicos.

Os poemas de CH tratam de uma diversidade de temas e objetos associados ao dia a dia, porque foram escritos com objetivo de publicação diária em revistas ou jornais, dessa maneira, o poeta amplia sua visão para a rotina e aborda uma abundância de assuntos, amiúde, de maneira questionadora. Apesar disso, preserva a musicalidade e as características líricas fundamentais para a expressividade poética. Então, Guilhermino César certifica essa afirmativa, “Quintana seria capaz de criar uma zoologia fantástica, a exemplo de Jorge Luís Borges, e de certo modo a criou em poemas prosaicos, que desmontam o ritmo tradicional sem alienar a musicalidade. E isto põe o leitor insciente quase inareado”. (*apud* CARVALHAL, 2006, p. 63).

O retrato do costumeiro, das coisas singelas são realizados com a visão subjetiva e atenta do poeta, que enxerga os mistérios escondidos nos detalhes, construindo uma sutil integração entre eu lírico e o objeto da poesia, de acordo com Yokozawa (2006). Tânia Carvalhal (2006, p. 26) também concorda que a leitura do cotidiano é muito rica e plural na obra de Quintana: “É surpreendente como convivem, na poesia de Quintana, elementos tão contrários como a dor e o riso, o amargo e o humor, a vida real e o sobrenatural, na simultaneidade de passado e presente.” (2006, p. 26). Em seus textos, há uma gama enorme de assuntos que conseguem revolver emoções diversas, pensamentos surpreendentes e viscerais.

Nessa obra, o leitor é instigado a questionar os temas trabalhados e a pensar de forma inovadora, ir além dos padrões convencionais, ser independente, a ponto de imergir no texto para perceber a pluralidade de sentidos presentes em seus poemas. Sobre a postura do poeta a respeito da poesia engajada, por exemplo, a crítica Yokozawa diz:

Essa poesia panfletária, poder-se-ia dizer endossando a postura de Quintana, não é libertadora, porque é destituída de qualidades artísticas e quer doutrinar o leitor, ensinando-o comodamente a só respeitar o que se pensa igual, enquanto a ‘verdadeira poesia’ deve trazer-lhe a inquietude de uma interrogação a mais, alargar-lhe os horizontes, fazê-lo "satisfeito de se dar o desespero", Daí o disparo irônico do autor de *Caderno H* ao definir o proletário: ‘Sujeito explorado financeiramente pelos patrões e literariamente pelos poetas engajados’ (CH, p. 153). (2006, p. 37).

Essa não entrega do sentido dos poemas é revelada pelo próprio poeta em *O poema* (CH, p. 130): “O poema / essa estranha máscara / mais verdadeira do que a própria face...” é capaz de revelar mais do que aquilo que está à frente e visível aos olhos.” Além disso, em *Explicação parcial*, relata que, em sua juventude, lia os grandes clássicos, como Dostoiévski, com o propósito de “... decifrar o mistério da alma, o sentido da vida, a finalidade do mundo.” (CH, p. 127), e, após tentar desvendar os enigmas de sua existência, passa a incorporar em sua poesia o sobrenatural para explicá-la, como atesta em *Claro Enigma* (CH, p.158), “Os poetas são os únicos que não podem falar contra os absurdos da religião. Mesmo aqueles que se julgam materialistas devem estar ingenuamente iludidos: a poesia é um sintoma sobrenatural.” (CH, p. 158).

Essa obra composta por diferentes gêneros textuais também possui material significativo sobre a própria poesia. No texto *Carta* (CH, p. 136-139), Quintana parece resumir suas opiniões sobre a criação poética ao responder a um poeta iniciante. Entre tantas características, menciona não ter dom para escrever em prosa e expõe a importância do ritmo e da emoção nos versos, pois segundo ele, são elementos intrínsecos ao gênero e fundamentais para conquistar o leitor.

A prosa não tem margens, nunca se sabe quando, como e onde parar. O poema, não; descreve uma parábola traçada pelo próprio impulso (ritmo); é que nem um grito. Todo poema é, para mim, uma interjeição ampliada; algo de instintivo, carregado de emoção. Com isso não quero dizer que o poema seja uma descarga emotiva, como o faziam os românticos. (CH, p. 136).

No entanto, a emoção apregoada não é sentimentalismo exagerado como convinha aos Românticos, mas uma carga emocional ligada ao eu poético que se expressa por meio das palavras. Também mostra a questão da verdade, que, de acordo com ele, representa a

verdade visível e crível pelo poeta “Eu trago a minha verdade. E o poeta quanto mais individual, mais universal”, expondo assim, que a criação poética é a verdade do poeta, não havendo necessidade de justificativas ou vínculo direto com a realidade, assim o poeta cria de acordo “com sua imaginação e com a sua percepção de mundo.” (VENTURIN, 2010, p.80).

Ainda atesta que as digressões sobre a poesia sempre me causaram tédio e perplexidade, dessa maneira evidencia a sua posição contra os críticos literários, que, segundo ele, não deveriam ser lidos, pois a poesia basta a si mesmo, já que, o melhor é senti-la. Ainda confirma essa ideias no poema *Leitura*,

Essa mania de ler sobre autores fez com que, no último centenário de Shakespeare, se travasse entre uma professorinha do interior e este escriba o seguinte diálogo:
 - Que devo ler para conhecer Shakespeare?
 - Shakespeare.” (CH, p. 75)

Nesse texto, chega a frisar que essa mania de ler sobre os autores, provou-lhe um certo diálogo com uma professorinha, que lhe interrogou sobre o que ler para conhecer Shakespeare, ao que responde, deve-se ler, unicamente, o próprio autor. Dessarte indica que a interpretação poética é feita pela leitura dos próprios versos, ou seja, eles bastam a si mesmos, sem necessidade do atravessamento da crítica. Ressalte-se aqui que, à parte a ironia de Quintana com a “professorinha do interior” nesse poema, não se desmerece a importância da crítica e dos estudos autorais nas academias, nos cursos de Letras e afins, uma vez que, para o leitor especializado, tanto melhor que ele conheça com profundidade a obra em si e o que se fala ou se falou dela, justamente para ampliar e aprofundar o olhar para a produção de determinado escritor.

A mesma opinião é reiterada em *Os Intermediários* (CH, p. 129) “Não me ajeito com os padres, os críticos e os canudinhos de frescos... Não há nada que substitua o sabor da comunicação direta.”, ou seja, não gosta de intermediários, prefere ir direto ao ponto, para afirmar essa opinião usa a figura dos padres, considerados mediadores dos homens com Deus, os críticos que analisam e interpretam os autores (poetas) e ainda usa um objeto comum ao cotidiano, o canudinho, utilizado como canal do suco (ou outra bebida) à boca. Tudo isso para confirmar a afirmação de que sua preferência é pela comunicação direta, sem atravessadores. A relação entre autor e leitor deve acontecer sem desvios, já que, é nessa conexão que se compreendem e se completam. Para Venturin (2010, p. 87) “não há nada melhor do que a comunicação direta, ver, ler, sentir, por conta própria, sem ter o percurso de interpretação modificada por nada nem ninguém.”

No mesmo texto *Carta*, Quintana continua suas reflexões sobre a criação poética e afirma que o poema pode surgir de palavras ouvidas, de uma imagem contemplada, de coisas inesperadas e que acontecem a qualquer hora e em qualquer lugar, no entanto esse é o início do processo, posto que escreve, nesse primeiro momento, e guarda para depois analisar e reescrever, retirando todos os excessos e o que lhe parece falso,

Vai tudo para o papel. Guardo o papel, até que um dia o releio, já esquecido de tudo (a falta de memória é uma bênção nestes casos). Vem logo o trabalho de corte, pois noto logo o que estava demais ou o que era falso. Coisas que pareciam tão bonitinhas, mas que eram puro enfeite, coisas que eram puro desenvolvimento lógico (um poema não é um teorema) tudo isso eu deito abaixo, até ficar o essencial, isto é, o poema. Um poema tanto mais belo é quanto mais parecido for com um cavalo. Por não ter nada de mais nem nada de menos é que o cavalo é o mais belo ser da Criação (CH p. 136).

Para Quintana, a palavra precisa ser exata, fruto de um trabalho constante que apara as arestas, a fim de deixar somente o essencial. Ele conclui dizendo ao poeta iniciante par ler poetas de que gostar, pois assim, compreenderá melhor a si mesmo e ao próprio poeta lido e por último o conselho é que “trabalhe, trabalhe em seus versos e em você mesmo e apareça-me daqui a vinte anos. Combinado?” (CH, p. 139). À vista dessa frase final, compreende-se que ele acredita que o fazer poético demanda não só inspiração, mas um exercício árduo e técnica para aperfeiçoar o que foi escrito, “É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez.” *Da difícil facilidade* (CH, 121). Dessa maneira reitera Peixoto,

Fazer poemas é um aprendizado. Todo verdadeiro poeta o sabe. A inspiração está lá, mas sozinha não consegue nada. É preciso que o poeta lute com o poema, que, tomado pela inspiração, sinta que o poema quer se fazer presente. O poema tem algo a dizer, e o poeta, como diz Quintana, deve estar lá para ajudá-lo (1994, p. 46).

Caderno H confirma a preferência do poeta em escrever sobre as coisas simples do cotidiano, todavia, esses objetos e acontecimentos comuns são expressos com singularidade, lirismo e humor, consoante ao expresso em *Crônica* (CH, p. 128) “Ah, essas pequenas coisas, tão quotidianas, tão prosaicas às vezes, de que se compõe meticulosamente a tessitura de um poema [...], talvez a poesia não passe de um gênero de crônica, apenas: uma espécie de crônica da eternidade.” A matéria das crônicas do dia a dia, tão íntimas de seu trabalho nos jornais, é assunto de seus poemas, mas não simplesmente como notícias corriqueiras publicadas e esquecidas em seguida, entretanto, com poesia tornam-se eternas. Assim ratifica Yokozawa, “Então o cotidiano, o mesmo

que serve de matéria para a crônica jornalística, torna-se um fecundo manancial lírico, de modo que a poesia se faz ‘uma espécie de crônica da eternidade.’” (2006, p. 189).

Nesse intento de retratar o cotidiano, há uma busca pelo que o faz cantar liricamente, o que declara no poema *Busca* (CH, p.68) “Subnutrido de beleza, meu cachorro-poema vai farejando poesia em tudo, pois nunca se sabe quanto tesouro andarás desperdiçado por aí... Quanto filhotinho de estrela atirado ao lixo.” Assim como o cachorro procura alimento até mesmo no lixo e, por vezes, o encontra, igualmente o poeta não exclui qualquer objeto para ser alvo de seus versos, uma vez que, transforma-se em tesouros a serem explorados. Veja o que diz Yokozawa.

Os sentimentos mais elementares: saudade da infância, angústia perante o tempo que passa, surpresa diante do milagre da vida. As coisas mais comuns deste cotidiano nosso de cada dia: os guarda-chuvas perdidos, os botões que se desprenderam, um copo d'água sobre a mesa. Os heróis sem história do cotidiano: os pregoeiros, uma prostituta esfaqueada, o anônimo leitor. Os elementos das "formas simples" (Jolles, 1976), encontrados nos contos que nossos avós nos contavam, nas canções que ouvíamos na infância, nas brincadeiras de adivinha. Todos esses temas desprovidos de sublimidade para a grande arte tradicional vão parar na poesia de Quintana, seguindo a melhor tradição modernista no que tange à indistinção entre temas poéticos e não-poéticos. Por sua vez, assuntos por si só elevados, como a morte e reflexões complexas sobre a existência, são tornados acessíveis, seja através do humor, que, pelo riso, suprime o distanciamento imposto por motivos solenes, seja por meio de uma linguagem simples. (2006, p. 84).

Quintana escolhe sem preconceitos os assuntos de sua poesia, utiliza objetos usuais e similarmente com temas formais em toda a sua obra, resgata sentimentos de todas as faixas etárias, e reflete a angústia do tempo, que passa rapidamente e também da morte, além de externar o pasmo essencial diante da vida. Incita a reflexão e criticidade, como reitera Pilatti “criar e ler literatura é, em alguma medida, formar ativamente uma certa interpretação da realidade, que nos torna mais íntimos das contradições e das grandes perguntas que se apresentam incontornáveis aos nossos olhos de sujeitos sociais.” (2018, p. 38).

Em se tratando da linguagem ele não é radical em nenhum aspecto, contudo prefere utilizar palavras simples, de uso corriqueiro, o coloquialismo em alguns casos e o humor, para expressar a essência do objeto de seus versos, conforme a afirmação de Paz (1982), de que a poesia é porta-voz de tudo, até mesmo daquilo que é desprezado na própria linguagem, “O poema acolhe o grito, os farrapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído e o sem-sentido: não a insignificância.” (1982, p. 344).

Para ler alguns dos escritos desse Caderno H, demoram-se segundos, mas depois, eles permanecem na mente por horas, provocando uma reflexão sobre a essência de cada palavra, sobre os finais inusitados e as interrogações deixadas para o leitor. E é esse o tipo de leitor que ele deseja cultivar, já que, em *A arte de ler* (p.150), demonstra tal intuito, “O leitor que mais admiro é aquele que não chegou até a presente linha. Neste momento já interrompeu a leitura e está continuando a viagem por conta própria.” Para ele, o leitor precisa ultrapassar os limites do texto e alargar os horizontes.

2.4 *Espelho mágico* – trovas cotidianas



Das ideias

Qualquer ideia que te agrade,
 Por isso mesma... é tua.
 O autor nada mais fez que vestir a verdade
 Que dentro de ti se achava inteiramente nua...
 Mario Quintana

Em 1951, Mario Quintana publica *Espelho Mágico*, um livro notável, pois à maneira de *A Rua dos Cataventos*, apresenta poemas de forma fixa, porém, desta vez opta por quartetos metrificados, que podem ser classificados como epigramas. Segundo Lúcia Sá Rebello, em prefácio do referido livro, ele é composto por “111 quadras deste livro, revela o gosto por uma forma poética que vai estar presente em muitas de suas obras

posteriores.” (In QUINTANA, 2005, p. 12). De acordo com a mesma autora, o epigrama é uma composição,

[...] espirituosa, breve, incisiva e de caráter satírico [...] comum entre os escritores da antiga Roma. Por mais breve que seja, possui sempre duas partes: a primeira, na qual se chama a atenção do leitor, e a segunda, em que de modo inesperado é satisfeita essa curiosidade. Seu objeto deve ser um pensamento ligeiro sobre o cotidiano, uma sátira, uma antítese, um equívoco. (REBELLO, in: QUINTANA, 2005., p. 12)

Diante da caracterização dos poemas que compõem *Espelho Mágico*, é importante ressaltar que é uma obra pouco trabalhada pela crítica, mas que segundo Carvalho (2006) o poeta foi por muito tempo mal avaliado e pouco compreendido. O que pode ter ocorrido, por ser uma obra que utilizou feitura de textos formais, escritos em forma de epigramas, em pleno período em que os autores prezavam pelo verso livre. Segundo Becker (1996, p. 162), “O *Espelho Mágico* nunca recebeu, por parte da crítica, uma aprovação incondicional. Muitos o consideram uma obra menor, circunstancial, e acusam a forma clássica dos quartetos de arcaica e inadequada.”, no entanto, com essa obra, o poeta demonstra muita consciência crítica, pois mesmo utilizando-se de um gênero de forma fixa, há um esmero em seus versos, ao revelar, com humor, os intempéries da vida, as verdades impregnadas na sociedade e seus aspectos questionáveis,

No *Espelho Mágico*, o poeta faz rir do espetáculo do mundo e dos vícios dos homens. [...] Nesse sentido, os quartetos do poeta podem ser qualificados como uma máscara de segundo grau, que desvela a falsidade da primeira máscara, constituída pela representação fictícia do mundo que o homem constrói em sua consciência através dos conceitos, como mostra Nietzsche. Com sua arte, o poeta cria uma ‘ficção potencializada’, que suspende a ficção convencional e revela a realidade verdadeira, permeada de aspectos risíveis. (BECKER, 1996, p. 164).

Tudo isso, mostra que suas quadras não são arcaicas, foram opções do poeta, que usou da liberdade conquistada pelo Modernismo literário para escrever como lhe aprouve, sem preocupação de agradar aos críticos, mas com objetivos maiores, tais como revelar uma realidade verdadeira, utilizando-se do riso para provocar a reflexão.

O epigrama está associado à sátira, que, segundo Geir Campos, no Pequeno Dicionário de Arte Poética (1985, p. 178) é “composição poética, quase sempre burlesca e desabusada, maliciosa, intencional sempre, tendo por escopo caricaturar e censurar defeitos, enganos e erros alheios.” Dessa maneira, os traços satíricos percorrem esse trabalho do poeta, que juntamente com a ironia e o humor causam a surpresa e o riso.

Já a ironia aparece de modo sutil, como intenção de opor-se ao que é considerado legítimo e correto, direciona o leitor a contestar as suas crenças. Ele muda possibilidades e probabilidades e produz o imprevisível. Isso causa a desorganização interior e prepara o leitor para se reconstruir, a partir da visão de imagens transformadas pelo espelho mágico poético, Dantas alega que,

A presença da ironia na poética de Mario Quintana está mais ligada à construção de uma linguagem intencional geradora de ambiguidades e contrariedades do que de uma simples figura retórica a qual consiste apenas em dizer o contrário do que se quer dar a entender. Ultrapassa a grosseria e encaminha-se para a sutileza e a graça. (2016, p. 40).

No livro, *A vaca e o hipogrifo*, (2008, p.237), Quintana ressalta o conceito de ironia “A ironia tem algo de desumano, ainda mais com aquele ar de superioridade,” por isso ao usar essa figura de linguagem, atenua seu caráter de “apenas em dizer o contrário do que se quer dar a entender” e emprega-lhe com um aspecto diferente do convencional, atribuindo-lhe polidez, graça e sutileza. E para diferenciar ironia de humor, o poeta usa a seguinte explicação: E, a propósito, a melhor discriminação que encontrei entre uma obra e outra foi em Louis Latzarus em sua biografia de Rivarol: ‘a ironia é espírito à custa dos outros; o humor é o espírito à custa própria’.” Assim, ele explica que rir às custas do outro é ironia, mas rir de si mesmo e de suas próprias imperfeições é o humor. Diante disso, pode-se dizer que, na obra desse autor, a ironia sutil e o humor caminham juntos.

A escrita epigramática em EM, distingue-se das demais obras, pois Quintana utiliza uma visão própria do mundo para colocar o leitor frente a realidade que o cerca. Ele fala de tudo, de vários comportamentos da humanidade, revela os altos e baixos da condição e contradição humana, de acordo com Yokozawa (2006, p. 65), “...o espelho, sendo mágico, em lugar do contorno exato e preciso da realidade, reflete uma contra imagem e o sobrenatural é extraído das cenas mais pedestres,” assim, a magia do espelho está em desconstruir o que já é posto e refletir o caos, a transcendência humana por meio do reflexo captado no espelho, objeto que representa a matéria poética.

Ele segue o modelo do epigrama, como citado anteriormente, em que apresenta inicialmente uma interpelação ao leitor, chamando-lhe a atenção sobre determinado tema, para em seguida surpreendê-lo com o inesperado. Esse inesperado gera uma desorganização daquilo que antes parecia o real e o certo. Nos dois primeiros versos, a sensação é de estar frente a algo comum, uma imagem previsível do objeto, no entanto, nos dois últimos versos depara-se com uma imagem diferente do habitual, gerando um

questionamento sobre a imperfeição e falha daquilo que é dito inicialmente. Essa segunda parte do poema, geralmente é alcançada pelo emprego da sátira, ironia e humor. A escolha do gênero epigrama foi bem delineada, já que proporciona o uso desses recursos de modo muito natural, característica constante na obra do poeta e que segundo Dantas,

Sátira, ironia e humor, mesclam-se e alternam-se em uma poesia sutilmente cortante e incisiva, levando-nos a um riso desconcertante. Seu humor, no entanto, não advém da zombaria gratuita e/ou de um caráter meramente corretivo e domesticador de valores morais, mas antes faz-nos rir de nossa própria condição. (2016, p. 90).

Nessa obra, observa-se uma interpretação do cotidiano, apreendido com muita sensibilidade e sutileza, mas que abala e desconcerta o leitor em sua aparente estabilidade, direcionando-o para uma nova interpretação. Veja-se o que diz Yokozawa:

Esse livro [*Espelho mágico*] à primeira vista tão desprezioso, constituído de quadras rimadas e estrutura proverbial, foi preterido até mesmo por alguns "quintanólogos". Dele diz Fausto Cunha (1978, p. 228) tratar-se de "livro puramente circunstancial. E Augusto Meyer, quando Quintana publicava, em jornais, os epigramas que comporiam essa obra, repreendia-lhe, dizendo-lhe que deveria deixar de 'quadrilhices'. Mas uma leitura atenta e despida tanto quanto possível dos preconceitos de quem está sob o signo da nova poesia, revela, nas quadrinhas aparentemente circunstanciais, reflexões irônicas e astuciosas sobre a tradição popular, as verdades assentadas pelo senso comum e a tradição cultural ocidental, notadamente a literatura europeia. (2006, p. 82-83).

Ainda nessa linha, de tratar de temas comuns, ele perpassa assuntos diversos, desde autoconhecimento, a questões religiosas e sociais. Em uma de suas quadras, o próprio título revela a sua proposição "Dos sofrimentos quotidianos". Nessa quadra, trata os infortúnios cotidianos como irrelevantes e fúteis diante da vida, e que, em muitos casos, ganham lugar de grandes acontecimentos, visto que "nem todos podem ter uma grande desgraça".

Dos sofrimentos quotidianos

Tricas... nadinhas mil... Rídiculos extremos...
 Enxame atroz que em torno à gente esvoaça.
 E disto, e só por isto envelhecemos...
 Nem todos podem ter uma grande desgraça! (QUINTANA, 2007, p. 31)

Para Quintana, o homem está rodeado de sofrimentos comuns, intrigas, pequenas coisas insignificantes, mas que tornam proporção maior ao se juntarem e esvoaçarem

sobre a cabeça, isso gera conflitos diários e traz preocupação, para o poeta esses fatos corriqueiros não são heroicos, pelo contrário são anti-heroicos, e, demonstram como é a vida sem grandes acontecimentos. Concomitante com essas ideias, Becker diz que,

Quintana descreve a anti-heroica trajetória do homem comum, perdido em meio aos pequenos desastres e vexames do dia a dia. [...] O paradoxo expresso no último verso fixa a imagem fiel da vida sem grandeza: uma desgraça verdadeira seria um prêmio para quem vê a sua existência corroída por acontecimentos insignificantes. (1996, p.154)

Em EM, identicamente a outras obras, há uma demonstração de zelo com o fazer poético, já que em várias quadras, aborda a temática com consciência de que é um trabalho árduo, que necessita de elaboração e um processo que se faz e refaz continuamente, até chegar ao resultado desejado e conferir às palavras utilizadas uma ampla significação. Atesta dessa maneira, Rebello

[...] antes de tudo o poema é expressão. A produção e a composição significam ordenação das palavras. A palavra é como um material potencial ainda não estruturado, não carregado do sentido conotativo, esperando a hora da sua transposição para a fala ou para o discurso. Antes dessa transposição, a palavra existe solitária e muda, à espera de uma fecundação para entrar no ritmo da gestação e do nascimento poético. (In QUINTANA, 2007, p. 17).

Logo, esse trabalho realizado com a palavra demanda um processo lento e perspicaz, que vai amadurecendo assim como a vida que vai se formando durante a gestação, “Fere de leve a frase... E esquece... Nada / Convém que se repita... / Só em linguagem amorosa agrada / A mesma coisa cem mil vezes dita.” (EM, 2007, p. 25). Esse trabalho é sublime, quase incompreensível aos outros, pois estes só veem o resultado final, que é o poema pronto, mas desconhecem todo o trajeto percorrido.

Na poesia quintaneana, a criação de imagens fortes e surpreendentes são comuns, já que são utilizadas figuras de linguagem, jogos de palavras, comparações para expressar a visão que o poeta tem do mundo que o cerca. Essas imagens são plurissignificativas e conseguem traduzir um outro olhar sobre as circunstâncias. Paz (1982, p. 130), afirma que “A imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece. A imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras sem excluir significados primários e secundários.” Assim sendo, a produção poética utiliza recursos diversos para colocar o leitor diante do inesperado, impelindo-o a refletir sobre si mesmo e sobre o exterior que o envolve.

O trabalho com as imagens é primoroso, pois é refletida, por meio do espelho, a ótica do poeta, que apresenta ao leitor imagens distorcidas de uma realidade criada por ele, mas que tem por objetivo reproduzir a realidade. Para obter essa compreensão, é necessário observar as imagens deformadas e até subversivas que os poemas quintaneanos criam e relacioná-las a uma nova elucidação, uma visão poética que produz o inesperado, conforme afirma Paz (1982, p. 119) “A palavra imagem possui, como todos os vocábulos diversas significações [...] Cada imagem – ou cada poema composto de imagens – contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia suprimi-los.” Dessa maneira, Quintana consegue criar imagens que partem do cotidiano, do senso comum e atribui-lhes um significado novo, às vezes contraditório ou modificado de sua origem, refletindo em seu espelho imagens com significados “mágicos”, confirmando o que Paz (1982, p.129) diz “A imagem diz o indizível.”

Por conseguinte, mediante a elaboração de imagens poéticas, Quintana provoca o leitor a sair de sua comodidade e refletir, desloca-o de seu estado original e estável para instigá-lo a pensar em coisas comuns, mas com uma nova perspectiva, fugindo do trivial. Conforme diz Dantas,

Em *Espelho Mágico*, entendemos que o fascínio das imagens se encontra justamente no que elas nos apresentam de surpreendente e provocativo: ferinas e anticonvencionais, reveladoras de nossas facetas mais íntimas; não, profundas! ... A singularidade de seus versos encontra-se na superfície exposta e crua com que nos são apresentados. (2016, p. 73)

Por esse percurso, realizado em torno do *corpus* da pesquisa, percebe-se a grandeza dos versos do escritor alegretense e apura-se que sua obra pode contribuir para a formação de leitores críticos, capazes de compreender a condição subjetiva e coletiva do ser. As obras escolhidas lidam com uma temática ampla que ora constrói, ora desconstrói conceitos considerados estáveis pelo senso comum e os recompõem em uma dinâmica de reflexão, conforme atesta Paz (1982, p. 138) “A poesia coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro”. Assim, a leitura da poesia quintaneana pode auxiliar os educandos em sua formação integral para que sejam leitores críticos, capazes de compreender sua subjetividade a relação com a coletividade, a fim de transformar a realidade em que vivem.

Ainda é fundamental ressaltar que esse estudo fez um apanhado geral sobre alguns aspectos da obra de Quintana, no entanto, há outros elementos que podem ser explorados

e discutidos em sua rica e vasta obra. Esse estudo é um ponto no imenso horizonte que pode ser investigado e analisado em cada livro do grande poeta rio-grandense-do-sul. Já que esse artista da palavra se dedicou intensamente à produção poética e conforme expressa Fischer & Fischer (2006, p. 84) “Foi toda uma vida dedicada a fazer poesia, a ser poesia. Uma bela vida, uma bela poesia, disponível para os leitores de todo lugar, de qualquer época”. Resta aos leitores quintaneanos aproveitarem cada verso, experimentar seus ensinamentos e aproveitar a sua essência poética.

3. EXECUÇÃO DO PROJETO NA ESCOLA

3.1 Planejamento do Produto Educacional



O planejamento do Produto Educacional iniciou-se com os estudos teóricos, que sempre foram direcionados à compreensão da importância da literatura para a formação de leitores críticos e reflexivos, conscientes de seu valor individual e para a sociedade, como declara Andruetto “[...] a literatura é, ao mesmo tempo, íntima e social; o é em suas ideias, mas ainda mais no modo como utiliza a linguagem, que é um bem de todos, e na

maneira com que isso, que é de todos, se reflete na subjetividade individual.” (2017, p. 109). Cientes da dimensão da literatura, a pesquisa teve como texto literário escolhido para ser trabalhado em sala de aula, a poesia, posto que é um gênero textual que consegue penetrar no íntimo do ser, revelar quem somos e ao mesmo tempo transcender para o coletivo. “O poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos.” (PAZ, 1982, p. 50).

Diante disso, vários autores, alguns já citados na introdução, foram consultados e serviram de base para o planejamento e execução deste projeto, com o intuito de confirmar que a leitura de poesia contribui com a formação de leitores literários críticos, capazes de compreender sua condição subjetiva e coletiva, por meio de poemas de Mário Quintana. Através dos textos produzidos e da participação dos estudantes durante as aulas, deu para perceber o posicionamento dos educandos diante das reflexões provocadas pela leitura de poesia.

O primeiro passo para a prática em sala de aula foi uma reunião com o grupo gestor e demais professores para repassar o projeto e seus objetivos, além de convidar a todos para se envolverem nas ações programadas. Em seguida, foi elaborado o planejamento de uma sequência didática (veja anexos) com os objetivos e percurso metodológico a ser executado. Depois desse planejamento estava tudo pronto para iniciar os trabalhos.

3.2 Execução do Projeto – Dificuldades e experiências positivas



A execução do projeto de pesquisa *A poesia de Mário Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)* iniciou-se no dia 06 de setembro de 2022, assim como toda proposta a ser executada em uma escola, gera momentos de dificuldades, mas também de experiências positivas. Consciente dos obstáculos, mas com esperança de alcançar os objetivos propostos iniciei a concretização do planejamento. Todavia, em todo tempo, lembrando-me das palavras de Andruetto “Converter-se em leitor leva seu tempo e é uma tarefa de alta intensidade; trata-se de dar saltos sobre si mesmo até uma consciência maior, de maior complexidade.” (2017, p. 94).



3.2.1 Dificuldades



Trabalhar com a EJA é um grande desafio todos os dias. As salas de aula são compostas por alunos de faixa etária variadas, com perspectivas e desejos diferentes, o que pode ocasionar choque de interesses. Nas turmas em que foram ministradas as aulas, havia alunos de 16 a 61 anos de idade. Os adolescentes e jovens são mais irreverentes, gostam de brincar, conversar e sair da sala por qualquer motivo, enquanto os adultos ficam mais focados, não gostam das brincadeiras dos adolescentes e jovens e ficam nervosos com barulhos e conversas paralelas. Essa foi uma das adversidades que tivemos que contornar com muito diálogo e combinações prévias para que as aulas fluíssem com êxito.

Também gera dificuldades na EJA, da Escola Municipal jardim Nova Esperança, a falta de assiduidade e pontualidade, visto que os educandos faltam muito e alguns chegam somente no segundo horário, devido ao trabalho e a dificuldade de locomoção do trabalho até a casa e escola. Por esse motivo, alguns conteúdos precisaram ser ministrados mais de uma vez, além de fazer constantes revisões, a fim de alcançar a todos os participantes.

Devido a inúmeros problemas de ordem pessoal e social, muitos educandos se afastaram da escola e quando retornam, sentem-se inferiores, com baixa autoestima, acham que não vão conseguir aprender e muitos até desistem no decorrer do ano letivo. Essa barreira é uma das mais difíceis de romper e foi necessário muito diálogo, palavras de incentivo e motivação para ajudá-los a vencer essas dificuldades.

Além de tudo isso, no ano de 2022, a escola teve baixa taxa de matriculados, visto que foi o ano em que as escolas da Rede Municipal de Educação retornaram 100% presencial, após quase dois anos de aulas on line, devido a Pandemia de Covid-19, que todos vivenciamos. Por isso, percebeu-se que muitos ainda tiveram dificuldades para voltar à escola, seja por insegurança ou porque sentiram-se desanimados.

Por último, quero relatar que alguns alunos apresentaram resistência em participar do projeto de pesquisa, com receio de se comprometerem com algo que não conseguiriam realizar, mas após muita conversa, tirando dúvidas e explicando resolveram ingressar nessa pesquisa.

3.2.2 Experiências Positivas



Trabalhar com leitura de poesia é desafiador, mas motivador e sempre haverá frutos desse trabalho, por mais árduo que seja. E ao desenvolver esse projeto não foi diferente, houve muitas alegrias e momentos de reflexão, onde professora e alunos se sentiram tocados pelos textos lidos e pela troca de experiência.

Os alunos perceberam que o projeto era interessante começaram a participar meio receosos, mas depois interagiram e integraram nas atividades ministradas. Houve engajamento e disposição para os momentos de leitura, discussão e também da escrita. Além de relatos de vivências que emocionaram a turma e a professora.

Durante a aula em que li alguns poemas de Mário Quintana, dentre eles *Emergência*, a aluna S. A. O. R., de 57 anos, disse “eu não sei onde a professora arruma tanta poesia bonita para a gente ler”, evidenciando que a poesia conquistou o coração da aluna. Em outro momento ao ler alguns poemas de *Caderno H*, em especial *AH, VIDA...*” *A vida está cheia de interferências indébitas, de acasos estúpidos, de personagens errados que travam conosco desencontrados diálogos de surdos, a vida está atravancada de pormenores inúteis, a vida parece um romance mal feito!*” a aluna A. R. B., de 47 anos, relatou “eu nunca tinha pensado desse jeito”, confirmando o que Moisés (2019, p. 17) diz “a poesia nos ensina a ver como se víssemos pela primeira vez.” Perante o exposto, comprova-se que a poesia é para reflexão, análise e relação com a vida e seus percursos. Outro momento emocionante, foi durante a Oficina Autorretrato, quando muitos sentiram-se confortáveis em compartilhar suas experiências por mais doloridas que fossem. Dessa forma, a aluna N. S. S, de 58 anos, narrou um pouco de sua vida e disse que os textos lidos em sala, fizeram-na recordar de fatos e acontecimentos que viveu, dentre eles a violência sofrida em casa, as dificuldades financeira, a luta para criar os filhos e netos. Ao fazer esse relato, de forma mais detalhada, os colegas de sala ficaram emocionados e passaram a olhar para a estudante como um exemplo, uma vez que já enfrentou tantas lutas e dificuldades, mas não desistiu de seguir em busca de seus sonhos, pois a mesma declarou que sonha em fazer um curso superior. Diante das narrações que a aluna fez, relaciona-se o acontecimento com o que diz Jouve “Uma única palavra às vezes pode fazer surgir um passado: por meio da leitura, o texto remete cada um à sua história íntima.” (2002, p. 119).

Diante de tudo isso, a avaliação realizada foi muito positiva, já que por meio dos comentários orais e escritos, da troca de experiência e dos textos produzidos, deu para perceber que os estudantes melhoraram a compreensão e interpretação de textos, assim como compreenderam a sua subjetividade, sua relação com o coletivo e ampliou a capacidade de ler criticamente os textos.

3.3 Produção textual dos estudantes

A seguir, seguem expostos os textos produzidos pelos alunos durante as oficinas.

3.3.1 Oficina – Autorretrato



Para desenvolver essa oficina foram executados os seguintes procedimentos metodológicos.

- Dinâmica: *As palavras da tristeza e da felicidade* (Cosson, 2021. p. 127) “É uma oficina simples que parte de uma lista de palavras para produzir um texto. O professor solicita aos alunos que escrevam dez palavras que expressem tristeza. Depois, pede que escrevam dez palavras que expressem felicidade. Lista as palavras no quadro e as comenta com os alunos, destacando as coincidências e as singularidades. Finalmente, os alunos são instados a escolher cinco palavras de cada tipo e fazer um texto. Alternativamente, o professor pode solicitar que cada aluno ofereça suas palavras de felicidade a alguém justificando. Esse texto que é produzido pelos alunos poderá ser o comentário inicial da leitura de um poema que trate do mesmo tema.”
- Leitura e comentários sobre o poema “Autorretrato”, de Mário Quintana (Apontamentos de História Sobrenatural);

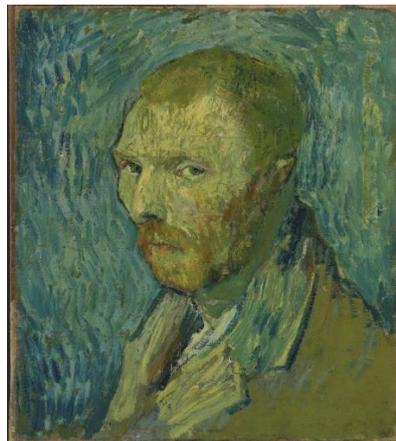
O autorretrato

No retrato que me faço
 - traço a traço -
 às vezes me pinto nuvem,
 às vezes me pinto árvore...
 às vezes me pinto coisas
 de que nem há mais lembrança...
 ou coisas que não existem
 mas que um dia existirão...
 e, desta lida, em que busco
 - pouco a pouco -
 minha eterna semelhança,
 no final, que restará?
 Um desenho de criança...
 Terminado por um louco!

- Leitura de outros poemas que também retratam a subjetividade humana. Poetas; Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Cecília Meireles, bem como observação de quadros de Van Gogh que também tratam do tema.
- Após essas leituras, comentários escritos sobre os textos lidos.
- Produção de um autorretrato, escrito pelos alunos, com o objetivo de mostrar como se veem, e assim ressaltar o seu autoconhecimento.

Textos utilizados para a oficina:

TEXTO 1:



Van Gogh. Autorretrato. 1889. Óleo sobre Tela (65x54cm) – Museu d’Orsay, Paris (França)



Van Gogh. Autorretrato com a Orelha Cortada. 1889. Óleo sobre Tela (60x49cm)

TEXTO 2:

Autorretrato

Millôr Fernandes

Eu sou um menino maior que muitos e menor que outros. Na cabeça tenho cabelo que mamãe manda cortar mais do que eu gosto e, na boca, muitos dentes, que doem. Estou sempre maior que a roupa, por mais que a roupa do mês passado fosse muito grande. Só gosto de comer o que a mãe não quer me dar e ela só gosta de me dar o que eu detesto. Em matéria de brincadeiras as que eu gosto mais são as perversas, mas essa minha irmãzinha grita muito.

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2022/03/autorretrato-o-menino-millor-fernandes.html>

Acesso em 22/05/2023, às 16h

TEXTO 3:

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio tão amargo.

Eu não tinha estas mãos tão sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida a minha face?

MEIRELES, Cecília. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1974, p. 19.

TEXTO 04:

O autorretrato

No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Terminado por um louco!

MARIO QUINTANA

TEXTO 05:

Lua Adversa

Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,

fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.

Fases que vão e vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!

Não me encontro com ninguém
(tenho fases como a lua...)
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

CECÍLIA MEIRELES

TEXTO 06:

AUTORRETRATO

Manuel Bandeira

Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;
Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.

TEXTO 07:

Autorretrato aos 56 anos

Nasceu em 1892, em Quebrangulo,
Alagoas.
Casado duas vezes, tem sete filhos.
Altura 1,75.
Sapato nº 41.
Colarinho n.º 39.
Prefere não andar.
Não gosta de vizinhos.
Detesta rádio, telefone e campanhas.
Tem horror às pessoas que falam alto.
Usa óculos. Meio calvo.
Não tem preferência por nenhuma
comida.
Não gosta de frutas nem de doces.
Indiferente à música.
Sua leitura predileta: a Bíblia.
Escreveu "Caetés" com 34 anos de
idade.
Não dá preferência a nenhum dos seus
livros publicados.
Gosta de beber aguardente.
É ateu. Indiferente à Academia.
Odeia a burguesia. Adora crianças.
Romancistas brasileiros que mais lhe
agradam:
Manoel Antônio de Almeida, Machado
de Assis,
Jorge Amado, José Lins do Rego e
Rachel de Queiroz.
Gosta de palavrões escritos e falados.
Deseja a morte do capitalismo.
Escreveu seus livros pela manhã.
Fuma cigarros "Selma" (três maços por
dia).
É inspetor de ensino, trabalha no
"Correio do Manhã".
Apesar de o acharem pessimista,
discorda de tudo.
Só tem cinco ternos de roupa,
estragados.
Refaz seus romances várias vezes.
Esteve preso duas vezes.
É-lhe indiferente estar preso ou solto.
Escreve à mão.
Seus maiores amigos: Capitão Lobo,
Cubano, José Lins do Rego e José
Olympio.
Tem poucas dívidas.
Quando prefeito de uma cidade do
interior,

soltava os presos para construírem estradas.

Espera morrer com 57 anos.

Fonte: [Site oficial do Escritor Graciliano Ramos](#)

- Após a leitura, discussão e comentários os estudantes produziram autorretratos, com o objetivo de mostrar como se veem, e assim ressaltar o seu autoconhecimento.

Estações

O vento trazendo aquele cheirinho de chuva;
Música para meus ouvidos.
Anoitece e aquele som calmo
Só me resta ficar quietinha,
No aconchego da minha cama,
Já estou longe dos braços de quem ama!
Que dia lindo!
Perfume no ar, terra molhada,
Plantas agradecidas!
São tantas belezas de se ver,
Alegrando o meu ser,
Flores coloridas despertando o meu viver.
Sou grata, amo a chuva que nos dá vida
E a estas estações de sentimentos.
Assim sou eu!
Apreciando as estações da vida!
J. S. P. (7ª Série)

Eu...

Eu...
Eu sou um menino obscuro;
Não gosto do governo,
Sou bem sincero;
Gosto de rir, às vezes,
Sou cheio de ódio!
Mas essa é a vida,
Posso ser também
Carinhoso e simpático,
Porque minha meta
É melhorar a vida da minha família!
G. P. A. (7ª Série)

Minha identidade

Eu, Nair, sou uma pessoa que gosta muito de sorrir,
Sinto-me alegre!
O que mais gosto é vir para a escola estudar
E também ir para a igreja;
Meus sonho é concluir o ensino médio, se Deus quiser;
Experiências... já tive muitas!
Às vezes me sentir alegre,
E outras, triste pelas decepções da vida;
Mas hoje, o importante é que estou superando
E me alegrando...
Graças a força de todos à minha volta,
Aos meus professores e diretora em minha escola.
Isso tem me ajudado muito a vencer!
N. S. S. (8ª)

Vida real

Meu nome: M. E. e nasci em dezembro de 2005,
Gosto de dinheiro, comida, amigos, história,
Não sou fã de política, porém luto com afinco!

Sonho em viajar e ter dinheiro para sustentar minha família!
Tenho 16 anos, não vivi muita coisa,
O que vivi serviu de aprendizado e serve para a vida!

Já tive muitas decepções e criei muita expectativa,
Isso acontece com todos e faz parte da vida.

M. E. V. A. (8ª)

Fases

Tenho fases como a lua
Fases de um dia estar alegre
E em outros triste,
Decepções amorosas
Decepções com a vida
E fases vitoriosas
Fase de ser sozinha
Fase de estar na multidão
Todas vem e vão!
J. D. F. T. (8ª)

Assim sou eu...

Gosto de trabalhar,
Ganhar muito dinheiro
Assim vou conseguir realizar meus sonhos:
Carro, casa própria,
Ver minha família bem,
Ter uma profissão também!
N. P. O. (8ª)

Minha descrição

Neste texto eu me descrevo,
Linha por linha
Às vezes, estressado,
às vezes, triste,
Às vezes, alegre
Alegre, porque lembro dos meus amigos,
Ou da minha família,
Momentos que se foram
E outros que irão
Sempre haverá recordação
Pouco a pouco
Minha eterna lembrança feliz
Ou triste...
No final, que restará?
Risos e choro para recordar.
C. E. P. L. (8ª)

Ficar em casa

Eu gosto de ficar em casa,

Não gosto muito de sair,
Sonho em crescer na vida
Minhas experiências são muitas...
Decepções e alegrias também!
Autor anônimo

Sou o que sou

Eu sou Esther, tenho 18 anos,
Sou difícil demais de lidar,
Tenho muitos conflitos diários, os quais me consomem.
Em alguns momentos, só quero fugir dos problemas que me rodeiam.
Tenho pouca paciência com pessoas que não têm humanidade,
Hoje tudo é motivo de crítica,
Tento ser objetiva no que eu quero e planejo minha vida: dignidade
Sempre há pessoas que tentam desviar do meu propósito e minhas ambições.
Sou dedicada em tudo que faço,
Tenho mania de fazer tudo, buscando perfeições.
Sou ambiciosa demais,
Quero crescer e superar meus limites.
Sou de poucas amizades,
Pois já me decepcionei demais,
Pessoas fingem ser o que não são.
No amor eu me perdi uma vez e me encontrei na solidão.
Meu único sonho é ser uma mulher na qual eu possa ter orgulho
E não me envergonhar jamais.
E. S. O. (8ª)

Quero voltar a sonhar

Sou uma pessoa muito “besta”
Confio nas pessoas, que sempre me decepcionam
Por isso fico muito triste,
Sonho não sei mais sonhar,
Minhas lutas me entristecem...
Gostaria de voltar ao passado
Minha vida de antes
Quem sabe mudaria o presente
Para voltar a sonhar!
R. M. C. (8ª)

Ser criança!

Eu tenho um sonho
 Queria ser criança!
 Eu sempre me recomponho
 Pois tenho esperança.
 Com um coração tão puro,
 Sem ódio e nem vingança.
 Eu era muito feliz,
 Pois amava minha infância.
 W. S. M. (8ª)

O que me anima

Eu sou Bryan, tenho 16 anos, moro com
 minha avó. Ultimamente tenho
 trabalhado muito e não estava com
 tempo para sair com os meus amigos e
 nem com a minha namorada. Tive
 algumas brigas familiares com minha
 mãe e meu tio.
 Uma coisa que me acalma muito é sair
 com o meu irmão, amigos e namorada.
 Meu sonho é ter a minha casa, meu
 carro e minha moto. Dó quero sempre
 dar o melhor para minha família.
 B. L. S. (8ª)

Um pouco diferente

Eu sou um pouco diferente,
 Mas também muito comum.
 O que gosto de fazer é andar de patins,
 Jogar eletrônicos e sair com os amigos.
 Minha maior decepção é não conseguir
 algo,
 Não poder sair, não poder jogar...
 Meu grande sonho:
 Formar em medicina
 Cardiologia e cirurgião.
 Assim vou vivendo, pensando no futuro
 e vivendo o hoje.
 T. C. S. (8ª)

Decepções e sonhos

Meu nome é Kauã
 Sapato, número 40, moro sozinho!
 Decepções: Quando perdi minha mãe.

Avós: eles são muito importantes para
 mim.

Eu sou alegre e divertido.
 Gosto de brincar com as pessoas,
 Também gosto de estudar.
 Sonho em ser policial Federal
 Já vivi muitas experiências
 E participei de um concurso militar.
 K. L. L. (8ª)

Quem sou?

Eu sou uma pessoa estranha
 Assim calmo e gelado
 Com pensamento de que poucas coisas
 me interessam.
 Humildemente legal com coisas
 relacionadas a mim.
 Sou especial e me vejo chato.
 Muitos assim dizem e eu concordo,
 Mas sou confiável.
 Gosto de brincar, mas em minha
 solidão.
 Não me encontro com ninguém,
 Apenas com minha mãe.
 K. A. S. (7ª)

Contradições

Eu sou como o vento:
 Às vezes forte, às vezes fraco.
 Sou muito esforçado
 E sei o que quero.
 Gosto de brincar com as pessoas, e me
 divertir.
 Há momentos que me sinto cheio de
 vida
 e em outros sinto-me triste e perdido.
 Sinto que estou no lugar errado.
 Eu sou pensativo,
 Penso muito na vida.
 Como ela foi, como é e como será...
 Eu tenho um bom emprego, trabalho
 todo dia
 Todo dia tento ser o melhor,
 Para que um dia possa pensar na vida
 novamente
 E perceber o meu progresso.
 D. M. N. (7ª)

Autorretrato

Eu sou muito pensativo,
mas também muito brincalhão com as
coisas;
Mas sou fácil de compreender
e sou um cara apegado às coisas.
Sou filho mais novo e que mais dá
trabalho!
Não gosto muito de sair para lugares,
gosto de jogar futebol e ouvir música,
Sou fácil de me machucar
e também fácil para ver meus erros
Boto minha fé em Deus!
G. A. S. (7ª)

Essa é minha vida

Eu sou morena e solteira;
Mãe de seis filhos,
Considero-me uma guerreira;

Criei todos meus filhos sozinha,
Com a ajuda de Deus,
Consegui cuidar de todos
E tenho minha casinha.

Eu ainda continuo trabalhando e
estudando,
Mesmo longe eu morando,
Eu não vou desistir
Daquilo que quero conseguir

Vou lutar!
Mesmo quando a tempestade vem,
Eu não vou abaixar a cabeça
Vou continuar pensando no meu bem.
R. M. T. (7ª)

Menina ou mulher?

Uma menina ou mulher?
As duas...
Sou do tipo que leva a vida na
brincadeira,
Divertida e educada,
Chorona e esforçada!
Cada conquista para mim,
é apenas um recomeço;
Sempre de cabeça erguida,

Sigo levando minha vida!
Do passado, tenho dor,
No presente tenho amor,
Para o futuro, confio no Senhor!
M. J. R. M. (8ª)

Como eu sou

Sou esforçada,
Carinhosa e dedicada.
Nem sempre consigo acertar em tudo,
Mas sempre vejo erros como pontos de
melhorias
Erros são superáveis
A cada dia, tento ser melhor
Porém isso não quer dizer que eu
consiga,
Mas há sempre esperanças!
Anônimo

Autorretrato

Sou como as estações do ano, que
mudam a cada 90 dias.
Às vezes sou quente, as vezes sou fria.
Isso depende muito da maneira como
sou esperada
Se me esperam com ternura
Sou capaz de aquecer com todo meu
amor,
Mas se me esperam com indiferença sou
capaz de congelar
todos os meus mais profundos
sentimentos.
Mas também sou como a primavera,
que floresce todo o seu jardim de
emoções.
Também posso ser tão sombria como o
outono,
que fica completamente seco, sem
folhas e flores.
Outono que esconde toda a sua beleza
Só para não enfeitar seu caminho,
quando fostes tão indiferente comigo.
Essa sou eu, que ofereço o meu melhor
Quando há intenções tratamento que
mereço.
A. A. M. (6ª)

3.3.2 Verbetes Poéticos





Para desenvolver essa oficina foram executados os seguintes procedimentos metodológicos.

- Dinâmica: *Laços de palavras*. (Cosson, 2021. p. 130) “O professor seleciona várias palavras que tenham o mesmo final, como se fossem rimas. Ele escreve cada uma dessas palavras em papezinhos e distribui aos alunos. Em seguida, pede que formem frases com ela, porém deixando essa palavra no final da frase. Depois, a turma forma um círculo e vai unindo as frases, gerando um poema. Em seguida, outro poema que contenha as mesmas palavras pode ser explorado pela turma.” Ao invés de formar um círculo, eu organizei grupos para que os estudantes juntassem suas frases e formassem o poema.
- Verificação do significado de alguns verbetes em dicionários impressos;
- Leitura de poemas do *Caderno H*, de Mário Quintana, previamente escolhidos, observando-se verbetes que contemplavam a subjetividade humana e que possibilitavam a criação de uma ordem de palavras com as iniciais alfabéticas.
- Distribuição de palavras, selecionadas previamente e que especificavam a sequência do alfabeto da Língua Portuguesa. Em seguida, os estudantes relacionaram com os sentimentos e experiências de suas vidas, comentando-as oralmente.

- Na sequência, produziram *Verbetes Poéticos* que definiam suas emoções e sentimentos, com base nas palavras motivadoras, já trabalhadas.
- A seguir, a atividade distribuída aos alunos para execução dessa oficina.

Atividades

1- Pesquise os seguintes verbetes no Dicionário:

A – Contentamento _____

B – Deleite _____

C - Empatia _____

D - Exaltação _____

E - Exultação _____

F - Júbilo _____

G - Regozijo _____

H - Resiliência _____

I - Superação _____

J - Temeridade _____

2 – Leia os seguintes poemas da obra *Caderno H*, de Mário Quintana:

AMIZADE

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

AMOR

Quando o silêncio a dois se torna cômodo.

BEBIDA

Quem bebe por desgosto é um cretino: só se deve beber por gosto.

COMODIDADE

A falta de imaginação, a mesmice, é uma coisa tão cômoda, afinal... Como faz bem certificarmos-nos mais uma vez de que o cachorrinho de cada velhota sempre se chama Joli e que em toda cidadezinha desconhecida em que desembarcamos há sempre um Grande Hotel.

DUPLA DELÍCIA

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

EVOLUÇÃO

O que me impressiona, à vista de um macaco, não é que ele tenha sido nosso passado: é este pressentimento de que ele venha a ser o nosso futuro.

FIM

E chegará um tempo em que os militares inventarão um projétil tão perfeito, mas tão perfeito mesmo, que dará a volta ao mundo e os pegará por trás.

A GERAÇÃO FATAL

Chocante, o caso da minha geração: é, em geral, a história de um menino que nasceu e foi criado n uma casa de intolerância.

GALERIA

Os quadros são janelas abertas para o outro mundo deste mundo.

HERÓIS

As biografias dos grandes homens são feitas de absurdos, estão cheias de acontecimentos incômodos, que atravancam tudo. A vida deles lhes acontece de fora para dentro. Muito mais interior, mais natural, mais humana é a tua vidoca, anônimo leitor, que és o herói sem história do cotidiano. Se pudesses, se soubesses contar-me a tua vida, eu tiraria dela muito mais proveito do que da vida de Napoleão.

IMAGINAÇÃO

A imaginação é a memória que enlouqueceu.

A JANELA

Sento-me à mesa. Quem sabe? Quem se senta, se tenta... 60,70, escrevo, arredondado caprichosamente os zeros. E o burro do papel me fica incompreensivelmente olhando, na espera inútil dos 80. O papel está hoje com uma abominável falta de imaginação. Continua, apenas, olhando-me: vazio, mais quadrado do que nunca. Porque o papel é uma janela que, em vez de a gente espiar por ela, ela é que espia para a gente...

LEITURA

Livro bom, mesmo, é aquele de que às vezes interrompemos a leitura para seguir - até onde? – uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Esta é a verdadeira leitura continuada.

MUNDO

Naquele tempo não sabíamos, mas se a gente se sentia tão bem lá dentro do circo era porque o seu amplo toldo formava um universo fechado – só para nós.

NOSTALGIA

A vista de um veleiro em alto mar remoça a gente no mínimo uns cento e cinquenta anos.

A OPINIÃO

Quando dê uma opinião, nunca deixes de escrever data...

DA PREGUIÇA

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

DO RESPEITO HUMANO

Conviver toda a existência com alguém sem nunca dar a entender que ele perdeu há anos uma perna ou que perdeu um dia a cabeça...

DA SAUDADE

A saudade que dói mais fundo – e irremediavelmente – é a saudade que temos de nós.

TEMPO PERDIDO

Havia um tempo de cadeiras na calçada. Era um tempo em que havia mais estrelas. Tempo em que as crianças brincavam sob a claraboia da lua. E o cachorro da casa era um grande personagem. E também o relógio de parede! Ele não media o tempo simplesmente: ele meditava o tempo.

URBANISMO

Para as nossas cidades metálicas, que melhor ornamentação que os cactos? Se não por outros motivos, já bastava o seu próprio nome – cacto – tão adequadamente cacofônico.

AH, VIDA...

A vida está cheia de interferências indébitas, de acasos estúpidos, de personagens errados que travam conosco desencontrados diálogos de surdos, a vida está atravancada de pormenores inúteis, a vida parece um romance mal feito!

ZERO

Zero igual a zero: a única evidência. As outras sempre se prestam a discussões.

3 – Agora vamos montar um Dicionários de emoções.

- Cada aluno pode sugerir palavras com as iniciais do ALFABETO, vamos colocar pelo menos três em cada letra do alfabeto. (Essa atividade foi coletiva e construída no quadro branco da sala de aula.)
- Em seguida escolham as palavras que mais se relacionem com os sentimentos e experiências de suas vidas.
- Redijam **Verbetes Poéticos** relatando as emoções que as palavras escolhidas provocaram em você.

A

Afeto

É ter sempre uma pessoa com você para estar juntinhos.

F. N. (7ª)

Alegria

Estar bem consigo mesmo, de bem com a vida. V. P. L. (6ª)

Alegria

Estar bem, não se preocupar com a vida, fazer os que estão decepcionados rirem, nunca abaixar a cabeça e ser agradecido.

F. N. (7ª)

Amizade

Ser sincero, respeitar e ter confiança.

V.P. L. (6ª)

Amizade

Alegria de fazer um passeio com seus colegas. Estar sorrindo com alegria e paz.

E. S. L. (7ª)

Amizade

Ser sincero, respeitar e ter confiança.

V. P.L. (6ª)

Amar

Aprender a compartilhar sentimentos que estão dentro de você.

M. J. R. M. (8ª)

Amor

Laço muito forte entre duas pessoas, quando há sentimentos.

R. M. T. (7ª)

Amor

Muitas pessoas, hoje em dia, nem sabem o significado do amor. É um sentimento muito bom, que faz o humano esquecer os seus problemas e também pode machucá-lo e muito!

K. Â. S. (7ª)

Amor

Só tenha certeza que é amor, quando não puder explicar.

W. S. M. (8ª)

Amor

Sempre deve prevalecer com alegria e amizade.

N. S. S. (8ª)

Amor

É encontrar alguém que faça sua vida fazer sentido.

D. M. N. (7ª)

Amor

Estar com uma pessoa por vontade.

G. P. A. (7ª)

Amor

É um sentimento único que a gente conquista ao longo do tempo, com aqueles que merecem.

G. A. S. (7ª)

Amor

Dedicar o tempo, dando tudo que precisa e oferecendo tudo que tem.

Fabrizio Nascimento (7ª)

Amizade

Ser sincero, respeitar e ter confiança.

V. P. L. (6ª)

B

Benignidade e amor

São ações do coração, ligadas às nossas sensações pela humanidade. Exaltar esse sentimento é invalidar o sentimento do ódio, para que a generosidade e a gentileza sejam responsabilidade de todos em relação à população.

Â. A. M. (6ª)

Bebida

Bebida para ser boa, tem que beber com gosto.

G. P. A. (7ª)

C

Calmaria

Estar sozinho ou muito bem acompanhado.

C. E. P. L. (8ª)

Capacidade

Enfrentar os obstáculos do dia a dia e as lutas mais difíceis.

R. M. T. (7ª)

Carinho

Só recebe quem merece.

W. S. M. (8ª)

Contentamento

É quando consigo as coisas que quero.

W. P. S. D. (6ª)

D

Desânimo

Cansaço mental.

J. D. F. T. (8ª)

Desejo

Comer um chocolate e ter uma sensação boa.

J. S. P. (7ª)

E

Emoção

Um sentimento repentino.

N. P. O. (8ª)

Evolução

Ser mãe pela primeira vez, vencer o desafio de engravidar aos 15 anos, lutar para vencer cada dificuldade em casa, no trabalho e em muitas outras coisas que passei.

K. L. R. (8ª)

Exaltação

É como exaltar a Deus. Estar acima de tudo.

W. P. S. D. (6ª)

F

Família

Um laço de cabo de aço que jamais pode ser destruído, um mundo de maravilhas.

M. J. R. M. (8ª)

Fé

Está em nossos corações. Ter fé para crescer e ter felicidade, não deixar a falsidade vencer.

N. S. S. (8ª)

Felicidade

Um lugarzinho agradável.

W. S. M. (8ª)

Felicidade

É estar com quem você ama, amigos e familiares.

V. P. L. (6ª)

G

Gentileza

Ser agradável, com gratidão e delicadeza.

N. S. S. (8ª)

Glorificar

Agradecer por tudo que acontece.

R. M. T. (7ª)

Gratidão

Agradecer ao próximo por lhe fazer o bem.

J. D. F. T. (8ª)

Gentileza

Gratidão por ter recebido algo, uma ajuda espontânea.

E. S. L. (7ª)

H

Heroísmo

Ato de ajudar ao próximo e salvá-lo no momento difícil

G. A. S. (7ª)

Humanidade

Amor entre as pessoas

C. E. P. L. (8ª)

Humildade

Ser gentil com as pessoas, ajudar ao próximo, respeitar e amar.

E. S. L. (7ª)

I

Imaginação

Começar a estudar e conquistar o conhecimento.

K. L. R. (8ª)

Intuição

Sentir a mente e o coração na profundidade dos olhares e na respiração ao falar cada palavra.

M. J. R. M. (8ª)

J

Júbilo

Comemoração, alegria.

N. P. O. (8ª)

L

Lealdade

Fiel a si mesmo.

J. D. F. T. (8ª)

Liberdade

Ser você mesmo, sem medo, sem dor.

C. E. P. L. (8ª)

Liberdade

Fazer o que quiser, na hora que quiser.

Anônimo

M

Maldade

Raiva, ignorância.

N. P.O.(8ª)

N

Nostalgia

Lembrar de alguém que te fez o bem no passado.

C. E. P. L. (8ª)

O

Orgulho

Observar seus filhos por onde for e ter satisfação em tudo que eles fazem.

E. S. L. (7ª)

P

Paixão

Uma pureza que vem do coração.

A. R. B. (7ª)

Paixão

Amor a outra pessoa ou algo.

N. P.. O. (8ª)

Paz

Sinto quando estou com você.

S. A. O. R. (7ª)

Preguiça

É engraçado, porque está cheio de louças para lavar, mas a preguiça não deixa! G. P. A (7ª)

Q

Querer

Palavra usada sem qualquer fingimento, com muita vontade. “Mas querer não é poder”.

F. N. (7ª)

Quase

É quando você passa perto, mas não acerta o alvo, ainda tem dúvida, assim passam perto, mas não consegue alcançar.

F. N. (7ª)

R

Respeito

Cortesia uns com os outros, sem rancor no coração, para sempre agir sempre com responsabilidade e emoção.

N. S. S. (8ª)

S

Saudade

É dor infinita e jamais esquecida, saber que quem eu amo não está perto, me faz sentir, no peito, um aperto.

M. J. R. M. (8ª)

Sensação

Felicidade e paz na família, no trabalho e no amor.

R. M. T. (7ª)

Superação

É dar a volta por cima daquilo que jogou você para baixo e quebrar a barreira que te marcou.

G. A. S. (7ª)

Superação

É fazer algo que não estava dando conta e consigo fazer.

W. P. S. D.. (6ª)

T**Tédio**

Final de domingo.

J. D. F. T. (8ª)

U**União**

A união e o amor devem ser sempre únicas.

N. S S. (8ª)

V**Vaidade**

Amor próprio.

J. D. F. T. (8ª)

Vaidade

Desejo de estar sempre bem vestida, sempre elegante, bem vestida, limpa e perfumada.

E. S. L. (7ª)

Vida

A vida só é valorizada, quando perdemos alguém querido.

W. S. M. (8ª)

Vida

Nasce em cada amanhecer.

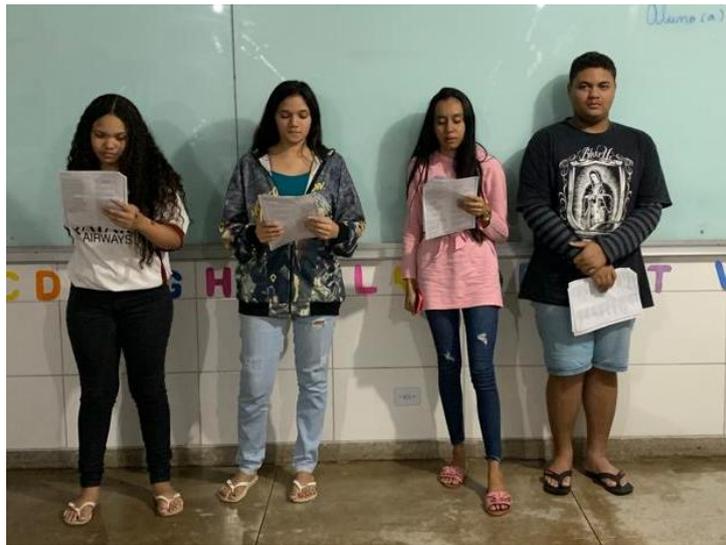
S. A. O. R. (7ª)

X**Z****Zeloso**

Alguém que dá valor ao seu suor.

C. E. P. L. (8ª)

3.3.3 Trovas poéticas





Para desenvolver essa oficina foram executados os seguintes procedimentos metodológicos.

- Leitura de algumas trovas populares, tais como “Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão”.

TROVAS

Trova é um poema autônomo de quatro versos. A definição de trova que foi adotada como definitiva, segundo **Luiz Otávio**, é:

Composição poética de quatro versos de sete sílabas cada um, rimando pelo menos o segundo com o quarto verso e tendo sentido completo.

De Jorge Amado: "Quanto à Trova, não pode haver criação literária mais popular, que fale mais diretamente ao coração do povo. É através da Trova que o povo toma contato com a poesia e sente a sua força. Por isso mesmo, a Trova e o Trovador são imortais".

Exemplo de trova de autoria de Luiz Otávio:

Às vezes o mar bravio
dá-nos lição engenhosa:
afunda um grande navio,
deixa boiar uma rosa!

Outros exemplos de trovas:

"No meu carro vou tranquilo
tenha a estrada sombra ou luz,
pois bem sei que ao dirigi-lo:
- eu dirijo, Deus conduz.

"Água mole em pedra dura
tanto bate até que fura."

O tal ditado é um conselho,
não te mostres desolado...
"Ha sempre um chinelo velho
Pra um pé doente e cansado..."

Alegria dos meus olhos
é ver a quem quero bem
quando não vejo quem quero
não quero ver mais ninguém.

Amar e não ter ciúmes,
isso não é querer bem;
quem não zela o bem que ama,
muito pouco amor lhe tem.

O amor tem vista curta
E vê tudo de feição:
Diz que é pálido o mulato,

Diz que é moreno o carvão.

Até menino pequeno
Se consegue desmamar:
Coração acostumado
Não pode deixar de amar.

Nem tudo que ronca é porco,
Nem tudo que berra é bode,
Nem tudo que luz é ouro,
Nem tudo falar se pode.

Não é por andar com livros
Que a gente fica doutor;
As traças vivem com eles.
Devem sabê-los de-cor.

Quando vires mulher magra,

Não tem mais que perguntar:
Se é casada, é ciumenta,
Se é solteira, quer casar.

Não tenho medo de ti,
Nem da faca mais pontuda;
Tenho medo, quando vejo
Perna grossa cabeluda.

A situação tá tão feia,
minha grana tão escassa,
que o vizinho churrasqueia
e eu passo o pão na fumaça.

Desconfio que a saudade
não gosta de ti, meu bem:
quando tu vens, ela vai...
quando tu vais, ela vem!

- Organização de um jogral (Cosson, 2021. p. 132) com alguns poemas da obra *Espelho Mágico*, de Mário Quintana. “Tradicionalmente, o jogral consiste na dramatização de um trecho ou recitação de trechos de obras, realizada com os alunos divididos em grupos de vozes. É o correspondente falado do canto coral. O professor selecionará o trecho ou texto inteiro e montará o jogo de vozes, indicando quando e quem deve falar. E preciso não confundir o jogral com a simples leitura coletiva de um texto. Na verdade, ele é uma espécie de dramatização.”
- Discussão e interpretação oral e escrita dos poemas de Quintana.
- A seguir, a atividade distribuída aos alunos para execução dessa oficina.

ATIVIDADES

- Audição da música “Era uma vez”, de Kell Smith.
- Leia os poemas abaixo e em seguida, escolha dois poemas e comente-os, de acordo com a sua interpretação:
- Junte-se a mais três colegas, selecione alguns poemas da obra *Espelho Mágico*, de Mário Quintana e vamos organizar um jogral. (Cosson, 2021. p. 132).
- Produza, pelo menos três trovas, expressando experiências e sentimentos do cotidiano em relação ao seu próximo.

- Produza uma carta pessoal, emitindo a sua opinião sobre os estudos poéticos realizados durante as aulas e oficinas de Língua Portuguesa. Fale sobre a sua experiência, em relação aos afetos e emoções provocadas pelas lembranças e vivências construídas ao longo das leituras e produção de textos poéticos.

Música: Era uma vez

Kell Smith

O dia em que todo dia era bom
Delicioso gosto e o bom gosto
Das nuvens serem feitas de algodão

Dava pra ser herói
No mesmo dia em que escolhia ser vilão
E acabava tudo em lanche, um banho quente
E talvez um arranhão

Dava pra ver
A ingenuidade, a inocência cantando no tom
Milhões de mundos e universos tão reais
Quanto a nossa imaginação

Bastava um colo, um carinho
E o remédio era beijo e proteção
Tudo voltava a ser novo no outro dia
Sem muita preocupação

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Dá pra viver
Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou
mau
É só não permitir que a maldade do mundo
Te pareça normal

Pra não perder a magia de acreditar
Na felicidade real
E entender que ela mora no caminho
E não no final

É que a gente quer crescer

E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Era uma vez

Música: Girassol

Priscilla Alcântara e Whindersson Nunes

Se a vida fosse fácil como a gente quer
Se o futuro a gente pudesse prever
Eu estaria agora tomando um café
Sentado com os amigos em frente à TV

Eu olharia as aves como eu nunca olhei
Daria um abraço apertado em meus avós
Diria eu te amo a quem nunca pensei
Talvez é o que o universo espera de nós

Eu quero ser curado e ajudar curar também
Eu quero ser melhor do que eu nunca fui
Fazer o que eu posso pra me ajudar
Ser justo e paciente como era Jesus

Eu quero dar mais valor até o calor do sol
Que eu esteja preparado pra quem me conduz
Que eu seja todo dia como um girassol
De costas pro escuro e de frente pra luz

E de frente pra luz
E de frente pra luz

Se a vida fosse fácil como a gente quer
Se o futuro a gente pudesse prever
Eu estaria agora tomando um café
Sentado com os amigos em frente à TV

Eu olharia as aves como eu nunca olhei
 Daria um abraço apertado em meus avós
 Diria eu te amo a quem nunca pensei
 Talvez é o que o universo espera de nós

Eu quero ser curado e ajudar curar também
 Eu quero ser melhor do que eu nunca fui
 Fazer o que eu posso pra me ajudar
 Ser justo e paciente como era Jesus

Eu quero dar valor até o calor do sol
 Que eu esteja preparado pra quem me conduz
 Que eu seja todo dia como um girassol
 De costas pro escuro e de frente pra luz

E de frente pra luz
 E de frente pra luz

TROVAS LITERÁRIAS

POEMAS DE MÁRIO QUINTANA

I. Da observação

Não te irrites, por mais que te fizerem...
 Estuda, a frio, o coração alheio.
 Farás, assim, do mal que eles te querem,
 Teu amável e sutil recreio...

II. Do amigo

Olha! É como um vaso
 De porcelana rara o teu amigo.
 Nunca te sirvas dele. Que perigo!
 Quebrar-se-ia, acaso...

III. Do estilo

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
 Convém que se repita...
 Só em linguagem amorosa agrada
 A mesma coisa cem mil vezes dita.

XII. Das utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
 Não é motivo para não querê-las...
 Que tristes os caminhos, se não fora
 A mágica presença das estrelas!

XIII. Do belo

Nada, no mundo, é, por si mesmo, feio.
 Inda a mais vil mulher, inda o mais triste poema,
 Palpita sempre neles o divino anseio
 Da beleza suprema...

XXI. Das ilusões

Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
 Com ele ia subindo a ladeira da vida.
 E, no entretanto, após cada ilusão perdida...
 Que extraordinária sensação de alívio!

XXII. Da boa e da má fortuna

É sem razão, e é sem merecimento,
 Que a gente a sorte maldiz:
 Quanto a mim, sempre odiei o sofrimento,
 Mas nunca soube ser feliz...

XXIII. Dos nossos males

A nós nos bastem nossos próprios ais,
 Que a ninguém sua cruz é pequenina.
 Por pior que seja a situação da China,
 Os nossos calos doem muito mais...

XXV. Da paz interior

O sossego interior, se queres atingi-lo,
 Não deixes coisa alguma incompleta ou adiada.
 Não há nada que dê um sono mais tranquilo
 Que uma vingança bem executada...

XXXIV. Da perfeição da vida

Por que prender a vida em conceitos e normas?
 O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e
 Prazer...
 Tudo, afinal, são formas
 E não degraus do Ser!

XXV. Da eterna procura

Só o desejo inquieto, que não passa,
 Faz o encanto da coisa desejada...
 E terminamos desdenhando a caça
 Pela doida aventura da caçada.

XXXVI. Da falsidade

Foi tudo falso, o que ela me disse?
 Fecha os olhos e crê: a mentira é tão linda!
 Nem ela sabe que fingir meiguice
 É o mais certo sinal de que te ama ainda...

XLI. Da arte de ser bom

Sê bom. Mas ao coração
 Prudência e cautela ajunta.
 Quem todo de mel se unta,
 Os ursos o lambeirão.

XLII. Do espetáculo de si mesmo

Conhecer a si mesmo é inútil, parece,
 Mas sempre diverte um pouco...
 Coisa assim como um louco que tivesse
 Consciência de que é louco.

XLIV. Dos livros

Não percas nunca, pelo vão saber,
A fonte viva da sabedoria.
Por mais que estudes, que te adiantaria,
Se a teu amigo tu não sabes ler?

XLVIII. Das ideias

Qualquer ideia que te agrada,
Por isso mesmo... é tua.
O autor nada mais fez que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua...

L. Da amizade entre mulheres

Dizem-se amigas... Beijam-se... Mas qual!
Haverá quem nisso creia?
Salvo se uma das duas, por sinal,
For muito velha, ou muito feia.

LIII. Das leis da natureza

Falar contra mulheres...
Que ingenuidade a tua!
Dize-me, acaso queres
Ironizar as variações da lua?

LVII. Da sinceridade

Tens um amigo que fala bem
E um cão que nada explica.
Um jura-te amizade...
O outro, porém,
Seus bons serviços te dedica.

LXVI. Dos defeitos e das qualidades

Diz o Elefante às Rãs que em torno dele saltam:
“Mais compostura!
Ó céus! Que piruetas incríveis!”
Pois são sempre, nos outros, desprezíveis
As qualidades que nos faltam...

LXVIII. Da felicidade

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura,
Tendo-os na ponta do nariz!

LXX. Da caridade

Se se pudesse dar, indefinidamente,
Mas sem, do que se deu, nada perder, em suma,
Ainda assim, muita gente
Nunca daria coisa alguma...

LXXII. Do objeto amado

Impossível que a gente haja nascido

Com os encantos que um no outro vê!
E um belo dia se descobre que
Houvera apenas um mal entendido...

LXXIV. Do amoroso esquecimento

Eu, agora, - que desfecho!
Já nem penso mais em ti...
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?

LXXVI. Da discrição

Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem
E o amigo de teu amigo
Possui amigos também...

LXXVIII. Da preguiça

Suave preguiça, que do mau querer
E de tolices mil ao abrigo nos pões...
Por causa tua, quantas más ações
Deixei de cometer!

LXXXV. Da viuvez

Ele está morto. Ela, aos ais.
Mas, neste lúgubre assunto,
Quem fica viúvo é o defunto...
Porque esse não casa mais.

LXXXVIII. Da riqueza

O dinheiro não traz venturas, certamente.
Mas dá algum conforto... e em verdade te digo:
Sempre é melhor chorar junto à lareira quente
Do que na rua, ao desabrigo.

XCVI. Dos hóspedes

Esta vida é uma estranha hospedaria,
De onde se parte quase sempre às tontas,
Pois nunca as nossas malas estão prontas
E a nossa conta nunca está em dia...

XCVII. Da calúnia

Sorri com tranquilidade
Quando alguém te calunia.
Quem sabe o que não seria
Se ele dissesse a verdade...

CI. Da condição humana

Custa o rico a entrar no Céu
(Afirma o povo e não erra).
Porém muito mais difícil
É um pobre ficar na terra...

CIX. Da amarga sabedoria

Conhecer a si mesmo e aos outros... Ver ao mal
Com mais clareza... Ó triste e doloroso dom!

E sofrer amis que todos, no final,
Sem o consolo de ter sido bom.

- A seguir, as trovas produzidas pelos estudantes:

Do amor

Moça, meu amor quero dedicar a ti
Tudo que sinto por você
Às vezes te quero longe,
Mas às vezes te quero perto.

Eu ainda vou te abraçar e dizer:
Caramba que magrinha.

Eu achei que seria diferente
“Mas diferente em quê?
Eu te avisei sobre o nada...”

A batatinha quando nasce

Espalha a rama pelo chão
O amor que eu sinto por você,
é grande de montão.

K. A. S. (7ª)

Do amor

É um sentimento
Que queima no peito
Purifica o coração,
Mas às vezes te machuca.
K. L. L. (8ª)

Do amigo

Amigo é quem te ajuda
Nas horas em que precisa
Amigo não te maltrata
E nem te humilha.
K. L. L. (8ª)

Da confiança

A confiança é coisa conquistada

Não comprada por dinheiro
Mas muito esperada
Precisa ser verdadeiro
K. L. L. (8ª)

Do amor

Como é lindo o amor
Quando nasce do coração
Mas ao mesmo tempo dói e fere.
Machuca,
Mas mesmo assim, como é lindo o
amor!
A. R. B. (7ª)

Família

Minha família! Nela eu vivo feliz
Com meus filhos,
tudo se torna mais alegre,
e a vida bendiz!
A. R. B. (7ª)

Riqueza

O dinheiro não é tudo.
Mais vale o sossego da alma,
do que a solidão com tanto dinheiro.
A. R. B. (7ª)

Família

Família é tudo de bom
Família é união
Família sempre quer harmonia e
reflexão.
Família é amar com muita dedicação.
N. S. S. (8ª)

Conselho

“Se conselho fosse bom não daria,
vendia”.

Quem nunca ouviu essa frase,
 Mas quem tem ouvidos, ouça com
 atenção,
 Pois boa parte aconselha com boa
 intenção.
 N. S. S. (8ª)

Viver

“Se amar é viver, vivo porque amo
 você”.
 Que a paz prevaleça e reine o amor!
 Que vença a união em nosso viver,
 Que a vida deixe a paz prevalecer.
 N.S. S. (8ª)

Amizades

Amizade é confiar! Amizade é amar!
 Topo tudo com os amigos, Aconteça o
 que for,
 Temos que nos encorajar,
 Até a traição, eu prefiro perdoar!
 E. S. L. (7ª)

Amor

Amar é como uma luz
 Quanto mais se ama
 A luz aumenta em você
 E vai brilhando pra valer!
 E. S. L. (7ª)

Família

Sempre tem um falso na família
 Fala mal de mim,
 Mas sempre está em minha casa
 Haja paciência, a justiça não atrasa.
 E. S. L. (7ª)

Refúgio

Meu maior refúgio é Deus, Ele me
 guarda e me livra,
 Não confunde os seus.
 Ele mostra o caminho da verdade e da
 sabedoria
 Com Ele, ninguém trava o meu
 caminho.

Com ele sinto prazer de viver,
 Quando choro, sempre me mostra o
 caminho para vencer!
 Fico grato por vencer,
 Meu caminho está guardado e o futuro
 posso ver.
 G. A. S. (7ª)

Morto vivo

Ele está morto ou vivo, mas neste
 sinistro está falando que está vivo
 Ele acabou ficando viúvo por fingir que
 estava morto,
 Mas por fim se casou com uma coroa
 que estava solteirona,
 Que sempre dizia que a vida era uma
 solitária hospedaria.
 K. Â. S. (7ª)

Família

Uma família famosa, bonita, que dizia
 estar no topo da lindeza,
 Queria ganhar dinheiro com a sua
 beleza,
 Um dos filhos disse: vamos ficar ricos!
 Para um teste de modelo, fizeram a
 inscrição,
 Mas o resultado foi de pura decepção.
 K. Â. S. (7ª)

Coração Partido

Um coração partido, vivendo em
 tristeza, completamente desanimado!
 Um dia arrumou sua cara metade, ficou
 feliz e animado,
 O coração virou balão e não parava de
 subir,
 Subiu e começou a bater nos prédios,
 estourou
 E percebeu a fantasia e não teve mais
 ilusão.
 K. Â. S. (7ª)

Observação

Olhe, pare e pense antes de fazer algo

Não magoe quem está ao seu lado.
Somos frágeis, Tabernáculo de carne!
Temos que evitar a agressão e magoar
Para ser feliz ao de quem se ama!
N. S. S. (8ª)

Amigo

Eu entendo que amigo, todos nós
queremos ter,
Mas amigo de verdade aprende a
preservar,
Pela nossa integridade deve-se
comprometer,
Amizade é como cristal: lindo, mas fácil
de quebrar.
N. S. S. (8ª)

Coração Partido

Dá para prosseguir
Com o coração partido,
Aprenda a crescer
E voltar ao início.
G. P. A. (7ª)

Viajar

Vou viajar com toda
A minha emoção
A viagem será tão longa
Que aperta o coração.
G. P. A. (7ª)

O Amor de mãe

Tenho comigo uma flor,
que de presente Deus me deu.
Essa flor é minha filha,
O amor que de mim nasceu.
Â. A. M. (6ª)

Amizade

Levo em meu peito um amigo,
Que não é irmã de sangue, mas é de
coração!
Se mexer com ela, mexe comigo,
Porque quando se ama de verdade, se
defende um amigo!
Â. A. M. (6ª)

Amor verdadeiro

Formado de sentimentos
Amor pela minha filha
Quando ela nasceu,
Aí sim, Descobri o que é amor
verdadeiro.
W. P. S. D. (6ª)



Considerações finais

Produzir o E-book *Entre Versos e Afetos*, foi uma experiência inigualável, pois pude comprovar a eficácia de um trabalho planejado e organizado com base em um referencial teórico salutar. E creio que os estudantes compreenderam a força que a poesia exerce sobre a humanidade e sobre cada um deles.

Dessa forma, proporcionar aos leitores da Educação de Jovens e Adultos, da Escola Municipal Jardim Nova Esperança, uma boa leitura foi motivo de satisfação. Perceber que liam e compreendiam os poemas de Mário Quintana foi momento de regozijo, já que, cada conquista alcançada é a certeza de que a literatura contribuiu para o processo de emancipação desses estudantes. Conforme afirma Adorno, “A possibilidade de levar cada um a "aprender por intermédio da motivação" converte-se numa forma particular do desenvolvimento da emancipação.” (2022, p. 186).

A cada aula que era ministrada, percebia-se a motivação que eles tinham para ler, compreender e relacionar o que liam ao seu mundo, isso posto, fica a convicção de que “A boa literatura quer leitores capazes de ler a sério, leitores capazes de compreender que a única liberdade de pensamento é a liberdade que se constrói” (ANDRUETTO, 2017, p. 94-95).

Portanto, é necessário que o professor seja orientador na formação do leitor literário crítico-reflexivo, sendo aquele que proporciona interação e aproveitamento das experiências e habilidades que os educandos trazem consigo a fim de aprimorar a leitura e interpretação na formação integral do cidadão.

Perante o exposto, considera-se a leitura de obras literárias basilar para a formação crítica e reflexiva do educando, além contribuir para que o leitor tome consciência de sua existência no mundo.

Referências

- ALVARENGA, Márcia Soares de. **Sentidos da Cidadania:** políticas de educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação.** 4 ed. Revista, São Paulo: Paz e Terra, 2022.
- ADORNO, Theodor. **Poesia Lírica e sociedade.** Coimbra: Angelus Novus, 2003. (Coleção Marfim).
- ANDRUETTO, Maria Teresa. **Elogio da dificuldade:** formar um leitor de literatura. **A leitura, outra revolução.** São Paulo: Sesc-SP, 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.
- CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In **Vários Escritos.** 4 ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário:** Teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. 7 ed. São Paulo, Cortez/Campinas, autores Associados, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 77 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Alfabetização:** leitura do mundo, leitura da palavra. 11 ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GATOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. (org.) **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- JOUBE, Vicent. **A leitura.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia pra quê?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora UNESP, 2019

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PILATI, Alexandre. **Poesia na sala de aula**: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo, Parábola, 2018.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é subjetividade?** Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. 2 ed. São Paulo: Global Editora, 2009. (Coleção: Leitura e Formação)

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18ª ed. 7ª reimp. São Paulo: Cortez, 2011.

APÊNDICE B – SEQUÊNCIA DIDÁTICA



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Mestranda: Vânia de Oliveira Resende Santos

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Célia Sebastiana Silva

Turma: II Etapa do II Segmento da Educação de Jovens e Adultos (7^a e 8^a Séries do Ensino Fundamental)

Escola Municipal jardim Nova Esperança

A POESIA DE MARIO QUINTANA E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS CRÍTICOS, NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

OBJETIVO GERAL

Este projeto de pesquisa almeja investigar como a leitura de poesia contribui com a formação de leitores literários críticos, capazes de compreender sua condição subjetiva e coletiva, por meio de poemas de Mario Quintana.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender como acontece, no ambiente escolar, a prática da leitura de poemas;
- Despertar a prática da leitura literária dos educandos, por meio dos poemas de Mario Quintana, percebendo a riqueza dos textos poéticos do autor;
- Compreender como a leitura de poesia interfere na condição subjetiva e coletiva do estudante frente à sociedade;

- Analisar o posicionamento dos educandos diante das reflexões provocadas pela leitura literária de poemas de Mario Quintana, a fim de que o exercício docente contribua para que todos os alunos envolvidos e sejam leitores críticos;
- Produzir um *e-book*, relatando as práticas desenvolvidas nas experiências de leitura da poesia de Mario Quintana.

AVALIAÇÃO

A avaliação será qualitativa e contínua, realizada durante os encontros, observando-se a participação, interação e desenvolvimento dos alunos, bem como, por meio da leitura dos textos produzidos e das atividades orais e escritas de análise dos textos. Também será um meio de reavaliar as metodologias e caso necessário, modificar algumas atividades.

1ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Mestranda: Vânia de Oliveira Resende Santos

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Célia Sebastiana Silva

Turma: II Etapa do II Segmento da Educação de Jovens e Adultos (7^a e 8^a Séries do Ensino Fundamental)

Escola Municipal jardim Nova Esperança

PRIMEIRA SEMANA (dias 06 e 08/09/2022) – 2 aulas

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Conversa informal sobre a pesquisa
- Explicação dos documentos TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).
- Comentários sobre o produto educacional: E-book, com relatos sobre o desenvolvimento das oficinas e o resultado apresentado pelos alunos.
- Orientação e preenchimento do questionário para diagnóstico do perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Escola Municipal Jardim Nova Esperança.

- Exposição de diversos poemas de Mario Quintana e outros autores pelos corredores e murais da escola.
- Incentivo à leitura dos textos espalhados pela escola.
- Leitura e comentários orais e escritos dos poemas: Ritmo, Emergência, Ser e Estar (Apontamentos de História Sobrenatural, Mario Quintana); A leitura e os comentários serão mediados pela professora pesquisadora.

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TALE

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Meu nome é Vânia de Oliveira Resende Santos, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Linguagens/Língua Portuguesa, com foco na formação de leitores literários. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que caso não queira participar ou queira desistir, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail vania_santos@discente.ufg.br e, através do seguinte contato telefônico: (62) 99907-0014, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521-1215, que é a instância responsável por tirar as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como a leitura de poesia pode contribuir para a formação de leitores literários críticos. Você deverá responder um questionário e participar das atividades propostas em sala de aula, com a finalidade de serem incluídas no projeto e essas ações deverão ocorrer durante as aulas de Língua Portuguesa.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a sua privacidade e o seu anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos para essa pesquisa são mínimos, tais como o cansaço para executar as atividades propostas pela pesquisa, constrangimento ao responde a alguma pergunta, e possível abalo emocional ao ler algum poema, mas os benefícios, individuais ou coletivos, serão muito maiores, pois você irão ampliar o universo cultural de textos lidos, poderão melhorar a compreensão e interpretação do texto literário e de outros textos e melhorar o desempenho escolar em vários aspectos, pois poderão se tornar mais críticos como leitores do texto, da realidade, do mundo. Além disso, a leitura de poesia desperta o nosso lado mais humano e mais sensível.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da coleta de dados, é necessário o seu consentimento, portanto, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão.

Pode haver a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver, também, a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu, _____ abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Informo ter _____ anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pela pesquisadora responsável Vânia de Oliveira Resende Santos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -
Pais/Responsáveis**

Você, na qualidade de responsável por _____, está sendo convidado (a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário (a), da pesquisa intitulada *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Meu nome é Vânia de Oliveira Resende Santos, sou a pesquisadora responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Linguagens, com foco na formação de leitores literários. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação do menor sob sua responsabilidade neste estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que, em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail vania_santos@discente.ufg.br ou através de contato telefônico para o número (62) 99907-0014, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humano da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG) pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino. **O CEP-UFG é uma entidade independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.**

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como a leitura de poesia pode contribuir para a formação de leitores literários críticos. A participação do menor sob a sua responsabilidade é importante para a realização desta pesquisa que tem o título *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. O menor deverá responder um questionário e participar das atividades propostas em sala de aula, com a finalidade de serem incluídas no projeto e essas ações deverão ocorrer durante as aulas de Língua Portuguesa. Caso o menor se sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. Os riscos para essa pesquisa são mínimos, tais como o cansaço para executar as atividades propostas pela pesquisa, constrangimento ao responder a alguma pergunta e possível abalo emocional ao ler algum poema, mas os benefícios, individuais ou coletivos, serão muito maiores, pois o menor irá ampliar o universo cultural de textos lidos, poderá melhorar a compreensão e interpretação do texto literário e de outros textos e melhorar o desempenho escolar em vários aspectos, pois poderá se tornar mais crítico como leitor do texto, da realidade, do mundo. Além disso, a leitura de poesia desperta o nosso lado mais humano e mais sensível.

- 1.
2. A participação na pesquisa será voluntária (se o menor quiser), portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação, caso haja despesas, elas serão ressarcidas.
3. Caso ocorra algum dano, o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei.
4. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação do adolescente na pesquisa será preservada.

5. A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito, então, que rubrique no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

() Permito apenas a participação do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

() Permito participação e a identificação do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a identificação do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver, também, a necessidade de utilizarmos a imagem do menor em publicações para uso acadêmico. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() Permito a divulgação da imagem do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

() Não Permito a divulgação da imagem do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

Eu _____, abaixo assinado, autorizo _____ a participar do projeto intitulado *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário (ele adere se quiser). Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável, Vânia de Oliveira Resende Santos sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação do menor sob minha responsabilidade no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) pais/responsável

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Meu nome é Vânia de Oliveira Resende Santos, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Linguagens/Língua Portuguesa, com foco na formação de leitores literários. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que caso não queira participar ou queira desistir, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail vania_santos@discente.ufg.br e, através do seguinte contato telefônico: (62) 99907-0014, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62) 3521-1215, que é a instância responsável por tirar as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar como a leitura de poesia pode contribuir para a formação de leitores literários críticos. Você deverá responder um questionário e participar das atividades propostas em sala de aula, com a finalidade de serem incluídas no projeto e essas ações deverão ocorrer durante as aulas de Língua Portuguesa.

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a sua privacidade e o seu anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Os riscos para essa pesquisa são mínimos, tais como o cansaço para executar as atividades propostas pela pesquisa, constrangimento ao responder a alguma pergunta e possível abalo emocional ao ler algum poema, mas os benefícios, individuais ou coletivos, serão muito maiores, pois você irá ampliar o universo cultural de textos lidos, poderá melhorar a compreensão e interpretação do texto literário e de outros textos e melhorar o desempenho escolar em vários aspectos, pois poderá se tornar mais crítico como leitor do texto, da realidade, do mundo. Além disso, a leitura de poesia desperta o nosso lado mais humano e mais sensível.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da coleta de dados, é necessário o seu consentimento, portanto, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão.

Pode haver a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.
() Não Permito a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver, também, a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- () Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.
 () Não Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu, _____ abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*. Informo ter _____ anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente esclarecido (a) pela pesquisadora responsável **Vânia de Oliveira Resende Santos** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso da pesquisadora responsável

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO PARA DIAGNÓSTICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA). LEVANTAMENTO DO PERFIL DOS PARTICIPANTES DA EJA

**Questionário para diagnóstico da Educação de Jovens e Adultos (EJA).
Levantamento do perfil dos participantes da EJA**

Caros estudantes,

Esse questionário, faz parte do projeto de pesquisa “*A formação de leitores literários, na Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA), por meio da poesia de Mario Quintana*”, do programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (PPGEEB-CEPAE), da Universidade Federal de Goiás (UFG), que será realizado pela mestrandia Vânia de Oliveira Resende Santos e tem por objetivo conhecer os educandos da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos na Escola Municipal Jardim Nova Esperança, Goiânia/GO, para também, auxiliar na formação de leitores literários críticos, contribuindo para a melhoria da educação dos estudantes dessa instituição.

Gostaríamos de contar com a sua colaboração para responder este questionário e garantimos que as informações recolhidas serão guardadas em sigilo. Agradecemos por sua participação!

OBSERVAÇÃO: Caso você se sinta constrangido com algumas das questões e não quiser responder, não há qualquer problema. Pode deixá-las em branco.

Turno: Noturno

Turma: _____

1. Dados pessoais

1.1 Sexo:

Feminino () Masculino ()

1.2 Identidade de gênero (Opcional)

1.3 Idade: _____

1.4 Estado Civil:

Casado (a) ()

Viúvo (a) ()

Separado (a) ()

Solteiro (a) ()

Vive com o companheiro (a) ()

Divorciado (a) ()

1.5 Tem filhos(as)?

Não () Sim () Quantos? _____

1.6 Nacionalidade:

Brasileiro (a) () Outra () Qual? _____

1.7 Município e Estado de nascimento: _____

1.8 – Residência:

Bairro _____ Município: _____

1.9 Etnia/Raça/Cor:

Amarela () Branca () Indígena () Negra () Parda ()

1.10 Você tem alguma religião?

Sim () Não () Qual? _____

2. Condições de acesso

2.1 Como você chega até à escola?

Transporte público com gratuidade () Transporte público meia tarifa ()

Transporte público integral () A pé ()

Moto () Bicicleta ()

Carro ()

Outros _____

2.2 Você vem para a escola:

Direto do trabalho () De casa ()

Outro () Qual? _____

3. Dados Profissionais

3.1. Você exerce atividade remunerada ou já exerceu atividade remunerada?

Sim, estou trabalhando () Sim, já trabalhei, mas não estou trabalhando ()

Não, nunca trabalhei ()

3.2 Trabalha com carteira assinada: Sim () Não ()

4. Perfil socioeconômico

4.1 Você mora:

Sozinho(a) () Com mãe ()

Com pai e mãe () Com pai ()

Com companheiro(a) ()

Outros () _____

4.2 Sua residência é:

Casa própria () Alugada ()

Não possui residência fixa () Em pagamento ()

Cedida () Outra situação (não regularizado) ()

4.2 Na sua residência alguém recebe auxílio de programas governamentais? (Exemplo: bolsa família)

Sim () Qual? _____

Não ()

5. Escolarização

5.1 Com que idade ingressou na vida escolar? _____

5.2 Ficou reprovado em algum ano?

Sim () Não ()

5.2 Você precisou parar de estudar?

Sim () Por quê? _____

Não ()

5.3 Quantos anos ficou fora da escola? _____

5.4 O que fez você procurar a EJA? (Pode marcar mais de uma opção)

Vontade de vencer na vida e dar um futuro melhor à família ()

Por incentivo de outras pessoas ()

Vontade própria ()

Porque o ensino é gratuito ()

Para me preparar para ingressar no Ensino Superior ()

Porque necessito me preparar para o mercado de trabalho ()

Para não ficar parado ()

Progredir no emprego atual ()

Aumentar a possibilidade de conseguir trabalho ()

Outros () Qual (is)? _____

6. Sobre a Escola

6.1 Confia nos professores para o/a ajudarem a superar suas dificuldades de aprendizagem?

Sim () Não ()

6.2 O que você mais gosta nas aulas? _____

6.3 O que precisa melhorar nas aulas?

Sobre o componente curricular de Língua Portuguesa:

7.1 Você gosta de ler?

Sim () Não ()

7.2 – Qual (is) o (os) gênero (os) textual (is) que costuma ler?

() poesia () romance () fábulas

() contos () crônicas () notícias e reportagens

() tirinhas, charges ou cartuns

() Outro (s) Qual (is)? _____

8 – Sobre o gênero textual poesia

8.1 - Você já leu alguma poesia fora da escola?

Não () Sim ()

Qual autor (a)? _____

Gostou? _____

8.2 – E na escola?

Não () Sim ()

Qual autor (a)? _____

Gostou? _____

Sobre a poesia lidas na escola:

Diga, em poucas palavras, o que você achou da experiência.

Obrigada por sua colaboração!

APÊNDICE G – 2ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

2ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Mestranda: Vânia de Oliveira Resende Santos

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Célia Sebastiana Silva

Turma: II Etapa do II Segmento da Educação de Jovens e Adultos (7ª e 8ª Séries do Ensino Fundamental)

Escola Municipal jardim Nova Esperança

SEGUNDA SEMANA (dias 13 e 15/09/2022) – 2 aulas

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Recebimento dos documentos TALE e TCLE assinados;
- Comentários sobre o envolvimento dos estudantes na pesquisa;
- Visita à Biblioteca da Escola. Com a ajuda da Bibliotecária serão apresentados vários livros de Mario Quintana aos alunos, os quais deverão ler a biografia do autor e alguns poemas. Em seguida, espontaneamente, deverão escolher um poema que mais chamou a atenção e comentá-lo. Os comentários dos poemas serão mediados pela professora pesquisadora.

Leitura compartilhada e análise oral e escrita do poema “A surpresa de Ser”, de Mario Quintana.

APÊNDICE H – 3ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

3ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA OFICINA 01 – APONTAMENTOS DE HISTÓRIAS DO COTIDIANO: AUTORRETRATO E SUBJETIVIDADES

Mestranda: Vânia de Oliveira Resende Santos

Orientadora: Prof^a Dr^a Célia Sebastiana Silva

Turma: II Etapa do II Segmento da Educação de Jovens e Adultos (7ª e 8ª Séries do Ensino Fundamental)

Escola Municipal jardim Nova Esperança

TERCEIRA SEMANA (dias 20 e 22/09/2022) – 2 aulas

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Dinâmica: As palavras da tristeza e da felicidade (Cosson, 2021. p. 127)
- Leitura e análise de duas telas de Van Gogh, intituladas *Autorretrato* e *Autorretrato com a orelha cortada*;
- Leitura e comentários sobre o poema “Autorretrato”, de Mario Quintana (Apontamentos de História Sobrenatural);
- Leitura de outros poemas que também retratam a subjetividade humana. Poetas; Manuel Bandeira, Manoel de Barros, Cecília Meireles.
- Após essas leituras, será realizado comentários escritos sobre os textos lidos.
- Produção de um autorretrato, escrito pelos alunos, com o objetivo de mostrar como se veem, e assim ressaltar o seu autoconhecimento.

APÊNDICE I– 4ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

4ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

OFICINA 02 – CADERNO H: VERBETES PARA UM DICIONÁRIO POÉTICO

Mestranda: Vânia de Oliveira Resende Santos

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Célia Sebastiana Silva

Turma: II Etapa do II Segmento da Educação de Jovens e Adultos (7ª e 8ª Séries do Ensino Fundamental)

Escola Municipal jardim Nova Esperança

QUARTA SEMANA (dias 27 e 29/09/2022) – 2 aulas

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Dinâmica: Laços de palavras. (Cosson, 2021. p. 130)
- Verificação do significado de alguns verbetes em dicionários impressos;
- Leitura de poemas do *Caderno H*, de Mario Quintana, observando-se verbetes que contemplem a subjetividade humana e que possibilitem a criação de uma ordem de palavras com as iniciais alfabéticas.
- Distribuição de palavras, selecionadas previamente e que especifiquem a sequência do alfabeto da Língua Portuguesa. Em seguida, os estudantes deverão relacionar com os sentimentos e experiências de suas vidas, comentando-as oralmente.
- Na sequência, deverão produzir Verbetes Poéticos que definam suas emoções e sentimentos, com base nas palavras motivadoras, já trabalhadas.

CADERNO H: VERBETES PARA UM DICIONÁRIO POÉTICO

Atividades

Dinâmica: Laços de Palavras (Cosson 2021. P. 130)

1- Pesquise os seguintes verbetes no Dicionário:

A – Contentamento _____

B – Deleite _____

C - Empatia _____

D - Exaltação _____

E - Exultação _____

F - Júbilo _____

G - Regozijo _____

H - Resiliência _____

I - Superação _____

J - Temeridade _____

2 – Leia os seguintes poemas da obra *Caderno H*, de Mario Quintana:

AMIZADE

Quando o silêncio a dois não se torna incômodo.

AMOR

Quando o silêncio a dois se torna cômodo.

BEBIDA

Quem bebe por desgosto é um cretino: só se deve beber por gosto.

COMODIDADE

A falta de imaginação, a mesmice, é uma coisa tão cômoda, afinal... Como faz bem certificarmo-nos mais uma vez de que o cachorrinho de cada velhota sempre se chama Joli e que em toda cidadezinha desconhecida em que desembarcamos há sempre um Grande Hotel.

DUPLA DELÍCIA

O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

EVOLUÇÃO

O que me impressiona, à vista de um macaco, não é que ele tenha sido nosso passado: é este pressentimento de que ele venha a ser o nosso futuro.

FIM

E chegará um tempo em que os militares inventarão um projétil tão perfeito, mas tão perfeito mesmo, que dará a volta ao mundo e os pegará por trás.

A GERAÇÃO FATAL

Chocante, o caso da minha geração: é, em geral, a história de um menino que nasceu e foi criado n uma casa de intolerância.

GALERIA

Os quadros são janelas abertas para o outro mundo deste mundo.

HERÓIS

As biografias dos grandes homens são feitas de absurdos, estão cheias de acontecimentos incômodos, que atravancam tudo. A vida deles lhes acontece de fora para dentro. Muito mais interior, mais natural, mais humana é a tua vidoca, anônimo leitor, que és o herói sem história do quotidiano. Se pudesses, se soubesses contar-me a tua vida, eu tiraria dela muito mais proveito do que da vida de Napoleão.

IMAGINAÇÃO

A imaginação é a memória que enlouqueceu.

A JANELA

Sento-me à mesa. Quem sabe? Quem se senta, se tenta... 60,70, escrevo, arredondado caprichosamente os zeros. E o burro do papel me fica incompreensivelmente olhando, na espera inútil dos 80. O papel está hoje com uma abominável falta de imaginação. Continua,

apenas, olhando-me: vazio, mais quadrado do que nunca. Porque o papel é uma janela que, em vez de a gente espiar por ela, ela é que espia para a gente...

LEITURA

Livro bom, mesmo, é aquele de que às vezes interrompemos a leitura para seguir - até onde? - uma entrelinha... Leitura interrompida? Não. Esta é a verdadeira leitura continuada.

MUNDO

Naquele tempo não sabíamos, mas se a gente se sentia tão bem lá dentro do circo era porque o seu amplo toldo formava um universo fechado - só para nós.

NOSTALGIA

A vista de um veleiro em alto mar remoça a gente no mínimo uns cento e cinquenta anos.

A OPINIÃO

Quando dê uma opinião, nunca deixes de escrever data...

DA PREGUIÇA

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

Q

DO RESPEITO HUMANO

Conviver toda a existência com alguém sem nunca dar a entender que ele perdeu há anos uma perna ou que perdeu um dia a cabeça...

DA SAUDADE

A saudade que dói mais fundo - e irremediavelmente - é a saudade que temos de nós.

TEMPO PERDIDO

Havia um tempo de cadeiras na calçada. Era um tempo em que havia mais estrelas. Tempo em que as crianças brincavam sob a claraboia da lua. E o cachorro da casa era um grande personagem. E também o relógio de parede! Ele não media o tempo simplesmente: ele meditava o tempo.

URBANISMO

Para as nossas cidades metálicas, que melhor ornamentação que os cactos? Se não por outros motivos, já bastava o seu próprio nome – cacto – tão adequadamente cacofônico.

AH, VIDA...

A vida está cheia de interferências indébitas, de acasos estúpidos, de personagens errados que travam conosco desconhecidos diálogos de surdos, a vida está atravancada de pormenores inúteis, a vida parece um romance mal feito!

X

ZERO

Zero igual a zero: a única evidência. As outras sempre se prestam a discussões.

3 – Agora vamos montar um Dicionários de emoções.

- Cada aluno pode sugerir palavras com as iniciais do ALFABETO, vamos colocar pelo menos três em cada letra.
- Em seguida escolha as palavras que mais se relacionem com os sentimentos e experiências de suas vidas.
- Redijam **Verbetes Poéticos** relatando as emoções que as palavras escolhidas lhe provoca.

A –

B –

C –

D –

E –

F –

G –

H –

I –

J –

L –

M –

N –

O –

P –

Q –

R –

S –

T –

U –

V –

X –

Z –

APÊNDICE J– 5ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

5ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA OFICINA 03 –ESPELHO MÁGICO – TROVAS &PROSAS PARA A VIDA

Mestranda: Vânia de Oliveira Resende Santos

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Célia Sebastiana Silva

Turma: II Etapa do II Segmento da Educação de Jovens e Adultos (7ª e 8ª Séries do Ensino Fundamental)

Escola Municipal jardim Nova Esperança

QUINTA SEMANA (dias 04 e 06/10/2022) – 2 aulas

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Leitura de algumas trovas populares, tais como “Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão”.
- Organização de um jogral (Cosson, 2021. p. 132) com alguns poemas da obra *Espelho Mágico*, de Mario Quintana.
- Discussão e interpretação oral e escrita dos poemas de Quintana.
- Produção de trovas, que expressem experiências e sentimentos do cotidiano em relação ao próximo.
- Produção de uma carta pessoal, com a opinião sobre os estudos poéticos realizados durante as oficinas, relacionando a experiência aos afetos e emoções provocadas pelas lembranças e vivências construídas ao longo de sua existência.

OFICINA 03 - ESPELHO MÁGICO: TROVAS &PROSAS PARA A VIDA

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Audição da música “Era uma vez”, de Kell Smith.
- Leia os poemas abaixo e em seguida, escolha dois poemas e comente-os, de acordo com a sua interpretação:
- Junte-se a mais três colegas, selecione alguns poemas da obra *Espelho Mágico*, de Mario Quintana e declame-os, em forma de jogral. (Cosson, 2021. p. 132).

- Produza, pelo menos três trovas, expressando experiências e sentimentos do cotidiano em relação ao seu próximo.
- Produza uma carta pessoal, emitindo a sua opinião sobre os estudos poéticos realizados durante as aulas e oficinas de Língua Portuguesa. Fale sobre a sua experiência, em relação aos afetos e emoções provocadas pelas lembranças e vivências construídas ao longo das leituras e produção de textos poéticos.

APÊNDICE L – 6ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

6ª SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Mestranda: Vânia de Oliveira Resende Santos

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Célia Sebastiana Silva

Turma: II Etapa do II Segmento da Educação de Jovens e Adultos (7ª e 8ª Séries do Ensino Fundamental)

Escola Municipal jardim Nova Esperança

SEXTA SEMANA (dias 11 e 13/10/2022) – 2 aulas

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- Revisão geral do textos produzidos pelos estudantes e reescrita, caso necessário;
- Preenchimento do questionário final;
- Organização e montagem de um mural e um varal poético com as produções dos discentes.

Questionário Final

Leia o questionário e responda-o de acordo com suas experiências na participação das Aulas e Oficinas relacionadas à pesquisa *A poesia de Mario Quintana e a formação de leitores literários críticos, na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*.

1 – Você gostou das leituras e atividades relacionadas à poesia?

2 – Depois de ler os textos de Mario Quintana, quais os sentimentos foram despertados em você?

3 – A leitura da poesia de Mario Quintana ajudou em seu autoconhecimento? De que forma?

4 - O trabalho realizado nas aulas de Língua Portuguesa, relacionados à leitura de poesia te ajudou a compreender melhor o seu semelhante?

5 - Após participar dessas oficinas de leitura de poesia, você se sentiu estimulado a ler e conhecer outros poetas?

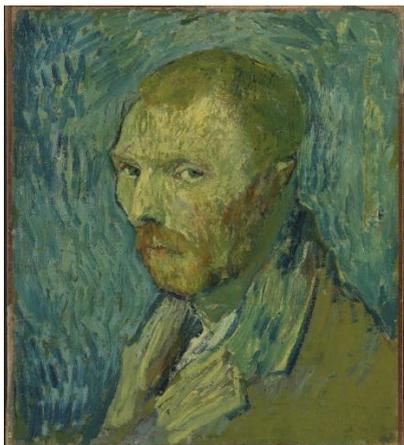
6 – Na sua opinião, a leitura de poesias em sala de aula é importante para auxiliar na formação leitora mais reflexiva e crítica? Por quê?

ANEXOS

ANEXO A - OFICINA 1

**OFICINA 01 – APONTAMENTOS DE HISTÓRIAS DO COTIDIANO:
AUTORRETRATO E SUBJETIVIDADES**

TEXTO 01:



Van Gogh. Autorretrato. 1889. Óleo sobre Tela (65x54cm) – Museu d’Orsay, Paris (França)



Van Gogh. Autorretrato com a Orelha Cortada. 1889. Óleo sobre Tela (60x49cm)

TEXTO 02:

Autorretrato

Millôr Fernandes

Eu sou um menino maior que muitos e menor que outros. Na cabeça tenho cabelo que mamãe manda cortar mais do que eu gosto e, na boca, muitos dentes, que doem. Estou sempre maior que a roupa, por mais que a roupa do mês passado fosse muito grande. Só gosto de comer o que a mãe não quer me dar e ela só gosta de me dar o que eu detesto. Em matéria de brincadeiras as que eu gosto mais são as perversas, mas essa minha irmãzinha grita muito.

TEXTO 03:

Retrato

*Eu não tinha este rosto de hoje,
assim calmo, assim triste, assim magro,
nem estes olhos tão vazios,
nem o lábio tão amargo.*

*Eu não tinha estas mãos tão sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.*

*Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
– Em que espelho ficou perdida a minha face?*

MEIRELES, Cecília. *Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1974, p. 19.

TEXTO 04:

O autorretrato

*No retrato que me faço
- traço a traço -
às vezes me pinto nuvem,
às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança...
Terminado por um louco!*

MARIO QUINTANA

TEXTO 05:

Lua Adversa

*Tenho fases, como a lua.
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.*

*Fases que vão e vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.*

*E roda a melancolia
seu interminável fuso!*

*Não me encontro com ninguém
(tenho fases como a lua...)
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...*

CECÍLIA MEIRELES

TEXTO 06:

AUTORRETRATO

Manuel Bandeira

*Provinciano que nunca soube
Escolher bem uma gravata;
Pernambucano a quem repugna
A faca do pernambucano;
Poeta ruim que na arte da prosa
Envelheceu na infância da arte,
E até mesmo escrevendo crônicas
ficou cronista de província;
Arquiteto falhado, músico
Falhado (engoliu um dia
Um piano, mas o teclado
Ficou de fora); sem família,
Religião ou filosofia;*

*Mal tendo a inquietação de espírito
Que vem do sobrenatural,
E em matéria de profissão
Um tísico profissional.*

TEXTO :

Autorretrato aos 56 anos

*Nasceu em 1892, em Quebrangulo, Alagoas.
Casado duas vezes, tem sete filhos.
Altura 1,75.
Sapato nº 41.
Colarinho n.º 39.
Prefere não andar.
Não gosta de vizinhos.
Detesta rádio, telefone e campainhas.
Tem horror às pessoas que falam alto.
Usa óculos. Meio calvo.
Não tem preferência por nenhuma comida.
Não gosta de frutas nem de doces.
Indiferente à música.
Sua leitura predileta: a Bíblia.
Escreveu "Caetés" com 34 anos de idade.
Não dá preferência a nenhum dos seus livros publicados.
Gosta de beber aguardente.
É ateu. Indiferente à Academia.
Odeia a burguesia. Adora crianças.
Romancistas brasileiros que mais lhe agradam: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Jorge Amado, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz.
Gosta de palavrões escritos e falados.
Deseja a morte do capitalismo.
Escreveu seus livros pela manhã.
Fuma cigarros "Selma" (três maços por dia).
É inspetor de ensino, trabalha no "Correio do Manhã".
Apesar de o acharem pessimista, discorda de tudo.
Só tem cinco ternos de roupa, estragados.
Refaz seus romances várias vezes.
Esteve preso duas vezes.
É-lhe indiferente estar preso ou solto.
Escreve à mão.
Seus maiores amigos: Capitão Lobo, Cubano, José Lins do Rego e José Olympio.
Tem poucas dívidas.
Quando prefeito de uma cidade do interior, soltava os presos para construírem estradas.
Espera morrer com 57 anos.*

Graciliano Ramos

ANEXO B - MÚSICAS

Música: Era uma vez

Kell Smith

O dia em que todo dia era bom
Delicioso gosto e o bom gosto
Das nuvens serem feitas de algodão

Dava pra ser herói
No mesmo dia em que escolhia ser vilão
E acabava tudo em lanche, um banho quente
E talvez um arranhão

Dava pra ver
A ingenuidade, a inocência cantando no tom
Milhões de mundos e universos tão reais
Quanto a nossa imaginação

Bastava um colo, um carinho
E o remédio era beijo e proteção
Tudo voltava a ser novo no outro dia
Sem muita preocupação

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

Dá pra viver
Mesmo depois de descobrir que o mundo ficou mau
É só não permitir que a maldade do mundo
Te pareça normal

Pra não perder a magia de acreditar
Na felicidade real
E entender que ela mora no caminho
E não no final

É que a gente quer crescer
E quando cresce, quer voltar do início
Porque um joelho ralado
Dói bem menos que um coração partido

É que a gente quer crescer

E quando cresce, quer voltar do início
 Porque um joelho ralado
 Dói bem menos que um coração partido

Era uma vez

Música: Girassol

Priscilla Alcântara e Whindersson Nunes

Se a vida fosse fácil como a gente quer
 Se o futuro a gente pudesse prever
 Eu estaria agora tomando um café
 Sentado com os amigos em frente à TV

Eu olharia as aves como eu nunca olhei
 Daria um abraço apertado em meus avós
 Diria eu te amo a quem nunca pensei
 Talvez é o que o universo espera de nós

Eu quero ser curado e ajudar curar também
 Eu quero ser melhor do que eu nunca fui
 Fazer o que eu posso pra me ajudar
 Ser justo e paciente como era Jesus

Eu quero dar mais valor até o calor do sol
 Que eu esteja preparado pra quem me conduz
 Que eu seja todo dia como um girassol
 De costas pro escuro e de frente pra luz

E de frente pra luz
 E de frente pra luz

Se a vida fosse fácil como a gente quer
 Se o futuro a gente pudesse prever
 Eu estaria agora tomando um café
 Sentado com os amigos em frente à TV

Eu olharia as aves como eu nunca olhei
 Daria um abraço apertado em meus avós
 Diria eu te amo a quem nunca pensei
 Talvez é o que o universo espera de nós

Eu quero ser curado e ajudar curar também
 Eu quero ser melhor do que eu nunca fui
 Fazer o que eu posso pra me ajudar
 Ser justo e paciente como era Jesus

Eu quero dar valor até o calor do sol
 Que eu esteja preparado pra quem me conduz

Que eu seja todo dia como um girassol
De costas pro escuro e de frente pra luz

E de frente pra luz
E de frente pra luz

ANEXO C – TROVAS LITERÁRIAS

TROVAS LITERÁRIAS

POEMAS DE MARIO QUINTANA

I. Da observação

Não te irrites, por mais que te fizerem...
 Estuda, a frio, o coração alheio.
 Farás, assim, do mal que eles te querem,
 Teu amável e sutil recreio...

II. Do amigo

Olha! É como um vaso
 De porcelana rara o teu amigo.
 Nunca te sirvas dele. Que perigo!
 Quebrar-se-ia, acaso...

III. Do estilo

Fere de leve a frase... E esquece... Nada
 Convém que se repita...
 Só em linguagem amorosa agrada
 A mesma coisa cem mil vezes dita.

XII. Das utopias

Se as coisas são inatingíveis... ora!
 Não é motivo para não querê-las...
 Que tristes os caminhos, se não fora
 A mágica presença das estrelas!

XIII. Do belo

Nada, no mundo, é, por si mesmo, feio.
 Inda a mais vil mulher, inda o mais triste poema,
 Palpita sempre neles o divino anseio
 Da beleza suprema...

XXI. Das ilusões

Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
 Com ele ia subindo a ladeira da vida.
 E, no entretanto, após cada ilusão perdida...
 Que extraordinária sensação de alívio!

XXII. Da boa e da má fortuna

É sem razão, e é sem merecimento,
 Que a gente a sorte maldiz:
 Quanto a mim, sempre odiei o sofrimento,
 Mas nunca soube ser feliz...

XXIII. Dos nossos males

A nós nos bastem nossos próprios ais,

Que a ninguém sua cruz é pequenina.
 Por pior que seja a situação da China,
 Os nossos calos doem muito mais...

XXV. Da paz interior
 O sossego interior, se queres atingi-lo,
 Não deixes coisa alguma incompleta ou adiada.
 Não há nada que dê um sono mais tranquilo
 Que uma vingança bem executada...

XXXIV. Da perfeição da vida
 Por que prender a vida em conceitos e normas?
 O Belo e o Feio... o Bom e o Mau... Dor e Prazer...
 Tudo, afinal, são formas
 E não degraus do Ser!

XXV. Da eterna procura
 Só o desejo inquieto, que não passa,
 Faz o encanto da coisa desejada...
 E terminamos desdenhando a caça
 Pela doida aventura da caçada.

XXXVI. Da falsidade
 Foi tudo falso, o que ela me disse?
 Fecha os olhos e crê: a mentira é tão linda!
 Nem ela sabe que fingir meiguice
 É o mais certo sinal de que te ama ainda...

XLI. Da arte de ser bom
 Sê bom. Mas ao coração
 Prudência e cautela ajunta.
 Quem todo de mel se unta,
 Os ursos o lamberão.

XLII. Do espetáculo de si mesmo
 Conhecer a si mesmo é inútil, parece,
 Mas sempre diverte um pouco...
 Coisa assim como um louco que tivesse
 Consciência de que é louco.

XLIV. Dos livros
 Não percas nunca, pelo vão saber,
 A fonte viva da sabedoria.
 Por mais que estudes, que te adiantaria,
 Se a teu amigo tu não sabes ler?

XLVIII. Das ideias
 Qualquer ideia que te agrada,
 Por isso mesmo... é tua.
 O autor nada mais fez que vestir a verdade

Que dentro em ti se achava inteiramente nua...

L. Da amizade entre mulheres

Dizem-se amigas... Beijam-se... Mas qual!
 Haverá quem nisso creia?
 Salvo se uma das duas, por sinal,
 For muito velha, ou muito feia.

LIII. Das leis da natureza

Falar contra mulheres...
 Que ingenuidade a tua!
 Dize-me, acaso queres
 Ironizar as variações da lua?

LVII. Da sinceridade

Tens um amigo que fala bem
 E um cão que nada explica.
 Um jura-te amizade...
 O outro, porém,
 Seus bons serviços te dedica.

LXVI. Dos defeitos e das qualidades

Diz o Elefante às Rãs que em torno dele saltam:
 “Mais compostura!
 Ó céus! Que piruetas incríveis!”
 Pois são sempre, nos outros, desprezíveis
 As qualidades que nos faltam...

LXVIII. Da felicidade

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
 Procede tal e qual o avozinho infeliz:
 Em vão, por toda parte, os óculos procura,
 Tendo-os na ponta do nariz!

LXX. Da caridade

Se se pudesse dar, indefinidamente,
 Mas sem, do que se deu, nada perder, em suma,
 Ainda assim, muita gente
 Nunca daria coisa alguma...

LXXII. Do objeto amado

Impossível que a gente haja nascido
 Com os encantos que um no outro vê!
 E um belo dia se descobre que
 Houvera apenas um mal entendido...

LXXIV. Do amoroso esquecimento

Eu, agora, - que desfecho!
 Já nem penso mais em ti...
 Mas será que nunca deixo

De lembrar que te esqueci?

LXXVI. Da discrição

Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem
E o amigo de teu amigo
Possui amigos também...

LXXVIII. Da preguiça

Suave preguiça, que do mau querer
E de tolices mil ao abrigo nos pões...
Por causa tua, quantas más ações
Deixei de cometer!

LXXXV. Da viuvez

Ele está morto. Ela, aos ais.
Mas, neste lúgubre assunto,
Quem fica viúvo é o defunto...
Porque esse não casa mais.

LXXXVIII. Da riqueza

O dinheiro não traz venturas, certamente.
Mas dá algum conforto... e em verdade te digo:
Sempre é melhor chorar junto à lareira quente
Do que na rua, ao desabrigo.

XCVI. Dos hóspedes

Esta vida é uma estranha hospedaria,
De onde se parte quase sempre às tontas,
Pois nunca as nossas malas estão prontas
E a nossa conta nunca está em dia...

XCVII. Da calúnia

Sorri com tranquilidade
Quando alguém te calunia.
Quem sabe o que não seria
Se ele dissesse a verdade...

CI. Da condição humana

Custa o rico a entrar no Céu
(Afirma o povo e não erra).
Porém muito mais difícil
É um pobre ficar na terra...

CIX. Da amarga sabedoria

Conhecer a si mesmo e aos outros... Ver ao mal
Com mais clareza... Ó triste e doloroso dom!
E sofrer amis que todos, no final,

Sem o consolo de ter sido bom.